FANFICTION 2013

Qua Vermelha

3ªtemporada Não-Oficial



Este documento contém todos os textos publicados no blog

luaverm2temporada.blogs.sapo.pt

referentes à 3ª temporada Não-Oficial da série de vampiros da SIC,

Lua Vermelha

por Cláudia Silva



AGRADECIMENTOS:

Leitores e seguidores, amantes do submundo e da leitura, que me fizeram - e fazem! - acreditar que posso sempre fazer mais, escrever melhor, sonhar demais e tornar qualquer coisa possível.

Obrigado!

INTRODUÇÃO:

Depois da 2ªtemporada, e a pedido dos leitores, arrisquei numa 3ªtemporada. Muito mais bem preparada, mas ainda assim obviamente amadora, esta nova jornada tem-se revelado uma autêntica e viciante prova de fogo para mim, que amo cada vez mais o processo de escrita, reconheço os meus erros, e fazendo cada vez mais para os corrigir

Tal como para o documento PDF da 2ª temporada, também não alterei nem uma letra dos seguintes textos.

A forma como escrevo evoluiu muito ao longo destes anos, desde o nascimento do Blog. Devo o facto de escrever cada vez mais e melhor precisamente ao Blog e a quem o mantém vivo, leitores/seguidores.

Não posso ainda garantir que avançarei para uma 4ªtemporada, o que já me foi sugerido e pedido por alguns leitores, mas avanço já que não vou deixar de escrever. Aconteça o que acontecer, espero continuar a poder contar com a vossa leitura e as vossas opiniões. Muitas novas histórias estão na minha cabeça, a fervilhar faz muito tempo, e mal posso esperar para as partilhar convosco. No fim da 3ªtemporada Não-Oficial de Lua Vermelha, espero anunciar o meu regresso e espero não desiludir.

Uma coisa vos garanto, vampiros estarão sempre no centro da minha imaginação!

Agradeço toda a atenção e o respeito que têm tido por mim.

Eternamente grata,

Cláudia Silva



EPISÓDIO 1 – Dois Anos Depois

Dois Anos Depois...

A "família" Azevedo ficará em Sintra apenas por mais um ano!

O Verão está para chegar e, com ele, vêm as férias, as aventuras, os amores, decisões e conflitos...

Cumprindo com o disfarce, Beatriz é a única que permanece no colégio Vale da Luz, estando mesmo a terminar o 12ºano. Como é natural, nos dias de semana, acaba assim por estar mais tempo fora do alcance dos assuntos da sua comunidade e, claro, separada de Henrique. Como forma de remediar isso, os líderes marcam encontro quase todos os dias ao fim da tarde, partilhando opiniões e discutindo decisões. Obviamente, o tempo é prolongado para que, ao cair da noite, possam colocar o papel de líderes de lado e estar juntos.

Francisca manteve o "Rouge Hotel" até agora e continuará a manter. É uma patroa com mão de ferro sobre tudo ali. Organiza os horários, os serviços, as contas... Faz tudo melhor que ninguém! Mas agora não está sozinha! Vasco tornou-se seu sócio.

Pedro é constantemente sujeito a uma consulta com Cristina, a vampira médica. O seu crescimento tem sido acelerado, e é necessário verificar se tudo está a correr bem. Desde que voltou a ser humano, para poder envelhecer e tornar-se vampiro mais tarde, o jovem rapaz temse desenvolvido de forma impressionante. Quase a atingir a estatura dos 17 anos, Pedro é agora um belo quebra corações.

Vânia aproveita ao máximo a vida que sempre desejou e que lhe foi concedida pelo destino (e persistência!). Tem um gosto imenso por aprender coisas novas, passou a ler os Clássicos e a apreciar Cinema sem necessidade de ouvir histórias sobre vampiros. Entretanto, apaixonou-se pelo desporto, talvez por influência do seu criador, apreciando nomeadamente as Artes Marciais! Vânia passou a ser uma "diva" do Kung Fu, em apenas dois anos!

Em relação aos jovens que frequentavam o colégio Vale da Luz, esses já quase todos seguiram com as suas vidas.

Apenas Matilde e Tiago continuam em Sintra. Já Manel, ninguém percebeu como, mas ele conseguiu cumprir dois anos do Secundário, em apenas um! Depois, sabe-se que emigrou para

os Estados Unidos, depois de receber uma proposta irrecusável. O que foi para lá fazer, ninguém sabe, pois ele aposta no segredo.

Felipe tornou-se num dos *top models* mais requesitados da Europa, viajando quase todo o ano, o que o obrigou a adiar a Universidade e a passar mais tempo longe da mãe e da namorada, Rita, que está em Lisboa a estudar Desporto.

Joel e Daniela também escolheram adiar os deveres escolares, retomando-os apenas quando souberam ser discretos e "normais". Assim como Vânia e, não esquecendo, Hélio, que se transformou num rebelde indomável mas respeitador.

Luísa tornou-se uma activista! Terminou o Secundário e está a estudar Direito. Agora, só pensa em lutar pelos Direitos Humanos e pela dignidade dos Homossexuais na sociedade. Luísa continua apaixonada por Margarida.

Quanto a Laura e Claro não se conhece ao certo o destino delas. Pensa-se que a primeira emigrou e que a segunda trabalha como porteira num condomínio em Lisboa.

O Director do colégio, Lúcio, viveu com muita alegria o regresso da família durante estes dois anos e, ao que tudo indica, vai ser avô em breve.

Abílio e Fátima, apesar de terem passado algumas dificuldades devido aos empregos instáveis, mantém um casamento bonito e sólido. Brevemente, talvez o desejo de serem pais se cumpra.

Afonso e Isabel tornaram-se alunos orgulhosos e cheios de objectivos na Universidade. Há dois anos que ambos frequentam o mesmo curso, as mesmas disciplinas e partilham quase sempre o mesmo espaço. E é também há dois anos que vivem o mais discretamente possível entre os restantes, acabando por, passado todo este tempo, ser apelidados como "Alones" (forma animada de "alone" para que os colegas os inserirem como tema de alguma conversa).

Mas porquê "Alones"?

- Porque estão quase sempre sozinhos, apenas na companhia um do outro! responde Fulano.
- Pois raramente se ouve algo vindo deles! Ninguém aqui sabe nada da sua vida, ou se têm família, ou amigos... acrescenta Sicrano.

Olha! (pensa) Não bebem! Não fumam! Não se divertem! Simplesmente... Eles Não-Nada!
diz Alguém.

Há pouco tempo, por acaso, ouviu-se apenas falar no possível aniversário de Afonso. No entanto, parece que ninguém foi convidado para nada! Não houve qualquer suspeita de festa, nem sequer houve uma confirmação verídica da data, por isso ninguém se pronunciou muito.

Pois é! E o que seria se alguém soubesse qual a verdadeira idade do belo rapaz? E como reagiriam se "sonhassem" com a verdadeira natureza do casal? E não esquecendo! Eles têm uma filha, aparentemente com 18 anos, algo que a "Ciência" conhecida não iria permitir!

No fim de contas, Afonso e Isabel preferem continuar a emanar mistério, mantendo sempre a descrição. Não há nada a perder com isso, e têm sido muito felizes estes anos!

Luna tem vindo a fazer parte dessa felicidade quase extrema. Ultimamente, voltou a ter "visões" futuristas, o que já há muito tempo não acontecia, deixando-a em alerta. Contudo, o como o que "vê" ainda é muito vago, evita preocupar-se.

Até agora, tudo parece normal! Mas será que essa normalidade veio mesmo para ficar? Ao fim de dois anos, uma nova luta poderá chegar!

EPISÓDIO 2 – O Fim de Semana

Sexta-feira à tarde. É véspera de fim-de-semana. Afonso e Isabel acabam de chegar a casa, depois da longa viagem de Coimbra até Sintra.

Distraídos e divertidos com a conversa que tiveram durante todo o percurso sobre um humano que insistiu em "persegui-los" curiosamente durante os últimos dias, entram em casa e largam as malas e casacos mesmo ali, no hall de entrada, procurando ansiosamente por Luna.

(Afonso) – Não está em casa?

Insistindo em qualquer sinal da presença da filha, Isabel acaba por reparar num pequeno papel branco rasgado de um bloco de notas, pousado no sofá.

(Isabel) – Espera! – avisa – Ela deixou recado!

Agarrando no pequeno rascunho, lê a mensagem em voz alta.

- "Estarei na Serra. Não se preocupem. Até já! - Luna"

Depois de ouvir o recado deixado, Afonso solta um resmungo, indignado com as necessidades da filha.

(Afonso) – Mas porque será que ela passeia sempre depois do anoitecer?

Isabel pousa o papel numa mesa em frente ao sofá e senta-se, preparando para dizer algo.

(Isabel) – Acho que nos esquecemos de uma coisa!

(Afonso) – De quê?

(Isabel) - Como bons pais que somos, devíamos ter-lhe ensinado que...

A jovem altera a sua voz, como se fosse pronunciar algo dito por outrem e de que já todos sabem.

(Isabel) - "À noite, as meninas não devem andar sozinhas pela rua!"

Afonso sorri ligeiramente, e imita a amada, concluindo a ideia.

(Afonso) – "Especialmente, as meninas bonitas!"

Os dois acabam por rir da situação, pois apesar de ficarem sempre preocupados, já tiveram provas suficientes do impressionante poder de defesa que Luna possui.

Entrelaçando as mãos, sorriem com a certeza de que têm sido bons pais, apesar de tudo. E mesmo que as saudades apertem, descontraem e esperam pacientemente até que a jovem regresse.

```
(Isabel) – Pelo menos, estamos sozinhos! – murmurando – Finalmente...
```

(Afonso) – Finalmente!

Certos de que o fim-de-semana será tão curto como todos os outros, trocam olhares livres e apaixonados, beijando-se seguidamente.

Beatriz também deixou o Colégio ao fim da tarde. Henrique foi ao seu encontro. Ajudou-a com uma das mochilas e segurou-lhe o casaco, mesmo sabendo que ela pode muito bem carregar tudo sem qualquer esforço. Regressaram rapidamente a casa, evitando o calor que começa a anunciar a chegada do Verão.

Tudo parece normal, excepto a atitude do vampiro. Beatriz tentou controlar-se, esperando que o silêncio terminasse, mas não terminou, o que a deixou ligeiramente indignada. Em casa, assim que arrumaram tudo o que carregavam e mataram a sede, decidiu questioná-lo sobre tal.

Henrique, como seria de esperar, colocou a sua melhor expressão, lançou um sorriso matreiro, e negou.

(Henrique) – Ora essa! Não se passa nada! De onde é que veio essa ideia?

(Beatriz) – Não?! Não se passa nada?! E desde quando é que tu és assim?

(Henrique) – Assim como?

Beatriz arranja os melhores adjectivos para o descrever naquele momento, na tentativa de lhe mostrar que "o apanhou"!

(Beatriz) – Sossegado, calado... Irritantemente calmo!

Evitando preocupá-la desnecessariamente, o rapaz utiliza os seus dotes para desviar o assunto. Acaricia-lhe o cabelo ondulado e convence-a cuidadosamente de que apenas está num dia menos bom.

Na sala de estar "Rouge Hotel", sentados lado a lado numa mesa redonda e depois de um dia intenso, Vasco insiste para que Francisca faça uma pausa. Esta, completamente viciada no que faz, desvaloriza a situação e tenta resistir.

(Vasco) - É só um passeio! Vai fazer-te bem apanhar um pouco de ar!

(Francisca) – Não posso deixar isto assim!

(Vasco) – Um bom passeio com uma óptima companhia, iria contribuir muita para a tua felicidade!

(Francisca) – Estás a falar de mim ou de ti?

Ambos sorriem com o mesmo olhar cúmplice.

(Vasco) – Anda lá! – insiste.

A vampira solta um suspiro, arruma a papelada que a rodeia, levanta-se e dirige-se para a porta, sem dizer uma única palavra. Vasco segue-se, orgulhoso por ter conseguido tirá-la dali.

Pedro passou estes últimos anos a aprender música com Beatriz, e está completamente rendido a passar grande parte do tempo com os dedos no teclado. Há alguns meses, incentivado pela líder, começou a compor as suas próprias melodias. Contudo, e contribuindo para a expectativa de todos, recusa-se a revelar o que criou, desculpando-se com o seu perfeccionismo.

Vânia, no que toca a passeios, é como Luna! É sempre à noite que corre para a serra, de fato de treino e ténis tão leves que a deixam sentir a natureza que a rodeia. Os cheiros, a brisa e as cores da noite são o que a atrai.

Mas naquele momento, alguma coisa a distrai. A vampira pára junto de um arbusto. Escuta, sente e olha. Têm a certeza de que está a ser vigiada mas não quer ter qualquer reacção sobre tal, tentando apenas perceber o que se passa. Segundos depois, as suas atenções centram-se numa sombra que vê desaparecer à sua frente, demasiado longe para a tentar alcançar.

Sozinha e camuflada quase no topo de uma árvore repleta de folhagem, Luna tem essa mesma sensação, percebendo que não é consigo, mas que está a sentir o que outra pessoa sentiu. Volta a ter uma "visão" e vê aquela mesma sombra desaparecendo misteriosamente. Naquele instante, várias perguntas se reflectem no seu pensamento. No fim, não conseguindo tirar dali qualquer conclusão, acaba por se convencer de que o melhor é ignorar o que viu, evitando preocupações e regressando a casa.

Afonso e Isabel continuam sozinhos quando sentem a porta a abrir e vão imediatamente ao encontro da filha, abraçando-a instantaneamente.

Há já alguns dias que os três não estavam juntos, acabando por ocupar o serão na companhia uns dos outros e na troca de novidades.

No dia seguinte, logo pela manhã, a campainha toca. Não é normal haver visitas tão cedo, mas também não há qualquer motivo de desconfiança. Isabel vai abrir a porta. A conversa é curta e Isabel regressa à sala sozinha e com uma carta na mão.

```
(Isabel) – É uma carta registada! – verifica – É do tribunal!
```

Afonso e Luna cruzam olhares espantados.

```
(Afonso) – Abre! – pede.
```

(Luna) – Será que aconteceu alguma coisa?

Isabel rasga o envelope, preparada para matar a curiosidade. Tal é o seu espanto ao ler os primeiros parágrafos, que se deixa cair no sofá, de queixo caído e olhos bem abertos.

(Isabel) – Não pode ser!

EPISÓDIO 3 – De Volta ao Passado

Isabel termina de ler a carta, tentando esperançosamente que algo mude no rumo que está a levar. Mas não muda.

(Isabel) – Mas é que só podem estar a gozar comigo! – protesta.

A expressão de interrogação permanece tanto em Afonso como em Luna. Ele, aproxima-se da mulher e arranca-lhe velozmente o papel das mãos, sabendo que o espanto a manterá calada durante os próximos minutos. Depois de uma leitura atenta, explica tudo sobre o assunto a Luna. O silêncio acaba por instalar-se, alimentando a incredulidade dos três.

Em casa, depois de ter visto Beatriz sair, Henrique fecha-se secretamente no seu quarto. Ainda que se sinta culpado e se classifique como desonesto, prefere continuar assim, mantendo tudo o que tem vindo a descobrir no secretismo, evitando possíveis e desnecessárias preocupações, ocultando o verdadeiro motivo das suas recentes viagens a Espanha.

Senta-se no sofá individual que tem num dos quatro cantos do quarto, junto à janela, e arrasta uma pequena mesa até si. Abre uma caixa que tem tido escondida no interior do guarda-roupa e faz-se rodear por diversos documentos antigos, desde cartas a fotografias e até a sua própria Certidão de Nascimento.

Sozinho, revê cada pormenor, redescobre-se a cada segundo, enche-se de dúvidas. O seu próprio passado está ali, na sua frente, como nunca antes o tinha visto.

Enquanto a isso, e completamente alheia ao que Henrique tem feito, Beatriz aproveita o fimde-semana para repor o tempo em que esteve fora, no Colégio, e deveria ter estado com Joel. No "Bloody Mary", coloca toda a conversa em dia com a sua mais recente criação e acaba por combinar um treino especial para mais tarde.

(Joel) – Fica combinado! – lembra – Mas... Não era suposto estares com o Henrique?

(Beatriz) – Era e é. Eu vou estar com ele. – avisa – Não penses que é por aí que te livras de mim!

(Joel) – Só estava a comentar... - aconselha - Aproveita!

Na recepção do hotel, enquanto arruma o balcão e revê as entradas e saídas dos últimos dias, Francisca deixa um papel cair. Apressando-se, não vá agora perder algum documento importante, agarra-o e verifica de que se trata. Incontrolavelmente, deixa escorregar uma lágrima de sangue pelo canto do olho ao ver o rosto de Máximo naquela fotografia. Em poucos segundos, milhares de memórias regressam, revivendo todos os momentos como se de um filme se tratassem.

Vasco torna-se a desculpa perfeita para interromper aquele mar de emoções. Vendo-o chegar, a vampira esconde a fotografia, limpa a cara e recompõe-se, fazendo o possível para não revelar o seu frágil estado emocional naquele momento.

Depois da notícia que lhe chegou inesperadamente a casa, Isabel recompõe-se, evitando mostrar-se triste e desesperada, preocupando o marido e filha. Ainda assim, quase louca de indignação, a jovem não consegue deixar à vista a sua profunda desilusão e revolta. Agitada, anda de uma lado para o outro, repetindo vários movimentos que indiciam alguma raiva, enquanto resmunga.

```
(Isabel) – Como é que é possível?
```

Tanto Afonso como Luna tentam apressar-se a dar uma resposta que a tranquilize, mas ela antecipa-se com novas afirmações e mais interrogações. Não há como a acalmar. Agora, só mesmo deixá-la falar tudo o que lhe vier à cabeça.

(Isabel) – Eles tentaram roubar-me! Raptaram-me! Quiseram matar-me! – enumera, agitando as mãos e olhando fixamente para o ar, apenas procurando alguma justificação.

(Afonso) – Acalma-te...

(Isabel) – Eles quiseram matar-me! – reforça.

(Luna) – Pois... Mas ainda estás aqui, não estás? – diz sem pensar, procurando apenas acalma-la.

(Isabel) – É assim que me tentas acalmar?! Com frases como essa? – questiona-a, não aceitando aquela afirmação como argumento.

Depois de dar mais uma meia dúzia de voltas à sala, senta-se no meio dos dois, com um olhar esgotado.

```
(Isabel) – Liberdade condicional?! – incrédula – A sério?
```

A carta, dirigida pelo Tribunal, informa que os tios de Isabel, por bom comportamento, saíram do estabelecimento prisional em liberdade condicional. Sendo a sua única parente, Isabel tem o direito a ser informada, podendo decidir ajudá-los.

Entretanto, a campainha volta a tocar.

(Isabel) – Se for pior que isto, não abras! – ordena, ao ver Afonso dirigir-se à entrada.

O alívio cai-lhe na alma quando ouve a voz doce e pura de Graça. Como se ainda fosse uma criança, Isabel salta do sofá para o aconchego do abraço da mãe.

Naquele momento, Luna estremece, sentindo um calafrio subindo-lhe pela coluna até à cabeça. Instantaneamente, uma imagem nítida ocupa-lhe o pensamento, fazendo-a prever algo que já viveu e que retornará.

Quando se prepara para informar a família, depara-se com o regresso de um sorriso que viu a mãe perder, há pouco, e com a descontracção e animação que Graça acabou de trazer consigo até ali. Em vez de falar, cala-se e junta-se a eles, como se nada estivesse para acontecer, como se nada pudesse estragar aqueles olhares brilhantes. *Talvez lhes conte mais tarde...*

Num regresso profundo ao passado, em que descobre as suas verdadeiras e destrutivas origens, também Henrique pensa assim. Não sabe quanto mais tempo aguentará omitindo tudo de quem mais ama, mas tem a certeza de que será mais feliz se ninguém conhecer a escuridão e o perigo por detrás da sua identidade. *Talvez lhes conte mais tarde...*

EPISÓDIO 4 – A Perseguição

No dia seguinte.

Pois é! O fim-de-semana é sempre tão curto. Passa a correr. Torna-se tão impressionante a maneira como as coisas mais prazerosas da vida, são tão simples e tão pouco duradouras.

Já é domingo. São cinco horas da manhã. Vânia parece mesmo não ter mais nada com que se entreter senão um bom treino, antes do verdadeiro treino com o seu Criador, logo pela madrugada. Se há algo que nunca lhe veio ou virá à ideia é desiludir quem lhe deu a vida que sempre acreditou ser real e sempre ambicionou ser a melhor para si. E se houve alguma promessa que tenha feito entretanto, foi a de se tornar, dia após dia, cada vez mais resistente, forte e poderosa.

Vestido com roupa de treino preta e de ténis tão leves como confortáveis, a jovem vampira exercita corpo e mente, aperfeiçoa cada movimento e revela-se cada vez mais perfeccionista, ágil e rápida. Os seus longos caracóis agitam-se elegantemente ao sabor da leve brisa que os seus velozes golpes e gestos provocam.

À medida que decide começar a abrandar, respirando profundamente e descontraindo, tentando agora estar em pleno e directo contacto com a natureza, ouvindo, cheirando e sentindo tido em seu redor, algo fora do comum desperta os seus sentidos.

Certificando-se de que aqueles suaves ruídos, vindos do meio de toda aquela vegetação, não são apenas animais, Vânia duplica a sua atenção e acaba por reparar que está, novamente, a ser incognitamente vigiada por alguém. É um vampiro, parece-lhe.

(Vânia) – Quem está aí? – questiona, sem medo.

Em vez de um, percebe que são vários vampiros ali presentes, vigiando-a assustadoramente. Não consegue uma justificação para tal estar a acontecer, o que a deixa tão curiosa como nervosa. Será que fez alguma coisa mal? Será que desagradou alguém? A brisa suave que se fazia sentir, é substituída por movimentações velozes, em todo o seu redor, que agitam as folhas das árvores, as pequenas ramagens terrestres e até alguns animais. Tudo indica que aquele misterioso grupo, seja lá por quê, não está ali para brincadeiras.

(Vânia) – O quê que querem de mim? – insiste, destemida.

Seguidamente, ouvem-se intimidadores rugidos de vampiro, o que leva a jovem, instantaneamente, a decidir que o melhor mesmo é escapar dali o quanto antes.

Vânia não consegue perceber quantos são, mas a perseguição começou. Arriscando em todo e qualquer truque e finta que tem vindo a aprender desde há dois anos, Vânia corre, salta, tenta despistar um e outro, utiliza as árvores e arbustos como se fossem labirintos aliados a seu próprio favor. Tudo faz para se ver sozinha num local seguro o quanto antes. O medo não a deixa mais fraca. Antes pelo contrário! Vânia não quer perder a vida nem por nada e, quanto mais ameaçada se sente, mais forte e ágil se torna. Parece ter sido algo que "herdou" de Henrique.

Passados alguns instantes, o sinal de ameaça começa a desaparecer. Ainda assim, a rapariga não baixa a guarda e continua a correr velozmente até chegar ao ponto em que tem plena certeza de que está segura.

Rapidamente, aproxima-se e avista o acolhedor "Rouge Hotel". Ofegante, apavorada e ainda alimentada pela adrenalina, nela se centram imediatamente todas as atenções de Francisca.

(Francisca) – O quê que te aconteceu? – preocupada.

(Vânia) - Tu não vais acreditar! - afirma, com uma voz histérica.

(Francisca) – Como não vou acreditar?! – insiste, mostrando que nada a impressionará.

(Vânia) - Acabei de ser perseguida! - informa, convicta e como se se sentisse escandalizada.- Eu estava...

(Francisca) – Espera! – interrompe – Perseguida?! – percebendo que, afinal, a situação pode mesmo ser grave.

(Vânia) – Sim! Eu estava a treinar e depois ouvi uns sons estranhos...- recorda – E já não é a primeira vez que me sinto observada! – reforça – E eram vampiros! Não percebo...

Começando a ficar realmente alarmada com o relato da rapariga, Francisca pede-lhe que se acalme, oferece-lhe uma bebida e sugere que na sala de estar poderão conversar mais à vontade.

Mais calma, Vânia conta-lhe tudo, incluindo os mais variados e insignificantes pormenores.

Tudo aquilo que estava combinado para aquela manhã, com Henrique, é substituído pela insistente preocupação em descobrir que tipo de "brincadeira" veio a ser aquela.

O que ninguém percebeu foi que, Vânia não conseguiu mesmo despistar o grupo. Estava tudo planeado! Simplesmente abrandaram e deixaram-se ficar à distância suficiente para que a rapariga se sentisse segura e acabasse por levá-los até onde queriam. A intenção era descobrir onde a "família" se refugia, e fazê-lo da forma mais exuberante e discreta possível (muito contraditório!). Parecem invisíveis, pois ninguém sabe quem são, mas estão bem atentos a tudo e todos. Ninguém sabe o que querem e ninguém quer suspeitar de mais um grande conflito. Mas que ele está ali bem perto, isso está!

Horas mais tarde.

Depois do alerta dado por Vânia ter sido distribuído por toda a comunidade, obrigando cada um a olhar por si mesmo e por todos os outros, Beatriz preocupa-se agora em informar os seus Superiores, nomeadamente o Mais Antigo, e tentar descobrir quem são aqueles vampiros, se são mesmo perigosos e o que pretendem.

Naquela que é a página virtual oficial e secreta de toda a comunidade de vampiros, uma notícia invulgar chama logo à atenção. Em letras gordas e vermelhas, pode ler-se:

"Five vampires are missing!"

- Cinco vampiros desaparecidos!

Um título que deixa Beatriz bastante pensativa e preocupada. Estarão todos perante mais uma possível guerra?

EPISÓDIO 5 – Suspeitas

Beatriz fica por alguns instantes fixada naquele título. Só depois decide ler, considerando-se já preparada para o que quer seja.

Cinco vampiros, com idades bastante diferentes e que permaneciam com uma vida discreta também em locais diferentes, e que muito provavelmente nem sequer se tinham alguma vez cruzado uns com os outros, estão desaparecidos há alguns dias. Nenhum dos cinco indiciava estar a passar por um qualquer problema, vivendo respeitosamente entre humanos e vampiros. Ou seja, simplesmente desapareceram!

Depois de ter dado o dia de folga a Renato, Beatriz mantém-se sozinha no "Bloody Mary". Perplexa com tal acontecimento raro, bastante raro mesmo, a líder procura uma possível justificação para que cinco vampiros desaparecem, sem deixar qualquer rasto. Quanto mais pensa, perspicaz, mais curiosa de desconfiada fica. Em frente ao computador, repete várias vezes a leitura, como quem procura um facto que tenha passado despercebido, enquanto bate ritmicamente com os dedos na mesa. Depois, juntando cada peça da história, relaciona a notícia com o que Vânia enfrentou naquela manhã. No entretanto, ainda nada lhe veio à ideia.

Depois de se terem reunido com a "família" e de ficarem informados sobre o que sucedeu logo ao início do dia, Afonso e Isabel regressaram rapidamente a casa, acompanhados por Luna. Preocupados e em total desassossego com a situação, deslocam-se de um lado para o outro da sala, em volta dos sofás, ponderando várias hipóteses de garantir a segurança da filha durante a semana, enquanto estiverem fora de casa.

Luna, instalada confortavelmente no sofá, de pernas cruzadas e cabeça deitada para trás, como quem não está interessada no assunto, ao mesmo tempo que percebe a reacção protectora dos pais, desvaloriza o esforço deles, lembrando-os do seu poder incrível e fora do normal.

(Luna) – Eu fico bem! – insiste – Sei defender-me! – reforça.

Afonso, ainda que saiba que a filha possui a razão, por já ter presenciado alguns dos seus momentos altos, insiste.

(Afonso) – Pois, sim! – confirma – Mas nós somos os teus pais e não queremos saber disso para nada! – avisa.

Nesse instante, o som estridente da campainha soa.

(Isabel) – Deve ser a minha mãe! – informa, levantando-se para a receber.

Há alguns minutos, Graça telefonou à filha avisando ter vivenciado uma situação anormal, necessitando de lhe falar disso. Isabel terá convidado a mãe a aparecer lá em casa.

Entra, chegando à sala na frente de Isabel. Luna repõe a sua postura e, gesticulando, convida a avó a sentar-se junto de si. Afonso deixa-se ficar num cadeirão azul, almofadado, ao lado, enquanto Isabel permanece em pé. Mostrando-se um tanto preocupada, depois de ter beijado carinhosamente a testa de Luna, Graça apressa-se na explicação.

(Graça) – Hoje estive na vila e um rapaz muito jovem, da tua idade, dirigiu-se a mim e questionou-me sobre ti! – apontando Isabel.

Afonso franze a testa, esperando ansioso o que resta da conversa. Luna, baixa o olhar.

(Isabel) – Sobre mim?! – incrédula.

(Graça) – Sim! – confirma – Era humano e afirmou que te conhecia.

(Afonso) – Mas como é que ele sabe... Quero dizer, afinal, toda a gente pensa que a Isabel ficou órfã!

(Graça) – Ora aí está! – confirma – Foi isso que me preocupou! Isso, as desculpas esfarrapadas, e a maneira como me fez perguntas sobre a Isabel...

Luna continua atenta à conversa, mas não se atreveu ainda a dizer uma única palavra sobre o assunto. Engole em seco, estremecendo, ao perceber que o perigo que previu está a tornar-se realidade.

Graça continua.

(Graça) – Parecia que tinha tudo gravado, tudo decorado e pronto a ser dito! Aquela maneira tão seca e firme como falou comigo... E desculpa que deu, quando o questionei! Disse que me achou parecida contigo! – aponta novamente Isabel – Parecia mesmo que tinha sido "encantado"! – conclui.

(Afonso) – "Encantado"? Por um vampiro? – esclarece.

Antes mesmo de Graça confirmar, Luna fá-lo por si mesma.

(Luna) – Sim! E estava!

A bela nem se apercebeu que pensou alto. Os olhares questionadores dos pais colocam-se sobre ela, assim como o de Graça, que rápido percebe que a jovem sabe mais do que eles os três pensam. De alguma forma, Luna sente-se intimidada.

Recompondo-se e preparando-os indirectamente para o que irão ouvir, acaba por decidir revelar tudo sobre a sua mais recente e misteriosa visão. Aliás, esclarece-se sobre todas as experiências visionárias que teve ultimamente. A pedido dos pais, inclui até os pormenores mais arrepiantes e enigmáticos. No fim, mostrando-se mal por ter escondido tais coisas por todo aquele tempo, pede desculpa e explica que apenas não quis destruir toda aquela paz e normalidade que estavam a viver.

Agora, as especulações tornam-se mais verdadeiras e naturais do que já eram. A preocupante suspeita de que uma nova luta estará possivelmente mais próxima do que esperavam, é agora levada bastante a sério.

Inquieto, mas protector o suficiente para que consiga esconder essa inquietude, Afonso vê-se no dever e obrigação de manter as mulheres da sua vida calmas. Segura as mãos de ambas, mostrando-se presentes, e fá-las acreditar que, mais uma vez, vão ser os sobreviventes.

Entretanto, Henrique juntou-se a Beatriz no "Bloody Mary", depois de ter acompanhado Vânia durante a reunião e depois até casa. Imediatamente, fica também informado sobre o desaparecimento e sobre as desconfianças e possíveis justificações que Beatriz arriscou já propor. Depois, sugere ele igualmente possíveis formas eficazes que os possam levar à captura daquele grupo de malfeitores e ao encontro de conclusões sobre o caso.

Ágil e astuta enquanto líder, Beatriz prefere colocar a segurança de todos em primeiro lugar e, de modo a proteger todos da melhor maneira possível, precisará de esclarecer alguns pormenores.

Aproveitando o momento, e esclarecendo a sua intenção, lembra-se que ainda nunca chegou a saber verdadeiramente o motivo exacto das últimas viagens de Henrique a Espanha. Inesperadamente para ele, a vampira questiona-o sobre tal.

EPISÓDIO 6 – Assalto

Embora não se ache preparado e capaz para falar do assunto, Henrique sente-se, de algum modo, obrigado a fazê-lo. Não só por compreender toda a intenção de Beatriz, mas também porque, se permanecer calado, deixá-la-á ainda mais preocupada, o que se torna desnecessário numa altura como aquela. Várias hipóteses se cruzam no seu pensamento.

De qualquer das formas, está a tornar-se quase impossível resistir ao olhar profundo e simples que se está a impor sobre si naquele preciso instante.

Beatriz observa-o, reparando no seu silêncio, e vendo-lhe uma inquietude preocupante bem nas profundezas daquela sua não reacção.

(Beatriz) – Então? Não vais dizer nada? – insiste, procurando nele alguma atitude mais natural.

O vampiro, de repente, volta a encará-la, olhando-a nos olhos, como se tivesse estado distraído com alguma atracção especial do Universo e acordasse agora desse transe. Disfarçando-se por detrás do seu mais perfeito e místico sorriso, brinca com a conversa, numa veloz fuga à verdade.

(Henrique) – Claro! Quero dizer... Não! Talvez sim... – sorrindo-lhe – Está bem!

(Beatriz) – Deixaste-me seriamente confusa! O que é preocupante... – admite – Estás a tentar esconder-me alguma coisa? – persiste.

Henrique, enquanto esconde o peso que aquela pergunta acabou de ter na sua mais pura consciência, insiste em desvalorizar o assunto. Primeiro, lembra que regressou apenas duas ou três vezes a Espanha, o que torna tudo ainda menos relevante, depois, relembra-lhe que ainda não sabe porque é tão imune aos seus mais fortes poderes, e que ainda pretende uma resposta.

(Beatriz) – Mas já passaram dois anos, Henrique...

(Henrique) – Sabes que sou teimoso! – reforça.

(Beatriz) – No entanto, não és assim tão persistente! – lembra.

O silêncio volta, sendo substituído por um sorriso leve. Beatriz é demasiado perspicaz e percebe desde logo que Henrique lhe está a omitir algo. Contudo, sentindo a rápida e urgente proximidade de alguém conhecido ali ao "Bloody Mary", a líder desiste por agora, pedindo apenas que não volte a afastar-se d Sintra nos próximos tempos.

Henrique quase que vira um crente, agradecendo espiritualmente a um qualquer Todo-Poderoso que possa existir e que o tenha livrado daquela conversa.

Apressadamente, Verónica empurra a porta, atirando-se para o interior do espaço, procurando desesperadamente por alguém de confiança que a possa ouvir. A ex-caçadora de vampiros trás uma notícia inadiável e, vendo ali os líderes, não perde qualquer tempo com saudações.

(Beatriz) – Sejas bem aparecida! Há imenso tempo que não te via por aqui... – comenta, tendo-a encontrado apenas há alguns dias, treinado com Francisca.

(Verónica) – Trago notícias! – despacha – E são muito más noticias! – acrescenta com um voz trémula.

(Henrique) – Os problemas atropelam-se... – murmura – O quê que se passa?

O mais rápido e claramente que consegue, a jovem vampira, que se dedica à vigia e segurança de toda a informação secreta que a "Luz Eterna" possuía, revela que, há alguns instantes, quando visitou o antigo laboratório, encontrou tudo revoltado e algumas armas destruídas.

(Beatriz) – O laboratório foi assaltado?! – espanta-se, levantando-se com uma energia momentânea.

(Henrique) – O quê que levaram de importante? – erguendo-se ao mesmo tempo que Beatriz.

(Verónica) – Documentos! Levaram essencialmente informação sobre os vários líderes da organização aqui em Sintra!

(Beatriz) – Para quê que alguém iria querer isso? – questiona, enquanto pensa como se fosse um dos malfeitores e tenta perceber para que seria tal coisa útil.

(Verónica) – Não sei! O que me preocupa é que levaram apenas os documentos com informação parental, com dados sobre os pais, a mulher ou marido, os filhos de cada líder!

Desde logo, entreolhando-se, Beatriz e Henrique tentam encontrar alguma possível ligação, absurda ou não, entre aquele assalto, o desaparecimento dos cinco vampiros e a perseguição de Vânia.

(Henrique) – Desconfias de alguém? – para Verónica.

(Verónica) – Não! – lamentando – Quando cheguei já não existia qualquer rasto que pudesse ser seguido... – explica.

Depois de mais alguns esclarecimentos, Beatriz decide, em vez de enviar uma mensagem, dirige-se à cripta e telefona directamente para o Mais Antigo, informando-o das últimas. O Superior atende, sempre prestável, ouve Beatriz e, também preocupado, aconselha-a. A comunidade é também informada de imediato.

Horas mais tarde, numa reunião mais restrita, a "família" marca encontro no "Rouge Hotel". Distribuídos pela sala de estar, Afonso, Isabel e Luna no grande sofá, Beatriz no sofá individual ao lado com Henrique sentado na braçadeira, Vânia e Pedro instalados numas cadeiras que arrastaram até ali e Vasco e Verónica em pé, lado a lado, esperam por Francisca, que termina o atendimento a um vampiro recém-chegado.

Assim que a "mãe" dos vampiros chega, a discussão instala-se. Deixa-se bem claro que a prioridade, acima de qualquer decisão, está na segurança de todos. Beatriz exige que, para o bem comum, e tal como Mais Antigo sugeriu, devem permanecer atentos e discretos, sempre próximos de alguém de confiança, evitando algum momento a sós.

(Beatriz) – Há que esperar pacientemente por pistas que nos levem a uma conclusão segura e favorável, que possa garantir também a ligação entre os casos!

Estão todos de acordo. Depois, toca-se noutro assunto delicado mas necessário.

(Henrique) – Sabendo que documentos foram roubados do antigo laboratório, eu e a Beatriz colocámos um possível problema... – avisa – ... em relação à Isabel! – termina.

(Isabel) – A mim?

(Beatriz) – Supostamente, tu és a eterna filha do "Jaguar", mesmo que ele não tenha sido um líder exacto da organização, a Luz Eterna tinha informações sobre ele e sobre o descendente, ainda que não muita coisa...

(Afonso) – Estás a pôr a hipótese de a Isabel se tornar um possível alvo seja lá de quem for? – preocupado.

(Henrique) – Podemos esperar qualquer coisa!

(Luna) – Por enquanto isso não deve ser prioridade! Se a minha mãe corresse algum perigo óbvio, acho que já tinha previsto isso... – diz.

(Beatriz) – Seja como for, é melhor mantermo-nos alerta!

Luna, acompanhada pelos pais, é a única que consegue mostrar alguma calma no regresso a casa, visto que, tanto Afonso como Isabel, não deixam de lado, nem por segundos, o assunto que poderá colocar Isabel como alvo possível de um alguém que se desconhece.

Já próximos de casa, Luna embirra com os pais, como qualquer criança por vezes, insistindo que não valeu a pena distraírem-se com tal tema e que, durante todo o percurso até ali, foi a única que se manteve atenta aos perigos da serra. Afonso e Isabel deixam-se admirar por aquela reacção tão típica de um adolescente.

Na frente dos pais, assim que coloca a chave na porta de casa, Luna estremece. Entra em casa, veloz e preocupada, em menos de nada.

Os três, deparam-se com o *hall* de entrada vasculhado, com uma sala assustadoramente desarrumada, com móveis abertos, cadeiras fora do sítio, sofás caídos...

O azar não bateu à porta, entrou logo! Foram assaltados!

EPISÓDIO 7 – Onde menos esperam, será onde estaremos!

Depois de os ver sair, uns atrás dos outros, agrupados, e após uma breve e inquietante despedida, Francisca deixa-se cair melancolicamente no sofá onde estava a sua eternamente adorada Beatriz. A vampira mostra-se frágil, deixando que os seus belos e ternos olhos azuis se fixem em mágoas do passado.

Vasco aproxima-se, colocando-lhe uma mão no ombro e a outra acariciando-lho os cabelos.

(Vasco) – Que cara é essa?

(Francisca) – Já te disse que odeio guerras? – pergunta.

(Vasco) – Suponho que seja a única coisa que és capaz de odiar...

(Francisca) – E é! – confirma – Sabes porquê?

Vasco ajoelha-se à sua frente.

(Vasco) - Porquê?

(Francisca) – É a única coisa capaz de me tirar aqueles que mais amo! – diz, soluçando, quase em lágrimas.

Preocupado com toda aquela emoção e sabendo bem que não haverá resposta forte o suficiente para a acalmar, Vasco limita-se a abraça-la.

Enquanto estiveram fora, discutindo sobre os últimos sucedidos e possíveis futuros, os jovens foram vítimas de um golpe inesperado.

Luna fica em pânico, culpabilizando-se por não ter previsto aquela situação.

(Luna) – Fogo! – indignada – Às vezes passo dias a prever coisas que nem sei o que significam... Porquê que quando é preciso não me vem nada à cabeça! – Eu devia ter previsto isto! – insiste.

Afonso, enquanto ouve os dramas da filha e observa o silêncio excessivo de Isabel, acaba por se sentir quase um incapaz. O seu maior desejo é proteger quem ama, mas parece que, quanto mais se esforça para tal, quanto mais duro consigo mesmo é em relação a isso, mais desgraças, imprevistos e situações de perigo lhe aparecem! A paixão que tem por Isabel ultrapassa tudo, o amor que tem por Luna é incondicional, e o que Afonso mais teme é que isso se torne o seu ponto mais fraco e que, de algum modo, não as possa proteger apenas com esse amor...

(Afonso) – Não digas isso, Luna! – pede – A culpa não é tua, nunca foi e nunca será! – esclarece.

(Luna) – Pode não ser... – Mas eu tenho um dom, e devo usá-lo a nosso favor!

(Afonso) – Tu és muito mais que esse teu *dom*! Ainda és uma menina e não podes sentir-te responsável por ninguém! – explica – A culpa é desses marginais que não têm mais nada que fazer! – resmunga, levantando a voz e dirigindo-a instintivamente para uma das janelas da sala como se alguém o ouvisse do lado de fora.

Isabel mantém-se calada. Mil e uma memórias passam por si e dezenas de possíveis motivos para que tal esteja a acontecer também... Tenta segurar no seu interior a pouco calma e serenidade que ainda lhe resta, querendo tornar-se o mais racional possível, agindo com prudência. Lembra-se então da conversa que tiveram no "Rouge Hotel, e recorda o assunto que abordaram a seu respeito. Desconfiada, corre para a cave, onde ainda guarda alguns segredos...

(Luna) – Eu podia ter evitado isto! – persiste, mantendo um ritmo agitado, andando de um lado para o outro.

(Afonso) – Pára, por favor! – implora, custando-lhe ver a filha naquele estado de nervos.

Ocupados com a discussão sobre quem é culpado ou não, sobre quais as prioridades e quais os direitos e deveres de cada um, pai e filha só dão pela ausência de Isabel quando ouvem um grito frenético vindo da cave lá de casa. Imediatamente, instalam o silêncio, olham um para o outro e depois à sua volta, procurando por alguém. Dirigem-se então, em simultâneo e apressadamente

para o corredor central da casa, onde tudo está também revoltado, abrem a discreta porta do lado esquerdo ao fundo e descem com rapidez a escada que os leva para junto de Isabel.

A cave está no mesmo mau estado que o resto da casa. Quando reparam, percebem que a pouca calma que restava em Isabel e que esta pretendia manter, tinha acabado de desaparecer.

(Isabel) – Levaram tudo! – informa, com uma voz trémula e desesperada.

Tinham encontrado tudo o que mantinham em casa fora do lugar e até algumas coisas destruídas, mas já era bastante evidente que o que os intrusos pretendiam não era dinheiro, nem jóias... nada com valor lucrativo! O que realmente queriam estava na cave!

Isabel ainda guardava, dentro de um baú de madeira discreto, alguns segredos sobre o "Jaguar". Desde um diário, uma lista de nomes tipo árvore genealógica e armas, Isabel possuía secretamente um pouco de tudo, o que sobrou depois de tantos conflitos, numa tentativa de manter o que restava em segurança e em boas mãos.

Beatriz regressa agora a casa da "família", acompanhada por Henrique e Vânia. Por enquanto, está tudo normal, ainda que se saiba que essa tranquilidade pode não durar muito.

Enquanto Vânia se dirige imediatamente para a cozinha, sedenta como sempre foi, Beatriz "arrasta" Henrique para a sala. Se há coisa que lhe está a dar a volta à cabeça é a reacção de Henrique quando se fala em determinado assunto... Desconfia (é verdade!), mas a curiosidade que possui ultrapassa qualquer limite de desconfiança. E é isso que pretende esclarecer! Custe o que custar, dê por onde der!

Astuta, inicia uma conversa de circunstância que pretende e sabe que a levará, mais tarde ao mais cedo, onde quer chegar. Enquanto isso, Henrique sente um arrepio de nervosismo. Aprecia todo aquele jeito delicado de Beatriz, mas teme o assunto que aí vem, e que bem sabe que chegará.

Sentados lado a lado no extenso sofá da sala, Beatriz, ao iniciar a introdução ao tema, observa o vampiro a afasta-se inconscientemente, como que mantendo uma distância segura. Aquela atitude é a confirmação pretendida!

(Beatriz) – O quê que me estás a esconder? – directa, insinuando saber que há segredo, e querer saber qual.

(Henrique) – suspira – Porquê que insistes? – reclamado – Eu não te estou a esconder nada! – mente.

Aquela mentira, ainda que a considere piedosa, fá-lo engolir em seco, fazendo-o sentir-se ainda mais nervoso. Por seu lado, e verificando que não saberá o que se passa assim tão facilmente, Beatriz arrisca, ousada, lançando palpites provavelmente absurdos, mas que obrigarão o vampiro a acusar-se indirectamente.

```
(Beatriz) – Mentiroso! – acusa-o – Estás com medo de quê?
```

Henrique, pensa: "Agora, estou com medo de ti!", e dá as graças por Beatriz não conseguir ler-lhe o pensamento. A vampira continua...

(Beatriz) – Matas-te alguém? Não... – pensa, tornando-se a mais melodramática possível – Espera aí! ... Traíste-me?! Foi isso? – tentando não acreditar no que diz.

O jovem vampiro, ainda que impaciente e nervoso, começa a achar aquela atitude hilariante, soltando-se uma gargalhada leve.

```
(Henrique) – Estás louca? – a rir.
```

Nesse preciso instante, mesmo quando a líder achava que estava prestes a conseguir o que queria, uma confissão, o telemóvel toca. Mais uma vez, Henrique é salvo daquela conversa, e trocado por uma urgência.

Vendo o nome de Afonso no ecrã e prevendo instintivamente mais algum tipo de problema, a líder coloca a chamada em alta voz. Afonso é bastante rápido, evitando contra-tempos e demoras.

(Afonso) – Fomos assaltados! – despacha – Não façam perguntas! Venham já para cá! – pede.

Prestáveis, os líderes respondem em sintonia:

- Estamos a ir!

Chegam rapidamente a casa de Afonso e Isabel, e ouvem atentamente os discursos desesperados e preocupados dos três. Isabel descreve o que guardava dentro do baú. Enquanto

isso, os líderes observam o estado em que foi deixada a casa. Perspicaz, Beatriz procura por alguma anomalia e rapidamente a encontra.

Mesmo ali, à entrada para a sala de estar, no meio de todo o caos de objectos e móveis desarrumados, a vampira repara num jarro de flores que sempre ali esteve e que, contrariamente ao resto, ali continua! São e salvo, com umas rosas brancas magníficas e ainda com vida, aquele jarro é o centro da sua atenção. Aproxima-se e, analisando-o, encontra nele um pequeno papel dobrado e mal cuidado. É um bilhete.

"Queremos dominar! Vamos dominar! Onde menos esperam, será onde estaremos!

- TOD"

EPISÓDIO 8 - O Acordo

O que significará toda aquela confusão? Perseguições, desaparecimentos, ameaças... Paz, amor e sossego não serão com toda a certeza!

Os cinco permanecem ali por mais uns instantes, discutindo sobre aquele misterioso bilhete e sobre a inteligência (ou não!) dos malfeitores em ter deixado ali tal aviso. Juntos, dirigem-se para a cripta, com a certificação de que ali não haverá mais nada que alguém pretenda.

Beatriz encarrega-se de agendar um Consílio urgente para aquela mesma noite, convocando todos os vampiros e seus aliados mais fiéis da comunidade de Sintra. Conjuntamente, irão debater e decidir sobre qual o próximo e melhor passo a dar em relação a tal futuro previsivelmente conflituoso.

A dúvida que mais persiste durante a reunião e a qual leva cada um e cada qual a questionarse involuntariamente, é sobre o significado do aviso encontrado em casa de Isabel. Depois de vasculhar tudo e roubar todo o tipo de informações que pretendia sobre o lendário "Jaguar", o grupo deixou um aviso que inclui assinatura. O que significará TOD? Vários palpites saltam para o ar...

(Renato) – Talvez a Luz Eterna não esteja extinta... Alguns dos antigos caçadores podem ter reaberto uma das células e reavivado a alma e os valores da organização...

(Verónica) – Não! Não acredito nisso! Todos os laboratórios que restaram estão sob vigilância diária. Estão protegidos. – reforça - Os membros da organização que sobreviveram depois da Guerra, estão agora do lado dos vampiros. Alguns refizeram a vida ao lado de vampiros. Como eu. – lembra - Está tudo sob controlo!

(Vasco) – Se não forem membros da Luz Eterna, não sei quem mais poderá ser!

(Vânia) – Eu fui perseguida por vampiros! – recorda - Que sentido faria? Quero dizer: membros da Luz Eterna... Vampiros? Isto é, os que foram transformados foi por vontade própria... Acho!

(Áfono) – É verdade! Não tem nada a ver! – concordando com Vânia.

(Vasco) – Pois... – pensa – Não é a Luz Eterna, não é certamente um "Jaguar"...

(Beatriz) - Com essa "raça" acabei eu! - recorda, com um vitorioso olhar.

(Francisca) – Afinal, se são vampiros, o quê que querem? – questiona-se.

(Henrique) – E quem é este Tod? Será... um líder? – propõe.

(Isabel) – Se é, não foi muito inteligente assinar com o próprio nome! – conclui.

(Beatriz) – Não... – suspira – Quer se goste ou não, eles parecem-me organizados! Têm feito cada coisa a seu dia, e sempre quando menos esperamos... Parece que conhecem a nossa rotina! – admite.

(Henrique) – Pode então ser um nome falso? – pensa – Ou...

(Beatriz) – conclui – Acho que é uma sigla!

(Isabel) – Sim, essa hipótese é bastante válida! – concordando com a líder.

(Afonso) – Resta saber o que significa!

De um instante para o outro, e em total acordo, as possibilidades vão surgindo.

Também igualmente importante é procurar por suspeitos e provas verídicas que acusem esses mesmos.

Em grupos equilibrados e organizados, os vampiros distribuem-se pelas diversas direcções, espalhando-se pela serra e pela vila de Sintra. Atentos, de olhos e ouvidos bem abertos a todo e qualquer pormenor, discretos e bastante determinados, vigiam cada recanto, enquanto se protegem uns aos outros, caso o inesperado aconteça.

...

Porto, Portugal, dia 25 de Março do ano de 1608...

Numa pequena vila, longe da costa, um pouco afastada da célebre cidade do Porto. É noite, a lua brilha bem no alto do escuro e estrelado céu, iluminando caminhos e destinos.

Usando roupas leves, de ágil movimento, calças escuras, velhas e gastas, já acostumadas ao treino, ao esforço e trabalho diário, uma camisa branca muito simples e ligeira, com um decote aberto em V.

É Sebastião, um jovem e encantador rapaz, moreno, alto e incrivelmente musculado, faz-se acompanhar por alguns punhais e uma enorme, vistosa e fiel espada, tão bela quanto afiada. O rapaz treina ao sabor da experiência, recordando cada técnica, cada passo infalível que o pai lhe ensinou durante anos, passando entretanto o legado ao seu adorado e desejado filho varão.

Já com vinte e seis anos, Sebastião demonstra talentos dignos de um guerreiro e movimentos físicos tão ágeis e fortes... O seu espírito é livre e procura por guerra, pela sede de vingança que há muito corre nas veias da sua família. Resistente, é um lutador, um desafiador do perigo, e raras vezes perde a razão durante um confronto. Sobrevive sempre, seja de que forma for! Foi para isso que foi treinado e é assim que prova ter honra e capacidade para seguir a história que herdou, sendo temido em qualquer lugar, apenas pela pronúncia nome.

Num palheiro, apenas acompanhado por alguns fardos de palha, afastados ao canto, e por algumas tochas que iluminam cuidadosamente o espaço, Sebastião deixou por momentos a vida familiar para manter o talento na arte de caçar vampiros!

Caçar vampiros. Sim. Esse é o seu mistério! O seu segredo! É o lado obscuro e aventureiro da sua vida, o qual apenas o seu velho pai conhece! É um legado que os filhos mais velhos da

sua família têm seguido por mais de dois séculos, em honra dos familiares que morreram num violento ataque de vampiros, de cujo só sobreviveram duas crianças. Foi um autêntico extermínio!

Enquanto treina e se prepara para, num futuro próximo, ensinar tudo o que sabe ao seu filho, Sebastião mantém os sentidos em alerta.

Na penumbra do estaleiro, vindo da escuridão e acompanhando o silêncio da noite alguém se aproxima. Passos tranquilos e vagarosos ouvem-se, quase como uma melodia, à medida que a sombra de um rapaz esbelto se aproxima.

O caçador coloca-se a postos, pronto e repleto de vontade para atacar se assim for necessário, ou simplesmente se lhe apetecer tal, mostrando-se nada intimidado por aquela misteriosa sombra.

A fraca e suave luz incide finalmente sobre as faces do jovem visitante.

Também moreno, elegante, sedutor, forte, sedento e com uns raríssimos e sobrenaturais olhos verdes intensos, pálido mas tão perfeito quanto uma escultura de mármore. A sua natureza denuncia-o. Joseph é um vampiro.

Sebastião enfrenta-o, questiona a sua presença ali e ameaça-o de seguida, sem hesitar.

Depois, tentando conseguir algum tipo de reacção, desafia-o, animado e desejoso de mais uma luta fatal ao adversário.

(Joseph) – Calma, meu jovem "Jaguar"! Parece-me algo mais apetecível o acordo que lhe venho propor! – introduz, calmo e malicioso.

(Sebastião) – Eu desafio, luto e mato monstros como tu! Não há espaço para uma qualquer proposta! – avisa, com um sorriso desafiador.

(Joseph) – Tenho pena... Um acordo comigo iria garantir-te a morte de muitos "monstros" como eu! – provoca.

EPISÓDIO 9 - Joseph

Prudente e algo desconfiado, Sebastião arrisca em aceitar ouvi-lo. Joseph vai directo ao assunto, sem quaisquer rodeios, introduzindo enquanto passeia vagarosamente pelo estábulo, confiante. O jovem "Jaguar" limita-se a ouvir, sem nunca deixar a sua espada nem a vontade de atacar.

(Joseph) – Serei breve! Não quero perder tempo! – introduz – A questão é: eu sou vampiro, mas não devia. Digamos que... A minha transformação foi um equívoco reles do destino. – olha Sebastião e percebe-o desafiador mas continua – E, como sou um homem honrado e guerreiro, tenho vindo a pensar numa vingança contra o próprio destino!

(Sebastião) – comenta – Se é que isso é possível... – questiona – Afinal o que quer de mim?

(Joseph) – Bem sei, por experiência, que as ideias de "Jaguar" já mais se confundirão com as da "Luz Eterna"... Ora! Sois o actual "Jaguar", podeis muito bem confirmar que a "Luz Eterna" só atrapalha o seu trabalho! – afirma.

(Sebastião) – Sim! - confirma – E?- insiste, impaciente.

(Joseph) – O que venho aqui propor não contraria de forma alguma os planos de um jovem "Jaguar! – reforça – É uma proposta irrecusável e creio que valerá a pena correr o risco!

(Sebastião) – Se bem me lembro... Há pouco garantiu que ia ser breve! – pressiona-o.

(Joseph) – com rancor e ignorando Sebastião – Eu só quero vingar a minha própria "morte"! Esta maldição...

Sebastião começa então a agir com alguma agressividade, começando a acreditar que tudo aquilo é uma distracção, uma armadilha, mostrando que já não o está a levar minimamente a sério.

Joseph, galante e convincente, convence-o a acalmar-se e a ouvir toda a sua história, como forma de justificação aos factos.

Nascido na bela e fria cidade de Londres, em 1482, Joseph era o tão desejado filho varão de um dos líderes mais amados e respeitados da Luz Eterna, Jonathan Morgan. Assim que nasceu, o seu destino ficou registado e eram tão óbvio como garantido.

Jonathan treinou o seu pequeno menino desde o primeiro dia, todos os dias, até o achar preparado para ocupar o seu próprio lugar como líder. Joseph aprendeu com os melhores. Estudou a literatura Clássica e desenvolveu o seu saber científico – em que a Luz Eterna sempre foi mais avançada que o retso da Humanidade. Mais importante ainda! Jonathan, desde cedo, preparou o seu menino para qualquer tipo de confrontos com um vampiro, colocando-lhe bem no fundo da sua mente a ideia de que aqueles "seres demoníacos" deveriam ser enfraquecidos.

Os objectivos originais da organização eram bastante simples e, à partida, inofensivos. O primeiro era capturar vampiros, não recorrendo ao extermínio, e estudá-los. Contudo, o facto de se acreditar que neles se via uma réplica do Demónio e que, assim, só deles poderia originar qualquer mal, os membros da "Luz Eterna" tornaram-se mais do isso, tornaram-se caçadores de vampiros altamente treinados, demasiado evoluídos para qualquer época em que vivessem. O segundo objectivo chegou então e consistia em tornar o ser Humano mais forte e resistente. Quem sabe até encontrar o segredo da "eterna juventude".

Joseph tinha assim um futuro garantido e bastante promissor. A sua mente estava repleta de um ódio injustificado mas assustadoramente real.

No dia em que faria 21 anos, em 1503, o jovem estaria já prometido ao encargo, seguindo o legado do pai. Este, já velho e cansado, entrou em consenso com todos os seus seguidores, que acreditaram desde logo que Joseph seria o seu melhor sucessor.

A cerimónia fez-se ao ar livre, junto ao esconderijo da "Luz Eterna" em Londres, discreto e no meio de um vasto prado. Mas inesperado aconteceu.

Há muito que os vampiros procuravam por guerra e parece que um descobriu a localização dos inimigos. Mesmo no momento em que o pai passava o seu legado ao jovem filho, um grupo de poderosos vampiros atacou o grupo, desprevenido naquela altura. Tal como esperado, correu mal para os caçadores e as mortes foram muitas. O principal alvo, e tendo em conta que o ataque foi supostamente organizado ao pormenor, era Joseph.

Com a relva coberta pelos corpos humanos inanimados e algum sangue que escorria por entre eles, os vampiros não esperavam que alguém sobrevivesse àquilo, até que ouviram uma respiração fraca e esforçada. Uma jovem vampira, mais parecida com um anjo caído do céu, aproximou-se e o belo rapaz que ainda respirava, cujo coração ainda insistia em bater.

Joseph conta que só se recorda de ter acordado numa grande cama, ladeado por uma loira deslumbrante e por um outro vampiro que já teria perseguido meses atrás. Fizesse o que fizesse, já não havia remédio! O seu destino foi trocado pelo de um outro homem qualquer – é o que acredita! Um dia caçador, no outro dia vampiro.

(Joseph) – admite – Tendo em conta as circunstâncias, confesso que pensei em caçar-me a mim próprio! Acabar de vez com isto!

Nunca se conformou. Nasceu e cresceu para ser um líder, o melhor na arte de caçar vampiros e estudá-los, e acabou por se tornar no próprio alvo.

Depois de anos, os primeiros da sua vida enquanto vampiro, a odiar-se e a tentar acabar com aquela maldição, Joseph libertou-se da sua criadora e seguiu em frente. Percebeu que, não havendo como voltar a atrás, só lhe restava viver assim eternamente. Depois, começou a sentir-se sozinho no mundo, desejando que alguém o compreendesse e sem nunca deixar de planear a vingança ao destino.

Chegou depressa a uma conclusão. A única maneira de vingar o poderoso destino seria fazêlo cometer o mesmo erro inúmeras vezes, até que se visse tão fraco e desorientado, acabando com a vida Mundo. Coisa absurda, mas verdadeira para Joseph.

(Joseph) – retomando – Ao longo de todos estes séculos a viver contrariado, procurei e persegui os filhos varões dos mais poderosos e respeitados líderes da "Luz Eterna". Tornei-os em algo próximo ao que eu sou. Tenho formado um autêntico exército secreto... que ainda não acho completo!

(Sebastião) – começando a interessar-se pelo assunto – E que tenho eu a ver com isso?

(Joseph) – Preciso de um aliado para completar o meu grupo! Pensei em alguém que não tivesse qualquer piedade pela "Luz Eterna" e, claro, alguém a quem eu pudesse satisfazer algum desejo! – sorri, ambicioso e cada vez mais confiante.

Sebastião baixa um pouco a espada, pronto e finalmente interessado em ouvir a proposta. Joseph avança.

(Joseph) – Preciso que me entregues os actuais futuros sucessores dos líderes superiores da "Luz Eterna". Não quero saber de idades, nem de géneros.

(Sebastião) – E o ganho eu com isso?

(Joseph) – lançando um sorriso malicioso – As mais recentes e belas crias de vampiro! Quantas estiverem ao meu alcance e nem quero saber o que farás com tais criaturas!

No inicio, Sebastião esperava tudo menos aquilo. Não largando a sua espada, mantendo-se no seu honrado lugar de "Jaguar", a uma distância segura do vampiro, questiona a situação e volta a pressionar várias vezes Joseph, tentando certificar-se da verdade da história.

Por seu lado, Joseph decide despachar o assunto, encara Sebastião sem qualquer medo e até com algum respeito. Depois, insiste numa resposta.

(Joseph) – Aceita ser meu aliado? Ou terei de continuar a trabalhar sozinho?

No fundo, Joseph tem algumas dúvidas em relação aquele assunto, embora as esconda. Mas, mais uma vez na sua longa vida, o inesperado acontece.

(Sebastião) – Conta comigo! – afirma, enquanto pensa já nas suas vítimas.

EPISÓDIO 10 - Tudo Escurece

Por mais alguns decisivos instantes, ficam ali, iluminados pela luz fraca que emana das simples e quase gastas velas, desafiando-se um ao outro.

(Joseph) – prudente - Como é que eu sei que não serei enganado? Afinal, o "Jaguar" é sempre o "Jaguar"... - sorri - E já os conheci bem matreiros!

(Sebastião) – É verdade! Não poderei nunca negar ter orgulho do meu sangue! – sorri – Mas não hesitarei em qualquer oportunidade para exterminar tais aberrações... Nem que isso implique aliar-me a tal! – justifica.

Joseph esforça-se para controlar o seu instinto, não suportando a ideia de ser considerado uma aberração, mesmo que ache o mesmo, não querendo perder a postura.

(Joseph) – Cuidado com o que diz! Eu sei o que sou, não precisa de me relembrar de tal... Não tenho culpa disto! – garante e, dirigindo-se à rua – Voltarei em breve... - avisa.

Sai apressadamente, deixando apenas uma leve sombra para traz. Sebastião decide regressar a casa, enquanto reflecte sobre o acordo que acabou de aceitar.

(...)

A semana está apenas no início, e já se teme o seu fim. De madrugada, ainda em casa, Afonso e Isabel apressam-se a fazer as malas para regressar à Universidade. A bagagem é pouca, e nenhum dos dois se preocupa com necessidades ou combinações. Há que despachar e evitar pensar em desistir. Por um lado, querem manter a normalidade, por outro, custa a ambos deixar Sintra e, em especial, Luna.

Enquanto enche a mala, despreocupada com o que tire ou põe, Isabel desabafa.

(Isabel) – O que mais me preocupa é ter de ir embora só para manter a normalidade e as aparências... e deixar a Luna aqui sozinha!

(Afonso) – Ela não fica sozinha, mas... – admite – Sabes? Só não a arrasto connosco porque confio na "família" fantástica que temos...

(Isabel – sorri, concordando e acrescentando – E porque ela seria bem capaz de nos dar uma sova se a arrastássemos!

Afonso sorri também, respondendo de imediato. Contudo, para surpresa de Isabel, Afonso revela no olhar alguma insegurança, reflectindo preocupação e algum medo de um qualquer futuro que se prevê mau.

(Afonso) – Apesar de tudo, de confiar na "família" e até mesmo no poder extraordinário da nossa especial filha... Não consigo deixar de me preocupar... - reflecte – É como se de alguma forma eu não estivesse a ser bom o suficiente para vos conseguir proteger... às duas!

Isabel, surpreendida e algo desassossegada com aquele desabafo, nem sequer esperando que ele falasse de um assunto assim consigo própria, comove-se. Acreditando que o que o amado sente é um absurdo, acaba de fechar a mala, sem nunca desviar o olhar dele. Depois aproxima-se e, acariciando-lhe as faces, olha-o nos olhos e mostra-lhe que pensa exactamente o contrário em relação a ele.

(Isabel) – É um disparate o que estás a dizer! – sorri-lhe com ternura – Tu és a pessoa mais especial, forte e protectora que alguma vez conheci! É o melhor pai que uma filha pode ter e o melhor parceiro que uma mulher pode desejar, Afonso!

(Afonso) – E isso é suficiente? – questiona – Quero proteger-vos, ver-vos bem e felizes! Porque vos amo...

(Isabel) – Independentemente dos problemas que possam aparecer, eu não poderia ser mais feliz!

Por instantes, o jovem sente-se um pouco mais calmo e esforça-se por dar a entender que se sente mais confiante.

Depois de beijar ternamente e cheio de paixão a mulher da sua vida, abraça-a tão fortemente como se nunca a fosse deixar. E não irá!

Luna chega junto deles, ao quarto de ambos, nesse instante. Sorri por vê-los tão unidos mas, repentinamente, perde o brilho do olhar e sente um arrepio. Afonso repara na sua presença e no seu ar.

```
(Luna) – Tive um mau pressentimento... Mas deve ser só a minha mania da perseguição!
(Isabel) – Não previste nada?
```

(Luna) – Não, mãe...

(Afonso) – Está tudo bem, querida?

Desiludidos com os resultados da última emboscada, os líderes reuniram-se a sós na cripta, agradecendo e dispensando por enquanto a generosa disponibilidade dos restantes membros da comunidade. Concentrados e repletos de vontade para desvendar aquele inquietante mistério,

tentam angariar novas pistas, sempre em contacto com o Mais Antigo, através de registos antigos sobre os vampiros dados como desaparecidos, procurando algo que possam ter em comum. Em simultâneo, antecipar o próximo passo dos TOD, seria também muito útil.

Entre quase uma hora que levam a conversar apenas como líderes, o debate desenrola-se e volta a levar Beatriz e Henrique ao tema de discussão que mais tem a ver com ambos, aquele que mais tem assombrado a relação entre ambos e que, segundo a vampira, pode ajudar, e muito, a manter ambos seguros.

Perante a astúcia de Beatriz, Henrique já aprendeu a defender-se, contudo, parece que só o é capaz quando possui a total razão. Torna-se impossível lutar contra si mesmo, a sua consciência, naquele momento.

A situação começa a tornar-se preocupante e desconfortável. A discussão torna-se tão acesa, derivada da teimosia de ambos, que Beatriz, sabendo que tem razão, acaba por acusá-lo de falta de confiança. Henrique, perde então o controlo, e admite tudo.

(Henrique) – Sabe que mais? Sim, estou a esconder-te um segredo! Talvez o pior da minha vida! – o seu olhar naturalmente provocador altera-se, ficando vermelho e sedento – E tu é que não confias em mim! Se eu não te digo nada é para me proteger, e a ti também! Já devias ter percebido!

(Beatriz) – Tu é que mentes, acabas de o admitir, e eu é que não confio em ti? – a jovem altera-se também, e o seu olhar torna-se ardente e tão vermelho.

Nenhum dos dois está a medir as circunstâncias... Os olhos denunciam raiva e violência, as presas à vista reforçam a sensação de ódio entre ambos. Onde ficou agora o que sentem verdadeiramente um pelo outro? Valerá a pena tudo isto?

(Henrique) – Se acho mais seguro não querer sequer partilhar este segredo, é porque tenho razão para isso!

(Beatriz) – Já podias ter dito! Em vez de me mentires, podias ter sido sincero e dizer tudo o que estás a dizer agora!

(Henrique) – Será que não entendes? Eu odeio tudo o que descobri sobre mim... Só queria um pouco de espaço para digerir isso! – explica - Espaço esse que não me deste!

(Beatriz) – Eu não sabia o que se passava! Ainda não sei! – reforça - Estava preocupada! E tu, neste momento, estás a ser injusto comigo! – acusa.

Henrique tem um impulso de resposta, mas cala-se, como se de repente achasse que não deveria falar o que pensou.

(Beatriz) – continua, depois de se certificar do silêncio de Henrique – Eu só quero proteger-te! A ti e a todos! – esclarece – E só achei que se estivesse informada de tudo, seria mais fácil...

(Henrique) – diz, sem hesitar – Às vezes deverias lembrar-te que nem tudo se resumo ao facto de seres a líder! Há pessoas que te vêm para lá disso... E gostavam que fizesses o mesmo!

Beatriz, incrédulo, fica sem resposta, perdendo até a cor do olhar.

Henrique pensa no que acabou de dizer e, temendo piorar, sai correndo, sem deixar reflexos, abandonando a figura de Beatriz quase em pânico.

Sem destino, nervoso e alterado, fora de si o suficiente, Henrique reflecte na horrível discussão que acabou de ter e que, provavelmente, devia ter evitado. Não tomando as consequências de mais nada, segue para a serra.

Minutos depois de tanto correr, de tanta má energia descarregada em desfazer grandes pedregulhos ao nível de pequenas e insignificantes pedras, o vampiro pára.

Sem qualquer explicação, apenas sente uma presença nas suas costas e, quando se ia virar, na esperança de ser Beatriz, é imobilizado. Apenas uma picada no pescoço e Henrique, por muito que ainda pense em defender-se por já ter concluído estar em apuros, perde a força, os sentidos, segue-se a consciência e... Tudo escurece.

EPISÓDIO 11 – Melancolia

Já passaram alguns instantes desde que, ali mesmo, discutiu feiamente com aquele que nos últimos anos a fez mais feliz e, talvez em toda a sua vida, foi quem mais a respeitou, admirou... Como se tudo escurecesse, desaparecesse à sua volta, como se realmente mais nada existisse, todas as palavras ditas e ouvidas, toda aquela violência expressa no olhar de ambos, no que se proferiu, quem sabe!, por amor, não lhe saem da cabeça.

Alguns minutos passaram, até que Beatriz tivesse uma reacção. Reagiu, sim, mas simplesmente deixando-se cair nalguma profunda mágoa, sentando-se no chão como quem não tem forças para se manter de pé, afogando-se em lamentos agora inúteis, e numa certa raiva de si mesma.

Com alguma inquietação, lá deixaram Sintra e a querida Luna. A viagem até que foi longa, mas só o facto de terem deixado para trás a família juntamente com alguns possíveis graves problemas, transformou a estrada numa malvada catapulta que os atirou, em menos de nada, para longe. Afonso e Isabel, chegaram finalmente.

Afonso estaciona o carro, sem dúvida mais discreto do que aqueles que há na garagem dos "Azevedo", bem perto do pequeno apartamento que partilham no centro da cidade de Coimbra. Isabel sai primeiro, ainda muito calada e melancólica, tal como se manteve toda a viagem, abrindo logo de seguida o porta-bagagem e retirando as malas. No mesmo estado de alma, Afonso desliga o carro, sai e auxilia a mulher.

Já bem perto de chegar ao apartamento, numa rua estreita e naturalmente escura onde não chega a luz solar e que, mesmo àquela hora e dia, é demasiado calma e discreta, contrastando com o resto da cidade, ouvem um choro ofegante e desesperado. Por momentos, fazem questão de esquecer as suas próprias agonias, para tenta ajudar da melhor forma alguém que lhes parece igualmente angustiado e apavorado.

(Afonso) – Ó, meu Deus! – exprime, exprimindo a admiração e o susto, ao deparar-se com uma jovem tão sensível e normal, que o deixa apavorado recordando um trauma próprio.

Isabel, ao contrário, consegue ter uma reacção muito mais activa.

(Isabel) – Pára! – grita, ordenando com aflição.

Espontaneamente, Isabel quase se atira para cima da rapariga, que se encontra desleixada e demasiado fraca entre vários contentores de lixo, cortando os próprios braços, impiedosamente, com um vidro de garrafa que, provavelmente encontrou ali.

Afonso permanece petrificado, sem qualquer sinal de acção, apenas recordando pesadelos passados que o deixam ainda mais sensível e triste. Para além disso, pensa também no facto de

que, se ainda fosse vampiro, toda aquela poça de sangue nos braços na rapariga, estaria a ser um problema...

Alice não pára de repetir sempre as mesmas palavras que, para Isabel, parecem absurdas. Isabel tenta acalmá-la mas a jovem insiste que quer morrer ali, no lixo, onde todos dizem que pertence. Generosa e seriamente preocupada, vendo naquela frágil menina uma leve imagem da sua filha, Isabel faz uso do seu poder, convencendo-a a parar de se magoar, obrigando-a de forma ligeira a não pensar na morte e, de seguida, convidando-a a segui-los até casa. Afonso, finalmente atento à jovem, põe também o seu dom em prática, para fazê-la sentir-se melhor física e psicologicamente.

As horas que já passaram e o esforço incrível que a líder tem feito para se controlar, para pensar no melhor e evitar cometer um qualquer erro estúpido que lhe venha à mente e que piore a situação. Triste, quase odiando-se também a si mesma, nervosa, Beatriz pressente até que algo mais virá piorar tudo sem que ela mesma precise de se mexer a favor. Ainda não conseguiu convencer-se, encorajar-se a ir ao encontro de Henrique, sentindo-se agora uma "ladra de espaço".

- Beatriz! – chama Marina, a mais recente professora do colégio, reclamando pela habitual atenção da jovem e dando a entender que a viu espreitar o telemóvel.

A vampira pede perdão, oferece a razão à professora, sem demonstrar a má vontade com que o fez, embora seja verdade que não consiga parar de verificar o telemóvel, numa tentativa de contactar com alguém... alguém! E é por isso mesmo que, logo após, perde novamente a consciência sobre o tempo e o lugar onde está.

É com grande força de vontade que experimenta abrir os olhos, ainda demasiado cansados para ceder. Recuperando, lentamente, os seus sentidos, já se apercebeu do silêncio irritante ali presente e dos cheiros desconhecidos. Quando finalmente consegue ver algo mais para além de escuridão, Henrique conclui definitivamente que não está onde deveria estar, onde queria estar. Nem sequer reconhece aquela sala! Sala essa que, por ser branca do chão ao teto, e demasiado limpa e vazia, lhe está a provocar algum tipo receio repulsivo.

Entretanto, quando finalmente e repentinamente, todas as memórias regressam, Henrique fica então realmente apavorado. Preocupado com a situação que deixou por resolver, e nem sabe há quanto tempo, quase maquinalmente tenta levantar-se daquele piroso cadeirão onde, sabe-se lá quem, o deixou, e sair dali. É então que a sua ainda fraca sensibilidade o avisa de que está preso

ao tal cadeirão. Correntes de prata envolvem-lhe a cintura e os braços. Várias tentativas falhadas convencem-no de que não tem força suficiente para as arrancar.

Aproveitando a manhã, sem clientes, Renato arruma e limpa o "Bloody Mary", preparando-o, essencialmente, para abrir à noite. É então interrompido. Renato vê três vampiros entrar bar adentro.

(Renato) – Bom dia!

Dois jovens e esbeltos rapazes fazem-se acompanhar por uma deslumbrante morena. Quase em coro, respondem educadamente ao cumprimento de Renato.

(Renato) – São novos aqui? – curioso, aproveitando para fazer conversa.

- Estamos só de passagem! – esclarece a morena, exibindo um sorriso naturalmente encantador que, por momentos, deixa Renato completamente vidrado.

Descontraidamente, e depois de deixar o hipnotizante sorriso da visitante, o vampiro servelhes o que, enquanto vampiros, nem precisam de pedir. Fazendo alguma conversa de circunstância, fala-lhes sobre os líderes e onde os encontrar, desejando-lhes também uma óptima estadia.

Renato até que se dá conta dos olhares demasiado observadores dos dois rapazes, mas prefere ser ligeiramente seduzido pelo sorriso e olhar da vampira que, parecendo incansável, não o deixa distrair-se. Tentando não dar atenção, acreditando no cansaço dos três depois de uma possível grande viagem até ali, o vampiro deixa-se ficar, assim, completamente distraído com aquela encantadora mulher que ali apareceu.

EPISÓDIO 12 – Quem És Tu?

A sua curiosidade insiste em contrariar a tentativa de ignorar os olhares observadores dos dois vampiros. Tanto que assim é, que Renato decide intervir novamente com alguma conversa, evitando tornar-se também ele observador e incómodo.

(Renato) – Quanto tempo estão a pensar ficar?

- Poucos dias. responde um deles Não gostamos de estar parados! conclui, notavelmente pouco à vontade para conversas.
- Viemos apenas resolver uns assuntos do passado! intervém rapidamente o outro, sem mostrar interesse em desenvolver o assunto.

Dos dois, este último é o que mais desperta a curiosidade de Renato, pelo seu carácter autoritário, seguro de si mesmo. É também facilmente perceptível ver que, dos três, é o mais velho, bastante mais velho, e toda aquela elegância envolvida em mistério deixam Renato incapaz de não duvidar.

- E, para além disso, ouvimos dizer que a calma de Sintra não está para durar, por isso... intervém a morena, numa tentativa conseguida de desviar a insegurança de Renato em relação ao seu companheiro.
- (Renato) Pode perder a calma, mas nunca perde o encanto! afirma, convicto, como quem defende patrioticamente o seu lar. E eu acredito, muito sinceramente, que tudo se vá resolver! admite. Temos aqui excelentes líderes! esclarece.
- Vamos ver... intervém, novamente, o mais autoritário dos três, com uma voz quase sumida, como quem murmura um segredo, e também provocadoramente irritante.

Rápidos instantes depois, os três despedem-se, abandonando o "Bloody Mary". Renato dá por si a resmungar sozinho, procurando motivos para não gostar de nenhum dos três, ainda que, admitindo profundamente, tenha simpatizado com aquela deslumbrante morena.

Enquanto isso, Francisca disponibiliza, amavelmente e por apenas um dia, um dos seus melhores quartos no "Rouge Hotel" a um também estranho, misterioso e muito pouco falador vampiro que acabou de chegar a Sintra. Sem companhia, nada simpático e totalmente vestido de preto, Francisca vê nele uma figura sombria, apelidando-o para si mesma de "Drácula", achando tão assustador que o impõe a uma outra espécie de vampiro. No fim, acaba por se sentir mal por ter feito juízos de valor em relação a alguém.

Cruzando-se com esse tal à saída da recepção, chega Vânia, muito bem acompanhada por Pedro. Apenas por marcarem presença ali, instantaneamente arrancam um sorriso puro a Francisca. Depois de se saudarem com sorrisos estampados no rosto, Vânia prepara-se então para se despedir novamente.

(Vânia) – Viste o Henrique, Francisca?

(Francisca) – Hoje, ainda não!

(Pedro) – Talvez esteja em casa! Isto é, não é que ele seja caseiro mas, como ainda não o vimos...

(Vânia) – É isso! Eu vou até lá! – decide – Preciso da ajuda dele! – explica a Francisca, saindo logo de seguida.

(Pedro) – Agora, fico contigo! – sorrindo para Francisca e dirigindo-se até ao balcão da recepção.

Um gesto tão simples que deixa a vampira radiante.

Para além de odiar a ideia de não saber onde está, nem de como para ali foi, Henrique começa enervar-se por estar irreversivelmente preso ali, perdendo a pouca paciência que ainda mantinha. Henrique não suporta essencialmente o que quer que seja que está a impedir o seu organismo de regenerar as feridas e queimaduras que possui pelo corpo quase todo.

Entre todas aquelas reacções nervosas e impacientes, Henrique dá-se conta de algum movimento exterior àquela sala. A porta, toda ela também branca e de textura lisa, abre. Através dela, entra um vampiro desconhecido, extremamente esbelto e repleto de autoridade, que vem fitando Henrique com um raro olhar de gozo insensível.

- Parece que o meu tão apreciado convidado acordou! - comenta, sorrindo.

(Henrique) – Quem és tu? – questiona, impaciente e com uma voz rouca e fraca.

Mantendo a sua atitude altiva, estupidamente elegante e algo maquiavélica, aquele vampiro, moreno e de intensos olhos verdes, obviamente muito mais antigo que Henrique, parece ter vindo ali precisamente para provocar algum tipo de reacção no seu prisioneiro. Vagueando calmamente em redor do cadeirão onde mantém Henrique, o jovem rapaz prossegue.

- Às tuas perguntas, responderei mais tarde! – avisa, enquanto abre um discreto armário ao canto da sala e se serve com um pouco de sangue sintético. – Agora quem faz as perguntas sou

eu! – informa, dominando a situação e ingerindo o primeiro gole da sua bebida. – E a minha questão é: Quem és tu?

Henrique encara-o, não escondendo a vontade imensa, que vai dentro de si, para se livrar daquelas correntes e de o agarrar pelos colarinhos. Toda aquela sarcástica elegância está a deixá-lo fora de si, já para não mencionar aquela sua cara de gozo.

- Pergunto-me: Saberás quem és? - reforça, lançando novamente um sorriso desafiador.

Henrique deixa então a raiva para se entregar à incógnita. Algo lhe diz que se irá surpreender com o rumo da conversa.

- Eu sei muito bem quem és, Henrique. Sempre soube! Ainda não tinhas nascido, e já eu te esperava! – conta, largando mistério no seu discurso. – Mas... - suspira – Na hora errada, alguém decidiu atrever-se a afastar-te do destino que para ti eu tinha preparado, há muito tempo atrás... - acrescenta.

(Henrique) – Quem és tu? – insiste, conseguindo recuperar o tom natural da sua voz, e emitindo tal pergunta de forma impaciente e incontestável.

Vendo através do olhar, da voz, de toda uma atitude rebelde de Henrique, a exigência inegável de resposta, o vampiro dirige-se hábil e pacientemente para a sua frente. Aproximando-se e olhando-o nos olhos, assumindo uma postura infernal, responde.

- O meu nome é Joseph! Joseph Morgan!

Já em casa e, claramente longe de nesse dia marcar presença na Universidade, Isabel consegue finalmente convencer a rapariga a comer, beber alguma água e, claro, a nem sequer atrever-se a recusar curar os ferimentos.

Apesar de tudo, Alice continua numa agonia desesperada e preocupante. Sentada no pequeno sofá da sala, com Isabel mesmo ao seu lado, é bastante difícil conseguir ouvi-la falar de si mesma e do que a leva a querer pôr fim à sua vida. Saber como se chama, é uma grande meta atingida pelo carinho e disposição de Isabel.

Afonso ajudou no que pode, afastando-se da rapariga e de todos aqueles tormentos assim que viu oportunidade, dirigindo-se ao corredor que dá para a saída do apartamento. Tal atitude

captou desde logo a atenção de Isabel, que desconfia plenamente de algum motivo grave que o leve a fugir da dor daquela rapariga.

Preocupada agora com o marido, Isabel deixa Alice por alguns momentos, notando-a muito mais à vontade. Saindo da sala e dirigindo-se também ao corredor, apanha Afonso muito pensativo, olhando fixamente os próprios olhos através do grande espelho que têm mesmo à entrada, como se neles encontrasse memórias passadas. Isabel aproxima-se, coloca uma mão ao seu ombro e questiona-o.

(Isabel) – O quê que tens? Há algum problema?

(Afonso) – Não! – responde imediatamente, trocando o seu reflexo pela imagem viva de Isabel. – Está tudo bem! – reforça.

Isabel não diz nada, mas a sua expressão esclarece Afonso, fazendo-o sentir-se na obrigação de se explicar.

(Afonso) – Ela fez-me recordar um momento menos bom da minha vida.

(Isabel) – Que momento? – insiste.

(Afonso) – Um momento em que, há muitos anos atrás, também tive ataques suicidas! – explica, observando a admiração da mulher. – É verdade! – admite. – E, por isso, faz-me confusão ver alguém agir assim...

(Isabel) – Eu vou tratar da rapariga. – informa. – Mas, mais tarde, quero saber cada pormenor dessa história! – avisa.

EPISÓDIO 13 – I Love You, Alphonzo!

Enfrentando de cabeça erguida o olhar poderoso e insensível de Joseph, Henrique evita revelar-se fraco, mesmo que estando amarrado e sem forças para atacar, dificulte a ideia.

(Henrique) – Eu não quero saber do teu nome para nada! – esclarece, demonstrando inquietação.

A paciência do jovem vampiro esgotou, tendo já percebido que está em apuros por algum absurdo motivo que ainda descobriu qual é. A sua incapacidade de contra-atacar sem ser apenas com a força das palavras, fá-lo sentir-se delicado e frágil, o que o deixa à beira da loucura, pensando que ali, naquele momento, quase deixou de poder ter a honra de ser chamado de vampiro, criaturas que sempre considerou as mais poderosas.

Joseph parece contente com toda aquela raiva e fragilidade do seu mais recente "convidado", nunca deixando de lado o seu ligeiro sorriso malévolo e postura dominadora.

(Joseph) – Não sei que mais possas querer saber! – afirma, com uma expressão ironicamente surpreendida. – A verdade é que tu e eu somos bastante parecidos! Basta repensares um pouco sobre toda a tua vida, e talvez percebas um pouco de quem sou! – completa, enquanto se afasta elegantemente do jovem, rondando pela sala. – Mas lá está! Para isso, tens de saber quem és! – sorrindo-lhe mais uma vez.

Demasiado preocupada, embora com alguém que nem conhece, Isabel decidiu perder um dia de aulas na Universidade para se dedicar a Alice. Tem sido difícil convencer a jovem de que ali, junto deles, está completamente segura e que pode confiar. Parece até que a infelicidade da rapariga é tanta que a torna quase imune ao dom de Isabel. Afonso permanece afastado, mas isso já não preocupa Isabel, por enquanto. Finalmente, conseguiu arrancar desabafos. Alice revela então um pouco da sua longa e louca história, do seu desgastante sofrimento e terrível passado, aparentemente suficientes para optar tragicamente pelo suicídio.

Ao mesmo tempo que não quer deixar Isabel sozinha naquela generosa tarefa de ajudar a rapariga, Afonso já percebeu que estar demasiado próximo também não é a melhor opção. Decide, portanto, refugiar-se no quarto. Afastado o suficiente e bastante perto caso algo inesperado ocorra.

 (\ldots)

Tudo começou numa bela noite tipicamente americana, em 1823, Alphonzo Stuart, um jovem alegre, elegante, educado e extremamente belo, juntamente com o seu irmão, Victor Stuart, igualmente esbelto e educado, mas rebelde e desobediente, foram atacados durante uma caçada. De forma estranha, ficaram de cama e com febres altas durante dias, chegando a acreditar-se que não sobreviveriam. Alphonzo foi o primeiro a reerguer-se, acreditando-se, na altura, que terá sido obra milagrosa. Contudo, o sangue estaria então alterado, assim como todas as suas células.

Uma misteriosa mulher infiltrou-se na casa da família. Elena Bathory fez crer que traria a cura para a doença dos rapazes Stuart. Na verdade, era vampira e foi ela mesma quem o atacou naquela noite, transformando-os de seguida.

Passado algum tempo, tendo então percebido que a sua nova realidade era tão simples como viver eternamente jovem e necessitando de sangue humano para sobreviver, Alphonzo quase enlouqueceu. Respeitador da fragilidade e inocência humana, amante de uma vida normal, doce e justo, Alphonzo não queria abdicar da sua vida, do seu futuro casamento, de filhos, de uma família. Quanto mais aprendia sobre si, mais se odiava. Viu-se obrigado a matar. Assistiu ao extermínio de toda a sua aldeia pelas mãos do terrível irmão, que ambicionava ser tão adorado por Elena como Alphonzo era. De forma algo desesperada, o mais novo dos rapazes Stuart iniciou a sua procura por uma qualquer absurda e supostamente inexistente cura para a imortalidade, chegando a desafiar e fugir da possessiva Elena.

Um dia, perto de dez anos após ter sofrido a mutação, Alphozo conheceu um antigo e poderoso vampiro, nas redondezas de New York, que lhe garantiu interesseiramente acesso a uma tal única e secreta cura para aquela "maldição". Dizendo chamar-se Jones, o vampiro exigiu de forma elegante e confiante um favor, em troca da tal cura.

Sem saber como, Alphonzo acreditou numa qualquer história de paixão eterna e de sobrevivência que lhe foi contada, demorando apenas um dia a decidir, e seguindo o seu até então instinto egoísta, insensível e irracional. Cerca de algumas semanas depois, estaria já a entregar essa mesma imortalidade que não queria para si mesmo, a uma jovem repleta de vivacidade e inocência.

Mary Jane Steven, uma jovem com apenas 19 anos, saudável, de uma beleza única e incrivelmente inteligente, foi a primeira cria de Alphonzo.

Mas aquela não era apenas uma insensata troca de favores. Jones não amava Mary Jane. Jones sabia apenas de um tal segredo de Mary Jane, e queria então fazê-la sofrer, enquanto a convertia aos seus secretos ideais. Jones, como dizia chamar-se, não era afinal Jones. Quando percebeu que algo estaria errado em tudo aquilo, já era demasiado tarde para Alphozo. Quando se notou o erro, já a bela Mary Jane tinha morrido, renascendo então com uns bizarros olhos dourados e assustadoras presas que se lhe ressaltavam através dos lábios carnudos e muito encarnados.

Depois de alguns dias a treiná-la, a adorá-la tanto como quem implora discretamente perdão, fingindo que nada obscuro tinha descoberto, Alphonzo ignorou o perigo, o destino e o medo, fugindo com Mary Jane para bem longe e onde esta se sentisse segura e familiarizada. Alphonzo estaria apaixonado, apreciando a inocência de Mary e vendo nela todas as perfeições que, até então, nunca tinha visto numa mulher.

Mesmo estando em Oxford, com um oceano imenso servindo de barreira, Alphonzo tinha facilmente conhecimento sobre o ódio e despeito que, o suposto Jones, acumulava em relação a si. Contudo, o jovem estão pela primeira vez tão apaixonado, encontrando em Mary Jane uma razão para viver suportando a imortalidade, que permaneceu ignorando tudo o resto.

Sete anos passaram e nunca, desde que tinha sido transformado, Alphonzo teria sido tão feliz. O sentimento de ódio e culpa por si mesmo quase tinham desaparecido graças à generosidade, elegância, amor e beleza que emanavam em Mary. O passado, porém, continuava a não estar resolvido e o reencontro deu-se quando menos Alphonzo esperava.

Joseph descobriu-os. Vigiou-os discretamente durante dias. Com o seu grupo cada vez maior, pela calada da noite, capturou ambos os jovens vampiros. Numa secreta masmorra, amarrou Alphonzo e torturou-o terrivelmente. Jones, como quis continuar a ser conhecido, fez questão de contar a verdade sobre a suspeita transformação e troca de favores que a envolveu. Mary sentiu-se usada e enganada mas, ainda assim, afirmou não conseguir odiar Alphonzo. Jones insistiu e preferiu perder mais uma aliada, a deixar Alphonzo sem uma vingança.

("Jones") – I know you! And I believe that, if you love her that much, you certainly don't want her to live just like you... Convicted to that immortality curse! – Eu conheço-te! E acredito que se a amas assim tanto, certamente não queres que ela vive tal como tu... Condenado a essa maldição da imortalidade! – afirmou, com o seu sotaque elegante notoriamente inglês, provovando-o e insinuando claramente o que viria a fazer.

Alphozo desesperou no exacto momento em que o ouviu, prevendo instintivamente a morte da primeira mulher que amou. As lágrimas de sangue caíram-lhe, incontroláveis.

 (\ldots)

Isabel veio agora esclarecer a preocupação do marido, depois de ter descoberto quais os tormentos de Alice, acalmando-o com o seu poderoso dom de controlar as emoções de outrem,

oferecendo-lhe estadia. No colo de Isabel, segura e sentindo-se um pouco amada, ainda que por alguém que nem conhece, Alice adormeceu.

No quarto, Afonso ganhou coragem e recordou cada momento que viveu no início da sua vida como vampiro, explicando a impressão que lhe faz ver alguém tentar suicidar-se.

(Afonso) – Foi horrível! Ainda consigo lembrar-me das últimas palavras dela... Da voz... Esse tal Jones matou-a mesmo à minha frente, sem piedade!

(...)

Parecia um pesadelo, do qual, mesmo sabendo que enquanto vampiro não havia possibilidade de estar a dormir, queria acordar. As últimas palavras de Mary Jane foram claras, e repletas de uma saudade que estaria para vir, de um amor que acabaria em breve, de um medo puro de morrer.

(Mary) – I love you, Alphonzo! – Amo-te, Alphonzo! – gritou, temendo não ter tempo de o proferir antes de morrer.

Rápidos instantes depois, já o perfeito corpo de Mary se tinha transformado numa dura e pesada estátua de pedra. Alphonzo chorou, gritou por ajuda, provocou e ameaçou Jones. Implorou que o matassem também. Assim passaram cinco dolorosos e traumáticos anos, em que Alphonzo permaneceu ali preso, fraco e sedento, implorando pela própria morte. Cada vez que alguém aparecia, fazia-o com um sorriso trocista e malévolo, obrigando-o a beber sangue suficiente para que não morresse, medido exactamente para que também não fortalecesse. Alphonzo não vivia, nem morria.

(...)

Isabel ouve a história contada na primeira pessoa. Aproxima-se do marido e encosta a cabeça no seu ombro, abraçando-o enquanto continua a ouvi-lo.

(Isabel) – Que tipo de monstro é capaz de disso? – questiona-se, fragilizada.

(Afonso) – Alguém com sede de vingança! Alguém a quem a vida não foi o que deveria ser! – suspira – Ele era uma pessoa horrível, sim, mas percebi, mais tarde, que o era devido ao seu único ponto fraco!

(Isabel) – E qual era?

(Afonso) – Medo de ser o único! Medo de ficar sozinho e de não ser amado! O seu medo era tão grande como o grupo que vinha a organizar há séculos! – sorri – Esta rapariga fez-me recordas coisas... - comenta, referindo-se a Alice.

(...)

Por essa altura, já Elena desesperava loucamente, procurando por Alphonzo, a sua amada e adorada cria, que afirmava ser sua, não admitindo que mais ninguém se aproximasse. Astuta e guerreira ágil, Elena descobriu o paradeiro de Alphonzo.

De alguma forma que o jovem vampiro não soube explicar, Elena libertou-o, derrotando a razão e o poder que Jones detinha sobre ele, garantindo também que este nunca mais iria ao encontro do jovem.

Verdadeiramente traumatizado com o que sofreu às mãos de Jones, ainda em sofrimento pela morte de Mary Jane, e incondicionalmente preso à cruel e possessiva Elena Bathory, Alphonzo continuou com o seu desejo de morrer. Durante anos, tremendos e desgastantes anos para Elena, Alphonzo tentou o suicídio centenas de vezes, e das mais variadas, loucas e impossíveis formas.

(...)

(Isabel) – Agora percebo! Tu sentiste-te tal como aquela rapariga... - abraça-o ainda mais, pensando – Mas como é que sobreviveste a isso? – questiona, curiosa e ansiando pelo final feliz.

(Afonso) – Conheci uma vampira!

(Isabel) – Ai... - erguendo a cabeça, prevendo a segunda história de uma outra louca paixão passada do marido. – Quem é ela?

(Afonso) – A Elena partiu comigo para França, achando que se me afastasse de Oxford, eu suportaria melhor tudo o que aconteceu...

(Isabel) – interrompe – Não foi isso que eu perguntei!

(Afonso) – Estávamos em Paris, no ano de 1848, quando conheci *Beatrix Manon*, totalmente diferente de Mary, era poderosa e desafiadora, mas igualmente bonita e inteligente! – admite, acrescentando algum *suspense*, para provocar ainda mais ansiedade em Isabel.

(Isabel) – Quem? – insiste, numa voz de quem rebaixa a importância que aquela tal *Beatrix*, que acha não conhecer, possa ter.

(Afonso) – A Beatriz! – sorrindo, apreciando a curiosidade e surpresa de Isabel.

EPISÓDIO 14 – Tu e Alphonzo Stuart!

Ao mesmo tempo que, bem nas profundezas de tanta curiosidade, agradece por não ter que tomar conhecimento sobre mais alguma paixão avassaladora do passado do marido, Isabel desilude-se. Afinal, estava a alimentar todo um mistério e receio em volta da identidade da tal Beatrix Manon e sobre o que terá ela significado para Afonso na época, para vir a descobrir que essa "ameaça" é apenas a amiga fiel e presente de longa data.

(Isabel) – A Beatriz... – murmura, receando não ter qualquer comentário para fazer.

(Afonso) – Sim! – confirma – A Beatriz! – repete, imitando o ar monótono de Isabel. – Ela foi uma excelente ajuda, na altura! – completa.

(Isabel) – Foi? Que bom! – comenta, continuando sem saber como dar desenvolvimento à conversa.

(Afonso) – Foi ela que me ensinou a controlar o ódio que tinha de mim mesmo, a resistir ao sangue humano, a habituar-me à ideia de que era vampiro e isso não ia mudar! – recorda, com agradecimento. – E também me afastou muito da influência da Helena! – esclarece, sentindo o dever de deixar claro o respeito e admiração que deposita em Beatriz. – Ela tornou-se rapidamente a minha melhor amiga, em todos os momentos! – termina.

(Isabel) – Já percebi que sim! – sorri – E estou a ver que é a ela que devo agradecer pelo facto de estares aqui! Vivo! – conclui, sentindo-se à vontade com tal situação.

Envolvendo carinhosamente a mulher junto a si, Afonso garante, com alguns beijos apaixonados e abraços longos, e tendo percebido as sensações da jovem anteriormente, que nenhuma paixão passada, jamais!, intervirá no amor puro que por ela sente, desde o primeiro minuto.

Por momentos, Isabel chega a sentir-se loucamente insuportável, estúpida até, pela simples razão de lhe terem passado algumas amostras de ciúme e receio de todo um passado, que de passado não passa, pela cabeça.

Acariciando-lhe os cabelos longos, Afonso encosta-a contra si, murmurando-lhe ao ouvido um tão simples, sincero, puro e forte "Amo-te".

Vânia acaba de chegar à casa dos "Azevedo", e já procurou o criador por todas as divisões, aclamando até o seu nome várias vezes, e... nada! A jovem vampira começa então a desconfiar, ou de algum tipo de desencontro, ou de algo extremamente grave que possa ter acontecido.

(Vânia) – Mas como? Como é que é possível? – resmunga, sozinha. – Já estive no bar. No hotel, também. – enumera, recordando todos os lugares por onde passou já naquele dia. – E agora, estou aqui!

Dirige-se então à sala, senta-se no sofá mais próximo e decide, mais uma vez, agarrar no telemóvel para voltar a tentar contactá-lo. Mas nada!

(Vânia) – Possa! – rabuja mais uma vez, depois de várias tentativas falhadas. – Não atende e não está em lado nenhum! – insiste. – E eu aqui... a falar sozinha! Realmente...

Completamente desconfiada com tal desaparecimento súbito e inexplicável, acreditando não ser apenas um simples desencontro, e que Henrique não desaparece por acaso, Vânia insiste em procurá-lo. Persistente, e mesmo tendo conhecimento sobre o perigo que possa haver lá fora, a jovem vampira sai rapidamente de casa, dirigindo-se convictamente para a serra.

Tenta não afastar-se muito das áreas consideradas mais seguras e, mesmo assim, foi fácil encontrar rapidamente provas estranhamente violentas de que algo está realmente errado, mesmo não tendo a certeza se Henrique está envolvido. Arrisca, avançando mais um pouco, acabando por deparar-se com algumas extraordinárias mudanças da própria natureza. Pequenas pedrinhas, quase desfeitas, reduzidas a areia, ocupam o lugar onde antes e naturalmente estariam enormes calhaus.

(Vânia) – Mas que coisa esquisita vem a ser esta?! – comenta para si mesma, surpreendida.

Enquanto vagueia mais um pouco, muito atenta ao que se passa e seu redor, tropeça, assustando-se, num telemóvel que toca, repentinamente, mesmo junto aos seus pés, embrulhado já em alguma terra. Familiarizada aquele tom de toque, Vânia apressa-se a agarrar no objecto, acabando por reconhecer também o nome da pessoa que chama.

```
(Vânia) – Beatriz?! – atende.
```

Finalmente, a líder sentiu uma necessidade imensa de esclarecer tudo com Henrique, acontecesse o que tivesse que acontecer. Contudo, termina perplexa, ao ouvir outra voz que não a dele, do outro lado.

(Beatriz) – Vânia?! – O quê que fazes com o...? – não termina, reflectindo. – Pois! Ele não quer falar comigo, não é? – questiona, com algum receio da resposta que virá.

(Vânia) – O quê? – sem entender o sentido da pergunta. – Não! – pensa – Quero dizer: não é isso!

(Beatriz) – Então...? – insiste, desconfiando já do tom de voz meio nervoso da rapariga. – Aconteceu alguma coisa? – prevê.

(Vânia) – Não sei! É esse o problema!

(Beatriz) - Como assim?

(Vânia) – respira fundo, preparando-se para admitir o seu receio. – Beatriz, ouve, eu acho que o Henrique desapareceu! Ele não está em lado nenhum e...

Beatriz interrompe-lhe as ideias, exigindo calma e clareza. Sucintamente, Vânia explica-se, contando o que sabe e o que acha que possa estar a acontecer a Beatriz. Esta, que no fundo ainda não deve ter caído bem na realidade, tenta manter-se o mais calma e racional possível, exigindo que Vânia vá imediatamente para um local seguro e que avise a "família" sobre o sucedido.

Quando desliga a chamada, Beatriz ergue-se de um dos bancos do jardim do colégio, perplexa e confusa com o que acabou de ouvir. A vampira percebeu tudo, mas sente que não quer perceber. No fundo, evita acreditar na realidade, seguindo o mais rápido que consegue para junto da família e com uma imensa esperança de, subitamente, ver Henrique lá.

Ainda naquele péssimo lugar que acha ser um cubículo exageradamente esbranquiçado, Henrique não deixa de acreditar na possibilidade de alguém estar já à sua procura. Contudo, evitar deixar-se fragilizar com tal crença e, mesmo ainda inexplicavelmente fraco, enfrenta massivamente Joseph, exigindo-lhe explicações.

(Henrique) – Mas o quê que queres de mim, afinal!

(Joseph) – Eu? Nada! – sorrindo - Só quero dar-te a vida que mereces! – afirma, provocativamente.

(Henrique) – Mas qual vida? Tu e eu não temos nada a ver um com o outro! Deixa-me em paz e volta para o manicómio de onde saíste! – insiste, tentando dar-lhe a volta ao discurso.

(Joseph) – Calma aí, rapazinho! – ameaça, num sotaque britânico incrivelmente exagerado. – Louco aqui, és tu! Tu já percebeste muito bem porque te tenho aqui! – afirma, convicto. – Até podes não saber nada sobre mim, mas já percebeste muito bem de que história estou para aqui a falar!

(Henrique) – E em quê que isso contribui para minha vida? – goza, mostrando-se pouco interessado em prosseguir com tais histórias.

(Joseph) – Não fujas à conversa! Admite! – exige – Admite que já percebeste do que estamos a falar!

(Henrique) – Sim, já percebi! Mas passado, é passado! – cede – E eu não quero ter nada a ver com o meu próprio... Já que nem o conhecia! – esclarece.

Joseph sorri malevolamente, tendo conseguido avançar ainda mais no controle daquela situação. Henrique já não suporta aqueles trejeitos de elegância, por isso, prossegue, tentando recuperar a conversa.

(Henrique) – Mas ainda não percebi porquê que me estás a fazer isto! – afirma. – O quê que te trouxe até aqui? – questiona. – Duvido que estejas a ter tanto trabalho só por mim... - conclui, retribuindo com o seu melhor e mais provocador olhar.

(Joseph) – Sabes?! Eu nunca deixo nada por terminar! – volta a sorrir e, vagueando mais um pouco pela sala, revela de boa vontade, como forma de o poder assustar ainda mais! – Foram dois os motivos! Tu e Alphonzo Stuart!

EPISÓDIO 15 – FEITO

Por breves segundos, pára para pensar, sentindo que até para isso está demasiado fraco e lento. A possibilidade de Afonso ter também um passado que desconhece vem-lhe à ideia. No entanto, tal parece-lhe uma ideia disparatada.

(Henrique) – O Afonso...?! Mas o quê que ele possa ter a ver contigo...? – questiona, quase sem se ouvir a si mesmo. – Nem eu, nem o Afonso... Não temos nada a ver contigo! – insiste, nervoso por estar a perder cada vez mais o controlo dos seus sentidos e esgotando qualquer esperança de que tudo não passa de uma pequena confusão.

(Joseph) – Isso é o que tu pensas! – sorri, ingerindo o último gole da sua bebida. - Ou melhor! É aquilo em que queres acreditar!

(Henrique) – Tu não vais fazer mal ao Afonso! – afirma, com grande esforço para elevar o tom de voz.

(Joseph) – Já fiz! – garante.

Farto de conversas, e já sem plano para introduzir o verdadeiro motivo porque capturou aquele jovem destemido e insistente vampiro, Joseph pousa o copo já vazio, movendo-se calma e elegantemente até à porta, abrindo-se. Antes de sair, volta a fitar Henrique, provocando-o com um simples olhar de génio maligno.

(Joseph) – Tal como já disse: Nunca deixo nada por terminar! – ultima. – Nem mesmo uma pequena insignificante vingança do passado... - murmura, direccionando-se para o exterior e fechando a porta.

Henrique vê-o afastar-se, e tudo volta a ser simplesmente uma parede branca, com uma porta também enervantemente branca à sua frente. Ansiando por respostas e desejando desesperadamente por liberdade, o jovem enfurece-se ao perceber que todo o esforço foi pouco para ouvir as últimas palavras de Joseph.

Henrique sente que está definitivamente a perder as suas capacidades sobrenaturais. Não tem qualquer força para, no mínimo, tentar libertar-se; Não sente as correntes de prata queimarem-lhe a pele, de tão esturrada que já está; A sua visão está inexplicavelmente cansada e aquelas paredes não ajudam nesse aspecto; E ouve cada vez menos... Tenta acalmar-se, parecendo-lhe que talvez quanto menos impaciente e enraivado estiver, melhor.

Nunca pensou nessa possibilidade, mas a verdade é que se está a sentir velho, como se a idade que tem enquanto vampiro, lhe pesasse tal como se fosse um simples, vulnerável e idoso humano.

No instante em que se distrai com a velhice, aquela porta volta a abrir, mesmo à sua frente. Várias pessoas entram, mas são demasiado rápidos e ágeis para que a visão e raciocínio de Henrique os acompanhe. Depois, apenas sente algo extremamente frio e pontiagudo atravessar-lhe a pele no pescoço. Mas quanto a isso, Henrique percebeu rapidamente que iria entrar noutro sono profundo e talvez, espera ele, acordar no num sítio melhor ou, pelo menos, que não seja exageradamente branco.

Supostamente dormindo descansada num confortável sofá do acolhedor apartamento de Afonso e Isabel, assim que se sente totalmente sozinha, Alice abre os olhos.

Algo nervosa e ainda assustada, toda ela estremecendo, a jovem ergue-se silenciosamente, sentando-se e observando, com alguma incredulidade e rancor de si mesma, aqueles cortes horríveis de que foi capaz de fazer.

Assusta-se maquinalmente ao sentir o vibrar do seu telemóvel no bolso das calças. Fica ainda mais em pânico com o nome que vê aparecer no ecrã, respondendo com bastante dificuldade à mensagem, devido ao tremer insuportável das suas mãos.

FEITO

- responde.

(Isabel) – Está tudo bem? – questiona, preocupada por senti-la novamente assustada e perdida.

Alice dá mais um salto no sofá, respirando tremulamente e mostrando-se assustar-se com facilidade.

Afonso e Isabel regressaram juntos, e não esperavam vê-la já acordada.

(Alice) – Sim! – suspira. – Mais ou menos! – levanta-se, esforçando-se para se equilibrar nas suas pernas bambas. – Obrigado por tudo, mas eu não posso ficar aqui! – apressa-se em direcção ao hall de entrada, para sair dali.

(Afonso) – Porque não? – questiona, desconfiando imediatamente sobre tal súbita mudança de planos e todo aquele pânico da jovem.

(Alice) – Porque vocês não me conhecem! Eu não vos conheço! Estou a incomodar-vos! – insiste – E posso vir a dar-vos problemas... - conclui, com uma voz trémula e uma sinceridade convincente.

A jovem nem lhes dá tempo para se manifestarem, saindo porta fora. Desce rapidamente as escadas do prédio e chega à rua num pranto, refugiando-se no sítio mais discreto e escondido possível.

Isabel fica perplexa. Afonso desconfia daquela reacção, notando perspicazmente que ali há algo por explicar. Entreolham-lhe e combinam não intrometer-se mais na vida da rapariga. Contudo, alguns minutos depois, Isabel insiste no assunto.

(Isabel) – A miúda estava em pânico! Fiquei preocupada! – explica.

(Afonso) – Para ser sincero, tanto pânico deixou-se curioso! – admite.

(Isabel) – Também a mim! Vamos, no mínimo, ficar atentos, pode ser? – pede.

Afonso insiste em tenta convence-la de que a rapariga pode mesmo vir a dar problemas, mas Isabel mostra que só se sente descansada se souber como ajudar a rapariga. Afonso não consegue negar-lhe a oportunidade.

Beatriz é a última a chegar ao "Rouge Hotel". Todo um turbilhão de sentimentos a está a assombrar, desde culpa e negação, passando pelo desespero e pela esperança de que tudo não

passa de um mal-entendido. Alimentando mais a esperança do que os restantes, a vampira deu já inúmeras, rápidas e ansiosas voltas pela serra, esperando encontrar alguém ou simplesmente adiando as certezas sobre o desaparecimento desse alguém.

Assim que entra no hotel, algo esgotado e ainda procurando por alguma presença, é rapidamente abordada pelos olhares preocupados ali já presentes. A "família" está ali quase toda, só falta mesmo Afonso, Isabel e, para sua profunda desilusão, Henrique.

```
(Beatriz) – Calculo que já saibam...
```

(Vânia) – Sim! Eu expliquei tudo! – assegura.

(Pedro) – O que planeias fazer? – questiona, erguendo-se agilmente do cadeirão onde estava sentado e mostrando-se pronto para fazer o que for preciso.

A líder respira fundo, pensa, e faz tudo para esquecer qualquer sentimento de desespero e saudade, escondendo-se da própria realidade através da razão.

```
(Beatriz) – Procurá-lo! E encontrá-lo!
```

(Francisca) – Já tens um plano de busca?

(Beatriz) – Eu fico a sul! Tu e a Vânia vão para norte! – avisa Francisca. – Luna, tu ficas com o Vasco, procurem no centro da serra! – conclui.

```
(Pedro) – Ok! E tu ficas comigo, não é?
```

(Beatriz) – Não! Eu vou sozinha! – esclarece.

(Luna) – Sozinha? Não sei se é boa ideia...

(Pedro) – E eu? Faço o quê?

(Beatriz) – Pedro, tu és humano, ficas melhor aqui! – insiste. – Se demorar-mos mais do que uma hora, ficas encarregue de avisar o resto da comunidade! – ordena.

Pedro sentiu-se desvalorizado por breves momentos, no entanto, acaba por entender que a tarefa que lhe foi entregue é também importante.

Beatriz não perde qualquer tempo, dando alguns conselhos e recebendo outros. Depois, os cinco dirigem ao exterior, mas antes de partirem, e reparando na calma sufocante da líder, questionam-na.

(Francisca) – Beatriz, tu estás bem? – tal pergunta pareceu-lhe absurda, mas a atitude de Beatriz também não é nada normal.

(Beatriz) – Alguém desapareceu e, provavelmente, por minha culpa... Como é que achas que me estou a sentir? – depois de responder, tentando fazê-lo sem qualquer indicio de medo ou pranto, é a primeira a deixar o local.

(Luna) – Ela ainda não acredita! – explica, tendo sido a única a perceber o que vai na alma de Beatriz. – Não acredita que isto é realidade!

(Francisca) – Sinceramente, eu também ainda não acredito! – admite.

(Vasco) – Vamos embora! Temos um rebelde para procurar! – incentiva, referindo-se a Henrique.

EPISÓDIO 16 – Nós merecemos a glória!

Está a anoitecer, e Sintra torna-se sempre mais bela e impressionante nas horas crepusculares, deixando o mistério pairar e os segredos da noite reerguerem-se ao luar. Porém, nesta noite, tal como em muitas outras, é invadida por seres magnificamente rápidos e ágeis, tornando-se demasiado indesejável para alguns.

A frescura suave da noite que se avizinha e a leve brisa que acalma o calor que se fez sentir durante horas, contrastam ironicamente com a frieza do desespero e da dor do sentimento de perda que se faz notar.

Passada quase uma hora, e aliviando a tensão e curiosidade sentida por Pedro durante eternos minutos, Francisca e Vânia são as primeiras a chegar ao "Rouge Hotel".

- Nada! - informam em coro, desanimadas, mas com esperança de ouvir ali o contrário.

Chega então Beatriz, com uma calma aterradora e um total silêncio. Olha para os que ali estão e, sem se pronunciar, entende e dá a entender o mesmo. Nada.

(Pedro) – com o generoso intuito de aliviar o peso desgastante da situação. – Vamos ter calma! Ainda falta a Luna e o Vasco... Talvez eles...

Pedro é interrompido pela chegada rápida e barulhenta da dupla que falta. Luna, claramente horrorizada, faz-se seguir por Vasco, receoso por trazer notícias, más por sinal.

(Beatriz) – Então? – pergunta, num tom de murmúrio. – Eu poderia ouvir os vossos pensamentos... - admite. – Mas prefiro que me digam! Força! – insiste, prevendo maldade no que ambos possam ter descoberto.

(Vasco) – É complicado... e algo sinistro... - começa, procurando as palavras certas para contar o errado.

(Luna) – Eu mostro! – interrompe, acreditando que será melhor uma visão do que uma explicação. – Vê! – estendendo delicadamente a mão.

Beatriz não sabe o que esperar. Simplesmente sabe que tudo e qualquer coisa deve ser esperado. Aproxima-se de Luna e, entendendo e de alguma forma surpreendente ela lhe mostrará o que viu, estende-lhe também a mão.

Uma velha parede, fria, húmida e musgosa, a réstia de alguma antiga casa ali construída, bem no centro da serra. Manchas de sangue, do tamanho da palma de uma mão, formam ágil e sombriamente a já tão odiada palavra "TOD".

Beatriz liberta-se repentinamente da mão de Luna, deixando claro que não quer nem precisa de ver mais.

(Luna) – Desculpa! Achei que seria melhor veres...

(Beatriz) – É o que eu estou a pensar? – pergunta, sem cruzar olhares com nenhum dos presentes e num auto-controlo máximo.

(Vasco) – Não sei como nem porque o fizeram mas... Sim, o sangue era do Henrique! Ainda tinha o odor.

(Vânia) – E havia mais algum rasto? Temos de ir para lá, talvez haja mais...

(Vasco) – Se havia, já desapareceu! – garante. – Aquela marca já lá deve estar há quase um dia, e foi feita para nos manter longe, de certeza!

(Beatriz) – Longe é que eu não fico! – avisa.

(Luna) – Eu tenho a certeza que o Henrique ainda está bem! Eu sinto... - afirma, como se o previsse.

(Beatriz) – Avisem o Afonso e a Isabel! – pede. – Eles que voltem! – diz, dirigindo-se à saída. – E não é um pedido, é uma ordem! – completa, assegurando-se que o casal regressará a Sintra.

(Pedro) – Isto está a tornar-se complicado... - comenta.

Francisca é a primeira a reagir após a saída da líder. Luna, por sua vez, pede-lhe para ser ela a falar com os pais, como forma de garantir-lhes previamente que está segura.

Ambos falam com Luna, cada um na sua vez, mas ambas decidem o mesmo simultaneamente.

- Nós vamos já para aí! – avisam.

Afonso não pensa em mais nada senão em voltar, nem que seja apenas para garantir que Luna continua forte e intacta. Isabel apressa-se a fazer as malas, esquecendo os deveres de universitária e praguejando sobre qual será o objectivo do perigo e dos problemas. Entre toda a agitação, Isabel fraqueja, recostando-se no sofá e concluindo que o mundo nunca terá paz. Afonso não hesita em sentar-se junto dela, abraçando-a protectoramente e garantindo que tudo se vai resolver, tal como sempre se resolveu.

(Isabel) – Já percebi qual é o problema da imortalidade! – admite. – A paz eterna não existe para a acompanhar!

(Afonso) – É verdade! – confirma. – Mas sabes o que descobri sobre os imortais?

(Isabel) - O quê?

(Afonso) – São os únicos capazes de amar tão incondicionalmente e eternamente, ao ponto de não deixarem de acreditar na paz!

Isabel ergue-se, sentindo repentinamente alguma força super dentro de si. Afonso olha-a com carinho, temendo mais uma vez que o seu amor seja a sua perdição e não resistindo em tocar-lhe nas faces, seguindo os cabelos. Isabel encara-o, olha-o profundamente e, aceitando altivamente a última afirmação do marido...

(Isabel) – Então vamos lutar! – afirma, respirando fundo como se recarregasse energia. - Custe o que custar! – sorri. – Nós merecemos a glória!

(Afonso) – Eu amo-te tanto! – garante, atacando Isabel com um beijo doce e inesperado. - Nós vamos ultrapassar isto! E depois... - sorri. – Podemos sempre casar outra vez! – propõe.

(Isabel) – Vamos embora! – agarrando nas bagagens improvisadas e dirigindo-se ao hall de entrada. – Temos um problema para resolver, uma filha para proteger e um segundo casamento para organizar!

Beatriz, contrariando-se a si mesmo, faz exactamente o oposto daquilo que ordenou a todos. Exigindo, no hotel, que todos se mantivessem em locais seguros e sempre com companhia, a vampira segue depois, sozinha, sem qualquer justificação e pelo caminho da serra, até casa. Antes de chegar, distribuiu a mesma mensagem pela comunidade inteira, anunciando ainda um consílio urgente para aquela mesma noite. Na sua passagem pelo "Bloody Mary", onde pode finalmente encontrar Joel, Daniela e até Verónica, depois de exigir que não voltem a afastar-se durante tanto tempo (que na verdade não foi assim tanto...), nega então a companhia da sua mais recente cria, impondo a sua vontade de estar sozinha.

Solitária, quase num inconsciente isolamento total, Beatriz fecha-se no seu quarto. Fica durante longos minutos calada, quieta, deitada no sofá ao canto e observando a Lua através de uma janela ampla, mesmo à sua frente. Mas a realidade persiste e, subitamente, numa mistura de raiva e dúvida, até mesmo uma vampira poderosa pode fraquejar, largando-se num pranto. Culpa-se constantemente por tudo. Pela verdade, pela mentira, pela ignorância...

Deixando Henrique à mercê das ordens que deu ao seu grupo de aliados, Joseph espera agora pacientemente a chegada de alguém. Elegantemente sentado num banco de jardim, magnífico

esse jardim que ladeia uma luxuosa mas discreta mansão, exageradamente branca, decorada a mármore. A mansão está situada num campo imenso, rodeado de floresta densa. Poucos saberão que existe.

Altivamente elegante, Joseph vê os portões abrirem mesma à sua frente. Um pequeno e discreto carro preto aproxima-se, entrando com vagar. O vampiro sorri, sentindo o medo, o receio de quem o conduz.

(Joseph) – Bem-vinda sejas, meu anjo! – saúda simpaticamente, mas com uma voz ironicamente malévola.

Uma rapariga jovem, algo trémula e frágil sai do carro. Ao contrário do que seria normal após um dia de calor e durante uma noite também quente, apesar das brisas constantes, ela veste uma camisola com mangas compridas, tapando-lhe até os pulsos. Os seus cabelos pretos e longos, estão estrategicamente atados de lado. Embora convicta, não consegue mesmo assim esconder o medo profundo que se nota no seu olhar, de um castanho de avelã único.

(Joseph) – Que novidades me trazes, jovem? – questiona, tentando soar gentil e segurando-lhe imediatamente a mão para a beijar como um cavalheiro.

- Trago-te a localização exacta da casa. – diz, entregando-lhe um pequeno papel que treme ao sabor da fragilidade de quem o segura. – E isto. – prossegue, segurando cuidadosamente noutro papel, especialmente bem conservado e com a marca carimbada de algumas chaves.

(Joseph) – Muito bem... Isto até que pode ser útil!

- Também tenho... - interrompendo-se para lhe mostrar uma fotografia que tirou com o telemóvel.

(Joseph) – É quem eu estou a pensar? – questiona, com um sorriso satisfeito. – Nunca a vi tão de perto, nem com tanto pormenor... - agarra no telemóvel. – Deve ser ainda mais bela ao vivo.

- E poderosa também! – lembra, temendo ter feito um comentário pouco agradável.

(Joseph) – Nada que não se resolva!

- Luna! – diz, olhando-o tremulamente. – É o nome dela. – termina.

EPISÓDIO 17 – Não pensem que vão longe!

Joseph volta a encarar a jovem, fitando-a com um olhar satisfeito combinado a um sorriso comprometedor. Ela tenta retribuir as mesmas expressões mas sem nunca deixar de tremelicar, havendo sinais involuntários de medo até no ritmo da sua respiração e das suas palavras.

(Joseph) – És incrivelmente bonita, querida... - comenta, apreciando-lhe essencialmente o negro brilhante dos seus cabelos. – Podes ir! – afirma, mantendo o seu sorriso irresistível, mas olhando-a como se ela ali estivesse a mais.

- E o nosso acordo? – questiona, indignada. – Estou farta de esperar! - resmunga, insistindo e mostrando-se cansada o suficiente ao ponto de esconder o medo atrás da indignação.

(Joseph) – Qual é mesmo o teu nome, *sweetheart*? – questiona, investindo no seu aterrador e sedutor sotaque britânico.

- Alice!

(Joseph) – Alice. – diz, contemplando-a com elegância e voltando a aproximar-se, beijando-lhe a mão em sinal de despedida. – Posso assegurar que o cumprirei em breve. – garante.

O vampiro vira-lhe as costas, deixando-a com uma postura altiva e serena, abandonando o jardim sem deixar rasto.

Alice fica por sua conta, resmungando murmúrios e baloiçando-se irritada de um lado para o outro, até que decide entrar no carro e sair dali.

Henrique volta a acordar. Por alguma razão acreditou que isso voltaria a acontecer e, esperançosamente, que isso seria noutro qualquer lugar que não aquela sala extravagantemente branca, fechada e vazia.

Assim que abre os olhos, notando-os inexplicavelmente menos cansados, Henrique percebe que, não só está num local muito mais apropriado para vampiros, como tem companhia.

(Henrique) – Vocês são...? – contando ali cinco vampiros, observando-os e relembrando a noticia que viu sobre o desaparecimento misterioso de cinco.

Naquilo que parece ser uma cave, escura e fria, com pouca luz, mas igualmente vazia como a outra sala, estão agora seis vampiros. Todos diferentes em vários aspectos mas nas mesmas tristes condições. Sedentos, fracos, terrivelmente torturados e de pulsos amarrados a uma corrente de prata contínua ao longo da parede. Entre tantas observações, Henrique chega até descobrir em si ainda mais feridas, em especial um corte profundo ao longo do seu braço esquerdo, no qual nem tinha reparado caso já lá estivesse.

- Mais um? comenta a única mulher ali presa, que mesmo suja e ferida, é naturalmente bela.
- Bem-vindo ao inferno, amigo! felicita ironicamente, sorrindo com pouca vontade e sem forças.

Henrique já tinha percebido claramente que estava em sarilhos, ainda que não saiba exactamente porquê, mas ainda nunca tinha pensado na palavra "inferno". E ouvindo-a ecoar na voz fraca e cansada daquela mulher e no seu português perfeito, "inferno" torna-se mais assustador do que devia. Permanece calado, alimentando o mistério, recuperando-se e observando cada pormenor do espaço.

Na cripta o consílio urgente foi rápido, calmo e sem enganos. Beatriz fez questão de reunir todos os membros da comunidade sobrenatural de Sintra, mesmo sendo à última da hora. Afonso e Isabel foram rápidos na estrada, abandonando Coimbra sem pensar duas vezes e regressando a tempo da reunião.

Várias informações, ideias, conselhos foram trocados entre todos. Discutiu-se imenso sobre o desaparecimento de Henrique e a possível ligação com os outros cinco vampiros desaparecidos, concluindo-se apenas que a líder foi sem dúvida a última pessoa a estar com o jovem vampiro. De qualquer forma, no final todos se mostraram dispostos a contribuir para as buscas e a lutar caso seja necessário.

Após a reunião, saíram todos da cripta, voltando cada um às suas vidas conforme possam. Isto é, ao contrário de Francisca, Afonso e Joel. Calados, imitando o aterrorizador silêncio de Beatriz, ficam ali por alguns instantes, esperando algum desabafo.

(Beatriz) – O que foi? – questiona, sentada melancolicamente no seu cadeirão de líder e sentindo-se constrangedoramente observada. – Podem ir! - insiste, esperando pela saída dos três.

(Francisca) - Tu não estás sozinha, Beatriz...

(Beatriz) – Eu sei... - comenta, temendo a continuação da conversa.

(Afonso) – Ouvi dizer que ainda não abriste a boca sobre o que sentes... - conta.

(Beatriz) – Nem tenho que o fazer! – interrompe, esclarecendo surpreendida.

(Joel) – Sabes que podes confiar em nós! Escusas de manter essa postura forte de líder!

(Afonso) – Seria bom se falasses connosco! – insiste.

(Beatriz) – As minhas únicas prioridades neste momento são: encontrar o Henrique e proteger esta comunidade! – diz, convicta. – E não vou perder em nenhuma! – garante.

Obrigados, pelo olhar descontente e rígido de Beatriz, a sair, os três deixam-na sozinha com algum receio, percebendo que dela não obterão qualquer reacção tão cedo como seria suposto.

Mas ainda antes de ir para casa, descontrair e fortalecer-se para o que quer que possa vir a surpreender, Afonso insiste em tentar fazer algo mais por si e pela sua família.

Determinado, Afonso segue para a serra, consciencializando-se para ser o mais silencioso, cuidadoso e discreto possível, procurando por alguma qualquer milagrosa pista, algum rasto, alguém até.

Achava-se sozinho, até perceber que tem a misteriosa companhia de três vampiros. Ou três sombras de vampiro! Mascarados com lenços pretos que lhes envolvem as faces deixando apenas os olhos a descoberto, fazendo lembrar *Burkas*, os três rondam por ali, rápidos e silenciosos. Afonso não percebe se eles realmente querem alguma coisa de si, ou se apenas pretendem assustar.

Algo assustado e surpreendido, embora tivesse conhecimento sobre a possibilidade de algo assim acontecer, Afonso tenta, no entanto, divertir-se com a situação e à custa dos três. Faz-se por seguir durante algum tempo, mostrando-se mais em pânico para eles do que aquilo que realmente está. Faz-se de vítima inocente. Foge. Até que o vêm desaparecer.

Afonso observa-os completamente tontos à sua procura.

- Mas onde é que ele se meteu! – comenta um, fora de si, esquecendo-se que deveria ficar calado.

Um dos outros faz sinal para o calar.

No topo de uma árvore cujos ramos e folhas são uma óptima camuflagem para qualquer que ali se esconda, Afonso sorri, conseguindo mesmo divertir-se com aquilo e assegurando para si mesmo que não esquecerá aquela voz masculina de sotaque russo muito aguçado.

Cansado, Afonso decide então fazer uma aparição surpresa. Descendo da árvore a tempo recorde, sem deixar qualquer rasto, aparecendo-lhes simplesmente, Afonso apressa-se a fazer uso do seu dom.

(Afonso) – Não pensem que vão longe! – avisa.

Convencidos de que ele não pode ser assim tão poderoso como ouviram dizer, e acreditando nas leis da maioria, os três, apesar de surpreendidos, festejam com risinhos parvos o aparecimento dele, preparando-se para algo. Até que algo acontece.

O olhar azul intenso de Afonso fica negro como carvão, mas algo brilhante como um céu escuro e estrelado. Concentrado e acreditando no seu treino, Afonso deixa a generosidade e piedade de lado. Simultaneamente, sem tempo para reagir, os três contorcem-se de dor até caírem de joelhos no chão, apalpando os olhos como que implorando também pelo regresso da visão que lhes foi retirada.

Orgulhoso de si mesmo, percebendo que pode e consegue proteger-se a si e aos seus apenas com um único dom, Afonso decide afastar-se. Lentamente, à medida que recua, a dor e o sofrimento dos três começa a aliviar, embora seja ainda insuportável. Quanto à visão, apenas no momento em que Afonso desaparece de vez, deixando-os sem qualquer rasto para seguir, é que a recuperam.

Atordoados, ainda em sofrimento, ficam ali durante alguns breves minutos, tentando recompor-se apenas para sair dali e lamentando-se com o susto que apanharam.

EPISÓDIO 18 - Verdade com perfil de Mentira

Afonso regressa rapidamente a casa, onde já Isabel o espera ansiosamente. Assustado, não pelo perigo que possa ter corrido, mas pela persistência inata que o perigo tem para permanecer por ali, rodeando-os a qualquer momento. Contrariamente, uma adrenalina de orgulho afunda-se no seu íntimo, sentindo-se satisfeito e completo por ter derrotado, de uma só vez e com veemência, três vampiros desconhecidos e poderosos, apenas com um pensamento.

(Isabel) – Por onde é que andaste, Afonso? – questiona Isabel, aparecendo-lhe à frente assim que o sentiu abrir a porta de casa, mostrando claramente estar já preocupada á sua espera.

(Afonso) – Tem calma! Está tudo bem! – apressa-se a esclarecer, oferecendo-lhe um suave beijo na testa.

(Isabel) – Sim, mas aposto que aconteceu alguma coisa! – insiste.

(Afonso) – Fui perseguido na serra! – responde de imediato, tentando primeiramente aliviar a ansiedade de Isabel, mas percebendo que acabou por agravá-la.

(Isabel) – O quê!? – incrédula com a calma do marido. - E foste para a serra sozinho? Para quê?

(Afonso) – Eu estou bem! – garante, segurando-lhe na mão e puxando-a contra si. – A Beatriz não falou connosco e eu senti necessidade de tentar alguma coisa... Nem pensei! – explica. – Mas eu estou óptimo! Consegui derrotá-los! – sorri, mostrando-se feliz com isso.

(Isabel) – Quantos eram? Viste-os?

(Afonso) – Eram três e tinham todos máscara! – esclarece. – Mas um deles caiu em falso e falou... Posso reconhecê-lo pela voz! – assegura.

(Isabel) – Temos de avisar os outros... - conclui, afastando-se para agarrar o primeiro telemóvel que encontra.

Entretanto, e num pânico controlado, Luna sai do seu quarto, correndo corredor fora, chegando à sala onde sabe que encontrará a mãe. Depara-se, então com a chegada do pai e,

instantaneamente, com os olhares de ambos caindo sobre ela e questionando-a naturalmente sobre tanta agitação.

Em sintonia, ambos perguntam, interrompendo de imediato:

```
- "Viste" o quê?
```

(Luna) – "Vi" o Henrique! – conta, fazendo depois uma pausa para relembrar exactamente o que imagem lhe veio à mente. – Ele estava inconsciente e acordou num sítio escuro e frio... - explica – Como eu gostava de poder controlar isto! – resmunga, ansiando por poder ajudar mais.

(Afonso) – Desconfio que esteja na hora de fazer mais uma visita à "família"! – conclui.

Sem mais quaisquer rodeios e explicações, os três saem de casa e, pelo caminho, vão avisando os outros sobre a urgência de se reunirem, dirigindo-se directamente para a casa dos "Azevedo". Luna leva o caminho quase todo entre lamentos, enquanto Afonso, radiante com a sua pequena vitória, tenta animar tanto a filha como Isabel.

Após o consílio e a pequena e insignificante intromissão que três pessoas tentaram fazer na sua vida, Beatriz regressa a casa, completamente alheia ao resto, largando o telemóvel em qualquer canto e mantendo-se livremente incontactável por alguns momentos. Estando sozinha por opção. Contudo, desta vez, toda a melancolia anormal e chata que sentia está prestes a desaparecer.

Desistindo da tolerância, calma e racionalidade, seguindo o seu sexto, sétimo e até oitava sentido, ergue-se veloz do sofá da sala e em menos de nada encontra-se mesmo à porta do quarto de Henrique, fechado desde que este desapareceu. Hesita, encostando-se à porta e questionando-se sobre o que pensa fazer é certo ou errado.

(Beatriz) – Desculpa... - murmura, como se esperasse que Henrique, em algum lado, a ouvisse.

Abre a porta repentinamente, sem deixar tempo para arrependimentos. Fecha-a. Uma vez lá dentro, recusa-se a deixar-se abater pelas memórias e não sairá sem descobrir o segredo de

Henrique, acreditando inocentemente que poderá ser a solução para tudo. A adrenalina assombra-a e algo a impede de pensar em egoísmo ou de se sentir uma invasora.

Rápida, ágil e silenciosa, ignora o mais que pode o facto de o quarto estar perfeitamente arrumado ao estilo do vampiro, como se ele próprio lá tivesse estado há minutos antes. Vasculha tudo, sem deixar rasto de desarrumação, todos os armários, todas as gavetas, até debaixo dos sofás, atrás dos móveis e até de um quadro enorme exposto na parede... No fim, encontra um baú, discreto e fechado a cadeado, escondido atrás de toda roupa, ao fundo do roupeiro.

Abre-o à força, esperando não se arrepender. Finalmente, encontra o que procurava. Finalmente, percebe que procurava o que não queria encontrar.

(Beatriz) – Não acredito! – murmura para si mesma, deixando-se cair no longo sofá atrás de si, recusando-se a acreditar.

Fotografias, cartas, documentos... Tudo comprava uma verdade com perfil de mentira.

Joseph, sentado num autêntico sofá, exposto junto a uma larga janela, contemplando a foto que lhe chegou da bela e jovem ruiva, ao telemóvel. No seu pensar, Alphonzo Stuart saiu-se bastante bem, melhor do que o esperado.

Dois dos seus interrompem-lhe o momento de silêncio e reflexão. Martha e Carlos, acabam de regressar de Sintra e vêm a lamentar-se sobre Afonso. Ela, com uma figura esbelta e atlética, morena e alta, assume que perdeu a sua elegância característica enquanto era derrotada. Ele, igualmente alto e atlético, lamenta todo o esforço para nada.

(Joseph) – Não digam mais nada! – rindo. – Já percebi! – divertido com as figuras fracas e lamentáveis dos dois.

(Martha) - Não sei como pensas acabar o que começaste! – resmunga um. – Ele já não é um vampiro frágil e suicida! – avisa.

(Carlos) - Sem fazer nada deitou-nos, aos três, no chão! - explica o outro, indignado.

(Joseph) – Onde está o Dimitri? – sorrindo, não dando importância às lamentações, questionando-se sobre o terceiro do grupo.

(Carlos) - Decidimos não vir todos juntos, para não levantar suspeitas! - explica.

(Joseph) – Alguma coisa que façam bem... - comenta.

Martha e Carlos, com uma amizade de décadas e depositando total confiança em Joseph, acabam por rir do seu comentário, percebendo o sentido cómico e a indirecta sobre a figura de parvos que fizeram perante Afonso.

(Martha) - Jo, como é que o vamos derrotar? – questiona, tratando-o

(Joseph) – Tenho fé na ciência e num qualquer ponto fraco que todos temos! – responde, convicto e carregando o seu sotaque, achando-se mais autoritário quando o faz. – Mais tarde tratarei disso! Por agora, estou mais preocupado com os últimos seis! – referindo-se aos vampiros que mantém cativos.

(Carlos) – Acreditas que eles darão problemas?

(Joseph) – Acredito que serão difíceis de domar! – admite.

(Martha) – Tu e a tua filosofia de *não deixar nada por terminar*... - suspira. – Aconteça o que acontecer, estarei aqui para te defender! – garante, quase que prevendo os problemas que os últimos seis poderão dar.

Joseph acena, agradecendo em silêncio e sentindo que construi imenso durante séculos, quase temendo destruir tudo por causa dos únicos seis que fugiram ao destino que lhes programou. Mas ele é homem para arriscar tudo! O seu clã tem de estar completo e os seus feitos terminados.

Afonso é o primeiro a entrar em casa, seguindo-se Luna e Isabel, os três com a esperança de encontrar ali a única que não lhes atendeu o telefone. Rapidamente, Francisca, Pedro e Vânia chegam junto deles, reunindo-se os seis na sala.

Nesse instante, Beatriz preparava-se para sair quando se depara com aquelas figuras, novamente, à sua frente.

(Beatriz) – Aconteceu alguma coisa?

(Luna) – Precisamos de falar! – introduz, sendo tão convicta que Beatriz entende rapidamente que o assunto é realmente do seu interesse.

(Beatriz) – Temos? Pois, sim... Outra vez! – recordando que ainda não há muito tempo, estavam na mesma situação.

EPISÓDIO 19 - 1937: passados 17 anos

Seguindo pausadamente os passos da líder em direcção ao sofá, Luna apressa-se então a falar sobre o que a trouxe ali, aquela "visão" espontânea e inesperada que teve.

(Luna) – Eu "vi" o Henrique!

Rapidamente, olhares curiosos e repletos de alguma esperança e ansiedade se poisam sobre ela.

Diz que o "viu" acordar num lugar escuro e frio, sem conseguir captar mais quaisquer pormenores. Explica que sentiu a sua tremenda fraqueza, parecendo-lhe que já tinha estado pior. Apesar de não ter sido claro, apercebeu-se que ele não estava sozinho, mas sim acompanhado por alguém na mesma situação. Esclarece, por fim, e para desagrado, que não pode reconhecer nada nem ninguém.

(Beatriz) – Estamos em Portugal, é Verão... Não deve haver para aí assim tantos lugares frios e escuros! – conclui, apercebendo-se da tensão sentida por Luna ao não conseguir ter "visões" mais precisas. – A não ser que não estejam em Portugal... - conclui, arrasando todo o esforço de acalmar os ânimos.

Breves segundos de um silêncio constrangedor sucedem-se, como se todos procurassem soluções diferentes para o mesmo enigma. A verdade é que tudo parece uma estupidez! Apesar de tudo, aquele tipo de conflito não se pode comparar aos extremos a que chegou a guerra com a Luz Eterna e, por outro lado, porquê Henrique? Não suportando aquele mutismo aterrador, Afonso quebra-o, mesmo que com um assunto pouco feliz, o de ter sido perseguido.

(Beatriz) – Eu pedi que não fossem sozinhos... - começa, desagradada com o ocorrido.

(Afonso) – Eu sei! – interrompe. – Mas eu tive necessidade de o fazer! Nem pensei...

Beatriz preparava-se para o voltar questionar quando Vânia decide intervir, evitando uma discussão que acha desnecessária ao momento. A jovem vampira levanta imediatamente a hipótese de Afonso ter sido perseguido pelos mesmos que a atacaram anteriormente.

(Afonso) – Talvez. Tinham perfil para isso! – admite. – Mas desta vez podemos estar um passo mais à frente! – revela, sorrindo. – Um deles deixou-se levar e falou! – adianta. – Eu não me vou esquecer daquela voz! – garante.

(Pedro) – A sério? – entusiasmado. – Nunca se sabe se eles andam por aí, entre nós... Isso é óptimo! – elogiando a sorte de Afonso, deixando-o ainda mais orgulhoso.

Entretanto, e reparando que Beatriz continua na mesma, num silêncio de devastadora calma, Luna é a única que se atreve a intervir, questionando a líder sobre aquilo que naturalmente já sabe que ela pode querer vir a partilhar ali e com todos.

(Luna) – E tu, Beatriz? Não tens nada a dizer? – num tom discreto, entre a conversa dos outros, dirigindo-se apenas a Beatriz.

A líder hesita, ponderando falar sobre o que descobriu, pressionada pelo olhar preocupado e pelo conhecimento feroz de Luna. No entanto, sente-se agora algo angustiada pelo que fez; por ter invadido daquela maneira a privacidade de alguém; pelo que agora sabe e talvez não quisesse, afinal, saber.

(Beatriz) – Não! – afirma, quase convicta.

(...)

Guernica, Espanha, 1937

Uma casa enorme, idêntica a um palacete, quase escondida por entre uma mata imensa. Na verdade, nunca ninguém ali na vizinhança percebeu tamanha riqueza da família Perez.

Corriam uns boatos, sobre negociatas secretas e loucas, mas nada era suficientemente claro para ser verdade.

E muito poucos entraram no "escritório" de Santiago Pérez, onde este discute com a sua bela, teimosa e rebelde mulher. A divisão é pequena e quase secreta, ninguém tem ordem para lá entrar. As paredes, forradas a um papel de parede vermelho escuro, parecem ainda mais sinistras com a quantidade de mapas e recortes de jornal nelas pendurados. Atrás da porta, um discreto armário serve de suporte para uma colecção de punhais e espadas.

(Penélope) - ¡No! ¡No! ¡No! – insiste Penélope, teimosa e alheia ao assunto, num total acto de rebeldia perante o marido, dada a época.

Santiago começa a sentir-se, apesar de tudo, um fraco, tendo excedido os limites ao aceitar o respeito pela opinião da mulher. Sujeitou-se a treinar indirectamente e em segredo o seu filho, durante mais de 15 anos, esperando ansiosamente pelo dia em que lhe entregaria o seu legado, o seu segredo, a sua vida, em mãos.

Mas passados 17 anos, Penélope insiste em proteger o seu único filho de tal sujeição, recusando-se a entregá-lo a mais uma guerra, achando já ser suficiente a que o país inteiro vive. A jovem Penélope veio parar àquela família sem saber o que a esperava. Sonhadora, apenas queria ser feliz com o marido que lhe escolhessem, ter filhos e morrer na velhice, em paz. Não importa o que já testemunhou, o quanto admira a luta e a coragem do marido, Penélope não o compreende, no fundo.

Finalmente, Santiago perde a paciência. Para ele, chegou a hora. Não suporta o facto de o seu filho, único filho e, por sorte, filho homem, nos seus plenos 17 anos, não ter a mínima noção do que será a sua vida, do que é o seu nome. Santiago já vinha a preparar este momento há muito, especialmente desde que a própria mulher, num acto de protecção desesperada, defendeu os vampiros perante si mesmo. Santiago Pérez é um líder respeitado e poderoso, orgulha-se do que faz e quer orgulhar-se também do seu filho. Não vai esperar mais!

(...)

Passadas algumas horas, após a conversa em casa dos "Azevedo", Beatriz conseguiu finalmente autorização do Mais Antigo para pesquisar sobre os seis desaparecidos nos antigos arquivos.

Entretanto, Francisca regressou ao hotel, acompanhada por Vânia e Pedro, e exigindo de imediato que Vasco a deixe trabalhar.

(Vasco) – Está aqui a lista dos que entraram e saíram enquanto estiveste fora! – informa, não incomodando a paz que a vampira sente enquanto trabalha.

Contente com os resultados, verificando que estão sempre a chegar mais vampiros do que a partir, Francisca organiza-se na recepção e, apercebendo-se da presença de alguém, prepara-se para se despir de mais um cliente.

Apesar de aquele vampiro ser um dos mais tímidos, talvez anti-sociais e pouco educados que por ali passaram, achando-o demasiado silencioso e observador, Francisca esforça-se para o agradar.

(Francisca) – Espero que tenha apreciado a estadia! – educada, enquanto entrega um documento para o rapaz assinar.

Afonso entra no hotel, acompanhado por Luna, tendo deixado Isabel com Beatriz. No momento em que cruza a porta em direcção à recepção e se prepara para saudar quem estiver presente, Afonso tem um simples, rápido e claro encontro com o destino.

- Sim! Foi muito bom! Talvez volte... - responde o vampiro, pela primeira vez exibindo a sua pronúncia russa, num tom mais amigável e verdadeiro, embora o seu sorriso seja fraco ou talvez disfarçado.

Afonso hesita por breves instantes. Quando o vampiro se vira de costas para Francisca, preparando-se para sair, tudo é mais óbvio, parecendo até que Afonso memorizou mais que uma voz. O confronto de olhares é fatal.

Em menos de nada, Dimitri é separado brutalmente do chão. O olhar azul terno de Afonso transformou-se num ardente e infernal vermelho sangue. Para piorar, não faz uso apenas do seu dom, demonstra a sua força violenta ali mesmo. Dimitri não tem como escapar e, num russo expresso, implora desesperadamente por paz.

Francisca não tem tempo para agir. Apenas implora ao "filho" que pare, mostrando-se algo assustada com tamanha violência. Luna, no entanto, não se surpreende, tendo já ouvido os pensamentos do pai, traduzindo-lhe a adrenalina expressa no corpo.

(Francisca) – Simplesmente parem com isso! Eu não suporto violência! – implora, mostrandose já fora de si. (Afonso) – Eu sabia que te encontraria! – goza, sentindo-se realizado, afastando-se calmamente de Dimitri, mas sem nunca o libertar da sua força.

(Luna) – Francisca, chama a Beatriz, com urgência. – pede, mostrando-se calma e satisfeita por estarem a marcar terreno a meio de um inicio de conflito.

Francisca acaba por ser esclarecida, e telefone rapidamente a Beatriz, revelando-lhe alguma alegria, mas sem anunciar o que aconteceu.

(Francisca) – Ela aí vem! – anuncia, sorrindo para Dimitri e sentindo-se melhor por, afinal, a sua suspeita em relação a ele, estar certa.

Esperando pela chegada da líder, Luna e Afonso entreolham-se com amor e satisfação, apoiando-se um ao outro, mantendo Dimitri em cativeiro, preso no nada.

EPISÓDIO 20 - A União faz a Força

Beatriz não demorou a chegar, tal como havia prometido a Francisca, revelando alguma curiosidade sobre o que a trouxe ali, embora também alguma insatisfação em fazê-lo. Assim que se deparou com aquele desconhecido no hotel, preso ao interminável poder de Afonso e aflito por isso, a líder depressa se informou sobre quem ele era.

Mas ainda antes de tomar qualquer decisão, ou simplesmente deixar que Afonso continuasse a "tratar-lhe" da saúde, Beatriz certificou-se que também o fazia ou, no mínimo, que deixaria uma pequena demonstração da sua autoridade ali. Pela primeira vez naquela altura, Beatriz deixou-se levar pelo momento e reagiu.

Fazendo-o até com bastante satisfação, agarrou violentamente Dimitri pelos colarinhos, elevou-o com toda a sua força contra o balcão da recepção e esmurrou-o uma única vez. Vez essa, que foi suficiente para o deixar estendido no chão, de rastos, implorando ainda mais por piedade. Dali, o desgraçado foi directamente arrastado até à cripta.

Pouco depois, numa reunião urgente (mais uma!) apenas com todos os que puderam estar presentes, Dimitri mostrou-se persistente. Mesmo torturado pelas pesadas correntes de prata que o prendiam à cadeira, e atormentado pelas incessantes questões impostas, não adiantou nada que pudesse ser útil.

Porém, vendo enfim, após o desaparecimento de Henrique, algum entusiasmo na líder, Afonso insiste e deixa uma proposta.

(Afonso) – E que tal ficarmos sozinhos com ele? – dirigindo-se a Beatriz e soltando um risinho ligeiro de provocação para Dimitri, como raramente faz para alguém.

Todos concordam em sair por momentos, percebendo que a intenção é assustá-lo de uma forma tão inquebrável que ninguém quererá ver esse lado maléfico dos "irmãos".

Mas não valeu sequer o esforço. Mesmo adoptando o papel dos seus mais temíveis *alter egos*, nenhum dos dois conseguiu ser assustador o bastante para Dimitri. Enquanto todos esperavam no "Bloody Mary" por progressos, Beatriz e Afonso questionavam, manipulavam, ameaçavam o pobre coitado. No final, apenas uma única conclusão.

(Afonso) – Ele deve estar muito bem treinado para resistir a isto! – desapontado. – É estranho... - comenta. – Ainda há pouco parecia em pânico e, de repente, ficou assim! Como se controlasse tudo...

(Beatriz) – Ele sabe defender-se. E também sabe como proteger os outros. - conclui, pensando na possibilidade de o problema ser ainda maior do que o esperado. – Se ele estiver disposto a morrer pelo grupo...

(Afonso) – Significará que a união deles tem bases indestrutíveis, e se a união faz a força, eles... - pensa. – Espera! Quanto a isso... – lembra - Nós também somos muito fortes!

(Beatriz) – Eles não têm hipótese, pois não? – sorrindo finalmente para Afonso, embora com alguma timidez.

Naquela cave escura e fria, sem se alimentarem à horas, parece que o tempo parou. Nada acontece, ninguém diz nada e estão todos impedidos pela própria fraqueza de fazer o que quer que seja. O único poder intacto é o livre pensamento e, até esse, está cada vez mais lento.

Henrique insiste teimosamente em questionar-se por estar ali. Faminto e enlouquecendo por isso, prefere ignorar o quão frágil se sente. Resmunga, criticando de forma ridícula as feridas que nem sabe que tem, odiando especialmente o enorme corte no braço, achando-o já nojento por ainda não ter sumido.

(Jasmine) – Vejo que aprecias imenso a tua beleza natural, rapaz! – diz a vampira, conseguindo finalmente animar-se desde que está ali, entendendo que Henrique adora ser como é, vendo a sua pele cicatrizar e voltar a ser como mármore polido.

Henrique faz uma pausa, achando-se ridículo. Depois, e detestando acima de tudo estar ali, preso e sedento, volta a questionar-se incansavelmente, garantindo que adoraria uma explicação, e acobardando Joseph por ainda não o ter feito.

Tão fraca, suja, faminta e ferida quanto ele, e também um tanto impaciente, Jasmine, a única mulher entre aqueles cinco homens por vezes piegas, no seu ponto de vista, tenta despachar-se a calar a ansiedade de Henrique.

(Jasmine) – É bom que te acalmes, porque não vais sair daqui tão cedo! – avisa.

Desviando os seus longos e encaracolados cabelos negros da sua face perfeita, Jasmine faz um esforço para se endireitar, encostando-se melhor à parede, sofrendo sem se queixar. Aliás, ali, ela tem sido a que menos se lamenta.

Já melhor sentada, olha para Henrique, revelando-lhe os seus olhos cor de mel.

(Jasmine) – Estamos todos aqui pelo mesmo. – introduz. – Para servir o Joseph, tal como os outros. – termina.

(Henrique) - Acredito que não somos como os outros. - contrapõe.

(Jasmine) – Verdade! – concorda. – Mas, pelo que sei, era suposto que fôssemos! – diz, insinuando que sabe mais do assunto do que devia.

Sentindo que a conversa irá dispersar e que não quer ficar fora dela, Akira, que mesmo sujo e de cara ensanguentada não perde a sua natural palidez, decide intervir. Tal como Jasmine, ajeita-se melhor, tentando desviar as correntes para se sentar e poder olhar para os dois. Depois, desvia também os seus cabelos negros, lisos e compridos, que lhe tapavam um olhar escuro.

(Akira) – Consegui ouvir uma conversa há uns dias... - inicia, apressando-se a continuar, invadido pela curiosidade de Henrique. – Foi o nosso passado que nos trouxe aqui! – procede, com um sotaque japonês notável, mas parando por ali, sentindo o movimento de mais alguém que quer juntar-se a eles.

Brian, farto da rotina daquele sítio horrendo e vendo ali uma oportunidade para conspirar contra Joseph, repete os mesmos passos. Paciente, endireita-se e, cansado, encosta-se depois à parede, deixando cair a cabeça para trás, enquanto os seus fios loiros de cabelo acompanham o movimento.

(Brian) – Sabes porquê que não somos como eles? – questionando Henrique. – Porque alguém nos desviou da vida que aquele desgraçado tinha para nós! – responde, sem dar tempo para a intervenção de Henrique.

(Henrique) - Não percebi...

(Akira) – Ele é louco! – responde, tentando resumir.

Falta ainda que dois deles se juntem ao assunto. Contudo, são os mais fracos ali, tendo sido os primeiros alvos do "louco". Ainda assim, Sandro e Victorius não deixam de fazer um esforço para sorrir, mostrando que os ouvem e apoiam qualquer que seja o avanço.

(Brian) – E admite! – pede. - Lá no fundo, bem no fundo, pelo menos desconfias do motivo que te traz aqui! – incentivando-o, mostrando que muito provavelmente passou pelo mesmo.

Vendo Henrique desviar o olhar, como forma de evitar a conversa, Jasmine intervém com toda a coragem de o fazer cair na realidade, finalmente.

(Jasmine) – Por acaso, só por caso, a herança que os teus pais te deixaram não terá sido...

Henrique interrompe imediatamente.

(Henrique) – A liderança de uma das sedes da Luz Eterna? – responde, evitando que Jasmine o faça por si, achando-se mais homem ao admiti-lo sozinho. – Sim! – confirma. – E odeio isso!

(Brian) – Também eu! – apoia. – E porque será?

(Akira) – Porque alguém nos transformou e depois outro alguém nos desviou do Joseph. – responde, esclarecendo Henrique. – Conclusão: nós aqui...

(Victorius) – Amamos ser vampiros! – completa, num murmúrio desesperado, esforçando-se para mostrar que ainda está presente.

Ainda que se sinta aterrorizado por ter dito o que disse, finalmente, em voz alta, para que alguém o ouvisse, Henrique chega a sentir um pouco de alívio, apercebendo-se que aqueles cinco, passaram o mesmo que ele.

(Sandro) – Há quanto tempo descobriste...? – seguindo o exemplo de Victorius, esforçandose milagrosamente para questionar Henrique.

(Henrique) – Há uns meses...

(Akira) – Contaste alguém? – esperando uma resposta afirmativa.

(Henrique) – Não! – convincente. – E já me arrependi... - confessa.

Não suportando que o silêncio se instale, Victorius volta a sacrificar a pouca vitalidade que lhe resta, incentivando-os a lutar contra Joseph, admitindo, apenas com um olhar, que não aguenta mais estar ali.

E assim os quatro fazem nascer o início de um plano. Certificando-se de que mais ninguém os ouve, para além dos dois mais fracos ali, juntam-se para tramar uma fuga. Mas, engane-se quem pense que será uma fuga rápida e silenciosa! Nada como um pouco de charme, inocência e diversão antes do grande final.

(Brian) – Sim, é o que faremos! – certificando-se de que todos estão dispostos ao mesmo. – Mas só depois de convencer o "louco" a alimentar-nos... - conclui, ironizando a sua sensatez.

2 Insuportáveis Dias Depois...

Sentado patrioticamente ao topo de uma infindável mesa, exposta de forma a atravessar uma igualmente sem fim e extravagante sala ao estilo do século passado, Joseph mantém um elegante e espontâneo diálogo com todos os presentes ali. Sentados ao longo daquela comprida mesa, os vampiros parecem adorá-lo.

(Joseph) – Passaram dias e o Dimitri ainda não voltou... Temo que o tenham apanhado e que ele não volte tão cedo! – lamenta.

Uma breve discussão levanta-se, em que todos concordam que, se estiver vivo e sob cativeiro, é certo que protegerá o grupo.

(Joseph) – sorrindo. – Um brinde ao nosso amigo! – sugere, erguendo o seu copo ainda cheio.

Depois de um rápido brinde à memória do jovem Dimitri e à esperança do seu regresso, um breve silêncio antecede uma nova questão.

(Martha) – E quanto ao Stuart? Já sabes o que fazer? – curiosa, desconfiando da satisfação constante de Joseph nas últimas horas.

Joseph, recuperando o seu elegante e tentador sorriso após breves instantes de preocupação, apressa-se a dar mais um gole da sua bebida, pousando airosamente e preparando-se para anunciar a novidade.

(Joseph) – *Yes*, *my beauty*! – confirma, preservando a delicadeza do seu sotaque. - Depois de incansáveis pesquisas nestes últimos dias, garanto-vos que, mais brevemente do que pensam, ele estará aqui!

Sorrisos curiosos invadem a mesa. Saber qual o plano de Joseph e como resistir ao poder de Alphonzo Stuart torna-se a prioridade.

A poucos minutos de a Lua atingir o seu auge, Afonso e Isabel, acompanhados por Beatriz, chegando ao "Bloody Mary", discutem sobre todas as estratégias que já usaram com Dimitri.

Isabel, teimosa, insiste para que a deixem tentar usar o seu dom com o vampiro. Afonso não concorda, simplesmente porque não a quer perto daquela gente. Já Beatriz, apoiando a ideia, defende Isabel, garantindo que pode ser a única hipótese.

Renato sente preocupação desnecessária de Afonso e acaba por convencê-lo a ajudar no bar, enquanto as duas tentam a sua sorte. Afonso acaba por aceitar.

Poucos minutos depois, um grupo de cinco novos vampiros entra no bar. Completamente radiantes, cumprimentam Renato e Afonso com toda a educação e elogiam Sintra, afirmando ser um local cada vez mais encantador.

(Renato) – Afonso! – chama. – Podes servi-los enquanto eu vou arrumar as últimas encomendas? – pede.

Renato sai. Afonso assim faz.

(Afonso) – aproximando-se do grupo que, entretanto, se instalou numa mesa. – São servidos?

(Martha) – Nem por isso! – afirma, sorrindo com gozo e observando-o com provocação.

Enquanto Martha entretém Afonso por alguns instantes, confundindo-o com afirmações loucas, um dos outros levanta-se sem que o pai de Luna dê por isso.

Uma imensa falta de paciência começa a invadir Afonso mas, ainda antes de agir, preparado para lhes impor respeito, uma desconfortável falta de oxigénio assombra-o. Algo que achava não lhe faltar, está a fugir-lhe. Lutando contra aquela sensação, sentindo-se asfixiado, Afonso perde as forças.

Na escuridão, teme pelo seu corpo morto, sentindo apenas a sua alma viva mas presa a ele. Naquela inexplicável e quase impossível situação, só resta o pensamento a Afonso.

Divertindo-se no "Rouge Hotel", acompanhada por Vânia, Luna sente-se também asfixiada. Implora por ajuda, algo que detesta fazer. Sabe o que está a acontecer, mas aquela sensação impedia-a de se expressar. Desmaia.

EPISÓDIO 21 – Fala!

Uma tal confusão de gente preocupada forma-se imediatamente em torno de Luna. Ao seu lado, Vânia, sem saber o que fazer, apressa-se a chamar alguém, atirando para o ar um grito estridente de pedido de ajuda.

Ouvindo a voz desesperada da vampira, Francisca é a primeira a reagir, largando num ápice aquilo que estava a fazer na recepção do hotel. Mas ainda antes desta chegar junto das raparigas, já Vasco lá estava, estando a passar por ali no mesmo instante em que Vânia gritou, quase como se o seu destino adivinhasse e quisesse colocá-lo à rápida disposição de Luna.

É o que parece, à vista de todos, mas na verdade Luna não está completamente inconsciente. Tal como Afonso, a jovem perdeu os sentidos, as forças, mas a sua mente está bastante activa, apenas vendo, ouvindo e sentindo o que o seu subconsciente lhe permite. No seu mais profundo e desesperante sono, Luna não suporta a incapacidade de agir, de se explicar, de gritar, de se libertar daquela imensa escuridão e de uma voz repleta de um misterioso charme aclamando-lhe que não deixa nada por terminar.

Vasco apressou-se a agarrar na jovem, caída no chão do pátio interior do hotel, e levando-a para a sala, tentando deixá-la confortável no sofá, até que saibam o que fazer, ou simplesmente ela recupere.

Sentindo cada vez mais, aos poucos, as mãos suaves e preocupadas de Francisca acariciandolhe os longos cabelos ruivos, enquanto tenta que Afonso ou Isabel lhe atendam o telemóvel, Luna percebe que está a voltar ao real. Alguns instantes depois, já muito mais consciente do que a rodeia, a jovem abre os olhos, revelando um azul tão intenso, capaz de ofuscar qualquer escuridão.

(Francisca) – Oh, querida... - murmura, largando de imediato o telemóvel para lhe acariciar o rosto.

Quando sente as mãos de Francisca nas suas faces, Luna sente-as trémulas e ainda mais frias do que normal, ouvindo também, naquela voz suave e preocupada, uma autêntica exclamação de alívio.

(Vasco) – Estás bem? – questiona, numa tentativa imediata para perceber como é que a todapoderosa desmaia assim.

Confusa, e com algum receio de esquecer o que sentiu enquanto nada sentia, Luna ignora as perguntas. Olha para Francisca, olhos nos olhos, e numa calma inocência e sincera ignorância, questiona.

(Luna) – Onde está o meu pai?

(Francisca) – Não sei... - responde imediatamente, numa voz pensativa.

Vânia desconfia daquela pergunta, e ainda mais da expressão confusa e tonta de Luna.

Por sua vez, Vasco agarra no telemóvel, percebendo rapidamente que Luna não fez aquela pergunta por acaso. Afonso não atende. Vasco volta a insistir.

Regressando da cripta, Beatriz entra pelas traseiras do "Bloody Mary", completamente desanimada, ouvindo já um tocar de telemóvel, e estranhando de imediato a presença de ninguém ali.

Isabel segue-a, chegando atrás, sem esconder o desgosto e alguma falta de orgulho no seu dom, pronta para contar ao marido sobre o seu fracasso. Reconhece de imediato o som que ouve.

(Beatriz) – Mas onde é que eles se meteram?

Isabel, descendo os três degraus à sua frente que a direccionam para o meio das mesas expostas ali, depara-se cheia admiração, ao ver o telemóvel de Afonso tocar ali, caído no chão, sem ninguém para o atender.

(Isabel) - Afonso! - chama, enquanto apanha o telemóvel do chão.

Renato regressa agora, carregado com duas caixas de cartão, certamente repletas de bebidas que chegaram para abastecer o bar.

(Beatriz) – Onde é que está o Afonso?

(Renato) – Ele estava mesmo aqui! – garante – Deixei-o a atender uns vampiros que... - esclarece, parando a meio, como se, por algum motivo, já estivesse arrependido por tê-lo deixado sozinho.

Isabel não espera mais. Vê o nome de Vasco no ecrã do telemóvel e apressa-se a atender.

(Vasco) – Sim?! Afonso! Onde é que estás? – pergunta, assim que sente alguém atender do outro lado.

(Isabel) – Não! É a Isabel... - esclarece. – O quê que se passa? – despacha-se a perguntar, com o instinto a dizer-lhe que se preocupe.

Sem rodeios, Vasco explica que Luna se sentiu mal, sem mencionar exageros para não preocupar a mãe da rapariga, avançando apenas para a parte em que a ruiva perguntou pelo pai.

Outro problema parece emergir no seio dos "Azevedo". Afonso estava mesmo ali, no bar, esperando por novidades da mulher e da "irmã". Mas agora não está. Nem ali, nem no hotel, e ao que parece nem nas redondezas. Pior! Afonso nunca iria deixar o telemóvel esquecido em qualquer lado, muito menos no chão, praticamente ao abandono. Ainda pior... Ele estava acompanhado por um grupo de vampiros que ninguém conhecia por ali. Não só Afonso não está ali, como também não há rasto do grupo.

Beatriz começa a tirar conclusões em silêncio. Algumas parecem-lhe absurdas e, por isso mesmo, guarda-as para si, temendo que Isabel viva o mesmo que ela viveu há uns dias atrás. A líder toma precauções, evitando acreditar em algo não comprovado.

(Beatriz) – Vamos procurá-lo! – incentiva. – Ele não deve estar longe... – comenta, num determinado esforço para travar as lágrimas de Isabel, quase num pranto, como se adivinhasse algum mal maior.

A líder desce para junto de Isabel, tira-lhe o telemóvel, que ainda mantinha encostado ao ouvido, e explica a Vasco que pretende fazer uma busca imediata por Afonso, exigindo que saiam em grupos e, no final, que se encontrem na serra.

Algumas horas depois, já de regresso, juntos na cripta...

Sim, o que mais temiam, é notícia. Afonso desapareceu. E, desta vez, não houve mensagens mesquinhas de quem quer que tenha sido o culpado disso.

Isto é, Luna talvez tenha recebido essa mensagem, e sabe que sim, mas algo a está a impedir de contar isso à família, algo acima do seu esforça, o também temia. Luna não se lembra do que viu e sentiu enquanto esteve desmaiada. Sabe que aconteceu, mas não se lembra o quê. E isso está a enlouquecê-la de uma forma exaustiva.

Sente-se ainda mais inútil e fora do comando, quando vê a mãe agir quase tão incognitamente como Beatriz, quando Henrique desapareceu. A única diferença, é que Isabel desatou num pranto, os seus olhos, repletos de lágrimas, enraiveceram-se e exigiram muito expressivamente um momento de solidão.

Beatriz sente-se também afectada com a situação. Desespera também, mas tenta não se revelar assim.

Francisca não aguenta desta vez. Custou-lhe imenso saber do desaparecimento de Henrique, estava a fazer tudo para reencontrar o "filho" rebelde e voltarem a viver todos em paz, mas agora, mais um dos seus desapareceu... Uma mistura de tristeza e ódio assombram o coração da vampira. Vasco faz tudo para a acalmar, percebendo que chegou a hora de conhecer o lado feroz da amorosa Francisca.

Pedro, junto deles, que mais uma vez ficou apenas à espera de notícias, tomando conta do hotel na vez da "mãe", está ali, muito inquieto, alheio às tristezas, pensando sobre os seus objectivos.

Vânia, cheia de energia e adrenalina, mostra-se cada vez mais disposta a fazer o que quer que seja para trazer os "irmãos" de volta.

Beatriz afasta-se do grupo silenciosamente, para que ninguém repare na sua saída. Aproveita a ausência de gente no "Bloody Mary" para ficar mais à vontade.

Sempre manteve o seu líder supremo informado sobre tudo, embora considere a sua ajuda como último recurso. Por momentos, acredita que na sua longa vida já resolveu problemas bem mais assustadores e complexos, mas acaba por concluir que talvez nunca nenhuma situação a tenha fragilizado tanto. O facto de estar sentimentalmente envolvida, pode afectar a sua missão enquanto líder, e última cosa que deseja, é agravar a situação.

Concentrando-se para revelar uma voz calma e paciente, em vez daquela sensação de perda de controlo, Beatriz acaba por falar com o Mais Antigo. Este, ainda que confiando cada vez mais na líder que escolheu para Sintra, acaba por garantir que voltará e que, no fim de tudo, os culpados daquela confusão de mau gosto, serão punidos.

Luna não aguenta mais ficar a observar o pânico da mãe á distância e, tendo reparado na ausência de Beatriz, decide seguir-lhe o rasto. Acabou por ouvir a conversa da líder com o Mais Antigo e, algo curiosa e ainda mais preocupada, questiona-a sobre o segredo de Henrique.

(Luna) - Vais contar ao Mais Antigo?

(Beatriz) – Não sei... - captando a intenção da pergunta. – Ainda nem tenho provas para garantir que está tudo relacionado! – esclarece, evitando culpabilizar-se por não partilhar o que sabe.

(Luna) – E sobre os outros cinco vampiros? – mostrando saber mais do que é necessário.

(Beatriz) – Às vezes sinto-me incomodada com essa tua perspicácia! – comenta. – Eu já descobri umas coisas mas...

Isabel entra disparada, como se invadisse o bar. As duas percebem imediatamente que ela ouviu a conversa, e ambas ficam no mesmo lugar, quietas e inocentes, evitando que Isabel as confronte.

Mas não resulta. Isabel desce até junto delas, alterada, com um olhar enraivecido e desesperado. Beatriz torna-se o seu alvo.

(Isabel) – O quê que tu descobriste? – questiona, exigindo resposta.

Beatriz sente o dom de Isabel a invadir-lhe a mente e, por isso, evita o contacto visual directo, esforçando-se para se revelar mais forte que ela.

Luna começa a preocupar-se com aquele confronto.

Fora de si, captando a essência provocadora do poder de resistência da líder, Isabel deixa que a sua expressão transmita o que sente. Aproxima-se, elevando um olhar escuro e intenso, tenebroso.

(Isabel) – Fala! – exige, elevando a sua voz e o seu ego perante a líder.

EPISÓDIO 22 – Não me metam nisso!

Ouvindo réplicas da exigência de Isabel, multiplicando-se agressivamente na sua mente, Beatriz pondera, debatendo-se entre obedecer à sensação que lhe invade o cérebro e a sua poderosa e inquietante teimosia própria.

Luna esperava tudo, menos ver a mãe naquele estado de desespero tal, que poderá sucumbir, a qualquer momento, com violência, caso não consiga o que quer. Compreende ambas. E a sua razão leva-a a acreditar que Beatriz tem tanto direito para não partilhar o que sabe, como Isabel tem de exigir saber algo que acredita poder ajudar.

Isabel esforça-se por manter um ego altivo e esplendoroso, como nunca. Um olhar feroz e negro permanece, distorcendo a doçura da sua alma. Por momentos, só pensa em si mesma e no desejo imensamente desesperado de voltar a ver Afonso na paz do seu lar.

Insistente e indignada, Beatriz conclui rapidamente que, ali, nunca nenhum líder obedeceu mansinho a quem quer que fosse. Recusa-se a deixar cair o seu poder, o seu estatuto, e muito menos o direito que todos temos à privacidade. Resiste.

Enraivecida, Isabel aproxima-se mais um pouco, lentamente. Não quer acreditar que mais alguém lhe resiste ao dom que a natureza lhe deu. Persiste também.

Muito atenta, demasiado até!, Luna estremece, observando-as.

(Isabel) – Eu não vou deixar que fiques em silêncio, sabendo que podes ter a solução para tudo isto. – avisa. – Fala! – repete.

(Beatriz) – E eu não vou permitir que me faças exigências! Não vou ceder! – garante. – Muito menos sobre algo que não te diz respeito...

Provocadora, Beatriz decide adoptar também o seu melhor ar ameaçador, elevando um olhar de extremo escarlate. Faz por exibir o poder que ainda tem ali e resiste com amargura e teimosia ao "dom da obrigação" de Isabel.

Joseph ultrapassa os limites da tortura. Os seus "convidados especiais" sentem-se já perdidos da escuridão daquela insignificante pequena cave.

As feridas reforçam a sede. A sede assombra-os com a fragilidade. Fragilidade que os mata de indignação aos poucos. Cada vez mais sedentos.

Já há algumas horas que deixaram de gastar forças em conversa. Mas todos se sentem em sintonia. Cruzando os olhares de vez em quando, os seis focam-se em duas únicas certezas: têm sede de sangue e sede de vingança.

Victorius, o primeiro desgraçado por Joseph, está mais pálido do que é suposto num vampiro. Observando-o, os cinco temem que ele esteja cada vez mais perto da morte, e acreditam cada vez mais que lhes acontecerá o mesmo.

Joseph é imprevisível. Ninguém sabe exactamente o que ele pretende ou o que virá a pretender. Morrendo ou não, resta esperar.

Victorius dá um sinal de vida. Começa a murmurar vários nomes. Demasiado fracos para o perceber, os seus companheiros de cave apenas supõem que ele esteja a delirar. Mau sinal, se assim for.

Henrique, não se lembrava da última vez em que tinha sido tão paciente. Talvez tenha mudado muito nos últimos tempos, talvez não; ou talvez esteja apenas a descobrir em si novas qualidades. Encosta a cabeça contra a parede. Espera.

Um olhar frio, cortante, é assumido por Isabel. Sabe que está a ser provocada, e não gosta de se sentir assim, desrespeitada, inferior. A passos lentos, ameaça uma proximidade suficientemente perigosa, perante a líder.

Luna já não espera que os ânimos venham a acalmar entre as duas. Aliás! Para ela, o mais certo, e pelo caminho que estão a tomar, é que não haverá nada mais indesejável do que um confronto entre duas mulheres poderosas e desesperadas. Não será nada bonito de se ver...

(Luna) – Parem com isso, por favor! – pede, aproximando-se das duas e tentando aumentar a distância entre ambas.

(Isabel) – sem desviar o olhar do de Beatriz – Não te metas! – ordena, revelando desilusão na voz.

Desilusão. Luna capta imediatamente a desilusão na voz da mãe. Por um lado, não compreende o motivo de desilusão, por outro, e colocando-se no lugar oposto, acaba por perceber. Isabel não se sente à vontade com o facto de ela partilhar segredos com a líder, muito menos segredos que se possam tornar informação útil ao desaparecimento deles. Mas, o problema da desilusão não se resume ao desaparecimento dos "irmãos", mas essencialmente ao de Afonso. Luna nota desilusão na mãe, mas também um pouco de egoísmo. Percebe então que pode também desiludir-se em relação a isso.

(Beatriz) – Não trates a tua filha como se ela fizesse parte disto! – defendendo Luna, perante Isabel, o que deixa esta ainda mais arreliada.

(Isabel) – Tu é que a meteste nisto! – acusa.

(Beatriz) – Eu?! – ri, incrédula. – Tu é que a trouxeste ao mundo assim, Toda-poderosa, a ler os pensamentos dos outros, cheia de generosidade, e eu é que a meti nisto? – reforça, gozando até com a situação, animada, e tentando desviar-se do assunto inicial.

A ruiva, indignada, não acreditando na forma fantástica como substituíram o tema de discussão, farta-se de tentar separá-las e deixa um aviso.

(Luna) - Chega! – levantando a voz. – Sabem que mais? Lutem, matem-se à vontade, odeiem-se... Mas não me metam nisso! – avisa.

Sai. Tenta mostrar que as ignora. Convence-as disso.

(Beatriz) – Já agora! Estavas a ouvir conversas privadas atrás da porta? – questiona, indiferente à saída de Luna, despertando a ira de Isabel. – Isso é muito feio, Isabel! – comenta. – E ainda mais quando te vens meter no assunto... Que nem te diz respeito! – reforça, sarcástica.

Basta! Isabel perde a paciência e o controlo. O seu dom não lhe está a parecer tão forte e útil como esperava. E tudo fica mais incontrolável quando percebe que Beatriz é excelente a desafiar adversários, e esse é um tão simples dom, que se revela tão mais eficaz naquele momento.

Fugaz. Isabel agarra com um desejo incessante e uma força plena o pescoço de Beatriz. Não pretende deixá-la de rastos, apenas fazê-la sofrer e falar. Sufoca-a e exige, mais uma vez, saber tudo o que Beatriz sabe.

A capacidade de Isabel ferve-lhe na mente. Resiste. Beatriz continua a achar que não devia sequer ter descoberto tal segredo, quanto mais partilhá-lo com alguém. Para além disso, algo em si fá-la provar que é a mais forte ali.

(Beatriz) – Vais largar-me? – questiona, com um leve sorriso.

(Isabel) - Não, enquanto não falares! - insiste.

(Beatriz) – Vais pois! – avisa.

Naquele momento, a líder lembra Isabel do quanto ela se esqueceu de que estão as duas na mesma situação.

Agarra-lhe o braço. Arranca-lhe a mão do seu pescoço. Afasta-a com toda a sua força. De seguida, vendo-a caída, revela-lhe as suas presas sedentas, ameaçadoras.

Isabel, já sentada no chão, encara-a. Levanta-se imediatamente e prepara-se para contraatacar. É só um ajuste de contas.

(Vasco) – Acabou! – grita, colocando-se no meio das duas, separando as feras.

Luna chega logo atrás de Vasco. Quando o vê acabar com a briga, sorri para ambas, num tom de satisfação, gozo, mostrando-lhes que nunca iria deixá-las à mercê da raiva, mesmo não se metendo directamente no assunto.

(Francisca) – O quê que vos deu? Estão doidas? – surpreendida com o que vê.

Ambas se esforçam por se acalmar, mesmo que a vontade lhes indique o contrário. Escondem os sinais físicos de raiva e ressentimento.

(Beatriz) – Se o que eu sei nos pudesse ajudar, eu já teria partilhado! – garante, tentando transmitir alguma confiança a Isabel.

(Isabel) – Será? – questiona, mostrando dúvida.

Isabel parece não querer acreditar em nada, nem confiar em alguém.

Sentindo-se no direito de ser compreendida, e vendo que não o é, Beatriz deixa o seu olhar revelar o que sente mais uma vez.

Pedro está ali também e interpretando o que vai no olhar da líder, revela-se destemido e intervém com toda a sua razão.

(Pedro) – Vocês só podem estar loucas! – acusa. – Será que não entendem que estão na mesma situação? – lembra. – Em vez de lutarem uma contra a outra, unam-se e lutem pelo que ambas querem!

Instantaneamente, o jovem Pedro torna-se alvo dos olhares, da atenção e do apoio de todos. O seu discurso, foi suficiente para deixar Isabel e Beatriz num sentimento de vergonha, ridicularizadas.

(Vasco) – Oiçam o rapaz! – surpreendido, depositando-lhe toda a razão.

Abrindo os olhos, vê a mesma escuridão. Recuperando os sentidos, sente o mesmo, nada. Em si, algo o obriga a poupar o oxigénio à sua volta.

Uma porta abre. A luz do exterior cega-o por instantes. A escuridão assombra-o novamente, ao fechar da porta. Uma voz fá-lo reagir inutilmente.

(Joseph) – Alphonzo... Meu querido, Alphonzo... - elevando-lhe o rosto, certificando-se do resultado das suas pesquisas.

(Afonso) – cansado – Jones...? – acreditando que está a sonhar, mesmo que a natureza o impeça de sonhar à séculos.

(Joseph) – Todo-poderoso, ah?! – goza, às gargalhadas. – Não! Fraco, sensível, inofensivo... Assim, sim! – corrige. – *I like it this way*... - comenta, atormentando o jovem com o seu sotaque inconfundível.

Afonso reúne energias para o afastar. Fortes correntes nos braços, cintura e pés, prendem-no ali. O pouco oxigénio, reforça o aprisionamento. Luz solar, nem vê-la. Afonso está incapacitado para se defender e fugir.

EPISÓDIO 23 – Um conforto familiar

Não acredita, mas leva a sério. Afonso confunde-se entre sobreviver às condições daquele lugar escuro, pequeno e frio, e acreditar no regresso inesperado de *Jones*, seu inimigo passado, que trará algumas contas a ajustar.

Num imenso esforço alimentado por uma determinação inacabável, Afonso ergue o olhar, sacrificando a pouca energia contida ainda em si, para provocar *Jones*, mostrando-lhe que resiste.

Joseph tinha bastantes certezas sobre o seu plano para enfraquecer alguém como Afonso. As suas suspeitas sobre o sucesso das pesquisas estão confirmadas. O pobre rapaz está impotente, incapaz, torturado, mas ainda vivo.

(Joseph) – Parece-me que a Helena já cá não está para te defender... - sorri. – Eu sabia! Algo sempre me disse que, um dia, eu iria acabar o que comecei! – gargalhando, preparando-se para lhe agarrar os cabelos, impedindo que Afonso deixe de o observar. – *I'm back!* – conclui, numa exclamação carregada de sotaque, fazendo ferver algum desprezo no inocente Afonso.

Toda a sua vontade imensa parece não ser suficiente. Afonso quer responder, questionar, ameaçar até!, mas a sua voz some-se na frieza daquele lugar e o seu corpo implora por repouso, luz e oxigénio.

(Joseph) – desfilando charme em torno de Afonso, enumerando. – Rodeado de amigos fiéis, apaixonado, casado, pai de família e... - recordando. – Até conseguiste a cura perfeita para o vampirismo! – termina, parado à sua frente, em pé, como que enaltecendo a sua altivez.

Afonso continua a ouvi-lo. Não tem outra hipótese, na verdade! Sem conseguir reagir às provocações daquela visita surpresa e indesejável de *Jones*, espera apenas ouvir todas as respostas às perguntas que lhe nascem no pensamento, sem ter que questionar.

Joseph podia calar-se, sair dali e deixá-lo sofrer sozinho. Mas não! Prefere torturar o pobre rapaz com as suas conversas de mistério, vingança e gozo.

(Joseph) – *Sorry*... - elevando o seu sotaque natural mais uma vez. – Estava na altura de eu intervir! – conclui, sarcástico. – Sim! É a altura certa! – confirmando-se a si mesmo.

O vampiro não se inibe no momento de lançar mais uns risinhos de provocação. Afonso, lamentando que o destino o obrigue a ouvir e a suportar *Jones* mais uma vez, empenha-se custosamente, erguendo a cabeça mais uma vez, só para ter o agradável gosto de o mandar para o Inferno, apenas com um olhar expressivo.

Joseph capta maravilhosamente bem a expressão do seu prisioneiro, chegando a sentir-se ridículo por suportar tal provocação, sem retribuir. Na verdade, sente-se até incomodado com aquele olhar.

Assim sendo, decide fazer uma pausa por ali, deixando-o sufocado pela falta de ar e excesso de mistério.

(Joseph) – gesticulando como se ouvisse algo do outro lado das paredes. – Parece-me que o teu "irmãozinho" está a precisar de mim... - sorrindo, enquanto lhe vira costas.

Ainda que fisicamente fraco, lento nos movimentos e pensamentos, Afonso acaba por concluir rapidamente que Henrique está por ali, com *Jones*. Indignado, questiona-se sobre a possibilidade. No fundo, não percebe qual o sentido de Henrique estar ali.

Antes de sair, Joseph parece lembrar-se de mais um pormenor.

(Joseph) – Já agora! O meu nome é Joseph! – esclarece.

Afonso vê a porta a abrir. Um fino feixe de luz invade o lugar tão rapidamente como o abandona, ao fechar da porta. Fraco, deixa-se cair no chão frio, ouvindo apenas o tilintar das correntes, e a sua ofegante respiração. Luna é a primeira imagem que o seu consciente revê. Isabel aparece logo ao lado. Mas ambas desfocadas, como se as memórias não pudessem de modo algum retratar a simples e real perfeição de ambas.

O desentendimento entre Beatriz e Isabel não fez qualquer sentido. Depressa, a presença de ambas no mesmo lugar, tornou-se desconfortável e ridícula. Recompõem-se. Calam-se. Observam-se uma a outra perante a atenção dos que as tentam separar de mais uma possível briga, que parece não vir a acontecer.

Isabel é a primeira a ceder. Recua, afastando-se da líder, mas sem nunca baixar o olhar, mantendo-se resistente. Pede apenas que a deixem sozinha por momentos, prometendo que não cometerá loucuras, assim que a lembram disso.

Depois de Isabel sair, Beatriz é assombrada por questões, umas atrás das outras, preocupação, incredulidade... Não responde a nenhuma. Ignora as perguntas, os olhares, tudo! Deixa apenas o aviso de que o Mais Antigo vai regressar, brevemente, a Sintra.

Sozinha, tal como pediu, Isabel regressou a casa. Enquanto as lágrimas ameaçam libertar-se, a jovem corre para o quarto, trancando-se, deitando-se e deixando que os sentimentos falem por si. Num pranto, Isabel desespera por não saber o que fazer, como fazer, ou simplesmente por desconhecer o motivo do também desaparecimento de Afonso.

Também a sós com a inquietante solidão que tem vindo a exigir, Beatriz, na cripta, pensa seriamente preocupada sobre o que acabou de acontecer. Isabel tinha razão. Mas ela também tem razão. Mas, acima da razão de ambas, esteve o jovem Pedro. A vampira chega a sentir-se miserável por deixar que as coisas cheguem a tal ponto.

Alguns momentos depois, Beatriz e Isabel, mesmo distantes, pensam exactamente no mesmo. Foram injustas uma com a outra. Isabel desiste de se sentir a única vítima e Beatriz consente a nobre atitude de esclarecer quase tudo, deixando o orgulho de parte.

Encontram-se a meio caminho, na serra.

- Desculpa! – dizem em coro, sem pensar, assim que se encontram.

Confundem-se. A conversa parece não avançar, pois ambas pensam em falar no exacto momento. Beatriz permite que Isabel fale primeiro.

(Isabel) – Eu estava descontrolada... Esqueci-me completamente que estás a passar exactamente pelo mesmo que eu! Fui egoísta! – suspira. – Desculpa!

(Beatriz) – Eu também fui egoísta! – confessa. – Pensei unicamente na minha vontade e não o respeitei... - lembrando Henrique.

Isabel percebe rapidamente que, o que quer que seja que a líder sabe, ela mesma se sente culpada por saber.

(Isabel) – Não precisas de dizer mais nada! – sorri. – Acho que também me esqueci que podia confiar em ti, mais do que noutro qualquer!

Beatriz sorri ligeiramente, agradecendo aquela simples atitude.

(Beatriz) – Eles vão voltar! – promete.

Num gesto simultâneo e inesperado, as duas partilham um abraço sincero. Prometem a si mesmas, uma à outra e pelo respeito que afinal ainda trocam, lutar juntas para resolver a situação, por mais obscura e perigosa que seja.

Sereno, num gesto rápido e elegante, bastante confiante, Joseph entra na cave onde deixou a sua meia dúzia de novos vampiros. Ao abrir da porta, a escuridão do lugar desaparece quase por completo, mas nenhum dos seis reage.

(Joseph) – Coitadinhos... - murmura – Mais pálidos do que já eram! – brinca, ironicamente, ainda que não haja ali qualquer piada possível.

Veio acompanhado por mais vampiros, que cedem às suas ordens autêntico num piscar de olhos, sem questões.

(Joseph) – Levem-nos para a sala principal! – pede. – Está na hora de lhes dar algum conforto familiar... - comenta.

Cerca de uma hora depois, os primeiros reagem. Poucos minutos passam, até que os seis estejam completamente conscientes, recuperados. Uma grande surpresa fica expressa nas suas caras quando se deparam confortavelmente instalados numa sala incrivelmente acolhedora, rodeados por umas quantas dezenas de vampiros.

Ainda sujos, com as roupas encardidas e manchadas de algum sangue, ignoram esse facto. Percebem rapidamente que recuperaram a boa forma, a força, os sentidos.

Joseph aparece-lhes, entrando na sala e mostrando uma certa satisfação por vê-los em excelente condição.

(Henrique) – Era bom demais para ser verdade... - murmura, revelando algum desagrado pois, por breves instantes, acreditou que estava longe daquele louco.

Apesar de ter demonstrado um desagrado bastante verídico, tendo por momentos acreditado mesmo na sua libertação, aquela reacção foi, anteriormente, até planeada. Henrique reagiu conforme a sua vontade natural e tal como tinha planeado com os companheiros.

O objectivo é envolver Joseph num teatrinho previamente ensaiado pelos seis antes de ficarem inconscientes naquela cave. Henrique cumpre com a sua parte, os restantes ajudam. Parece resultar.

Joseph sabe bem que será difícil alinhá-los segundo as suas ideias. Mas não pretende desistir.

(Joseph) – Estão confortáveis? – questiona, numa preocupação irónica.

EPISÓDIO 24 - Diagnóstico de Loucura

Nenhum dos seis ousa responder à questão, que lhes chega a parecer uma afronta, depois do que passaram numa cave que nem fazem ideia de onde fica. Trocam olhares breves e, em simultâneo, observam o espaço e quem ali está. Voltam a entreolhar-se. Reparam então em Henrique, que parece preocupado com o facto de ter ainda aquele golpe asqueroso no braço, e ainda por perceber que os companheiros têm um semelhante.

Joseph ignora o silêncio. Puxa uma cadeira e senta-se em frente ao grupo, sem temer qualquer reviravolta. Mira-os numa pose confortável, tranquila, parece até sentir-se como se estivesse em família.

(Joseph) – Perguntas! – pede. – Alguma? – insiste. – Aproveitem agora! – avisa.

Por entre as várias perguntas que cada um poderia e teria para fazer, há uma que é, sem sombra de dúvidas, comum aos seis.

Jasmine, sentindo-se em perfeita segurança entre os cinco homens que conheceu naquela esquisita alhada, segue em frente com a sua parte do plano. Algo sedutora, mais ainda provocadora, aproxima os seus trejeitos aos de Joseph, imitando aquela postura elegante, cheia de charme, o olhar altivo e movimentos leves, o sorriso fatal, e personalizando-a aos seus dotes. É ela que faz a pergunta.

(Jasmine) – O quê que estamos aqui a fazer?

O vampiro não resiste ao olhar da rapariga. Numa tentativa de se mostrar mais próximo dos seis, reposiciona-se, apoiando os braços sobre os joelhos e fitando-os com calma, e algum gozo disfarçado.

(Joseph) – Vá lá! Sejam mais originais! – incentiva – Essa pergunta já eu esperava! - confessa, soltando o mesmo sorriso de sempre.

Henrique apressa-se a intervir, impedindo que a conversa termine sem respostas, captando algum gozo obscuro em Joseph para desafiá-los.

(Henrique) – Nesse caso, porque ainda não começaste a responder? – ridicularizando-o.

Mais uma vez, reagem em grupo. Manifestando incredulidade no olhar, os seis incentivam Joseph a falar, pressionando-o com as suas expressões.

(Victorius) – Estamos à espera! – insiste, num tom habitual de quem tem mais que fazer.

Joseph mantém o silêncio, enquanto analisa as expressões de cada um deles. Nota que, em tão pouco tempo, aquele grupo de até então desconhecidos, já tem formada uma forte aliança de amizade e companheirismo. No seu mais profundo intimo, não sabe se sequer se isso lhe agrada ou não.

(Joseph) – Digam-me! – pede, fazendo uma pequena pausa. – Para quê que querem a resposta ao que já sabem?! – questiona, sorrindo ironicamente.

(Sandro) – Nada do que sabemos justifica a nossa presença aqui! – contrapõe. – Sinceramente, já chegámos a propor a tua loucura... Falta de sanidade mental, sabes?

(Akira) – Mas ainda temos alguma réstia de esperança numa outra justificação possível! – garante.

Joseph levanta-se de repente, acabando com as acusações, preparando-se para lhes esclarecer tudo sobre si, aquele espaço e aquele género absurdo de família que tem vindo a construir para si.

Para admiração e alívio de todos, Beatriz e Isabel reaparecem juntas, em tréguas e completamente determinadas. Decidiram juntar forças e fazer algo por si mesmas, uma pela outra e pelos desaparecidos, não só os "irmãos".

Numa conversa breve e progressiva, enquanto regressam ao "Bloody Mary", reúnem todas as peças que já têm para colocar em jogo. E, por agora, aproveitam o facto de Renato ter estado com o grupo suspeito, para o questionar acerca deles.

(Renato) – Desculpem... Não consigo mais pormenores! – depois de os descrever. – Não estive muito tempo com eles. Foi o Afonso que os atendeu... - lembrando.

(Beatriz) – suspira, procurando esperança. – Mas... Consegues reconhecê-los se os vires por aí, não? – questiona.

(Renato) – Sem dúvida! – garante.

Isabel pensa então numa rápida solução possível.

(Isabel) – Beatriz, será que o Mais Antigo... - pensa. - Não sei... Ele deve ter um registo qualquer de todos os vampiros que são transformados, informações, fotografias... - enumera, meio em dúvida com a possibilidade.

(Beatriz) – Sim tem! – confirma. – O Mais Antigo tem conhecimento sobre todas as transformações e as Cortes fazem um registo exacto, com toda a informação de cada vampiro...

(Renato) – Sim, é como o Registo Civil dos vampiros! – esclarecendo Isabel.

(Isabel) – Então podemos pedir-lhe para ter acesso a esse registo! Se o Renato conseguir apontar os suspeitos, será mais fácil para todos! – conclui.

(Beatriz) – Não é qualquer pessoa que pode ter acesso aos arquivos do Mais Antigo... - sorri – Mas não custa tentar! – aceitando pedir permissão ao Supremo.

(Renato) – Por falar no Mais Antigo... Quando é que ele chega?

(Beatriz) – Em breve! Ele faz sempre questão de chegar a qualquer momento... Detesta cortesias! – comenta.

Depois de um longo discurso, formado maioritariamente por perguntas que levariam imediatamente a respostas óbvias e esclarecedoras, para que não as proferisse directamente, Joseph espera apenas alguma reacção por parte dos seis.

(Brian) – Portanto! – soltando umas leves gargalhadas. – Estamos aqui, agora, mas já éramos para estar convosco desde que fomos transformados?! – tentando confirmar a ideia.

(Akira) – Porque somos como vocês?! – a rir. – Fazemos parte desta... "família"?! – contracenando com Brian.

(Henrique) – Acho que podemos considerar o diagnóstico de loucura! – lança a piada, rindo com os companheiros.

Joseph parece entender-lhes uma tal fase de negação, aquele momento em que não se aceita a realidade.

Por outro lado, os seis ainda só estão a começar e, o início daquele teatrinho conjunto é bem realista, até porque ainda estão no Primeiro Acto, composto pelo improviso e reacções naturais de cada um. Contudo, a segunda parte parece estar para breve e os seis pretendem dar a Joseph o seu desejado papel principal.

(Joseph) – Eu sei! À partida, é complicado! – tentando ser compreensivo. – Mas eu conheço muito mais sobre a vossa história do que vocês mesmo! – avisa. – Mais tarde ou mais cedo, vão perceber que não são diferentes de nós e que é aqui que vão querer estar, é esta a "família" que vão querer, a única que vos compreende como quem verdadeiramente são!

(Henrique) – Algo me diz que não conheces a verdadeira definição de família! – comenta, com uma vontade imensa de o torturar também e uma atitude altamente desafiadora.

De algum modo, Joseph chega a sentir-se incomodamente afectado com o comentário. É então ironicamente salvo pela entrada de um dos seus.

(Carlos) – Joseph, desculpa interromper, mas está ali aquela miúda... a ... - tentando recordar o nome. – Alice, acho eu!

(Joseph) – suspira – Ela outra vez?! – farto.

O vampiro até já tinha esclarecido a inofensiva humana que anda a tentar convencê-lo a transformá-la. Na verdade, nem tem muita vontade de lhe conceder o desejo, provavelmente não o fará, mas prefere manter a jovem debaixo de olho, pode dar jeito.

(Joseph) – dirigindo-se à saída, pára e sorri. – Têm sede? – para os cinco, ordenando alguém para que os sirva.

Lá fora, nervosa e encostada ao seu carro, como quem receia a falta de forças, Alice espera Joseph.

Elegante, num sorriso de fachada desejando-lhe as boas-vindas, o vampiro aproxima-se, preparando-se até para lhe dar um elegante beijo na mão.

De mão estendida, observando Joseph estimando ironicamente a sua presença ali, Alice olha-o com algum desprezo, disfarçado por um respeito miudinho, alimentado por medo.

(Joseph) – A que devo esta visita? – sorrindo-lhe.

(Alice) – A minha vida é um caos, estou a envelhecer e tu fizeste-me uma promessa! – lembra, resumindo rapidamente o assunto que a trouxe novamente ali.

EPISÓDIO 25 – Hope Dies Last

Joseph entende imediatamente que a frágil humana, a quem se sujeitou a fazer uma promessa em troca de uns favorezinhos e que disso não passa, de frágil, está então com imensa pressa. Por isso, por ser frágil e humana, Joseph considera a possibilidade de lhe dar alguma razão, já que o tempo não perdoa e que, orgulhosamente, se tem vindo a determinar como fiel cumpridor de promessas.

Tentando revelar-se compreensível e acolhedor, numa postura incrivelmente honesta pela sua sedutora naturalidade, Joseph aproxima-se só um pouco mais da rapariga, algo que sorrindo forçosamente.

(Joseph) – Quem me conhece sabe que nunca quebro uma promessa. – lembra. – Aliás! Por alguma razão estou aqui, em Portugal! – reforça, suspirando de seguida e aproximando-se cada vez mais de Alice. – É tudo uma questão de tempo, *sweetheart*. – o seu sotaque carregado é um truque próprio de encantamento infalível. – Quando chegar o momento certo, dar-te-ei tudo o que me pedires! – garante.

Alice quase que caía descontroladamente nos encantos daquele charme intenso e provocador que o próprio sabe que tem. Quase! Mas aquele misterioso e arrogante vampiro já não a engana! A jovem afasta-se delicadamente, evitando mostrar transtorno ou desconfiança, ou algo que denuncie apenas desespero. Apenas deseja afastar-se do encanto de Joseph.

(Alice) – Tempo?! Momento certo?! – indignada. – Mas tu achas que eu tenho tempo? – questiona, bastante determinada e cheia de razão. – A minha família é um desastre, não tenho amigos, não tenho nada... Estou sozinha neste maldito mundo! – grita num desabafo. – Eu só quero uma nova oportunidade... Eu estou sozinha entre humanos... - suspira, olhando-o nos olhos, tentando ser também encantadora, mas reflectindo-lhe solidão nesse encanto.

(Joseph) – E o que te faz pensar que será diferente no mundo do sobrenatural? – questiona, numa forma de contra-ataque, mostrando-lhe que sabe mais do que ela possa pensar sobre tal sentimento de solidão.

Alice detém-se por momentos, completamente apanhada desprevenida pela pergunta. Pensa, por momentos, e chega à conclusão.

(Alice) – Talvez... Esperança! – admite.

Joseph recua, afastando-se da rapariga e daquela palavra que acaba de o atingir de uma forma tão brutalmente profunda que ninguém pode imaginar o quanto.

O vampiro pára em frente ao simples carro da jovem, admirando-o como se estivesse na presença de uma autêntica obra de arte. Na verdade, apenas pensa nas palavras correctas, evitando passar-se por fraco naquele mesmo momento. Entretanto, volta a encarar a rapariga, sorrindo levemente para voltar ao assunto.

(Joseph) – Sabes? Tu e eu temos mais em comum do que qualquer um de nós pudesse pensar! – admite, enquanto observa Alice franzindo a testa. – Estamos sufocadoramente presos a um passado que por vezes ainda tomamos como presente, e fazemos tudo o que está ao nosso alcance, e até o que não está!, para atingir um futuro melhor, que muito provavelmente não chegará. – introduz, enquanto insiste num olhar intenso directo com o de Alice, como se lhe lesse a alma. – Ainda assim, mesmo conhecendo essa aterradora probabilidade, insistimos em continuar... E a culpa? – ri. – *Well, well...* a culpa é dessa tal maldita Esperança de que me acabas de falar e que habita em todos nós até mesmo depois do último suspiro... - prossegue, evitando a emoção que começa a aflorar-lhe no rosto. – *Hope dies last!* – ri, novamente.

Alice ouve-o atentamente e observa-o, sentindo realmente a verdade do que ele profere tão intensamente naquela voz consumida por tal sedutor sotaque que, nem mesmo no momento mais sério, é possível de ser ignorado.

(Joseph) – Por entre tudo isto, há apenas uma diferença entre nós! – afirma subitamente, elevando o dedo indicador para anunciar tal diferença. – Enquanto eu viver, que até agora, me parece, será a eternidade, a esperança nunca morrerá. – lembra-lhe. – Contudo, tu, minha linda jovem, ainda tens a inevitável morte como desculpa mais próxima para te livrares da... Esperança!

(Alice) – Ninguém te disse que me quero livrar da Esperança... - murmura, num comentário próprio que não passa despercebido aos ouvidos de Joseph.

Interessado no rápido fim daquela conversa, Joseph volta a aproximar-se ainda mais de Alice, chegando a acariciar-lhe as faces rosadas levemente, com as costas macias de suas mãos, prosseguindo, ignorando o comentário.

(Joseph) – Eu também me sentia deslocado... - confessa, enquanto avalia a perfeição humana de Alice. – Passei toda a minha vida numa luta imensa para agradar o meu pai, achando que ele me amava pelo que eu era e não apenas pelo que me estava a tornar. – o vampiro vai baixando o tom de voz lentamente. – E no fim de tudo, passados séculos, aqui estou eu! Filho do inimigo! Ainda a tentar remediar tudo... - termina. – Tentando ainda agradar ao poderoso Jonathan Morgan... Tentando não ser o único, não estar sozinho... - conclui, num murmúrio tão fraco que Alice não consegue atingir.

Alice começa a sentir-se a mais, como se de repente se tivesse transformado num obstáculo entre Joseph e os seus pensamentos.

Joseph vagueia, por momentos, em algumas recordações. Acaba então por se lembrar que não tinha qualquer intenção de mostrar alguma fragilidade sua para a humana. Contudo, admitindo que já disse tudo o que tinha a dizer, decide terminar de vez.

(Joseph) – Tu e eu, estamos obviamente sozinhos no mundo, e a Esperança é a única que alimenta cada vez mais, a cada dia, a crença de que isso poderá vir a mudar. Mesmo podendo ser uma ilusão, vamos continuar a afundar-nos nela, não é, *sweetheart*?

Farta de conversas, Alice decide interromper, precisamente no instante em que começava a acreditar nos dotes argumentativos sobre emoções, de Joseph. No fundo, ele tem razão quando diz que "farão tudo", pois é mesmo isso que fará. Alice fará tudo por si, e apenas por si mesma!

(Alice) – Tens razão! – admite, com um leve sorriso não comprometedor. – É mesmo pela Esperança que continuarei a lutar! Não importa como...

(Joseph) – Dear, I promise! – promete, voltando a insistir em tal pronúncia irresistível. – É só uma questão de tempo!

(Alice) – Não me atrevo a duvidar! – afirma, com um sorriso cativante que corresponde ao de Joseph, tão mais próximo do seu do que deseja.

Afastando-se o suficiente para que possa abrir a porta de seu carro e sair dali o quanto antes, evitando qualquer atitude de Joseph que a possa vir a influenciar para algo mais que não quer, Alice sai dali, sem nunca deixar esmorecer um sorriso que quase garante a Joseph a sua total inocência.

Na cripta, mais uma vez sozinha, sentada na pequena escada que dá para a parte mais alta destinada ao líder, Beatriz pensa, apenas segurando o telemóvel nas suas mãos, esperando possíveis notícias. Esperança parece ser uma desculpa forte para tudo nos últimos tempos, talvez por ser a única que resta em momentos apocalípticos.

Cada vez mais, Beatriz acredita na possibilidade de tudo aquilo estar a acontecer por uma questão pessoal, o que quase obviamente não afectaria a integridade de uma comunidade inteira. Contudo, o problema está em si mesma, enquanto líder determinada em resolver tal problema que se envolve consigo mesma de uma forma apenas e inevitavelmente emocional. O risco da comunidade poderá estar no seu próprio líder.

Jovem e determinada pela Esperança, Alice entra no "Bloody Mary" quase tão arrogantemente como se o estivesse a invadir.

Renato observa-a com incredulidade, enquanto arruma as mesas no espaço, limitando-se a lembrar que o bar não está aberto.

(Alice) – Eu vim falar com o vosso líder! – atira, deixando o vampiro alerta. – É urgente!

(Renato) – Quem?! – voltando-se para a jovem, como se não houvesse líder alguma.

(Alice) – aproximando-se sem medo, por saber que tem um importante trunfo na manga. – Vá lá! Tu sabes! – incentiva. – Eu sei... - avisa.

(Renato) – Sabemos o quê? – esforçando-se para manter um segredo que afinal parece não o ser.

(Alice) – Lá porque vocês têm o tempo todo que quiserem, não quer dizer que os outros também tenham! – acusa, lembrando-se de Joseph tentando também fazê-la perder tempo, enganando-a. – Não me faças perder tempo! Pára de disfarçar! Eu sei que és um deles...

(Renato) – Tu não sabes nada... - comenta, quase ameaçando ser mais do que ela julga.

(Alice) – Sei, por exemplo, que me levarás até ao vosso líder, assim que eu revelar que posso saber onde estão os vossos desaparecidos! – desafia. – Ups! Já disse! – repara. – Então, onde ele está? – questiona, sob o olhar admirado de Renato.

Beatriz faz uma entrada rápida, mostrando que ouviu o suficiente e que não está para brincadeiras.

(Beatriz) – Sou eu a líder! – revela, com um sorriso. - Fala! – pede.

(Alice) – Tu?! – pergunta, observando-a da cabeça aos pés. – Esperava que fosses...

(Beatriz) – Mais velha? – termina. – Se nos conheces tão bem como dizes, devias saber que entre nós a idade é uma ilusão! – lembra, revelando claramente que ouviu a conversa.

(Alice) – Pois...

(Beatriz) – E tu? Quem és?

(Alice) – Só uma intermediária traidora à procura da solução para acabar com uma vida miserável... - desabafa. – Alice! Prazer! – afirma, esticando a mão para um cumprimento honesto.

Beatriz observa o seu gesto mas limita-se a não corresponder, esperando apenas respostas.

(Beatriz) – Fala de uma vez! – pede, quase ordenando.

(Alice) – Não! – recusa. – Primeiro quero um acordo! – impõe. – E espero que sejas mais honesta que o outro... - comenta, observando-a novamente ao pormenor.

Renato finge continuar a trabalhar por ali, desconfiando avidamente de um truque, ficando apenas para se certificar que Beatriz está segura.

(Beatriz) – E o quê que te faz pensar que quero um acordo? Eu poderia ameaçar-te, chantagear-te, ou mesmo matar-te aqui mesmo... - enumera, ameaçando e mostrando-lhe o seu poder ali.

(Alice) – Eu não tenho nada a perder! – admite. – Sei que não tenho hipóteses contra ti, mas não duvides que não abrirei a boca sobre nada se não tiver a certeza que terei o que quero! Se pensas que tenho medo de morrer, enganas-te! – revela.

(Beatriz) – Continua! – pede, admirada com tanta confiança.

(Alice) – A minha vida é um caos em diversos aspectos que mencionarei mais tarde! Eu só quero uma segunda oportunidade, uma vida diferente, novas escolhas... Se nunca atingir tal porque morri, vocês continuarão a perder mais que eu! – garante.

(Beatriz) – Tenho que admitir que és boa com palavras! Tão boa que começas a enervar-me! – confessa, sorrindo sarcasticamente, quase imitando Henrique. – Vai directa ao assunto! O quê que queres?

(Alice) – Ser vampira! – conta finalmente. – Quero ter um longo e seguro futuro pela frente, cheio de oportunidades e escolhas próprias, quero poder amar e ser amada, quero viajar, quero... Quero uma vida! – completa, transmitindo no seu olhar a esperança que a move. – Temos acordo?

EPISÓDIO 26 – Quem é ela?

Algo altamente desconfiada, Beatriz observa rigorosamente cada gesto, cada expressão e cada som emitido pelas simples e rápidas palavras da rapariga. Analisa cada pormenor, pensando

apenas na possibilidade que há em estar a ser enganada, de tudo não passar de uma forma de distracção que lhe traz falsa esperança. Não! Não pode ser assim tão simples... - pensa. Aquela história não pode estar tão facilmente a cominho do fim.

Desviando agora a sua atenção de pormenores tão profundos, Beatriz concentra-se novamente na simples presença que tem à sua frente, tão perfeitamente humana, tão humanamente frágil. Nota-a impaciente e sente o seu nervosismo miudinho escondido por toda uma determinação.

(Alice) – Então?! Não dizes nada?! – insiste, já insegura pela demora.

Beatriz deixa-se permanecer em silêncio por mais um bocado, apreciando toda uma fragilidade única que está a deixá-la tão capaz de maiores preocupações.

Preocupação é a palavra de ordem dos últimos tempos, seguindo-se naturalmente à Esperança, causa primeira de algumas outras sensações.

O "Rouge Hotel" já é só por si um local cheio de movimento, com gente sempre a entrar e a sair. Desta feita, a movimentação é outra.

Numa hora mais calma, Isabel é a única que dá agitação ao espaço. Na sala, senta-se, levanta-se, anda para aqui, anda para ali, volta a sentar-se e tudo repete. Luna observa-a, com um leve, não forçado sorriso, tentando assegurar à própria mãe que não vale a pena agir como uma barata tonta, apenas porque está obviamente preocupada.

(Isabel) – Eu preciso de fazer alguma coisa... Não posso simplesmente ficar à espera... - menciona, pensando em algo, enquanto se agita de um lado para o outro da sala de estar.

(Luna) – Sim! – concorda. – Mas tenho a certeza que andar de um lado para o outro, não acelera o processo de raciocínio... - tentando fazer com que a mãe perceba que está a parecer ridícula.

(Isabel) – E a Beatriz? – suspira - Porquê que ela ainda não disse nada? – parando por momentos, encarando Luna enquanto apoia firmemente as suas mães nas costas de um sofá.

(Luna) – Talvez porque ainda não aconteceu mais nada... - responde. – Tem calma, mãe!

(Isabel) – Não consigo! – afirma, voltando a agitar-se. – Como é que tu consegues estar assim tão calma? – questiona, quase indignada.

(Luna) – sorrindo – Acho que estou com um bom pressentimento! – admite.

Isabel acalma-se por instantes, como se absorvesse com desejo as palavras calmas e sinceras da filha. No entanto, não são o suficiente para a fazer esquecer-se que o amor da sua vida desapareceu.

Luna percebe isso, apressando-se a arranjar uma ideia prática que possa distrair Isabel, fazendo-a ser tão útil no caso quanto está desesperadamente a desejar ser.

(Luna) – E se tentasses falar outra vez com o vampiro que apanhámos aqui? – sugere.

(Isabel) – Seria uma excelente ideia! – admite. – Se ele não fosse invulgarmente fiel aos seus... E se eu não lhe arrancasse a cabeça por isso!

(Luna) – Óh, mãe! – exclama, como se a chamasse à atenção pela atitude, rindo disso.

Isabel volta a olhar para Luna, admirando a sua calma, a sua pureza. Acaba por se sentar ao lado dela, obrigando-se a ficar também calma, alimentando-se apenas pela esperança de que boas noticias estejam para chegar.

Percebe então que o seu silêncio está a deixar aquela jovem desconhecida em sofrimento. Talvez isso seja um bom sinal. Ou talvez seja apenas sinal de que deve tomar uma decisão rápida, centrando-se apenas no quanto quer trazer Henrique e Afonso de volta, custe o que custar.

(Beatriz) – Eu mesma te transformarei se for necessário! – revela, confiante e sincera. – Mas ficas já avisada! – introduz, com cautela. – Se me estiveres a enganar, tiro-te tudo o que alguma vez desejaste, sem sequer pensar! – ameaça, elevando a voz e aproximando-se lentamente. – E não estou a falar em matar-te... - esclarece, notando que está a conseguir fazê-la ter noção da responsabilidade.

(Alice) – Não estou aqui para enganar ninguém! – defende-se. – Estou apenas à procura daquilo que mais quero. E será muito mais fácil se colaborarem! – garante.

Acreditando que deve começar ela mesma a cumprir com o acordo, deixando que aos poucos a consideram alguém de confiança, aproximando-a do seu objectivo, Alice desvia o olhar do de Beatriz e, cautelosamente, abre a sua pequena mala que traz ao ombro, procurando algo.

Beatriz nota-lhe agora alguma calma, embora a sua postura determinada e algo severa se mantenha, como um escudo que a protege. Entretanto observa-a a tirar um pequeno e amarrotado papel da sua discreta mala, reparando que o direcciona para si.

(Alice) – Em troca disto, quero um lugar seguro para ficar e, talvez, um pequeno voto de confiança da tua parte. – afirma, deixando que a vampira segure no papelinho.

```
"Joseph Morgan – Londres - 511 anos

– 998 805 101*"

(Beatriz) – Isto é...
```

(Alice) – intervém – A poucas informações pessoas que tenho sobre o mentor desta confusão toda! – esclarece. – Foi ele quem levou o Afonso e... o outro rapaz também, embora por motivos diferentes! – revela, segura com o que diz.

Beatriz continua agarrada ao papel, como se aquelas informações fossem uma fotografia directa do responsável e o pudesse observar com desprezo através dela.

(Alice) – Está aí o contacto dele. Podes assustá-lo, ou simplesmente certificares-te que não estou a mentir... Sei lá! Usa-o como achares mais útil, mas... Por favor...

(Beatriz) – desviando finalmente a sua atenção de volta para Alice. – Não, eu não falo de ti! – garante, lançando-lhe uma expressão de quem se ofendeu. – Não sou estúpida. – acrescenta. – Agora, vem comigo! Há um sítio onde podes ficar...

Mantendo alguma distância, Alice segue Beatriz, dando-lhe um óbvio voto de confiança. Antes de sair, olha uma última vez para Renato, sorrindo para ele, fazendo-o entender que não sabe fingir que limpa.

A líder fez questão de ser paciente com a lentidão humana, levando o tempo que teve a levar até ao "Rouge Hotel", acompanhando a jovem que, entretanto, se apresentou finalmente como Alice.

Já perto do hotel, Beatriz começa então a esclarecer melhor a situação.

(Beatriz) – Aqui vais ficar segura! Rodeada de vampiros, alguns que provavelmente não te desejarão mas... Enquanto for eu a mandar, é seguro! – garante.

Alice já vê a entrada. Deixando-se maravilhar pela apresentação do espaço, que parece ser acolhedor.

(Beatriz) – continua – Espero que gostes do lugar, porque não vais sair daqui tão cedo! – avisa. – Vou arranjar-te tudo o que precisares, para não teres que sair daqui! – assegura, assim que vê fazer uma careta involuntária. – Assim que ambas cumprirmos o acordo, podes fazer o que quiseres! Mas, por agora, estás na minha zona, quem manda sou eu!

(Alice) – Não há como negar... - já entrando no hotel, conseguindo adorá-lo como se fosse a casa que nunca teve, enquanto ouve e aprecia a autoridade humilde e protectora da vampira que a acompanha.

Chegando à recepção, Francisca é a primeira pessoa com quem se cruzam. Esta, ainda que já desconfiando pela súbita presença de uma humana desconhecida ali, acompanhada por Beatriz, não deixa nunca de lado um sorriso acolhedor e atento. Alice sente-se estranhamente afectada pela sinceridade desse sorriso.

(Beatriz) – Dá-lhe um quarto e certifica-te que ela não sai daqui! – pede, emitindo a importância do assunto na sua voz.

(Francisca) – Está bem! – aceita. – Mas... Quem é ela? – questiona, sem deixar de olhar para a jovem com o seu ar simpático.

(Beatriz) – Eu explico depois... - responde, voltando-se para Alice, dando-lhe a entender que não deve avançar com tal assunto sozinha. – A Isabel está aqui? – pergunta.

Depois de uma resposta afirmativa por parte de Francisca, Beatriz dirige-se à sala.

(Beatriz) – Isabel! – chama. – Tenho notícias! Preciso que venhas comigo! – informa.

(Isabel) – Finalmente!

Sem pensar, Isabel levanta-se rapidamente e segue-a, olhando uma última vez para Luna antes de sair, esperando que o seu pressentimento esteja certo.

Antes mesmo de saírem juntas, Beatriz regressa à recepção, lembrando Francisca para que a chame caso precise ou aconteça alguma coisa.

O inevitável acontece. Alice, de costas, vira-se agora, para poder olhar a líder dos vampiros. Isabel reconhece-a.

(Isabel) – Tu és... - pensa. – Eu conheço-te! O quê que fazes aqui?

EPISÓDIO 27 – Demasiado Familiar

Alice não esperava notoriamente encontrar ali Isabel, pelo menos não tão rapidamente. Isso assusta-a. Uma das primeiras coisas que lhe passam pela ideia, é esclarecer tudo imediatamente, mesmo sendo óbvio que não vá correr nada bem para o seu lado. No mínimo dos mínimos, Isabel fará tudo para a pôr fora dali!

O silêncio permanece apenas por mais alguns segundos. Isabel não consegue esconder de forma alguma a desconfiança, e muito menos a certeza de que nunca esteve tão pronta para soquear alguém, o primeiro que apareça.

(Beatriz) – Nem vais acreditar... - comenta, interrompendo o silêncio com um sorrisinho malicioso, apreciando o pânico daquela inconsequente. – Espera aí! – pronuncia, questionando o que percebeu. – Vocês conhecem-se?! – num tom admirado, mas ainda mais mordaz que à pouco, esperando ainda mais confusão para o lado da rapariguinha.

Isabel aproxima-se mais ainda, num gesto que demonstra estar disponível para todas respostas possíveis. Consegue notar um quase imperceptível estranho estremecer de nervosismo no frágil corpo humano de Alice. Pára então de atingir com o seu olhar perfeitamente inquisidor, ardente e fixo, decidindo intervir.

(Isabel) – Lembras-te de te ter falado de uma rapariga que encontrámos em Coimbra? – pergunta, dirigindo-se a Beatriz, sem sequer se mexer para a encarar, permanecendo em frente à humana. – Aquela a quem oferecemos ajuda. – relembra, atingindo também Alice. – Demos-lhe

alguma atenção psicológica, comida, a casa... - enumera, claramente tentando fazer a jovem intervir por si mesma.

A estratégia discreta de Isabel parece resultar. Alice sente-se visivelmente afectada, tendo já mudado a sua postura, endireitando-se para a encarar quase sem medo.

(Isabel) – Sinceramente, fiquei vários dias a pensar em como te ias safar sozinha... - admite. – E parece-me que muito bem! – analisando-a com julgamento. – Nem uma marca de distúrbio... - volta a erguer-lhe o olhar, quase impressionada. – O quê que fazes aqui?

Chegando finalmente à conclusão que, claramente, a líder não vai, por enquanto e por puro prazer, interceder e acabar com aquilo, Alice, ainda contemplando aquele olhar matreiro, apressa-se a acabar com o assunto.

(Alice) – Eu explico! – afirma, quase gaguejando. – Era tudo verdade. – suspira e rebaixa o olhar. – Mas... - murmura num lamento. – Precisamente por causa da minha história pessoal, acabei com uma proposta e aceitei cumprir um acordo... E...

(Isabel) – E...? – impaciente, esperando o avanço que ditará a pior parte da situação.

(Alice) – inspirando coragem – E... Sim! Fui capaz de usar a minha própria fragilidade para conseguir informações vossas e ter o que quero! – revela, atirando simplesmente a verdade para o ar.

Depois de terminar, a jovem encara Isabel com toda a sua sinceridade e outro tanto medo do que a espera. Isabel parece ter parado de respirar, como se isso a impedisse de interiorizar a miserabilidade daquele ser humano à sua frente.

(Beatriz) – Mais precisamente, ... - decide então interferir, completando o que falta. - ... ela fez um acordo de vida ou morte com o mentor do que aconteceu ao Henrique e ao Afonso!

Beatriz acabou de contribuir com o pouco que faltava para apimentar a desgraça de Alice, que condiz perfeitamente com a raiva de Isabel.

Instintivamente, Isabel inclina-se, pronta para se dirigir à jovenzinha e, sabe-se lá fazer-lhe o quê. Beatriz agarra-a pelo braço, impedindo que se descubra o que acontecerá a Alice caso Isabel se aproxime.

(Beatriz) – Eu quis fazer o mesmo, acredita! – garante a Isabel. – Mas acabou de trair esse acordo pelo bem próprio e vai ajudar-nos... - explica. – Até porque estando aqui já não tem outra alternativa! – ameaça, voltando-se novamente para Alice.

(Francisca) – A sério? Ela vai ajudar-nos? – curiosa, e cheia de esperança para que a rapariga tenha informações verdadeiramente úteis.

Alice mantém-se quieta e em silêncio, esperando apenas que mais alguém opine sobre si.

(Isabel) – É melhor sair daqui... - comenta, impaciente. – Vontade de arrancar a cabeça a alguém não me falta! – admite, olhando Beatriz, mas atirando a ameaça para a humana.

(Luna) – Mãe!? – intervém, acabando de entrar e retorquindo pela falta de controlo da mãe.

A bela ruiva notou que havia ali confusão, e ouvindo a conversa a partir da sala de estar, decidiu intervir. Quando olha finalmente para Alice, um leve sorriso ilumina-lhe ligeiramente o rosto. Foi exactamente aquela rapariga que "viu" e, enquanto essa visão não mudar, Luna conserva em si bons pressentimentos em relação a ela. Contudo, apressa-se imediatamente a concentrar-se em qualquer outra coisa, evitando conseguir sentir ainda mais do que vai na alma desesperada e sofredora daquela humana.

Beatriz e Isabel acabam por sair juntar, sem deixar nem mais um comentário.

Alice parece respirar de alívio e a sua postura recta e defensiva cai em desmazelo, deixandose confortável por perceber que nada lhe aconteceu, por enquanto.

Francisca permaneceu atrás do balcão, observando a jovem que lhe parece tão adorável. Passa o olhar por Luna e decide deixar algo bem claro. Saindo de trás do balcão, Francisca dirige-se para junto da jovem, encarando-a e fazendo-a reparar em si.

(Francisca) – Ficas a saber que eu posso muito bem ser a tua melhor amiga aqui! – esclarece. – Mas para isso não vou admitir erros, nem mentiras... Vais ter mesmo que os trazer de volta!

Alice percebe a mensagem e sente-se estranhamente afectada pela sinceridade e doçura daquela vampira. Nunca conheceu um humano digno de suscitar esse sentimento de carinho em si. Não esperava que fosse uma vampira. A chegada de alguém desvia-a desse pensamento.

(Pedro) – Olá! – pronuncia, sorrindo encantadoramente como aprendeu a fazer melhor que ninguém enquanto passava a puberdade. – Já há alguma novid... - repara em Alice, parando por ali a sua questão.

(Alice) – A novidade sou eu... - murmura, para si mesma, acabando por relembrar que os vampiros podem ouvir o mais leve murmúrio.

Pedro volta a sorrir, aproximando-se de Francisca.

(Pedro) – Podes explicar-me? – pede, sem nunca desviar o olhar de Alice, tendo reparado inevitavelmente naquela trança adorável de cabelos negros que ela dispõe sobre um dos ombros.

Alice está então a sentir-se inexplicavelmente observada, mas tenta concentrar-se no facto de que tem uma ruiva deslumbrante vinda talvez do "País das Maravilhas" e que, provavelmente, é para ela que todos olham.

(Francisca) – A Luna pode explicar-te, provavelmente. – ao ver a jovem acenar afirmativamente, Francisca procede. – Vem! Vou mostrar-te o teu quarto! – informa, dirigindose a Alice.

Enquanto não as perde de vista, Pedro parece não querer deixar de admirar aquela "novidade".

(Luna) – Podias disfarçar!

(Pedro) – Quem? Eu?

(Luna) – acena, confirmando. – Talvez precises de um babete... - sugere, sorrindo em tom de gozo, e dirigindo-se para fora, gesticulando para que o rapaz a siga.

Joseph ainda não voltou desde que saiu para falar com a tal rapariga. Isso acabou por deixar alguns vampiros preocupados, acabando por sair da sala onde estavam reunidos, sem sequer se importaram com o que aqueles seis pudessem pensar. Metade dos vampiros já deixou a sala, procurando por Joseph em qualquer lugar.

Os poucos que ficaram, já deram a entender que são de poucas conversas. Divertido, Henrique acabou até por tentar provocar alguns com o seu humor natural, mas nada. Jasmine acabou por

lhe fazer sinal para que parasse, ainda que com um meio sorriso de quem estava a gostar da brincadeira.

Ainda que pouco tempo, aquele momento chegou para que os seis percebessem parte do problema ali. Ou pelo menos, simplesmente, para confirmar a desgraça mental de Joseph.

Martha levanta-se do lugar onde se sentava, perto de uma das janelas, impaciente e farta daquele silêncio patético. No seu íntimo, admite que Henrique acabou por ter a sua graça.

(Martha) – Vou ver como está o outro... - avisa, num murmúrio.

(Carlos) – O Alphonzo?

(Martha) – Sim! Já volto!

(Carlos) – Tem cuidado! – pede, lembrando que esse tal não é um ser vivo qualquer.

Henrique ficou, de repente, parado no tempo. Como se a palavra "Alphonzo" lhe tivesse suscitado um ataque cardíaco leve. Aquele nome é-lhe claramente familiar. Demasiado familiar. A sua postura muda completamente, voltando a recordar aqueles que deixou para trás, sem vontade nenhuma e temendo não ser o único.

EPISÓDIO 28 – Chegou aqui alguém...

Alguns, poucos instantes depois de Martha sair, o grupo de vampiros que saiu à procura de Joseph regressa à sala. Calmos, sem qualquer indício de preocupação, algo provável já que não se fazem acompanhar pelo líder, organizam-se rapidamente com os restantes.

(Milan) - Ele não está por aqui. Não o encontrámos em lado algum. – avisa, com uma voz incrivelmente doce e serena, sem qualquer sotaque.

Incrivelmente alto, esbelto, muito elegante e descontraído simultaneamente, Milan é um vampiro naturalmente encantador, sem exageros, cativando imediatamente com o seu olhar verde intenso, pacífico.

Jasmine parece ser a única a dar qualquer importância àquela beleza estúpida que acabou de chegar. Embora a sua expressão esteja claramente a denunciá-la, nem o próprio, que se mantém distraído com os companheiros, se dá conta de que está a ser tão desejadamente observado. Victorius, ao lado da bela vampira, é o único que finalmente repara naquele fascínio inconsequente, obrigando-se a dar-lhe uma cotovelada discreta, mas suficiente para a acordar do sonho.

Apenas Henrique se mantém concentrado em algo completamente fora daquela sala. "Alphonzo". Repete esse nome vezes sem conta no seu pensamento, desejando que não lhe fosse tão próximo. Tanto que se tortura mentalmente que se torna impossível não transparecer qualquer expressão.

Entretanto, uma discussão paira no ar, à qual apenas três, dos seis convidados, ficaram discretamente atentos.

Parece que Joseph não está mesmo em lugar algum naquela enorme mansão, algo que parece não preocupar ali, e, enquanto uns preferem avançar com o plano, mesmo sem o poderoso *Jo*, outros insistem em esperar que ele regresse, voltando a trancar os seis em algum outro lugar.

(Milan) – Sinceramente, acho melhor esperar! Nunca se sabe o que o Joseph pretende realmente... - afirma.

Esta é a última frase vinda de Milan que Jasmine tem o prazer de ouvir antes de voltar definitivamente para algum tipo de cela.

Já Henrique, parece nunca ter estado assim tão indiferente ao facto de voltar a ser trancado. A sua preocupação e concentração mantêm-se apenas numa única coisa. Num único nome.

O grupo rodeia-os, impedindo que algum deles se afaste ou tente algum ataque. A ideia não é voltar a amarrá-los, apenas voltar a fazê-los esperar num local onde não conseguirão, mesmo cheios de poder, achar qualquer hipótese de saída.

Afonso continua no mesmo lugar escuro e anti-vida onde foi deixado. Ainda na mesma posição, preso com fortes correntes, quase sem qualquer forma possível para se mover.

Mas não. Não está exactamente como o deixaram. Afonso está entre a vida e a morte, e essa é a verdadeira tortura, já que continuará ali, a viver em sofrimento, sem qualquer vislumbre da

uma morte que lhe possa trazer paz. Esta é a maldição de um ser especial, de um ser verdadeiramente imortal. A sua boca está seca, e cada órgão interno parece transformar-se em pedra. A sua visão está incapacitada, tal como todos os outros sentidos. A situação é insuportável. Mais ainda quando se lembra que deixou a família para trás.

(Afonso) – Quem és tu?

Um feixe de luz invadiu o lugar quando a porta abriu. O tempo suficiente para que Martha entrasse ali, permitiu também um pouco mais de oxigénio no espaço. Afonso reagiu ao pouco que aquilo foi e fez um esforço para perceber o que se estava a passar.

Martha ignora o quão aquele fraco murmúrio lhe pareceu um enorme sofrimento para aquele jovem prisioneiro.

(Martha) – Caso consigas pensar sequer em alguma tentativa de fuga... - avisa, lembrando-se que acabou de lhe passar pela cabeça a ideia de que mesmo fraco e quase sem vida, Alphonzo ainda é um belo rapaz... - Só precisas de saber que sou a aliada mais fiel do teu inimigo! – conclui, sem mostrar qualquer pena do estado em que o encontra.

Martha segue cada indicação dos companheiros à risca. Assim que entrou, fechou a porta, o que faz com que o ar ali continue quase irrespirável para Afonso.

(Afonso) – Por favor... - murmura, esforçando-se para encontrar forças.

Martha não dá importância ao quão frágil aquela voz está, mas mesmo assim não resiste a honrar o esforço do rapaz, ouvindo o que ele tem para dizer. Aproxima-se e, agachando-se para atingir o seu nível, encara-o directamente e ouve-o.

Afonso sacrifica-se inevitavelmente para trocar olhar com aquela presença, e pronunciar o que de mais importante tem a pedir. O azul natural dos seus olhos não dá vestígios de que alguma vez tenha sido vibrante, feliz.

(Afonso) – Deixem a minha família fora disto... - sussurra, deixando contrariado que a sua voz suma nas últimas palavras.

Martha lança-lhe um leve e detestável sorriso, atingindo uma expressão malévola. Levanta-se, sem responder, embora a sua face continue a garantir que aquele pedido seja dificilmente concretizável. Sai dali, sem pronunciar uma única palavra.

Afonso fraqueja, deixando-se cair, pendurado nas correntes, e desejando apenas não ter tido força suficiente para ver o que transparecia no olhar daquela vampira, a poucos centímetros do seu.

Luna consegue conectar-se novamente com pai. De repente, sem propósitos, sentiu exactamente o mesmo que o pai sente, naquele mesmo momento. Apenas isso.

Ainda ao lado de Luna, Pedro sente-a estremecer no banco de jardim. Preocupado, apenas pensa na possibilidade de ela estar a conseguir mais alguma "visão", ou algo do género.

(Pedro) – O quê que se passa? – questiona, posicionando-se para a ajudar assim que necessário.

(Luna) – suspira – Há quem diga que sou um ser superior, inatingível, talvez filha de um Deus... - ergue um olhar triste para o amigo, confessando – Mas a verdade é que não sou suficientemente poderosa para conseguir encontrá-los... - conclui, deixando de lado a possibilidade de descrever o que sentiu.

(Pedro) – Nós vamos encontrá-los! – garante, sem necessidade de dizer mais nada, e simplesmente deixando que Luna o abrace, quando o impulso dela assim exige.

Beatriz fez questão de avisar Renato que iria ter uma conversa importante com Isabel e, claramente, não queria ser interrompida.

Sozinhas na cripta, e depois de Isabel ficar a conhecer cada pequeno avanço que deram assim que Alice chegou ali, ambas pensam num plano simples e não denunciável para garantir que a rapariguinha não lhes está a mentir, ou a espiar, ou mesmo que Joseph, é mesmo quem procuram.

(Isabel) – Ela deu-te o contacto, talvez pudéssemos fazer-lhe uma chamada "por engano"... - mais calma, lança a ideia para o ar.

(Beatriz) – Uma chamada?! Por engano?!

Isabel acena afirmativamente, tentando convencer sobre a hipótese.

(Beatriz) – É demasiado arriscado! – avisa. – Teríamos que inventar uma historia bem credível, uma conversa meio palerma, ou mesmo encantar um humano para o fazer... - enumera. – E nunca se sabe se anda por aí alguém atento aos nossos passos...

(Isabel) – A verdade é que não temos muito por onde começar... - comenta, observando a líder com um olhar suspeito, como se ainda desconfiasse de algo mais que ela possa ter para contar.

Beatriz capta aquela expressão, e lança-lhe outra, em contra-ataque, completamente confiável e altiva, lembrando que ambas como inimigas, podem fazer estremecer a terra. Algo que já provaram.

(Isabel) – Não custa tentar! – lembra, incentivando.

Quando Beatriz se preparava para responder, Renato interrompe-as.

(Beatriz) – Diz-me que é importante! – pede – Eu lembro-me do que te pedi... - comenta, lembrando-o também indirectamente.

Renato sorri.

(Renato) – Eu sei que não queriam ser incomodadas... Mas chegou aqui alguém realmente importante! – informa. - Garanto que não o vão querer fazer esperar! – avisa.

EPISÓDIO 29 - Hora de Mudança

(Beatriz) – Quem? – questiona, sinceramente com pouca vontade.

A questão foi bem curta, mas a vampira ainda não tinha terminado e uma fila de quatro Guardas Supremos, perfeitos a cada movimento, todos com roupa preta e discreta, e escusado será dizer, incrivelmente elegantes, majestosos, entra na cripta. Dispondo-se coordenadamente lado a lado, dois a dois, dão espaço para que Mais Antigo faça a sua entrada, tão simples e forçadamente normal, mas mesmo assim suprema.

Assim que vislumbrou o primeiro Guarda, Beatriz sorriu levemente com algum alívio, sem precisar de mais esclarecimentos. Uma descarga breve de adrenalina estende-se-lhe pelo braço, rapidamente, agarra Isabel e fá-la baixar-se consigo, numa saudação necessária ao Líder Supremo dos vampiros.

(Mais Antigo) – aproximando-se. – Por favor, levantem-se... - pede, numa vez serena. – Já sabem que eu não gosto destas coisas! – relembra, apressando-se a segurar delicadamente uma mão a cada uma, obrigando-as a erguer-se.

Já em pé, ambas não conseguem evitar um sorriso sincero por vê-lo ali finalmente, como se o considerassem a solução que lhes faltava. Pelos menos é assim que Isabel pensa, enquanto Beatriz sofre em silêncio, aproveitando os últimos minutos que restam até que todos fiquem a conhecer a sua verdadeira intenção em chamar Mais Antigo.

(Beatriz) – Isabel. Importas-te que deixemos aquela conversa para mais tarde... – começa, sem dar tempo para ouvir uma resposta. – Preciso de resolver, finalmente e imediatamente, outra coisa... Importas-te?

(Isabel) – Tudo bem. Queres que eu saia? – questiona, movendo-se já para sair.

(Beatriz) – Não! – impede. – Acho que vais querer ouvir o que tenho para dizer... – confessa. – Precisas de ouvir, aliás!

Renato percebe que está a mais, despede-se e sai, voltando para o "Bloody Mary" e convidando educadamente os Guardas para uma bebida. Só depois de receberem confirmação por parte do Líder, os quatro saem também.

Completamente descontraído e pronto para auxiliar no que for necessário, Mais Antigo dispõe-se a ouvir ambas atentamente.

(Mais Antigo) – Por favor, actualizem-me. – pede, num gesto calmo. – Em que posso ajudar por aqui? – questiona, mostrando-se bastante e honestamente prestável.

Isabel prepara-se para falar, enquanto Beatriz dá uma pequena volta nervosa, suspirando sem olhar nenhum deles, intervindo no exacto momento em que a voz de Isabel se iria pronunciar.

(Beatriz) – Eu não o chamei aqui porque precisamos de ajuda! – afirma, lançando para o ar algumas duvidas.

(Isabel) – Como não? Que mais poderia ser? – questiona, incrédula e já sentindo uma dose impaciência a subir-lhe ao cérebro.

(Mais Antigo) – Calma! – pede, sentindo o nervosismo de uma e a sensação de descontrole da outra. – Decerto, estarei aqui por alguma razão!

Beatriz sabe exactamente como se explicar, tendo já planeado aquela conversa vezes sem conta desde que chamou a Sintra o seu Líder Supremo. E por isso mesmo, de tantas vezes que calculou diferentes tipos de reacção, não só sabe que é justo que Isabel esteja ali, como tem a certeza plena de que ela a irá contrariar de todas as formas possíveis.

No instante em que terminaram mais uma calma discussão e se preparavam para voltar a procurar por Joseph, eis que ele aparece.

(Milan) – Está tudo bem?

(Martha) – Por onde é que andaste?

Notavelmente fragilizado por motivos por ali desconhecidos, o vampiro murmura algo no seu britânico perfeito. É então que ninguém ousa mesmo tocar no assunto. Acontece pouco, mas quando Joseph desaparece assim, regressa abatido e ainda resmunga algo imperceptível no seu sotaque pleno, já todos sabem que o melhor é não mexer com ele, ou a casa pega fogo, quase literalmente.

Joseph vai passando lentamente pelo grupo, ao longo de um corredor imenso que dá para a entrada da mansão.

(Carlos) - Nós voltámos a fechá-los...

(Joseph) – Well done! – atira, continuando a sua travessia, sem olhar para trás.

O vampiro sobe as longas escadas logo ao fundo do corredor, ignorando os olhares que o seguem. De repente, uma porta abre, de seguida, a mesma bate com tanta força que se poderia imaginar o seu arremesso escada abaixo.

(Milan) – Definitivamente, vamos esperar... - comenta, prevendo o prolongar daquela situação para os próximos dias.

Assim que voltaram a ser trancados, desta vez na mesma exageradamente branca sala em que Henrique se viu ali pela primeira vez, os seis, certificando-se de que ninguém os ouviu, iniciaram uma longa e séria conversa que se iniciou com um sermão a Jasmine.

(Victorius) – Só te estamos a avisar! Isto é sério!

(Jasmine) – Estás a duvidar da minha vontade de sair daqui? – incrédula.

(Akira) – Depois do que aconteceu ali, minha menina... - comenta, sorrindo com provocação.

(Jasmine) – Tu nem sequer reparaste! Aliás, não havia nada em que pudesses reparar...

(Victorius) – Claro que não! – concorda, ironizando. –

(Brian) – Por favor! Até eu reparei! – avisa. – Tu estavas praticamente venerá-lo! – afirma, comprovando que esteve atento.

(Jasmine) – Oiçam! – pede, suspirando. - Eu levo isto a sério, ok? Não vos vou desiludir! Estou obviamente convosco!

Os quatro lançam-lhe olhares inquisidores. Jasmine volta a suspirar, e reparando que só não é atacada por Henrique, decide defender-se com argumentos extremamente naturais.

(Jasmine) – Sim, estou convosco! – reforça. – Mas ainda tenho olhos na cara! Ainda sou mulher! – afirma, fazendo uma pequena pausa. – E o *tipo* era bem giro... - comenta, num tom mais baixo e um sorriso provocador, sem nunca desviar o olhar dos quatro.

Apesar de parecer alheio, Henrique ouviu aquela conversa desde o início e começa a achá-la irritante e desnecessária. Quando Victorius se preparava para responder à bela Jasmine, decide intervir.

(Henrique) – Parem com isso! – exige. – Aposto que se lá estivesse uma qualquer que fizesse o vosso género também reagiriam a favor das hormonas ... - contra-ataca, em vez de Jasmine, enquanto esta sorri com o que ouve.

(Jasmine) – Obrigado. – diz, num suspiro sincero.

Um silêncio breve invade a sala. Os quatro vampiros são obrigados a concordar, enquanto Jasmine continua a lançar o seu sorriso de vitória.

A conversa avança. Henrique avisa que tem algo mais importante para discutir e, imediatamente, os cinco companheiros dispõem-se a ouvir.

Tentando manter-se calmo, e sem nunca desviar o olhar para os encarar, Henrique partilha tudo o que tem para partilhar.

(Brian) – Eu também ouvi esse nome... - confessa. - Pensei logo noutro pobre coitado como nós!

(Henrique) – Em décadas só conheci um único *Alphonzo*! – admite, encarando finalmente os cinco. – Eu tenho que descobrir o que se passa! Temos que avançar com isto! – suspira, voltando a colocar os olhos em nada concretamente. – Espero bem que não seja quem eu penso que é...

Entretanto, na cripta, Beatriz começou a falar há já quase uma hora, evitando dar espaço a comentários.

Mais calma, tentou explicar tudo o que já veio a descobrir sobre os vampiros desaparecidos, o quanto desconfia cada vez mais que toda aquela confusão tem dimensões apenas pessoais e, o que mais lhe custou, foi partilhar parte da história de Henrique.

(Mais Antigo) – Isto é realmente preocupante... - comenta.

Isabel mantém-se em silêncio, esperando apenas pelo fim.

(Beatriz) – Sinceramente, acho que não vai ser justo envolver uma comunidade inteira nisto, mas é exactamente o que estou a fazer, apenas por ser a líder... - olhando para Isabel, e só

depois para o Mais Antigo, Beatriz procede depois de uma pausa. – Eu não estou, definitivamente, na minha melhor forma e não quero arrastar uma comunidade inteira comigo...

Isabel encara-a, temendo o que ela vai para dizer, sabendo já o que é, sem precisar de ouvir. Beatriz limita-se a ignorar aquele gesto.

(Beatriz) – Eu chamei-o aqui porque... - suspira, evitando arduamente o cruzar de olhares. – Vão precisar de eleger outro líder!

EPISÓDIO 30 - Incertezas

Seguindo o percurso que aquela conversa estava naturalmente a levar, Isabel já esperava algo assim. Contudo, essa espera não se revela obviamente suficiente, dada a reacção de choque e revolta que não consegue esconder.

(Isabel) – Nem pensar! – recusa, erguendo-se à frente da vampira e mostrando-se claramente contra a decisão.

Beatriz já tinha ponderado sobre a possibilidade de alguns reagirem assim, limitando-se a revirar os olhos quando percebe que, no fundo, alimentava a esperança de que pelo menos Isabel compreenderia a sua posição. Faria sentido se assim fosse.

Prudente e soberano, Mais Antigo coloca-se calmamente entre as duas, evitando o que adivinha vir a ser uma acesa discussão. Consegue o silêncio de ambas e, sempre sereno, sem qualquer expressão que denuncie alguma opinião sobre o assunto, limita-se ao esclarecimento.

(Mais Antigo) – Eu estive atento a cada pormenor de tudo o que acabaste de nos contar, Beatriz, e posso compreender a situação. Até mesmo aceitar. – afirma, dirigindo um olhar sério e compreensivo para Beatriz.

Impaciente e confiante na sua razão, Isabel mal pode ouvir essa afirmação, lançando rapidamente um olhar feroz de desaprovação para o vampiro, ignorando o seu estatuto e ameaçando atropelar o discurso.

O Líder Supremo, por sua vez, não ignora que sentiu evidentemente a reacção lançada por parte de Isabel, atirando-lhe um olhar honesto de altivez, que a obriga a aguentar em silêncio por mais uns instantes.

(Mais Antigo) – Por isso mesmo, ... - continua, voltando novamente a sua atenção para Beatriz. - ... não vou ousar impedir-te ou julgar-te, se essa for mesmo a tua decisão final.

Deixando de parte a inquietude que vê expressa agora em toda e qualquer atitude de Isabel, e desprezando a sua necessidade insana de opinar contra aquela decisão, Beatriz responde sem dúvidas.

(Beatriz) – É, sim! – confirma, acenando afirmativamente e deixando expresso que já pensou bastante sobre a decisão.

O momento fica ainda mais sério agora. Isabel já não se contém e no seu olhar feroz traduz-se uma vontade imensa de esbofetear a vampira até que esta mude de ideias. Beatriz até que se arrepia com a sensação que vê naquele olhar, mas recusa-se a ceder.

(Isabel) – Não, não e não! – grita, sobrepondo-se, como se fosse repreender alguém. – Recuso-me a aceitar! Recuso-me a deixar-te fazer isso! – avisa, ainda num tom altivo e repreensivo. – Aliás, tenho a certeza que isto vai ser uma desilusão para todos! – garante, não dando a mínima importância à presença do Mais Antigo ali.

O Líder Supremo, bastante compreensivo, deixa simplesmente que as coisas aconteçam, não se intrometendo por enquanto entre a discussão das jovens.

No seu mais profundo íntimo, Mais Antigo lamenta que aquela comunidade perca mais um grande líder, mas não se atreve a transparecer vontades. E não o fará, até porque lisonjeia a atitude protectora da jovem vampira.

(Isabel) – continua, sem deixar espaço para intervenções. – Tu não podes deixar esta comunidade! Está fora de questão! – insiste. – Ninguém aqui vai tolerar isso! Vai ser como... Como se fossem abandonados! Vão sentir-se perdidos!

(Beatriz) – interrompe. – Isso não vai acontecer! – grita, garantindo o seu silêncio. – Eu não sou nenhuma irresponsável! – lembra, revelando por fim um olhar ardente de raiva. - Vou

assumir tudo o que tiver para assumir e garantir que ficam em boas mãos. Não vou abandonar ninguém...

Isabel preparava-se para atirar para o ar mais acusações, mais palavras que pudessem suscitar algum sentimento em Beatriz e a fizessem, no mínimo, pensar sobre o assunto, voltar atrás. Nesse momento, a ainda líder impede o seu avanço.

(Beatriz) – Depois do que temos passado e do que acabei de partilhar aqui, esperava que pelo menos tu me compreendesses. – confessa, revelando propositadamente alguma desilusão no olhar e no tom de voz.

Com isto, a vampira consegue um baixar de olhar por parte de Isabel e, parece-lhe, algum tipo de sentimento de culpa ou arrependimento. Contudo, ainda lhe consegue sentir alguma inquietação.

(Beatriz) – Eu sei o que estou a fazer! – garante, desviando agora o olhar também para o Mais Antigo e voltando-o novamente para Isabel. – Faço-o para o bem de todos! Vão acabar por perceber... - diz, esperando e desejando que isso realmente aconteça.

(Isabel) – Continuo a não concordar! – insiste, já num tom mais calmo mas sem deixar à vista qualquer hipótese de ceder.

(Beatriz) – suspira, alegando a sua razão. – Só não quero que isto tudo se torne um caos, enquanto estou demasiado distraída em trazê-los de volta. – conclui, lembrando Henrique e Afonso.

Isabel decide acalmar-se. Com algum esforço, acaba por conseguir disfarçar o quão contra aquela decisão está. Beatriz sabe que ela não vai desistir de convencer a esquecer tal opção. Isabel não pretende mesmo desistir.

Aproveitando o inquietante silêncio para intervir, Mais Antigo assegura prontamente que respeitará qualquer que seja a decisão final, exigindo a Beatriz para que aceite um prazo máximo de 24 horas para repensar sobre o assunto. Esta, aceita imediatamente, ainda que saiba já perfeitamente o que realmente quer, duvidando que mudará os seus planos.

(Mais Antigo) – Estarei aqui completamente disponível para o que for preciso! – conclui, trocando uma expressão compreensiva e afável com Beatriz.

Horas passam e, nem Joseph nem nenhum dos seus vampirinhos, decidem aparecer. Pelo menos, desta vez, não os amarraram naquela sala, ainda que esta seja suficientemente pequena e vazia para suportar seis vampiros inquietos.

Inquieto, Henrique não pára de conjecturar ideias que possibilitem o acelerar dos planos. É suposto saírem dali rapidamente, só assim conseguirão fazer-se de frágeis e acabar por "seguir" Joseph, conquistando seguidamente a sua confiança.

(Henrique) – Vejam se percebem! – pede, exigindo a atenção dos cinco e parando, por momentos, de se agitar de um lado para o outro. – Um dos meus melhores amigos pode estar aqui também, sabe-se lá em que condições! – relembra. – Eu preciso de saber onde ele está, como está...

(Victorius) – Nós percebemos! – garante. – Mas vai tornar-se altamente suspeito se de repente confiar-mos no Joseph, só porque sim...

(Brian) – Se houver ali alguém que pense, certamente que nos vai apanhar! – supõe, pensando no grupo que está lá fora com Joseph.

(Henrique) – Sim, é verdade! Mas eu não suporto isto! – diz, num grito fraco. – Não sei há quanto tempo estou aqui, não sei nada sobre o que se está a passar lá fora...

Num suspiro, Henrique apercebe-se que parou de repente o seu discurso sobre o quanto não suporta aquele lugar, e ainda mais a sensação de isolamento. Jasmine dá por si a ler-lhe metaforicamente os pensamentos e, no fundo, não se engana.

(Jasmine) – Quando dizes lá fora, referes-te ao Joseph ou...

A vampira interrompe-se a si mesma quando encara um olhar duro de Henrique, claramente a exigir que não se toque nesse qualquer assunto que esteja para vir.

Lançando-lhe um sorriso amigável, Jasmine revela-se demasiado perspicaz, já com a certeza de que pensou o correcto acerca de Henrique. Rapidamente, num simples olhar sincero, garante que não voltará a tocar no assunto.

(Jasmine) – Tenho a certeza que ela já armou um exército inteiro à tua procura! – concluí, conseguindo um ligeiro sorriso do rapaz.

Quatro vampiros sentem-se constrangedoramente sem nada que dizer, e é urgente que um deles quebre o gelo e avance com a importante conversa que estavam a ter.

(Akira) – Portanto! – suspira. – Eu acho, e creio que concordam, que aquele Joseph tem um problema grave, talvez um trauma de infância... - diz, falando a sério num tom de gozo.

(Sandro) – Sim concordo! Pelo que percebi, ele acredita que faz o bem, que é o salvador de vampiros como nós, talvez!

(Akira) – Não! – discorda, pensando e rodopiando para encarar os cinco companheiros. – Eu acho que ele só não quer acreditar que, por algum motivo, está sozinho!

(Victorius) – De qualquer das formas, louco ou não, ele é poderoso e até inteligente! – lembra. – Foi fácil com os outros, porque foram influenciados desde crias, mas connosco...

(Jasmine) – Não, por favor, mais tortura não! – pede, como se isso estivesse ao seu alcance.

(Victorius) – Não espero algo mais... - confessa, desiludido.

(Henrique) – Algo me diz que vamos descobrir isso rapidamente!

EPISÓDIO 31 – Escolhas

(Brian) – Rapidamente?! – sorrindo. – A menos que saibas esperar... - conclui, deixando aberta a possibilidade de não saírem dali assim tão brevemente.

Fazendo um esforço para devolver um sorriso confiante, Henrique responde com certeza.

(Henrique) – Não sei esperar, mas sei que ele não vai perder assim tanto tempo.

(Jasmine) – É verdade. – concorda. – Embora tudo isto seja a grande perda de tempo da sua vida... - comenta, num murmúrio cheio de ironia.

E realmente nada mais lhes resta senão esperar, de braços cruzados, aguentando aquele exagero furtivo de branco numa única sala, de mentes abertas para o que lhes possa vir a acontecer e como irão interceder.

Todos naquele autêntico casarão esperam por um sinal. Joseph não parece disposto a aparecer publicamente seja porque motivo for, e o melhor mesmo é esperar, já que ninguém quer avançar sem Joseph, e muitos nem sabem o que esperar dele.

Na cripta, os ânimos acalmaram definitivamente, embora seja óbvio que a discussão não chegou definitivamente ao fim.

Com toda uma delicadeza natural, Mais Antigo faz questão de solicitar a companhia das duas jovens numa caminhada até ao "Rouge Hotel", onde ficará hospedado, depois de passaram no "Bloody Mary" para uma bebida e fazerem-se também acompanhar pelos Guardas.

Já perto suficiente para vislumbrar a elegante fachada do "Rouge Hotel", Mais Antigo pára repentinamente, fazendo com que todos o acompanhem indirectamente. Sorrindo naturalmente, lançando um ar de quem não consegue controlar a própria expressão, encara Isabel e Beatriz para as questionar.

(Mais Antigo) – Será que terei a honra de reencontrar aqui a jovem Vânia?

(Isabel) – Provavelmente... - responde, sentindo ali algo mais para além de um simples reencontro.

(Beatriz) – Sem dúvida que sim! – garante, aproximando-se da entrada e ouvindo já um murmúrio leve da voz de Vânia junto com a de Francisca.

O grupo aproxima-se. Beatriz e Isabel entram primeiro e, quando dão por si já na recepção junto de Francisca e Vânia, anunciando uma visita, percebem que os restantes ficaram para trás.

Provavelmente, e por muito que não seja adepto disso, os Guardas sugeriram uma entrada tão majestosa como a da cripta. Nada que admire, já que em todo o percurso até ali, os quatro Guardas vieram ordenadamente bem posicionados ao lado do Líder Supremo.

Sim. Foi mesmo isso.

Na recepção, as duas vampiras que ainda não tinham cumprimentado o Líder, apressam-se a fazer a vénia que todos insistem em fazer, mesmo que o vampiro insista que não aprecia tanta cordialidade.

Mais Antigo, como sempre faz, prepara-se para reerguer ambas. Contudo, as duas levantam-se e encaram o vampiro antes que isso seja possível.

A conversa torna-se bastante fácil entre o grupo. Francisca disponibiliza rapidamente os quartos que forem necessários, acabando a discutir sobre o assunto sozinha com os Guardas.

Tanto Isabel como Beatriz parecem distantes. Quase obviamente que não estão a prestar atenção a nada, parecendo antes que estão a provocar-se mutuamente e em silêncio, procurando a oportunidade perfeita.

Mas o que mais salta à vista é a tão simples mas tão óbvia cumplicidade entre Vânia e o Líder Supremo. Em menos de nada, os dois ficaram completamente centrados em assuntos à parte de tudo o resto. E o esforço para se manterem em sintonia, é nenhum.

Aproveitando a distracção de todos ali, Beatriz sai, sem dizer nenhuma palavra, sem aviso, esperando simples e honestamente que ninguém dê pela sua falta.

Percebe finalmente que não está sozinha quando chega ao pátio do hotel, depois de se sentar num dos bancos do jardim.

(Isabel) – Precisamos de falar! – afirma, sentando-se de imediato ao lado da vampira.

Era óbvio que Isabel não iria ficar-se pela discussão que tiveram na cripta e Beatriz sabe disso, sabe que ela é demasiado teimosa para desistir.

(Beatriz) – Acho que não! – contraria, sem a encarar, revelando o desinteresse que tem pelo assunto que aí vem, e uma falta de disponibilidade mental para aguentar com outra discussão com um fim mau.

Isabel ignora a resposta que recebeu assim como o olhar fixo de Beatriz na paisagem, completamente desinteressado e longe de se cruzar com o seu durante o momento.

(Isabel) – Não quero discutir. – revela, conseguindo assim um pouco da atenção da vampira. – Só quero saber porquê. – diz, atirando-lhe um olhar. - Porquê?

(Beatriz) – Já disse! – lembra, sem voltar a olhá-la.

(Isabel) – Eu quero o outro motivo! – exige, ainda que com voz leve e compreensiva. – Talvez eu comece a aceitar melhor isto se...

(Beatriz) – interrompendo. – Não há outro motivo!

(Isabel) – Tenho a certeza que há!

Isabel não vai mesmo ceder, contudo, tentando não ser tão invasiva, a jovem faz uma pausa, simplesmente esperando que Beatriz queira responder.

A vampira não consegue evitar a situação, começando a sentir-se até um pouco desconfortável com a ideia de estar a ter aquela conversa, sabendo bem que não o quer fazer.

(Beatriz) – Eu não estou assim tão frágil. – avisa. - Nem tentes usar os teus poderes em mim! – conclui, voltando-lhe finalmente o olhar, ainda que num gesto reprovador.

(Isabel) – Ainda não os usei... - admite, num leve tom de provocação.

Beatriz torna a desviar o olhar para outro qualquer ponto à sua frente. Suspira, sem vontade para dar resposta. De repente, vindo do nada e do mais profundo do seu ser, chega-lhe uma vontade imensa de mostrar a Isabel o quanto está certa e o quanto precisa de tomar aquela opção.

(Beatriz) – Eu já sabia que isto podia acontecer... - admite. – Sou perita em afastar o Henrique.

Incrédula, pára o raciocínio de imediato e encara Isabel, que apenas lhe oferece uma expressão indecifrável. Por fim, um simples olhar ameaçador e despeitado de Beatriz chega para que Isabel perceba que está a ser acusada e provavelmente insultada na mais profunda consciência da vampira. A jovem limita-se a lançar um sorriso tão inocente que chega a ser acusador. É óbvio que ela tinha de lançar o seu poder sobre a vampira. Para que mais ele serve, senão para mostrar que funciona?

Ainda que não se sinta mal com o usufruto do seu dom, agora é a vez de Isabel desviar o olhar.

(Beatriz) – Tudo bem! – diz, cedendo à pressão do momento.

(Isabel) – Eu só quero...

(Beatriz) – Não me interessa o que tu queres! – pausa, respira profundamente e repensa o que disse. – Quero dizer, ambas queremos o mesmo, não é? – lembra. – E eu até posso explicar-te todos os meus motivos, afinal, mesmo que não queiras entender, não serás ninguém para me obrigar a ficar e liderar! – conclui, lançando agora um sorriso de provocação intenso, tão desafiador que deixa Isabel nervosa.

(Isabel) – Eu acredito que seja para o bem de todos! Mas também acredito, e precisamente por teres pensamentos como esse, que consegues ficar e aguentar! – afirma, numa tentativa de a convencer a ficar, acreditando que só os melhores líderes têm atitudes tão protectoras como aquela.

(Beatriz) – Isabel, isto é um problema bastante mais pessoal do que possas imaginar. – avisa. – Eu preciso de fazer escolhas. E aconteça o que acontecer, já fiz a minha!

(Isabel) – E qual é a tua escolha? – questiona, incentivando à conclusão.

(Beatriz) – Se pudesses escolher entre ser uma líder exemplar com um instinto natural para confundir obrigações e sentimentos, ou ser simplesmente uma vampira poderosa e feliz ao lado do... Afonso, sim... Imaginemos! – propõe. – Qual escolherias?

Isabel já percebeu tudo. Aguarda em silêncio enquanto milhares de pensamentos e possíveis escolhas lhe passam pela cabeça. Finalmente, e ainda que isso a deixe sem muitas mais hipóteses para continuar contra Beatriz, o que a deixa quase fora de si, Isabel prepara-se para responder.

(Isabel) – Eu escolheria o Afonso. – termina, num tom trémulo quando menciona Afonso, mas firme que chegue para mostrar que não haveria outra escolha possível.

(Beatriz) – Tal como eu escolhi o Henrique. – conclui.

Mais um momento de silêncio permanece, ainda que as duas estejam numa sintonia de pensamentos.

(Isabel) – Não posso mesmo fazer mais nada, então... - suspira, encostando-se descontraidamente nas costas do banco. - Vais mesmo deixar a liderança, não é?

(Francisca) – O quê?

EPISÓDIO 32 – Um Dia Depois

Assim que terminou o seu atendimento aos Guardas do Mais Antigo e não tencionando, obviamente, interromper toda uma longa e descontraída interacção entre ele e Vânia, Francisca reparou entretanto na ausência de Isabel e Beatriz.

Ainda não muito próxima do exterior do hotel e já Francisca conseguia ouvir as vozes de ambas no jardim. Poucos segundos foram bastantes, enquanto se aproximava, para ouvir algo que realmente não imaginaria possível ou sequer aceitável.

 \acute{O} , $n\~{a}o!$ – \acute{E} o que a sua express $\~{a}$ o denuncia estar a passar-lhe pelo pensamento. Beatriz queria, pelo menos, ainda que as ache desnecess $\~{a}$ rias, que as pr $\~{a}$ ximas 24 horas fossem pacíficas e sem segundas opini $\~{a}$ es.

Mais tarde ou mais cedo a notícia iria espalhar-se, é verdade! Mas Isabel já sabe e, ainda que a tenha calado, Beatriz desconfia que não a convenceu plenamente. Agora Francisca. Oh, Francisca. A reacção vai ser igual ou pior à de Isabel. Se for claramente pior, agora que ela descobriu, pouco tempo restará até que todos saibam.

Beatriz, convicta e teimosa, vai ter de ser claramente forte para aguentar o exército que se formará e o batalhão de argumentos contra a sua decisão. - Ó, não!

(Francisca) – Eu ouvi que... Não! Não pode ser! Expliquem-me já que ideia absurda é essa! – exige, desejando a possibilidade de ter ouvido mal, ainda que uma vampira ouça bem demais.

Isabel acaba por se sentir culpada pela situação inesperada, dispondo-se a explicar tudo a Francisca no lugar de Beatriz, como se lhe devesse pelo menos isso, a poupança de mais uma conversa.

(Beatriz) – Nem penses, Isabel! Sou eu quem lhe deve a explicação! – pede, esclarecendo a sua posição clara naquele papel, e preparando-se arduamente e em silêncio para ser má se assim for necessário, no sentido de questionar furtivamente como fez a Isabel.

(Francisca) – Pois deves, Beatriz! – confirma, impaciente e lançando-lhe um olhar que implora pela ausência de desilusões.

(Isabel) – Senta-te aqui! – pede, abrindo espaço no banco de jardim para Francisca.

Evitando oportunidades para que Francisca intervenha a meio do discurso, Beatriz explica-se o mais rápido que consegue, tornando o momento mais rápido e menos doloroso.

O óbvio acontece quando Beatriz finalmente acaba e deixa que Francisca se expresse. Tal como Isabel, a vampira consegue encontrar mil e uma razões, algumas correctas outras até absurdas, para se opor à decisão.

É aqui que Beatriz coloca o seu papel de vilã à prova, ignorando que se sentirá mal por isso mais tarde, quando, utilizando uma arrogância extrema, questiona a vampira tal como questionou Isabel. Mas pior!

Francisca não estava claramente a deixar-se levar, e em breve não era a única a apresentar-se contra. Por isso, Beatriz foi má, muito má mesmo, que chegou a ter pena de si mesma quando, em vez de citar Vasco na questão que colocou igual à de Isabel, mencionou furtivamente e impiedosamente o nome de Máximo.

1 DIA DEPOIS

Em consílio.

Perante a maldade desesperada, ainda que com algum fundo de razão, de Beatriz, Francisca não teve escolha. Simplesmente nem conseguiu responder em voz alta. Nem tentou voltar a contrariar. Houve um breve momento de constrangimento entre as duas, com Isabel no meio sentindo-se uma criança sem saber o que fazer.

Mais tarde, Francisca acabou por aceitar, admitindo que não consegue deixar de respeitar a decisão de Beatriz, garantindo também que manteria segredo até ao momento da decisão definitiva.

Esse momento chegou.

Embora não conheçam a verdadeira próxima acção de Beatriz, Isabel e Francisca conseguem ver na sua expressão que, infelizmente, nenhum plano deverá ter sido alterado.

(Mais Antigo) – Estamos aqui reunidos, não só para o anúncio oficial sobre a minha presença em Sintra, mas, e considero mais importante que isso, para dar conhecer uma decisão tomada pela vossa ainda líder que...

(Pedro) – Ainda líder...? – murmura para si mesmo, indignado com o significado da expressão, sem perceber que mesmo sem intenção acabou de interromper o discurso e, também sem intenção, esquecendo-se que vampiros ouvem o mais baixo gemido, provocou a indignação de todos os presentes com a sua perspicácia.

Francisca e Isabel entreolham-se já preocupadas. A vampira passou a mão pelo ombro do jovem rapaz, acordando-o do seu pensamento e fazendo-o perceber que se tornou o centro da atenção.

(Pedro) – Desculpe, não foi intenção...

(Mais Antigo) – Eu sei! – interrompe, com simpatia expressa num leve sorriso, como se necessitasse de retribuir apenas o gesto. – O teu comentário foi espontâneo, mas bastante perspicaz! Estavas atento rapaz! – considera, mostrando admiração.

(Pedro) – Como assim, ainda líder? – volta a questionar, desta vez para que todos ouçam propositadamente, e lançando um olhar estranho e preocupado para Beatriz, uma das poucas personalidades que admira respeitosamente em segredo.

Mais Antigo está em pé, em frente a todos e acima de todos, situado no pódio da cripta, apenas destinado aos líderes. Ao seu lado, nervosa mas convicta que chegue para enfrentar o momento, está Beatriz. Após o sinal afirmativo do Líder Supremo, Beatriz avança apenas um passo em frente e prossegue.

(Beatriz) – Foi a pensar na segurança de todos, em poupar-vos de se envolveram em mais um conflito e, também, essencialmente por motivos pessoais, que eu decidi... - a vampira faz uma pausa, analisando as expressões quase assustadas de todos e ganhando coragem para lhes dizer o que tem de dizer. – Eu vou deixar o cargo de líder! – informa, num tom suave, sem falhas, sem expressão, alto que chegue para que todos oiçam e não tenham duvidas.

Primeiro, surpresa. Depois, os protestos.

. . .

Um grupo de vampiros, expressivamente impondo respeito, foi há pouco levar-lhes o que eles não tinham ideia de ser as suas últimas bebidas de piedade.

Os seis não sabem o que se passa do outro lado daquela porta branca (vale sempre a pena recordar a branco excessivo do sítio), nem sabem quando saberão ou se algum dia saberão. O tempo vai passando. Desconfiam já ter passado um dia, mas é difícil ter a certeza numa sala como aquela, pequena, luminosamente branca e sem janelas.

Henrique está surpreendido com a sua calma. Bem... Não é que esteja calmo. A verdade é que noutros tempos já estaria a explodir ali dentro. Está então a sofrer em silêncio com a sensação de estar ali preso. Para ele, isso é o mais próximo de calma que consegue atingir. Sandro não sabe, mas é do mesmo tipo rebelde e impaciente que Henrique. Nenhum dos dois sabe que são assim tão ironicamente parecidos.

O silêncio devasta aquela salinha à já algumas horas. Torna-se desgastante não saber o que se passa, pois assim também não têm nada para discutir. E, partilhar factos da vida pessoal e exterior de cada um, parece não só ser demasiado cedo, como o lugar não é apropriado.

Passos largos, leves quando tocam no chão, sincronizados, aproximam-se da porta. Nenhum dos seis ignora isso. Dá para sentir. Depois, o ranger quase mudo do trinco da porta. Por fim, uma figura renovada e sempre elegante, Joseph.

(Joseph) – sorrindo – As minhas sinceras desculpas pela espera! – de forma irritantemente educada, passa o olhar por todos. – Não voltará a acontecer! – garante, com o mesmo sorriso com que entrou ali.

EPISÓDIO 33 - Ilusão de Liberdade/ Respeito

Joseph mantém o seu sorriso simpático, tão real que chega a parecer absurdo. A sua calma e paciência parecem abundar, pois na sua figura altiva não dá para descobrir o mínimo sinal de ansiedade, ou histerismo. O tal sorriso firme que mantém, faz-se acompanhar por uma postura recta, com as mãos soltas e leves ao lado do corpo, como quem não tem nada a esconder ou temer.

O silêncio é inevitável. Pouco têm que dizer uns aos outros. Apenas exigem respostas e isso já todos sabem. Nesses breves distraídos segundos, a ausência da troca de palavras e de qualquer movimento notório, permite observações bem mais atentas.

Olhares extremamente inquisidores, substituem qualquer questão. Enquanto isso, os seis, enfrentando a presença de Joseph e seus vampiros domesticados, iniciam a interpretação de seus papéis.

Jasmine liberta o seu mais temeroso olhar. Supostamente assustada mas, como qualquer mulher em momentos difíceis, dura e independente. As mãos apoiadas nas ancas, a sua ferida ainda descomposta meia descoberta pela manga da sua t-shirt, o evitar pestanejar, como se milésimos de segundo sem ver fossem fatais. - Joseph entende-a como a mais fácil de convencer, embora só depois de persuadir aquele jovem que a protege tão naturalmente.

Victorius adopta uma posição defensiva. Braços firmemente cruzados em frente ao peito, ressaltando pela força dos músculos a cicatriz que se formou num deles, e um olhar selvagem. Está apenas um pouco à frente de Jasmine, quase na tentativa de esconder atrás de si, o que reforça o seu papel de desprotegida. - Esta postura não foi combinada entre o grupo, nem entre eles, daí ser tão adoravelmente genuína, e tão óbvia.

Por sua vez, Henrique insistiu em interpretar quem, presume, mais se destacaria aos olhos de Joseph, e nem precisa de se esforçar. Destemido, sem medos, como se nada mais tivesse a perder, olhos vermelhos e ferozes de quem não vai pensar duas vezes no momento de se defender, braços firmes, prontos a atacar, de onde o seu corte ainda salta à vista. A ideia é fazer-se passar por uma ameaça. – É exactamente o contrário que Joseph vê no seu olhar. Joseph andou atento, conhece e sabe onde procurar pelo seu presumível ponto fraco. É uma questão de tempo.

Sandro, Akira e Brian, juntos, formando um triângulo inabalável, parecem a única irmandade organizada ali. Brian é quem está mais próximo de Joseph, afirmando uma posição provocadora, ignorando ser o único com uma mancha de sangue na roupa. Akira e Sandro, mesmo ao lado dele, só ligeiramente atrás, interpretando a sua defesa, escondendo ambos a ferida que lhes lembra fraqueza, já numa feia cicatriz. – Joseph acaba por acreditar que, bastando convencer Brian, os restantes estarão no papo.

(Joseph) – *Follow me!* – pede, num tom tão confiante que, mesmo soando a um pedido, transmite pura obrigação.

(Brian) – *Where?* – responde, cortando o silêncio do seu grupo e imitando tão bem o sotaque de Joseph, em tom de gozo.

Deixam-no recuar um passo para o outro lado da porta, vendo-o cruzar pés para rodar e virarlhes costas, afastando-se tão tranquilo e elegante pelo corredor, como se já soubesse que eles vão segui-lo inevitavelmente.

Nenhuma resposta.

Sem outras alternativas, seguem-no, em fila, calmos aparentemente, mas inevitavelmente apreensivos. Henrique é o primeiro a sair, tomando a sua posição destemida. O grupo Sandro, Akira e Brian, sem nunca perder a compostura, seguem a seguir. Jasmine avança, mesmo em frente a Victorius, que segue tão estranhamente protector mesmo atrás.

(Brian) – Temer ou não temer... - começa, observando os acompanhantes de Joseph formando uma cerca à sua volta, tão tranquilos e calados.

(Henrique) – Eis a questão! – responde, lançando o seu sorriso e olhar sarcástico à tão bela, e obviamente tão pouco temível, vampira que segue ao seu lado, recebendo apenas o desinteresse dela.

Aquele corredor que atravessam é imenso, sem qualquer decoração, apenas duas paredes paralelas pintadas de um violeta suave com uma fina linha branca na horizontal, mesmo ao nível dos ombros de quem passa e, mais acima, três candeeiros ordeiramente dispostos. Ao fundo, o corredor direcciona-os para o lado esquerdo, deixando-os sem saber o que fica atrás daquela porta bem pesada à direita. Henrique, dá por si a olhar para trás, fixando-se nela, mesmo sem

parar de andar. Continuam a andar, subindo a escada que se segue e os leva a outra divisão do local.

(Joseph) – Não se acanhem! – pede, subindo as escadas - Perguntem o que quiseram. Peçam o que quiseram. Sintam-se em casa! – termina, com um sorriso tão forte que, mesmo estando de costas, tem a certeza que todos sabem que ele está a sorrir.

Ninguém responde. Estão demasiado interessados em ver o que está para lá daquela porta. Uma ilusão de liberdade invade-os.

Joseph abre a porta sem pressas. Assim que vislumbram o exterior, depressa percebem que estiveram mesmo numa cave. Não só numa cave, como nas traseiras de num edifício enorme, majestoso, provavelmente labiríntico.

Aquela porta coloco-os numa pequena cabana de madeira, frágil e fresca que, vista do exterior, parece provavelmente destinada a algumas ferramentas domésticas ou lenha. Mas o que verdadeiramente os deixa excitados, é o que vêm lá fora.

A porta da cabana estava já aberta, oferecendo-lhes um pouco do que a natureza à muito não lhes oferece.

Voltando a encará-los com um sorriso no rosto, Joseph, sempre elegante, aponta para o exterior, como quem encaminha uma criança para um tão desejado presente.

Só ao atravessar a saída, os seis reparam que há ainda mais vampiros no jardim. Mas isso é tão irrelevante agora que estão ali. Não importa se a casa parece um palácio labiríntico, ou se é isolada e se estão ali no meio de vampiros de quem nem sabem o que esperar... Importa a leve brisa que finalmente lhes acaricia o rosto. Importa o Sol que, mesmo fraco, pode ainda queimarlhes a pele. Importa a relva que pisam, os animais que ouvem entre arbustos e árvores que cercam aquele casarão.

Importa saírem dali.

(Henrique) – Vamos passear juntos, é? – comenta, forçando o seu tão belo sorriso de ironia e lançando-o a Joseph.

(Joseph) – Pensei que um pouco de ar fresco poderia ser ideal para vos fazer esquecer a minha falta de hospitalidade! – diz, devolvendo ironia a Henrique, mas dirigindo-se a todos.

(Jasmine) – Talvez possamos negociar isso... - comenta, sem lhe dirigir o olhar, apenas sentindo o ar puro.

(Brian) – Eu não vejo forma nenhuma de redenção aqui. Apenas um louco controlador e sua manada. – esclarece, lançando um ar de provocação que deixa apenas alguns alterados.

Joseph impede a confusão que Brian tanto queria gerar, apenas com o levantar da mão, travando a discussão ali mesmo.

Contrariamente, ninguém teve tal determinação para impedir a confusão na cripta, logo após a revelação de Beatriz. No momento e por vontade própria, ela tornou-se ex-Líder da Comunidade de Sintra, e isso não agrada a ninguém.

Os mais próximos de Beatriz, a "família", nada dizem. Francisca e Isabel não reagem á situação, como se realmente já esperassem. E esperavam! Tal como Luna, a única que se mantêm natural e calma. Vânia e Pedro lançam-lhe olhares de pura surpresa e desilusão. Vasco, ao lado de Francisca, parece uma estátua, apenas calculando mentalmente as probabilidades de aquilo estar mesmo a acontecer. O silêncio entre eles é constrangedor.

Os restantes, discutem entre si e é quase impossível distinguir vozes no meio da confusão. A não ser no momento em que se dirigem directamente a Beatriz, assim que constatam mais um facto contra a decisão.

Mais Antigo nada faz, permanecendo intacto e indecifrável atrás de Beatriz. Apenas observa, ouve e espera, com astúcia, que seja Beatriz a reagir à situação. Só depois, tomará conclusões.

Perdendo a paciência e toda a vontade para estar ali, no meio do desacato, sem tempo para julgamentos e acusações sem fundamento, a vampira perde a noção. Esquecendo que acabou de abandonar o lugar mais alto daquela hierarquia, Beatriz toma o comando da situação.

(Beatriz) – Calem-se! – grita, completamente fora de si, sem receio de exibir a fera que é. – Acabou a discussão! – afirma, num tom superior e completamente entregue ao seu aspecto de vampira sedenta.

Um silêncio devastador ocupa o lugar da discussão.

Mais Antigo sorri com uma única certeza: Desiludidos ou não, ainda a respeitam!

EPISÓDIO 34 – Atirar a Matar

Isto é.

Ou respeitam Beatriz.

Ou temem Beatriz...

O silêncio, profundamente incomodativo, mantém-se. Alguns chegam a baixar a cabeça, o olhar, em sinal de talvez obediência, evitando encarar Beatriz. Outros, embora se sintam também na mesma posição de dever estar calados, nem por isso se deixam dominar tão facilmente.

Beatriz tem um inigualável sentido de oportunidade que, no momento, lhe exige profundamente que não é altura para ficar calada e arcar com julgamentos falsos e desnecessários. A decisão está tomada e coube-lhe apenas a ela mesma.

(Beatriz) – Quantas vezes, muitos de vocês, vieram ter comigo com decisões e opiniões igualmente drásticas? Quantas vezes me vieram pedir ajuda, ou um simples favor? Quantas vezes, e por muito difícil que fosse arranjar tempo para tudo, nunca vos deixei pendurados? – percebendo que está provavelmente a assustar alguns, Beatriz tenta acalmar-se, recolhendo as presas, embora mantendo o olhar feroz. – Não vou aceitar que façam confusões como esta por algo que só me compete a mim decidir! Pensei no bem de todos, e não vou abandonar isto até ter a certeza que estão em boas mãos! – suspira, vitoriosa por mantê-los calados. – Na verdade, nem sequer vos estou a pedir nada! Nem favores, nem sacrifícios... E muito menos opinião! – termina, satisfazendo-se com o choque que alguns tomaram ao ouvir esta última frase.

Entretanto, os olhares que estavam baixos, ergueram-se. Talvez pelo choque. A maioria parece não ter acreditado no que ouviu em último, por isso, experimentaram simplesmente encarar a postura confiante da vampira. Por outro lado, reergueram-se os olhares também em sinal de que a conversa deveria terminar ali.

Mais Antigo avança um passo em frente, firme e confiante, dirigindo-se a Beatriz.

(Mais Antigo) – \acute{E} a tua decisão final? – questiona, dando-lhe mais uma oportunidade para mudar de ideias.

(Beatriz) – \acute{E} sim! Nem mais um ponto... - garante, num tom calma, mas ainda visivelmente alterada.

Francisca estremece involuntariamente ao ouvir o pronunciar daquelas últimas palavras, como se de alguma forma inexplicável a memória e legados de Beatriz, e até de Máximo, ficassem por ali.

No momento, Isabel é a única que ousa encarar o olhar profundamente ardente de Beatriz, tentando transmitir-lhe honestamente algum conforto e alívio.

E é essa mesma súbita sensação que invade a vampira sem permissões. Ainda que se sinta secretamente agradecida, apressa-se a desviar o olhar, odiando a ideia de que alguém, mesmo sendo Isabel, possa ter controlo sobre os seus sentimentos. A menos que esse alguém seja realmente especial e tenha a sua permissão...

Isabel capta facilmente o gesto, e ainda que o simples desviar de olhar não a impeça, pára de agir qualquer influência sobre Beatriz. No fundo, tem a certeza que lhe fez bem. Mas por outro lado, sente-se desvalorizada através daquele gesto, como se a vampira se esquecesse que não é a única a sofrer naquela história, e desejando poder usar o seu próprio dom em si própria, de vez em quando. Ultimamente, daria imenso jeito...

(Mais Antigo) – É tudo por hoje. Obrigado pela vossa presença. – sorri brevemente, lembrando-se que ainda não terminou. - Se alguém estiver interessado em candidatar-se ao cargo de líder, basta vir ter comigo! – termina então, presumindo que todos saibam que apenas os máximos da hierarquia o podem fazer.

À ordem de Mais Antigo, os presentes começam a abandonar a cripta.

Pedro, completamente desanimado com o que ouviu, e Vânia, bastante desiludida, saem sem sequer trocar uma única palavra com Beatriz, nem lhe dirigindo o olhar.

Luna segue atrás dos dois, pensando na melhor forma de os convencer que aquilo pode estar certo, e desejando, apenas e tão intensamente, poder ser a solução para todos os problemas.

Francisca sai por último, acompanhando Mais Antigo e os seus Guardas. Notoriamente triste, não consegue evitar olhar para trás enquanto sai, observando pela última vez Beatriz no posto mais alto daquele lugar. A vampira evita pensar que é a última vez. O futuro é longo. Espera que seja.

Mas alguém, uma única pessoa, recusa-se a sair. Isabel fica, cruzando os braços de tão confiante que está em relação a isso, observando os restantes sair.

Beatriz lança-lhe um rápido olhar de admiração e interrogação.

Isabel sorri ligeiramente ao perceber que o olhar vermelho da vampira desapareceu, constatando até que aquele seu verde natural torna-a tão menos altiva, assustadora... - Por momentos recorda Afonso. Aquele olhar azul, tão doce, tão meigo, que em tempos também viu vermelho... Saudade.

Ocupando aquele permanente não-diálogo, a vampira, sentindo-se mentalmente exausta, dá-se ao simples conforto de se sentar desleixadamente nos degraus que dão para o cadeirão, o posto de líder, o lugar que acabou de ceder a outro qualquer que venha ocupá-lo dignamente. Cruza os braços em cima dos joelhos, voltando a encarar Isabel, que manteve uma postura recta, confiante, de braços soltos e olhar inquieto por acção.

(Bea) – Queres dizer-me alguma coisa? – questiona, gesticulando como se criasse assim "alguma coisa" que deva vir a ouvir, desconhecendo verdadeiramente o motivo daquela sua postura.

A jovem afasta-se finalmente da ideia de saudade, querendo acabar com ela. Dá um salto súbito assim que é questionada, acena afirmativamente, sentando-se seguidamente ao lado de Beatriz, imitando o mesmo tão raro jeito descurado. Lançando um sorriso de ansiedade e ânimo, Isabel agarra no seu próprio telemóvel, movendo-o artisticamente com os dedos, acabando por deixá-lo cair na palma da mão.

(Isabel) – Temos uma chamada para fazer! – lembra, mantendo o mesmo sorriso, desejando visivelmente algum progresso.

Com isto, é a vez de Beatriz dar um salto energético, sorrindo instantaneamente com malícia, buscando imediatamente pelo papelinho que Alice lhe cedeu tão necessitadamente e que guarda

agora no bolso traseiro das calças. Volta a sentar-se, roubando permissivamente o telemóvel de Isabel e marcando o número.

Isabel não consegue evitar o típico abanar de pernas de alguém nervoso. Um trejeito tão Humano, mas ainda assim tão inevitável.

Antes de marcar o último digito e de carregar no botão de chamada, Beatriz lança uma aviso, deixando claro que não está para brincadeiras, que chega de esperar!

(Beatriz) – Prepara-te! Vou atirar a matar!

(Isabel) – Força! – concorda, empolgada e repleta de esperança.

Joseph é óptimo a discursar. Um excelente e inigualável orador. O seu sotaque, tão espontâneo, dá-lhe alguma elegância extra (como se necessitasse de ainda mais!). Contudo, parece não ter sido suficiente...

(Henrique) – Olha lá! – chama, provocador, rindo tão naturalmente. – Quando é que podemos ir embora? Tenho mais que fazer...

(Martha) – Como é que ousas goz...

Joseph interrompe a bela Martha, que se lançou rapidamente para o defender. Para defender o que acabaram de ouvir. Para defender o resumo daquela que também é a sua história, com raras diferenças.

O grupo parece nem ter dado importância ao lance da vampira. Continuam às gargalhadas uns com os outros. Fazendo piadas. É tudo tão absurdo que acaba por ser assustador. Mas não deixa de ser absurdo! – As risadas naturais, e o sorriso rasgado de Henrique, incentivam ainda mais à galhofa que tem por intenção afectar Joseph.

(Brian) – Falha do Destino ou não, adoro a minha vida. – ri novamente. – Ainda bem que o Destino falhou! – afirma, supondo por momentos que acredita na "falha".

Joseph não perde a compostura, por muito que esteja a sentir-se incomodado, mesmo sem imaginar que é o suposto. Mantém o silêncio, apenas esperando que as gracinhas terminem. Na

verdade, já esperava uma reacção assim. Aqueles são diferentes de todos os outros. Como se fossem os bastardos. "Mas ainda assim da família..." – é o que pensa.

O toque do seu telemóvel rouba-lhe a atenção, ofuscando os restantes pensamentos. Joseph acredita não ter nada a esconder, não se movendo minimamente para atender noutro lugar.

Por educação, e alguma curiosidade, o grupo faz os possíveis por se silenciar.

(Joseph) - Sim?!

Do outro lado...

(Beatriz) – Estou? – a vampira esforça-se por uma voz bem mais madura, e estridente. – Uns amigos deram-me o seu contacto... - pausa, evitando o estremecer da voz, por querer rir de si mesma e do que dirá. – Disseram-me que faz, por encomenda, umas Queijadinhas de Sintra deliciosas! E eu ando cá com umas vontades... - a vampira lança uma voz de desejo, tão única e rara.

Isabel não quer acreditar. Beatriz tem um sentido exagerado de humor. Tapa a boca imediatamente, evitando uma gargalhada. Evita até respirar. Não esperava conseguir ter assim tanta vontade de rir, num momento sério como aquele. Mais tarde deverá agradecer a Beatriz. Agora tem de se concentrar naquela voz altiva e com sotaque do outro lado da linha.

Junto dos parceiros, em frente a Joseph, apenas a dois metros dele, Henrique arregala o olho. Não importa o esforço de Beatriz por modificar a voz, não importa a quantos desconhecidos km estão um do outro ou se um telemóvel os separa. Aquela voz...

Jasmine, perspicaz, supõe imediatamente qual o motivo do choque e prepara-se para o impedir de cometer qualquer loucura.

EPISÓDIO 35 – Tão perto. Tão distante.

Alguns risinhos, por educação necessariamente discretos, espalham-se entre os vampiros. A afirmação que ouviram involuntariamente do outro lado da chamada, pareceu-lhes demasiado surreal, já que provavelmente poderia muito bem haver assunto mais sério para interromper o momento. Mas aquela voz parecia-lhes ser tudo menos séria.

Contudo, Joseph não está assim tão disposto a brincadeiras. Basta apenas lançar-lhes um olhar desaprovador, obviamente feroz, para que a gracinha chegue ao fim.

A verdade é que aquela chamada veio em tão mau momento. O vampiro já se sentia claramente incomodado pelo desprezo recebido, pela falta de compreensão do grupo, que aquele telefonema veio piorar a situação.

Joseph está finalmente enfurecido, também porque estão imensos pares de olhos a pressionálo sem razão, como que à espera de um acto quase heróico, digno. A inquietação assoma-se-lhe no interior, e embora esforçando-se por não perder a sua postura altiva e confiante, Joseph dá-se ao luxo de ignorar tudo o que o rodeia.

Henrique está petrificado, mordendo o lábio, fixado na voz que sai daquele telefone. Joseph ainda não percebeu.

Evitando uma imagem fragilizada pelo fracasso, Joseph lança um sorriso sarcástico e provocante, como também só ele sabe fazer, e contrapõe com uma resposta à altura. Brian é o único a reparar na semelhança daquele sorriso, com o de Henrique.

(Joseph) – Por muitas vontades que eu gostasse de lhe satisfazer... – goza, esforçando-se por acreditar na imagem de uma mulherzinha insignificante do outro lado, recriando a graça que não vê no assunto. – Deram-lhe o número errado, *sweetheart*! – sorri, acentuando a sedução no seu tom. - É engano. – termina, mantendo ainda um sorriso tão forte que por pouco não ultrapassa o telemóvel.

Será engano?

Ninguém pode duvidar da sua inteligência, da sua memória, do seu poder. Mas errar não é simplesmente uma acção Humana. E, este vampiro, errou no momento em que ignorou o quão conhecida aquela voz soou.

...

Beatriz acabou de perder vontade para fazer uma simples conversa de circunstância. Chega de esperas! A verdade pode estar a um telefonema de distância, e aquele rapaz, aquela voz, aquele

trejeito Britânico, corresponde exactamente à descrição que lhe foi feita. Se não for ele, não reagirá ao seu ataque. Se for...

A vampira já não se sente nervosa. Pelo contrário, sente-se no auge da adrenalina. Levanta-se involuntariamente, como quem está preparado e ansioso para um confronto.

Isabel levanta-se com ela, instintivamente. As suas expressões denunciam a mesma adrenalina que Beatriz sente, assim como os punhos cerrados ao lado das ancas, como forma de evitar algum tremelicar. Inquieta, a jovem incentiva a vampira a continuar, não importa onde aquela situação as levará.

Intimamente, Isabel não quer perder a oportunidade e deseja até a possibilidade de ser ela mesma a trocar umas palavrinhas com o inglês.

(Beatriz) – Mas quem é que eu estou a tentar enganar...? - comenta, num murmúrio direccionado a Isabel.

(Joseph) – Desculpe? – questiona, ainda sorrindo, apenas garantindo que ouviu.

Beatriz volta a encarar Isabel, pedindo apenas mais um sinal de aprovação para atacar Joseph sem receio. A vampira recebe a resposta que quer, quando vê o sorriso mais confiante e impaciente que alguma vez viu em Isabel.

(Beatriz) – Só liguei para ter a certeza que és tu, *asshole*! – avança, atirando para o ar um sotaque britânico tão perfeito que quase parece natural. – Tens contigo alguém que levaste à força! – prossegue, tentando não se deixar levar pelo quão isso a afecta. – São seis ao todo, não é? – sorri, forçadamente, ainda olhando Isabel. - Ou sete? Se contarmos com último... - conclui, num tom irónico.

Beatriz já não se importa em disfarçar a voz, tendo em conta que a conversa está a tornar-se tão natural e espontânea.

...

Isso deixa Henrique ainda mais louco por se atirar ao telefone. Aquela voz... De repente, percebe que a memória que tinha dela, era tão mais fraca que o som projectado pelo telemóvel.

Mas, Joseph não esperava por isto, não tão cedo. Sabiam que elas viriam, assim como talvez alguns amigos dos outros vampiros, mas não quer acreditar que, em tão pouco tempo, já estão à conversa.

Olha à volta, certificando-se do óbvio. Todos estão a ouvir. Respira fundo, evitando qualquer pânico aparente, ou qualquer demonstração de fúria.

Entretanto, já não é apenas Jasmine que está de olho em Henrique. Os cinco observam-no com atenção, tentando afasta-lo de qualquer atitude desnecessária e comprometedora. Também alguns dos restantes vampiros, incluindo Martha, chegaram a conclusões fortes sobre o motivo da reacção do rapaz.

Joseph prepara-se então para se afastar, direccionando-se para a pequena cabana de onde saíram ainda há pouco, tão calmo e elegante como sempre, apenas tentando evitar desacatos e afastando os olhares curiosos e ouvidos atentos.

Henrique tem um primeiro e forte impulso de ir atrás dele. Ao seu lado, Jasmine segura-o pelo o braço, tão forte que o deixa imobilizado.

Carlos experimenta tomar o lugar de Jospeh. Simpático, aproxima-se do grupo, oferecendo-se para lhes servir uma bebida e até, caso necessário, conversar sobre outro qualquer assunto que não "o erro do destino".

O grupo ignora-o.

Para surpresa de alguns, um outro vampiro, o mais novo do grupo de Joseph, aproxima-se de Carlos. É raro vê-lo tomar posição, ou mesmo falar. Não só porque é novo no grupo, mas também porque se tornou vampiro há bastante pouco tempo, sentindo-se ainda frágil e descontrolado.

- Talvez devêssemos deixar que pensem sozinhos... - afirma, lançando um olhar compreensivo ao grupo.

(Carlos) – Nós já perdemos muito tempo, André! – suspira. – De qualquer das formas, é o Joseph quem decide! Vamos esperar por ele!

André consente, sempre agindo de forma respeitosa. Volta a lançar um olhar para o grupo e retira-se, depois de se oferecer para trazer as bebidas.

A breve troca de olhares chega para que Victorious note medo e incerteza no olhar do jovem vampiro.

Finalmente sozinho, Joseph avança escada abaixo, regressando à cave, sem em algum momento deixar que a conversa termine.

(Joseph) – Qual das duas está a falar? – prossegue, parando em frente àquela pesada e misteriosa porta ao fundo das escadas. – Como não estou a reconhecer a voz, suponho que sejas a líder! – conclui, com um sorriso tão forte que poderia afectar o mundo.

(Beatriz) – Supões mal, apenas porque acabei de deixar o cargo! – admite.

Joseph lança uma forte e provocadora gargalhada, passeando calmamente de um lado para o outro.

(Joseph) – Fizeste isso, por ele? – pergunta, sorrindo. – Não sei se valerá a pena, darling...

. . .

Beatriz esforça-se por esconder o incómodo que a afirmação lhe causou. Apenas Isabel parece ter notado.

(Beatriz) – Fiz isso, e farei muito mais! – avisa, confiante. – Não só por ele! Mas por todos os que estão aí contigo! – sorri.

Isabel começa a ficar cada vez mais impaciente com tanta conversa de circunstância. Rápida e desejosa, arranca o telemóvel das mãos de Beatriz.

(Isabel) – Onde é que ele está?

Desaprovando aquela acção desesperada, Beatriz lança-lhe um olhar incrédulo, fazendo-a arrepender-se e acalmar-se. Ainda assim, deixa que ela fale.

Joseph atira mais uma gargalhada, satisfeito por finalmente ouvir aquela voz, tendo uma forte razão para abrir aquela porta.

Afonso está numa situação tão extrema que é impossível piorar. Não sente nada. Apenas as suas memórias estão vivas. A fraca luz que lhe acerta no rosto, vinda do exterior, provoca-lhe algum desconforto, por instantes.

Alguém está com ele. Só não sabe quem. O melhor é deixar que as coisas aconteçam...

(Joseph) – *Dear*, Isabel... Finalmente ouço a tua voz! – afirma com agrado, observando a reacção do seu prisioneiro.

Afonso esforça-se terrivelmente por abrir os olhos e erguer o rosto.

Joseph deixou a porta um pouco estrategicamente aberta, deixando entrar o mínimo de luz e ar respirável, para que Afonso pudesse reagir, ouvir a conversa e sofrer.

(Isabel) – Eu não vou desistir, faças o que fizeres! – anuncia.

(Afonso) – Isabel... - pronuncia, num chamamento falhado.

(Joseph) – A sério? – questiona Isabel, enquanto agarra o rosto de Afonso.

(Isabel) – Não duvides!

(Joseph) – Fazes muito bem! Tendo o conta o estado em que ele está... - comenta, provocando alguma agitação.

(Isabel) – O quê que lhe fizeste? – grita, esquecendo-se de ser paciente.

(Joseph) – Ah, nada de especial... - profere, rindo em simultâneo.

Afonso consegue finalmente forças para lhe lançar ódio e desprezo através do olhar. Joseph não sente nada. Afonso está demasiado fraco e o seu dom não lhe corresponde. Ainda assim, teimoso, reúne a escassa energia que lhe resta, esforçando-se por comunicar.

(Afonso) – Deixa-me falar com ela... - implora, num gesto que o derruba perante aquele homem.

Joseph solta-lhe o rosto, deixando-o cair na sua fraqueza. Observa-o, contente, enquanto se ergue para abandonar o lugar, deixando-o novamente isolado.

O coração de Isabel acelera num grito de saudade. Ela ouviu Afonso e conseguiu sentir o quão fraca estava a sua doce voz. Afonso estava mesmo ali. Tão distante. Por momentos, tão perto.

(Joseph) – *Sweetheart*, vou ter de desligar! – informa, satisfeito com a tortura que acabou de causar.

...

Beatriz sente a raiva e a saudade de Isabel, como se fossem os seus próprios sentimentos. Chega à conclusão que, em vez disso, está apenas a sentir o mesmo que ela, e não o que ela sente. Rápida e cautelosa, pronta para voltar ao ataque, recupera o telemóvel.

(Beatriz) – Como queiras! – provoca. – Eu nem preciso desta conversa para conseguir chegar até ti e destruir-te os planos!

(Joseph) – Não? – sorri, já no corredor, em frente à porta. – *Gorgeous*, acredita que não vais longe... - avisa, num tom confiante e provocador.

(Beatriz) – Conseguir o teu contacto e estar falar contigo deveria ser já um alarme para ti!

(Joseph) – Grande proeza a tua! – elogia, subestimando-a. – O que se segue?

(Beatriz) – lançando uma gargalhada forçada mas perfeita, afirma - Depende do quão eu estiver disposta a cumprir uma promessa! – ouvindo o silêncio como resposta, continua. - Condenaste-te a ti próprio quando prometeste o que não irias cumprir a uma miúda desesperada...

Beatriz sabe que atingiu o limite e aproveita a oportunidade para cortar a ligação.

. . .

O que ouviu acabou com a sua breve satisfação. Correndo escada a cima, saindo da cave, Joseph está finalmente enraivecido o suficiente para perder os modos.

```
(Martha) – O que se passa? – questiona, preocupada.

(Joseph) – Alice! – grita.

(Martha) – O quê que ela quer, outra vez?

(Joseph) – Não é ela! Sou eu! – feroz, os seus olhos escurecem. – Quero-a morta, agora!
```

EPISÓDIO 36 - Procurar e Matar

Raramente perde o controlo das emoções e, quando acontece, todos sabem que Joseph costuma isolar-se, talvez por não querer que alguém o conheça de outra forma que não a eterna elegância viva.

Desta vez é diferente! Este rapaz nunca suportou uma traição, muito menos derivada da impaciência, que considera um dos piores defeitos humanos. Mesmo sob a consciência de que nunca ele próprio iria conseguir cumprir a promessa que fez de bom grado, Joseph não deixará esta situação passar despercebida.

É assustadora a forma como se aproxima do seu grupo, completamente transtornado e entregue à sua total forma predadora de vampiro. Os seus olhos ficam negros de ódio e as suas presas, raramente à vista, brilham ameaçadoras.

```
(Carlos) – Matar?! – exclama, com incredulidade.
```

(Martha) – Joseph, ela é só uma miúda... - diz, num tom suave que tenta acalmar Joseph. – Nós não matamos humanos! – relembra.

Vendo a figura de Joseph aproximar-se ainda mais, com passos cautelosos acompanhando uma postura selvagem, Carlos e, especialmente, Martha, arrependem-se num instante por terem questionado a ordem.

(Joseph) – Aquela fedelha é uma traidora! – profere, forçando a mistura entre o seu sotaque e a voz rouca de um predador.

Inabalavelmente atentos ao acontecimento, não mais ousam intervir contra a decisão impulsiva de Joseph.

Também atentos, tentando captar cada pormenor da situação, Jasmine, Victorious, Brian, Akira e Sandro, sentem imediatamente que ainda são os excluídos do lugar. Até Henrique, que está completamente desnorteado, percebe isso. Num momento, as atenções caem em cima dos seis, no momento seguinte, Joseph atende o telemóvel, e ninguém mais se importa. Não que isso seja mau! Enquanto for assim, terão mais tempo para observar cada um e cada ponto fraco.

E o grupo já encontrou um promissor grande "ponto fraco". André.

Joseph, continua.

(Joseph) – Eu sei que não matamos humanos! – avisa, num tom desprezível. – Sempre vos ensinei a respeitar o que resta do que eram, não tocando num único pescoço... - faz pausa, observando cada um dos presentes num ápice, e sorrindo. – Não quero que a matem como um vampiro qualquer faria. – esclarece. – Aliás! Nem me interessa como o fazem! Sejam originais! – pede, aliciando os mais rebeldes do grupo. – Eu só quero a miúda morta! – reforça, elevando a voz. – De qualquer das formas ela está condenada! É uma miserável sem futuro! O mundo não perderá grande coisa... - comenta, malévolo.

Confuso, Henrique tenta acompanhar com esforço o rumo da conversa. Quanto mais ouve, mais absurda lhe parece a conversa. Se Joseph saiu a falar com Beatriz (disso tem a certeza, aquela voz é-lhe inconfundível e deixou-o tanto transtornado como tranquilo), porquê que regressou querendo matar uma Alice? Quem é Alice? – Estão a falar em código? "Alice" será Beatriz? – Não! Beatriz não tinha como trair Joseph...

Os pensamentos aleatórios são ofuscados pelo desenrolar da situação à sua frente.

Uma jovem linda, de cabelos loiros brilhantes, aquela que seguiu ao lado de Henrique até ali e que ele mesmo achou tão pouco temível, chega-se à frente, encarando Joseph.

- Eu mesma faço isso! – garante. – Se é o que queres...

Joseph acena, confirmando instintivamente o seu pedido.

E aquela jovem. Também a sua voz é transmite pureza, lembrando um anjo. Mas os seus modos... - Pilar é magnífica! Consegue confundir elegância e beleza extrema com o perigo e o mistério. A voz doce que se ouviu, transmitiu perigo nas palavras.

Até Joseph não se coíbe de esconder o cuidado que tem perante ela. Certamente, já testou a sua malvadez e arrependeu-se! Afinal, Pilar é bastante terrível.

(Pilar) – Sabes dizer-me onde ela está? – questiona, impedindo a saída de Joseph.

Preparava-se para sair, apressado, quando Pilar lhe colocou a questão. Não perdendo mais uma possível oportunidade de provocação, Joseph volta a encara com um sorriso astuto. Desafiador, atira esse mesmo sorriso para Henrique, recebendo em troca um imediato olhar pesado.

(Joseph) – Algures em Sintra! – sorri, desviando então o olhar do de Henrique. – Procura bem! – insiste, saindo seguidamente.

Rapidamente, um grupo de vampiros dispõe-se a acompanhar Pilar na missão, sem sequer questionar novamente Joseph sobre qual foi afinal a traição.

Henrique fica fora de si, prestes a descontrolar-se, depois de mais uma provocação de Joseph. Para ele, já começa a ser demais e será uma vitória se conseguir chegar ao fim de tudo, sem espancar aquele vampiro.

(Jasmine) – Por sorte, ainda tens alguém lá fora que se preocupa contigo... - lembra, com um sorriso meigo que tenta transmitir calma e, ao mesmo tempo, deixando claro que gostaria que alguém também viesse à sua procura.

Completamente apanhado pela afirmação daquela que já considera mais do que uma companheira de grupo, Henrique sente-se numa fatal obrigação de retribuir o sorriso e dar-lhe razão. Não há nada que temer. Mas os olhares de Jasmine, e entretanto também dos restantes parceiros, denunciam algo mais e Henrique precisa imediatamente de se desfazer do lugar único de sortudo.

(Henrique) – Ela sabe acerca de vocês! – avisa. – Tenho a certeza que ninguém vos vai deixar para trás! – garante, sorrindo-lhes solidariamente e garantindo que o problema é de todos e ninguém será esquecido.

Aproveitando a continua distracção dos restantes vampiros desde que Joseph e o grupo de Pilar saíram, os seis continuam a conversa num jeito de brincadeira. Apenas evitam dar importância, ignoram mesmo, com astúcia, que alguém, isolado de todos os outros, os observa. André.

(Brian) – A tua namorada é assim tão maluca? – pergunta, em tom de brincadeira, mas ainda assim impressionado pela confiança que Henrique tem na certeza de que Beatriz procurará por todos, não só por ele.

(Henrique) – Às vezes... - responde, não conseguindo evitar um sorriso.

(Brian) – Eu também gosto dessas! – admite, com um sorriso provocador. – Não és o único! – garante.

No auge dos problemas, Brian ainda consegue fazer alguém como Henrique rir e revirar os olhos, como se faz quando a conversa é demasiado sem sentido para ser real.

. . .

Lágrimas ameaçaram transbordar dos olhos de Isabel assim que Beatriz desligou a chamada. Isabel não conseguiu segurá-las.

(Isabel) – Ele estava lá! – revela, aos soluços. – Eu ouvi a voz dele. Estava tão fraco. – respira, enquanto mais lágrimas correm pela sua face. – O quê que lhe fizeram?

Beatriz, por sua vez, observando o desespero de Isabel, não aguenta a pressão do momento, cedendo ao gesto imediato de a acolher no seu braço. A rapariga chora agora no ombro de Beatriz, algo que nunca esperou vir poder a fazer. Ouvindo o choro angustiante e as palavras sofridas de Isabel, a vampira considera-se imediatamente mais forte do que esperava, segurando um pesado nó na garganta. Tudo isto, porque não quer mostrar fraqueza à frente de Isabel, como se isso fosse sua obrigação.

(Isabel) – Eu quero tanto que ele volte! – exclama, em mais um soluço.

(Beatriz) - Vai voltar! Eu prometo! - garante, transmitindo confiança.

Permanecem assim, juntas, durante mais uns minutos, sem dizer nem uma palavra. É então que Beatriz decide tomar as rédeas da situação, afastando-se calmamente.

(Beatriz) – Pelo menos, já sabemos quem é que está por detrás disto e também temos a certeza que eles estão juntos. – lembra, realçando a pequena parte positiva da história, esforçando-se por não cair na tentação de chorar também.

Isabel não responde, secando apenas as lágrimas que ainda insistem em fugir.

(Beatriz) – E se fosses ter com a Luna? Tenho a certeza que com ela ficas melhor! – sugere, sorrindo o melhor que pode.

Isabel aceita, tentando devolver o sorriso, mas sem responder novamente.

Uma hora mais tarde...

No pátio exterior do "Rouge Hotel", sentados num dos bancos de jardim, sozinhos.

(Pedro) – Tens a certeza que não queres? A serra é fantástica! – insiste.

Já há alguns minutos que Pedro, tão querido e animado, tenta convencer Alice a acompanhálo num passeio pela serra Sintra, depois de saber que ela nunca por lá esteve. Estranhamente, a rapariga não aceita, deixando-o intrigado.

(Alice) – Eu não posso afastar-me daqui! É perigoso e eu prometi que não o faria! – reforça.

(Pedro) – Vais estar comigo! – insiste, lançando um tom de quem se sente ofendido pela falta de confiança. – Eu protejo-te! – termina, mostrando-lhe mais uma vez aquele aterrador sorriso angelical.

(Alice) – Tu? Proteger-me? – questiona, lançando uma gargalhada.

Num encolher de ombros, depois de se observar assim mesmo, verificando que até nem está em má forma, Pedro acaba por desistir da completa ideia.

(Pedro) – E o jardim? – propõe. – O hotel tem um jardim fantástico! – informa, como se o estivesse a publicitar numa campanha de turismo.

Soltando um leve sorriso, com o cuidado de não dar muitas intimidades ao rapaz (que por acaso é um poço de pecado, a seu ver, o que não interessa nada!), Alice acaba por se levantar, saindo do lugar ao seu lado e seguindo para o jardim.

Pedro não consegue disfarçar a satisfação.

(Alice) – Tinhas razão! É muito bonito! – admite, depois de já ter visto plantas de quase toda a parte do globo, dispostas perfeitamente ao longo de pequenos caminhos feitos a pensar no melhor passeio que se pode ter.

O que Alice não sabe, é que Pedro não é só um humano. Pedro já foi vampiro e tomou a decisão de voltar a ser humano por uns tempos para poder envelhecer, o que foi possível com sangue de Dissidente. Isso significa, portanto, que os sentidos de Pedro continuam apurados, assim como a sua força e destreza.

(Pedro) – Pára!

(Alice) – obedece, ainda que algo incrédula com a mudança súbita de Pedro. – O que foi? – questiona.

O rapaz consegue ouvir passos lentos. Sente várias presenças bem mais perto deles do que o suposto. Olha à volta. Não vê ninguém.

(Pedro) – Vamos voltar! – avisa, calmo.

(Alice) – Porquê?

Ainda não tinha acabado de o questionar, quando percebeu que ele a atirava para trás. Atira um grito bem feminino quando, ao todo, consegue contar com oito vampiros encapuçados mesmo à frente de Pedro. Fica impressionada quando o vê a desafiá-los. Assustada também.

(Alice) – Estás louco? Vamos embora!

A rapariga não é assim tão cobarde. Percebe-se isso quando esta se atira para junto de Pedro, puxando-o em direcção ao hotel.

Pedro, no entanto, estava com saudades de um bom confronto e não vai deixar este a meio. Instintivamente, volta a atirá-la para bem longe dali.

Não que se tenha magoado, mas Alice desequilibrou-se no processo e caiu. Quando volta a erguer o olhar para Pedro, já os oito vampiros tomam conta dele, golpeando-o de forma a deixálo no chão, sem forças.

É ela que eles querem.

EPISÓDIO 37 – Socorro

Era bastante presente a certeza de que algo assim poderia vir a acontecer, até porque as hipóteses eram óbvias. Mas, também a esperança de que tudo aquilo não fosse mesmo necessário, que Joseph ignorasse a traição, ou que nunca chegasse a conhecê-la, permanecia viva nos desejos de Alice.

O pânico da rapariga aumenta, acompanhando a aproximação daqueles vampiros sedentos, que apenas deixam a descoberto, atrás da máscara negra, olhos vermelhos avassaladores. Também a imagem de Pedro no chão, imóvel, provavelmente inconsciente, lhe desperta medo.

(Alice) – Socorro! – grita, ofegante e desesperada, sem evitar que a sua voz saia estridente.

Ainda no chão, Alice não encontra forças para se levantar e correr dali para fora, arrastandose para se afastar ridiculamente do perigo.

Este é um dos motivos por que ambiciona muito mais do que uma vida humana. Durante toda a sua vida sempre se sentiu uma inútil frágil e indefesa. Detesta isso! Detesta ser fraca! Detesta ser inferior!

Avançando lentamente, os oito vampiros prolongam insensivelmente a sensação de medo que percorre os sentidos da vítima.

Quando vê um deles já demasiado próximo, - é Pilar - Alice atira mais um grito estridente de forma involuntária, tentando seguidamente esconder-se atrás das mãos e dos seus longos cabelos.

Os gritos prolongam-se, enquanto Alice acredita que será atacada. Entretanto, ainda nada aconteceu. Julgou que o vampiro fosse mais rápido.

Permanecendo encolhida, atrás das mãos, com a respiração arquejante denunciando o medo, Alice pondera se será aquilo a morte, ou não.

Contudo, esse pensamento desaparece assim que outras presenças de fazem sentir. Indignada, e começando a sentir-se ridícula pela sua posição de medricas, Alice atreve-se a desviar o olhar para o que se passa mesmo à sua frente.

Nunca uma sensação tão grande de alívio e gratidão percorreu tão rapidamente o seu corpo, apenas por ver, a poucos metros de si, uma elegante jovem vampira lutando feroz e altiva, para a proteger. – Talvez essa sensação nunca se tenha feito sentir antes, porque nunca ninguém se dispôs a protegê-la, seja por que motivo fosse.

Perdida nos pensamentos, Alice estremece quando sente uma mão agarrar-lhe o braço e levantá-la. É apenas Francisca.

(Francisca) – Corre lá para dentro! Depressa!

Preocupada e agitada pela confusão que se criou ali, Francisca apressa-se a direccionar Alice para o hotel. Depois, completamente destroçada pela situação de Pedro, tenta socorrê-lo e tirá-lo dali imediatamente.

Alice só tem tempo de acenar à vampira, insinuando que cederá ao conselho. Contudo, mesmo disposta a sair dali, não consegue deixar de perder tempo para olhar para trás, observando a luta. É então que o seu coração entristece profundamente ao olhar mais uma vez para Pedro.

O rapaz continua imóvel. Ao chegar junto dele, evitando arduamente os confrontos, Francisca debruça-se sobre o corpo inanimado e repara no golpe horrível que o rapaz tem no sobrolho. É com grande esforço que evita agir conforme o pânico gerado pela preocupação. Ágil, observa em redor, e leva-o dali em segurança.

Enquanto isso, Beatriz defronta tão habilmente dois vampiros em simultâneo. Parece não haver nela qualquer motivo para fraquejar. Alice percebe então, ao observá-la mais atentamente, que a vampira descobre e usa as fraquezas de um para atacar o outro, e vice-versa. Entretanto é atacada por um terceiro vampiro, que derruba imediatamente, deixando-o incapaz por mais uns instantes. – Alice já só deseja ser como ela, um dia.

Vasco faz o mesmo, esforçando-se simultaneamente e de forma natural por garantir a segurança de Francisca, quando esta foge com Pedro. Também ele luta com três vampiros, deixando bem claro que só pode ser mais velho e mais experiente do que todos eles juntos. – Alice tem até a impressão de que Vasco é o mais velho ali.

Não consegue perceber, pois ambos estão virados de costas, mas Alice acredita que também eles desvendam os seus olhares ferozes e presas ameaçadoras, naturais de um vampiro.

A rapariga vai afastando-se à medida que observa. Isabel acaba por lhe roubar toda a atenção. Alice já estava fascinada com os dois vampiros, mas Isabel faz-lhe lembrar uma deusa indestrutível, o que a faz parar para ver melhor.

Isabel lutou inicialmente, mas agora derrota dois dos malfeitores apenas com o olhar. - Alice não tem ideia do que ela é capaz de fazer. - Concentrada, imóvel, de olhar fixo nos dois vampiros que a defrontam, Isabel parece ter controlo sobre o corpo deles.

Na verdade, Isabel tem o controlo das suas vontades. O seu dom único permite-lhe, de um momento para o outro, fazer com que aqueles dois não tenham mais vontade de lutar e não sintam a ameaça. - Assim sendo, ainda que claramente conscientes e incrédulos, eles simplesmente não lutam. Têm a noção que devem. Sabem que vieram para isso. Mas não o fazem. Não "querem" fazê-lo. – Porque Isabel não quer que eles queiram!

Francisca e Pedro já não estão por ali. É certo que Francisca foi imaginariamente rápida a sair, senão teria reparado nela, no momento em que terá passado por si. Alice acredita mesmo que Francisca foi tão rápida que nem notou que ela ainda ali estava, em vez de fugir.

Maravilhada de forma aterradora com o cenário que tem perante si, - um jardim imenso e perfeito contrastando com uma amostra do que pode ser a Guerra – Alice distrai-se e esquece-se que já deveria estar bem longe do "campo de batalha".

Lembra-se disso quando sente alguém tocar-lhe no ombro, alguém vindo do nada, alguém que pode muito bem ser o motivo da sua morte, tão desejada ali. A sua respiração ainda denuncia o susto, e o seu coração acelerado implora por paz.

Cabelos ruivos brilhantes, aparecendo ao seu lado, tão magníficos, dão-lhe a prova e o alívio do contrário. É Luna, tão bela que é um crime poder existir.

(Luna) – O quê que ainda fazes aqui? – questiona, fazendo-a sentir-se idiota por não ter fugido à primeira oportunidade. – Vai lá para dentro! – termina, dando-lhe leves empurrõezinhos, direccionando-a à porta traseira do hotel.

Finalmente, a rapariga assim o faz. Luna observa-a correr até ao hotel, certificando-se de que ela fica em segurança. Depois, foca-se **totalmente e irreversivelmente** na luta.

Maléfica, mais do que alguma vez fora vista, Luna não faz questão de perder aquela oportunidade para mostrar um pouco do que é, um pouco da sua fúria! Não importa o que a sua mãe diga, ou pense, depois de ver isso...

Os seus cabelos ruivos, soltos e ondulados, extremamente brilhantes, ajudam-na na sua autêntica imagem de anjo do mal. Os seus olhos transcendem do seu natural azul mágico, para um verde hipnotizante. – (Luna tem andado afastada dos problemas, tal como Isabel lhe implora. Mas o que andará ela a fazer, afinal?)

(Luna) – Parem! – ordena, sem levantar a voz, aproximando-se tão calma e superior.

O resultado do seu poder é visível em todos. Luna quis simplesmente parar o confronto e foi isso mesmo que aconteceu.

Apenas Isabel, Beatriz e Vasco **estão próximos** de perceber quem Luna é. Esta, por sua vez, deixa de exercer poder sobre eles, focando-se inteiramente apenas nos inimigos, **plenamente e perigosamente consciente** de quem eles são.

(Luna) – Para trás! – diz, enquanto os observa sob seu controlo.

Inconscientes sobre tal, os oitos vampiros agem segundo o poder da bela Luna. Não fazem ideia do que se passa com o próprio corpo e as próprias vontades. Isso deixa-os à beira do pânico. - Não há nada tão aterrorizante como sentir que já não se tem qualquer controlo sobre as

nossas próprias acções. Pior! Quando não temos hipótese de fugir, de tentar, no mínimo, garantir algum futuro.

Beatriz, Isabel e Vasco recuam para trás de Luna, deixando-a resolver o assunto como quiser, ainda que isso os assuste de alguma forma que não entendem.

Os dois vampiros estão fascinados. Beatriz acaba por sorrir, malvada, apenas por ver os olhares aterrorizados dos intrusos.

Por outro lado, Isabel não está a gostar assim tanto, embora esteja a dar algum espaço à filha, deixando-a agir.

Ignorando que está a ser observada, essencialmente pela mãe, Luna concentra-se apenas no facto de que está frente-a-frente com parte dos vampiros que levaram o seu pai.

Não acederá àqueles pensamentos fragilizados pelo medo, achando-se cobarde se o fizer, e não os torturará por muito tempo, não querendo exibir todo o poder que tem. Contudo, nenhum deles merece uma amostra da sua bondade.

Num gesto rápido e imperceptível que faz com a mão, direccionando-a para o grupo, Luna vê cair três dos oito no cão. Simultaneamente, ouve-se um estalar.

Isabel arrepia-se ao perceber que aquele foi o som de três pescoços a fracturar. Beatriz também reage com um arrepio, temendo o exagero de Luna. Já Vasco, mantém-se perplexo, observando tudo de olhos bem arregalados.

Luna sorri, satisfeita. O pânico dos restantes cinco vampiros, fá-la sentir-se ainda mais orgulhosa do seu poder. Essa postura torna-a numa criatura totalmente má naquele mesmo instante. – Claramente, ela perdeu o medo de **ficar sem controlo**.

Ligada de uma forma eterna e única àquela menina, Isabel sente isso mesmo. Sente que Luna é **demasiado poderosa**, e que perdeu todo o medo que sempre teve em relação a isso. Agora, Isabel só deseja ser boa mãe suficiente para a fazer parar. Mas algo dentro de si não a deixa mover-se contra a raiva que cresce dentro da **sua menina**.

Também Beatriz já percebeu que algo ali está muito errado. Aquela Luna, tão **poderosa e exuberante**, não se parece em nada com a Luna que sempre conheceu, amável e discreta.

Destemida, Pilar atreve-se a enfrentar aquele **perigo totalmente desconhecido**. Mesmo escondida atrás da sua máscara negra, não consegue esconder que também ela está com medo. Contudo, não tem perfil para ficar quieta num momento assim. Sem nunca dar a cara, aproximase ligeiramente da ruiva, mostrando firmeza e cautela.

(Pilar) – Nós só queremos a miúda. – garante, numa voz forçadamente calma, tentando acalmar os ânimos.

Tentativa falhada.

(Luna) – E eu quero o meu pai! – responde, tão firme, tão superior, deixando clara a sua posição.

EPISÓDIO 38 - À beira do Tudo ou Nada

Pilar já viu que chegasse para se sentir intimidada. Mas insiste, teimosa consigo mesma, em esconder qualquer sinal de medo, ainda que, na verdade, esteja realmente a sentir-se temerosa, como raramente.

Esforça o seu tão natural sorriso sarcástico, enquanto avança mais um destemido passo até à bela ruiva. Tal esforço chega a parecer-lhe ridículo.

- Esse caso é... – começa Pilar, pausando para voltar a empenhar-se num sorriso – Bem mais complicado! – termina, lançando um olhar pouco respeitoso.

Luna não gosta nem um pouco desse olhar. Gosta ainda menos da resposta que recebeu.

Talvez por orgulho, ou desprezo, e num suspiro claramente desnecessário, a rapariga repete o mesmo gesto aterrador de há momentos atrás.

A vampira cai aos seus pés. Não está morta. Nenhum dos quatro está. Mas com a destemida Pilar rendida tragicamente àquele poder desconhecido, de que vale pensar positivamente? Nenhum dos restantes quatro acredita ter hipóteses. Apenas lhes resta sair dali antes que o pior aconteça.

Algo cruel, Luna sorri ao perceber que basta apenas mais um movimento seu para que aqueles intrusos se atirem num pranto, implorando por misericórdia. Não é preciso ser-se muito dotado para o entender. Esse sentimento de terror e incerteza está-lhes no olhar e na atitude. Nenhum dos quatro ousa cruzar o olhar com o de Luna. Nenhum deles ousa sequer mover-se, enquanto não chega o momento certo. Momento esse, em que fugirão dali.

Maquiavélica, a bela faz transparecer, acima do seu aspecto angelical, uma atitude diabólica. Fita-os um a um, com um olhar frio e mágico. A sua blusa branca rendada, acentua a figura angelical, contrastando com o ruivo vibrante. Mantém-se onde está, respeitando a distância. Essa postura enlouquece quem a teme.

- Isto tudo é só um aviso! – declara Luna, numa voz hipnotizante, lembrando as míticas histórias sobre as encantadoras vozes de sereias. – Espero que o entreguem! – finaliza, confiante numa postura altiva.

Estupidamente rendidos ao encanto e ao medo em simultâneo, os quatro viram o momento porque esperavam chegar. Por lealdade e honra, atrevem-se a hesitar, agarrando nos companheiros, tirando-os também dali. Algum alívio inexpressivo percorre-os quando não são atacados por isso. Num ápice, não estão nem perto dali.

Satisfeita, Luna traz de volta o seu olhar azul intenso e puro. Recompõe-se, não querendo exibir a quantidade de histeria e poder que a consomem no momento, através da adrenalina.

Beatriz aproxima-se da jovem, lentamente. Bastante compreensiva em relação ao comportamento da jovem, a vampira tenta não invadir o espaço que Luna necessita para se acalmar. Já bastante próxima, apoia a mão no ombro da rapariga, conseguindo uma troca de olhares sincera.

Por sua vez, Isabel não consegue disfarçar o medo que sente pela sua própria filha. O seu receio não é o mesmo que sentiam, há pouco, os vampiros de Joseph. Isabel não tem medo de Luna. Isabel tem medo por Luna. Tão poderosa, tão única. O possível descontrolo é previsto desde sempre, mas nunca desejado! Isabel deseja toda a calma que não tem.

- Era mesmo necessário deixá-los fugir? – questiona Vasco, tentando acabar com o silêncio existente.

Luna volta-se para os três finalmente. Tenta uma troca de olhares com mãe, pensando que isso a ajudará a perceber que continua a mesma Luna de sempre, mas Isabel evita-a por instantes.

- Nós não precisamos deles aqui! - responde a Vasco, respeitando o silêncio e quietude da mãe. - E assim eles passam a mensagem... - esclarece, baixando a voz gradualmente, a cada palavra, para que a ideia não se faça notar assim tanto.

O esforço de Luna foi em vão. Isabel ouviu perfeitamente e farta-se de continuar a fingir que não teme por ela, que está calma, que apoia aquela atitude.

- Que aviso? – Isabel exige saber, encarando-a com a sua autoridade preocupada de mãe.

Enquanto vê a mãe aproximar-se, fatal na opinião e certa de que não irá admitir o seu descontrolo, Luna acha-se nervosa. Sabe que o que acabou de fazer não é, nem nunca será, do agrado dos pais, mas tinha de o fazer! Por eles! Num gesto de compreensão e respeito, a jovem baixa o olhar, quando Isabel, já perto suficiente, a encara num frente-a-frente de mãe preocupada para filha. Para além disso, o gesto implica também uma maior facilidade em controlar-se, evitando o olhar ardente da mãe, esquivando-se de se sentir afectada por ele.

Sem resposta por parte de Luna, Isabel avança. – Estou seriamente preocupada contigo! – revela, como se Luna já não tivesse percebido. - Já te disse que não quero nestas confusões... - lembra, gesticulando para o espaço do confronto sem nunca deixar de tentar olhá-la nos olhos.

A adrenalina do momento ainda lhe percorre as veias. Luna respira fundo, controlando a confusão de poder que há dentro de si, mal compreendendo a razão da preocupação da sua mãe.

- Eu já te dei provas demais para perceberes que não sou eu quem corre perigo. – argumenta, sem levantar o olhar, mas conhecendo suficientemente a mãe para perceber que continuará a contrariar, de olhos fixos e inquietados em si. – Antes pelo contrário! – comenta, deixando escapar um risinho.

Vasco achou por bem, entretanto, deixá-las sozinhas. É óbvio que não irá intrometer-se na discussão. Mais preocupado com o estado de Pedro, regressa calmamente ao hotel. Ninguém repara na sua ausência.

Por sua vez, Beatriz não abandona o local. Está claro que alguém terá de acalmar os ânimos, caso uma discussão tão sincera quanto violenta faça uma aparição. Contudo, afasta-se de ambas. Observa-as cautelosa, perto que chegue para intervir e longe que baste para lhes dar espaço.

- É disso mesmo que eu tenho medo! responde imediatamente Isabel, conseguindo a
 primeira troca de olhares com a filha, no momento. Tenho medo por ti! Tenho medo no que a
 saudade, a raiva, o excesso de amor, talvez, te possam tornar! continua, segurando lágrimas
 enquanto se expressa.
- Eu posso controlar-me! Confia em mim! garante e implora Luna, tão implacável na certeza que tenta transmitir à mãe, ainda que mal sucedida, olhando-a fatalmente nos olhos. Eu sinto que vim ao mundo para algo mais... confidencia, pensativa, procurando ainda respostas. Agora que o pai e o Henrique desapareceram, eu sei, tenho a certeza, que posso ajudar sem arcar com consequências! Eu posso trazê-los de volta! Eu quero isso! continua, deixando que a emoção tome conta de si.

Vendo uma invasão de tristeza e fúria no olhar da sua menina, Isabel cede à tentação de abandonar a postura rígida, para a abraçar com amor.

- E eu sinto que te podes perder... - declara, agarrando-a contra si. - Tenho medo que o teu poder, que o teu dom te consuma! - termina, abraçando-a com mais força, segurando lágrimas de preocupação.

Luna deixa-se descontrair perante o amor da mãe. É fácil perder-se no seu carinho. No fundo, dá-lhe razão. Mas, por outro lado, não consegue deixar de pensar na possibilidade de poder resolver todo o mal do mundo, seja de que forma for. - Será esse o seu destino? Tornar o mundo num lugar melhor? Acabar com as vinganças? Destruir toda a origem do mal? - A jovem ainda não sabe. Corresponde ao abraço da mãe, sentindo-se tranquila. Toda a confusão de sensações de há pouco, acabou de desaparecer.

É então que Beatriz decide finalmente confiar no amor de mãe e filha, e deixá-las sozinhas. Não conseguirá deixar de admitir que uma ajudinha por parte de Luna viria mesmo a calhar bem. Contudo, a verdade que a atormenta nisso, é realmente o perigo que Luna se possa vir a tornar. Andando de regresso ao interior do hotel, Beatriz relembra toda aquela atitude orgulhosa e suprema, toda aquela excentricidade, tanto poder exercido apenas pela vontade, tudo acumulado numa pessoa só. As dúvidas crescem.

- Beatriz, ainda bem que chegas! – profere Francisca com algum alívio presente numa postura preocupada.

Assim que dá entrada na sala do hotel, Beatriz repara que o jovem Pedro foi colocado no sofá, o mais confortável possível. Alice observa-o, calada, talvez preocupada, no sofá individual ao lado, enquanto Francisca se mantém ao lado do rapaz, segurando-lhe uma das mãos. Vasco, em pé, vem em sua direcção, explicando a situação.

- Não sei se eles tinham intenção de o matar, mas... começa.
- Mas? interrompe Beatriz, insistindo após a pausa indecisa de Vasco.
- Ele não reage, Beatriz! O quê que fazemos? apressa-se Francisca, num pranto de desassossego.
- Eu não sei. murmura para si mesma, aproximando-se do corpo inanimado de Pedro. Já não sou líder, não sei se posso tomar essas decisões. conclui.
- Só deixas de ser líder quando um substituto se apresentar! contrapõe Vasco, impaciente com a situação e por Francisca, sabendo que sofrerá se algo acontecer ao rapaz.

Alice mantém-se calada. Ausente da conversa.

A talvez ainda líder chega junto de Pedro, tirando conclusões por si mesma.

Francisca não tira os olhos dela, sem nunca largar a mão do rapaz, esperando por uma solução.

- Ele está a morrer... conclui Beatriz, inquieta pela situação. Achas que ele já está preparado? questiona, dirigindo-se a Francisca, esperando uma resposta positiva.
 - Preparado para quê? interroga Alice, mostrando que afinal estava atenta.
 - Vamos transformá-lo? tenta Vasco confirmar, dirigindo-se a Francisca e Beatriz.

Francisca olha uma última vez para Pedro. Nenhuma reacção. O seu batimento cardíaco cada vez mais fraco, inaudível. Os seus sentidos sobre-humanos não reagem a nada. Acha-o um jovem magnífico, meigo. Pedro é um dos filhos que nunca teve. Não pode deixá-lo partir.

EPISÓDIO 39 – Destrói Isto!

Também Beatriz, pensativa, observa Pedro. Relembra o momento em que o viu pela primeira vez, tão assustado, escondendo-se atrás da mãe que, por sua vez, estaria disposta até a dar a vida pelo seu *vampirinho*. Entretanto muita coisa mudou, o rapaz cresceu, mas a sua graça, a sua disponibilidade e generosidade mantiveram-se.

A vampira é rápida nos pensamentos e na atitude, ignorando com um revirar de olhos a inquietude de Alice.

A rapariga ergueu-se do sofá num ápice, depois de questionar o diálogo dos três vampiros. Tenta chamar a atenção com uma postura inquieta que exige esclarecimento. Mas parece não haver nada que os distrai.

- Sai daqui, Alice! - profere Beatriz, encarando finalmente o desassossego no olhar da jovem.

Alice, por sua vez, decide não ceder ao pedido, mantendo-se imóvel e rebelde em frente de Beatriz. Sem paciência para criancices, a ex-líder aproxima-se e agarra sem qualquer cuidado o braço da humana.

- Eu disse: Sai daqui! – reafirma, agora numa ordem clara e inquebrável, empurrando-a como incentivo para sair da sala.

Contrariada mas sem alternativas diante de Beatriz, Alice acaba por sair, resmungando em silêncio.

 - Quem vai fazê-lo? – pergunta Francisca, voltando-se para Beatriz enquanto segura com carinho a mão de Pedro, após a saída de Alice.

Os três vampiros entreolham-se simultaneamente, como se partilhassem pensamentos. Nem se dão conta mas a verdade é que, tanto Francisca como Vasco, estão a colocar a decisão nas mãos de Beatriz. Será difícil habituarem-se à ideia de que a vampira já não é líder.

- Onde está o Mais Antigo? interroga Beatriz, afastando-se como se estivesse incomodada por ainda ser consultada para tomar decisões, achando pertinente um pedido de permissão para agir.
- Não sei! apressa-se Vasco. E não acho necessário saber! admite de seguida, alertando-a indirectamente para a urgência da questão.

Beatriz solta um suspiro, passando depois a mão pelo cabelo enquanto se aproxima de Francisca novamente.

Francisca não solta a mão do rapaz, tão frágil ao seu lado, esperando apenas uma resposta.

- Ele adora-te, Francisca! lembra Beatriz, entregando um leve e incentivador sorriso a Francisca. A Verónica já sabe desenrascar-se sozinha, já não necessita de todo o teu tempo... Por isso, deves ser tu! conclui, sem quaisquer dúvidas.
- Também acho! apoia Vasco, perante a expressão assustada e nervosa da amada. E tenho a certeza que vai correr tudo bem! Não há melhor opção! termina, como incentivo.

Beatriz e Vasco saem, calmos, deixando Francisca sozinha com a vida de Pedro dependente do seu amor.

Inspirando, como se a determinação de que precisa pairasse no ar, Francisca preparasse para salvar o seu menino. Não há tempo a perder. Talvez já tenham perdido tempo demais. Francisca não quer pensar nessa possibilidade.

É então que, finalmente, Pedro recebe o sangue da vampira. E tal é a sua vontade de viver.

Na recepção, Alice não pára de andar de um lado para o outro, esperando que alguém apareça para a informar sobre o que está verdadeiramente a acontecer. De facto, acho ter esse direito, já que a confusão começou por sua causa.

Enquanto Vasco decidiu, momentaneamente, garantir que tudo está bem no hotel e com os hóspedes, subindo ao primeiro e segundo pisos, Beatriz encontra a rapariguinha, tão impaciente.

- Podes falar, $v\acute{a}!$ incentiva Beatriz, não adiando mais a situação, indo sentar-se no sofá à esquerda, junto à janela que dá vista para o exterior.
- Podes explicar-me o que está acontecer? Vocês vão transformá-lo? insiste a jovem, questionando tão rapidamente e quase sem respirar, que dá provas do seu receio.
- Poder, posso! confirma Beatriz, preparando-se para a testar. Não sei é que tens tu a ver com isso... insinua, provocando-a com um olhar extremo de satisfação por vê-la confusa.

Alice sente que é rebaixada e ignorada por todos. Essa sensação consome-a tão mortalmente. Bem sabia que aquela tão desconhecida generosidade e protecção a seu favor, não durariam muito tempo. Ainda assim, a rapariga não se deixa fraquejar.

- Talvez porque... começa, aproximando-se de Beatriz, com as mãos firmemente apoiadas na cintura, confiante. ... ele lutou por minha causa. continua. Se ele está mal, a culpa é minha! termina, mostrando uma razão forte para saber o que se passa.
 - É verdade! concorda, numa expressão indecifrável.

A jovem humana mantém-se em silêncio, secretamente confusa com a resposta que recebeu. Beatriz poderá ter concordado em explicar-lhe a situação, ou que a culpa do que está a acontecer é sua, ou ambos. Resta esperar.

- Sim, a Francisca vai transformá-lo. acaba Beatriz por dizer, levantando-se do sofá para ir buscar uma *bebida* atrás do balcão.
 - E vocês podem fazer isso? Mesmo sem o consentimento dele?
- E quem te disse que não temos o consentimento dele? contrapõe a vampira, abrindo a sua embalagem de sangue sintético. Melhor! Quem te disse, por exemplo, que a mim me pediram permissão? reforça, bebendo um gole da sua *bebida*. Sim, podemos fazê-lo! Obviamente que os tempos mudam e não andamos para aí a morder e transformar quem nos apetece, mas em casos de vida ou morte podemos agir!

Alice acena, acompanhando os movimentos da vampira e confirmando que está a ouvir atentamente.

- E eu poderia ficar aqui a contar-te tudo sobre o assunto, mas acho que tens muito tempo para isso. – termina Beatriz, dirigindo-se à saída. – Falamos mais tarde! – deixa o aviso, antes de a deixar sozinha.

Sozinha, a rapariga percebe que o mundo sobrenatural pode vir a ser tão ou mais complexo que a vida humana. Ao que parece os vampiros regem-se por regras e pela moral. Para além disso, Alice apenas teme as disputas. Quando conseguir o que tanto quer, ser vampira, terá que conquistar a confiança de muita gente. A sua vida será sempre um risco. Um risco que pensa valer a pena correr.

Tal como já seria esperado, Pedro parece não reagir à dor da mutação, precisamente por ter ADN de dissidente e, provavelmente, também por já ter passado pela transformação. Contudo, Francisca já sentiu o coração do rapaz a reagir, como se combatesse contra o veneno da imortalidade. Acontece com todos. Por isso, muitos não sobrevivem. O coração não aguenta.

Mas Pedro sobreviverá. Francisca sabe que sim.

Horas depois...

Já no interior da mansão, naquela enorme e ironicamente acolhedora sala onde já estiveram, os vampiros tentam manter algum contacto, mesmo algumas conversas forçadas para chamar à atenção dos seis mais novos ali, enquanto esperam pelo regresso dos que saíram em busca da traidora.

No entanto, aquele salão é tão grande que, mesmo com o esforço, quem não está interessado em socializar tem facilidade em afastar-se. É o caso de Henrique que, tão naturalmente interpreta o seu pouco interesse na integração.

Finalmente! Joseph parece que previa a chegada dos oito vampiros que enviou à procura de Alice. O vampiro entra no salão, por uma das portas laterais, enquanto os regressados entram por outra, no lado oposto.

Alguns doridos, outros ainda assustados. Pior que isso, é ver que a bela e destemida Pilar ainda não recuperou, sendo trazida nos braços de um dos companheiros, inconsciente e colocada, confortavelmente, no sofá mais próximo, disposto junto à janela ao fundo da sala.

Torna-se imediatamente tão óbvio que as coisas correram mal.

Joseph sustem a respiração ao vê-los, como se isso o ajudasse a controlar a desilusão pela derrota.

Henrique sorri discretamente, encostado à parede, num dos cantos da sala e de braços cruzados, observando aqueles pobres coitados, e imaginando com malícia quem lhes terá dado, certamente, aquela sova. Os seus parceiros partilham a satisfação, juntando-se a ele.

- O que é isto? O quê que aconteceu? questiona Joseph, esforçando-se por manter a calma.
- Não te parece óbvio?! replica o jovem vampiro que acabou de deitar Pilar no sofá.
- *Why? Why?* insiste Joseph, esquecendo-se de esconder a sua fúria e desagrado, transmitido tão fatalmente pelo seu sotaque.

Entretanto, André aproveita a confusão gerada em volta da derrota e da insatisfação de Joseph para se aproximar discretamente de Jasmine. Obviamente, está a aproximar-se do grupo todo, já que estão reunidos no canto da sala, mas Jasmine inspira-lhe mais confiança e menos perigo. Por isso, dirige-se a ela, entregando-lhe tão ágil e rapidamente um papelinho amarrotado.

Jasmine desembrulha o papel, curiosa, sob o olhar atento e protecção dos amigos.

"DEPOIS DE LER, DESTRÓI ISTO!"

EPISÓDIO 40 – AVISO ENTREGUE. O jogo vai começar.

Ainda que duvidando imenso daquela oportuna e discreta aproximação, Jasmine cedeu à curiosidade e recebeu o papelinho, sem nem pensar em questionar o vampiro.

Queria apenas uma troca breve de olhares com o jovem vampiro, como se isso a ajudasse a confirmar a veracidade do que lê. Mas, quando pensou nisso, terminando de ler a mensagem, já André tinha fugido à confusão que se instala no salão.

- Eu sabia! – grita num murmúrio discreto Brian, deitando uma olhadela ao bilhetinho. – Eu sabia que ele era como nós... - conclui.

Ouvindo o comentário orgulhoso de Brian, mesmo ao seu lado, Jasmine desiste da espera pelo regresso do misterioso vampiro.

Já tinham percebido que André era novo ali. Não só pela tenra idade que aparenta ter enquanto vampiro, mas também pelo seu modo de estar acanhado, discreto, obediente, André já tinha sido alvo da atenção do grupo.

Repentinamente interessado na situação ocorrente, Henrique apressa-se a confirmar que naquele salão, ninguém os observa, muito menos Joseph, evidentemente mais preocupado com a derrota dos seus enviados a Sintra. Depois, desencosta-se da parede e aproxima-se dos companheiros, deixando de parte a satisfação de ver o desagrado de Joseph, e preocupando-se com o possível novo aliado.

- Isto não podia estar a correr-nos melhor. constata Henrique, arriscando um sorriso rasgado, mas breve.
- Sim, mas talvez devêssemos testá-lo primeiro. propõe Victorius, temendo que André seja apenas mais uma marioneta de Joseph. Encostá-lo à parede! Arrancar-lhe informação! reforça, numa ansiedade incontrolável.
 - Concordo. apressa-se Henrique.

Se aquele bilhetinho for significante, André arriscou bastante. Tal como os receptores da mensagem arriscam se continuarem a dialogar sobre o assunto, ali, tão perto do inimigo.

- Resolvemos isto, mais tarde! – afirma Jasmine, enquanto rasga o papelinho amachucado que lhe foi entregue e o atira certeiramente contra a chama de uma das velas exibidas num móvel de canto, naquela sala. Seja sobre o que for aquela mensagem, uma simples chama derrete-a em cinzas que caem, delicadas, sobre a madeira do móvel.

Certos de que ninguém deu importância ao súbito cheiro a queimado, o grupo aproxima-se finalmente da discussão que acontece no mesmo espaço, num interesse sínico.

Deixam-se misturar-se entre os restantes vampiros, ignorando os olhares indiscretos e rápidos que lhes são lançados durante a aproximação.

Pilar, tão simplesmente bela, começa a dar os primeiros sinais de retorno à vida. Quase recuperada, remexe-se, fraca.

Observando-a, Henrique surpreende-se a si mesmo ao acreditar não estar perante a própria Pilar, como se já a tivesse mirado que chegue para saber que ela, mesmo inconsciente, não se parece com ela. Há algo ali, nela, naquela presença, que está a mais. Um arrepio de lembranças familiares consome-o.

...

No ponto mais alto do Rouge Hotel, onde se sente mais próxima de uma liberdade única e metafórica, Luna medita, paciente.

Um arrepio rápido trespassa-a sem permissão, pondo fim à concentração e tranquilidade que a sua postura representava. Revelando os seus olhos intensos ao horizonte, a rapariga sorri.

...

- Vocês deviam ter tido cuidado! – grita Joseph, desapontado, num tom que insinua algo óbvio. – Como? Como é que se deixaram apanhar assim? Até ela? – continua, sem espaço para interrupções. – Até a Pilar?

Tão serena quanto um ser frágil a dormir, Pilar não dá sinais de consciência.

Henrique continua a sentir nela algo mais, uma outra energia.

A vampira abre os olhos. De um tom azul intenso, mágico.

O rapaz associa imediatamente aquele olhar a uma outra pessoa, ansioso pelo que se segue. A energia estranha ainda está por ali.

Pilar ergue-se, sentando-se sozinha no sofá onde foi colocada. Olha à volta e pousa o olhar em Joseph. Levanta-se, extremamente simples e contagiante nos gestos. Poderosa. Pousa a mão no pescoço, acariciando-o para verificar se está devidamente curado.

Um silêncio medonho invade a sala. Ninguém diz uma única palavra. Ninguém se atreve ao mais insignificante movimento. Pilar está notoriamente diferente. Não parece ela.

Joseph, perspicaz, espera qualquer coisa.

- Não os culpes pelo fracasso! – pede Pilar, numa voz que é sua mas que não parece ser controlada por si. – Não é que tenham sido cuidadosos, porque não foram... Mesmo que fossem, eu não deixaria que fizessem o que quer que fosse. – revela, sombria e superior.

- What the hell... - murmura Joseph, encantado e assustado em simultâneo, num sotaque inevitável.

. . .

Sozinha, longe de tudo e todos, Luna continua a sorrir, satisfeita. Os seus olhos brilham intensamente. – Finalmente pode ver a cara do malvado britânico.

...

Mantendo a postura que não é, em nada, natural em si, de uma forma tão inexplicável, Pilar aproxima-se de Joseph. Este, dá por si a recuar à medida que ela se aproxima, querendo manter a distância do que desconhece.

Pilar sorri-lhe. Num movimento ágil, aproxima-se o suficiente para lhe segurar a mão.

Henrique não cabe em si de surpreso. Nunca viu nada assim, mas tem a certeza que conhece quem é capaz de tal proeza.

Uma energia poderosa e desconhecida transparece do corpo de Pilar, atravessando o de Joseph sem retrocesso. As memórias mais frustrantes do vampiro assombram-no de uma forma que ele não gosta. Quando essa sensação de mau estar desaparece, Joseph simplesmente sabe quem a intencionou. Um ódio ainda maior sobre tudo, até de si mesmo, percorre-o.

AVISO ENTREGUE.

Pilar solta Joseph. Um calafrio percorre-lhe o corpo e a jovem cai, sem forças, nos braços de Carlos, que se apressou a agarrá-la. O olhar azul hipnotizante desapareceu, dando lugar ao intenso vermelho sedento da vampira.

Agora sim. Ela está de volta. Ela parece ela.

Rodeado de olhares confusos e assustados, Henrique parece ser o único que conhece realmente o motivo e a origem de tudo aquilo. Para além de Joseph, que lida tão formidavelmente com a ameaça.

 Depois de séculos a lutar por isto, por justiça, pelo destino... - inicia o vampiro, desejoso por concretizar o que planeia à muito. – Não é uma criança que vai ser o meu fim! – garante, confiante e ameaçador.

A vampira, sedenta e frágil como nunca, voltou a instalar-se sofá e é rodeada pelos amigos mais próximos, que lhe oferecem auxilio.

Antes de sair daquele salão, na sua sempre habitual altivez e elegância, Joseph observa uma última vez o aparato. Atreve-se, então, tão provocador, a lançar um breve olhar a Henrique, certificando-se de que é correspondido.

Vendo-o sair, tão aparentemente indestrutível, Henrique não consegue ignorar a necessidade imensa e talvez ridícula de o seguir.

Os seus companheiros reparam, mas sentindo que é tarde demais para o impedir de seguir Joseph sem causar aparato, acabam por ficar e evitar que alguém repare naquela ausência.

Quando chega ao exterior do casarão, seguindo Joseph sem nunca o alcançar, Henrique teme ter-lhe perdido o rasto. O vampiro desapareceu.

Avança mais uns passos, atrevendo-se bastante para lá da porta. Aquela paisagem já lhe é conhecida.

Ao fundo, a pequena cabana de madeira que dá para algo tão parecido com o fim do mundo, onde foi mantido vários dias, preso, chama-o à atenção. Henrique olha para traz. Ninguém o seguiu. Quando volta a encarar aquele miserável portal que o levará onde ele não quer mais estar, o vampiro recorda aquela porta, pesada, trancada. Recorda o momento em que passou por ela e a curiosidade que lhe suscitou.

O silêncio do jardim parece querer colaborar. Henrique consegue ouvir o mais pequeno murmúrio, consegue sentir o mínimo movimento.

BANG!

Só uma porta pesada, quando é trancada com violência, soa assim. Talvez não só uma porta, mas o som veio dos fundos da cabana de madeira, abaixo do chão, mesmo na direcção em que Henrique está a olhar.

O vampiro começa a andar lentamente, dirigindo-se àquele sítio onde, só por um muito bom motivo, voltaria a entrar.

Chega de expectativas!

O jogo vai começar.

EPISÓDIO 41 - Fico bem!

PARTE I

O jovem vampiro acelera o passo, sempre se certificando, cauteloso, de que ninguém o segue. A relva onde pisa, fresca e macia, não denuncia a sua aproximação ao casebre de madeira.

Mal coloca um pé dentro, Henrique resmunga expressivamente pelo inevitável ranger de tábuas que se fez soar. Pé ante pé avança mais um pouco, não sentindo nenhuma alteração no ambiente que o rodeia.

Desce as escadas que se afundam à sua frente, prudente a cada passo, sempre atento ao mais ínfimo pormenor que possa surgir. E eis que aquela porta, tão pesada, metálica e inquietante se ergue à sua frente.

Henrique está a poucos pensamentos de distância para a abrir. Aproxima-se. Estende a mão até à maçaneta.

Um ardor irritante e doloroso consome-lhe a palma da mão. A maçaneta é feita de prata. Provavelmente toda a porta é feita de prata! - O vampiro não quer arriscar comprovar esse
facto, afastando-se de imediato enquanto arqueja, esquecendo-se de ser silencioso e observando

seguidamente a queimadura, feia e ainda em brasa. O seu corpo não reage... Outra cicatriz, talvez!

- Maldito! – resmunga. – Podes ter a certeza que não vou ficar com estas cicatrizes nojentas para a vida! – continua, agitando-se impaciente de lado para o outro, esperando que, no mínimo, a dor desapareça.

É então que o rapaz reconhece o leve sorriso de satisfação que soa do outro lado. Pode já nem pensar na hipótese de invadir o que está para lá da porta, mas Henrique sabe que Joseph está do outro lado e não sairá dali enquanto o rival também não sair.

. . .

Agora sim. Quanto mais tempo passa, e menos Pedro reage, quanto mais Francisca fica inquieta. A vampira anda de um lado para o outro. Senta-se, levanta-se, senta-se novamente, acaricia maternalmente o rosto do rapaz, levanta-se... Nestes momentos, o tempo parece folgar.

Uma palidez suave começa a preencher o rosto tranquilo e jovial do rapaz. Mas isso ainda não é certeza de nada!

Achando-se mais esclarecida, Alice aproveita o momento em que a deixaram sozinha, no seu canto do hotel, para se aventurar na ultrapassagem do limite que lhe foi imposto em relação a Pedro.

Entrando na sala de estar, sem qualquer vontade de ser discreta, Alice depara-se incrédula com a imagem de Pedro ainda inconsciente. Julgava que a transformação seria dolorosa... – Afinal não está assim tão esclarecida! – Mas mais que isso! Alice observa-o com um sentimento de culpa e ternura que nunca viu em si mesma.

- Ele vai ficar bem! – adianta Francisca, dirigindo-se a Alice mas tentando convencer-se a si própria.

A rapariga não desvia a sua atenção de Pedro.

- Mas... - começa, aproximando-se calmamente da jovem. - ... Agora é melhor saíres daqui!
- avisa.

- Porquê? questiona, olhando então para Francisca.
- Pode ser perigoso, caso ele recupere contigo aqui. esclarece a vampira. Entendes o que quero dizer, não?
- Sim, entendo! confirma a rapariga. Só não entendo porque todos agem como se eu fosse uma fraca e ignorante... comenta, num tom desaprovador.

A sua visita fica-se pelo comentário. Alice acredita não ter mais forças para continuar ali, vendo Pedro entre o tudo ou nada, por sua causa. Resta-lhe esperar por noticias noutro lugar, saindo dali, voltando para o seu quarto no hotel.

- Alice?! chama ainda Francisca, para tentar aliviar os ânimos da jovem.
- Fico bem! responde Alice, já no corredor, fora da sala.

Alguns longos minutos depois, eis que se Pedro remexe pesarosamente no sofá, iniciando provavelmente o fim da preocupação de Francisca.

Impaciente, ansiosa, quase feliz, Francisca atira-se para junto dele, sentando-se a seu lado, esperando... Quando agarra a mão do rapaz, delicada, a vampira sente uma força imensa apertando a sua.

Pedro reage. Uns olhos brilhantes, que apesar de vermelhos parecem tão naturais no jovem, fazem-se notar com bela exuberância.

- Oh, meu querido... – solta Francisca, num suspiro de alívio e num sorriso de alegria extrema.

Pedro observa-a, calmo mas confuso. O seu mundo, a forma como vê, ouve, sente as coisas, está diferente! Mas o rapaz já conhece essa sensação. Analisa-se a si próprio enquanto se ergue para se sentar no sofá.

- Transformaste-me? – questiona, obtendo resposta positiva. – Correu assim tão o confronto?
- comenta, em tom irónico.

A vampira solta uma breve gargalhada, contrariando depois a ideia de que o confronto tenha corrido mal, enquanto agarra nas mãos do seu menino e se certifica que ele está mesmo bem.

Mas entretanto, assim que se recorda totalmente do que aconteceu antes de chegar ali, Pedro intervém.

- E a Alice? Onde é que ela está? – questiona, com pressa em conhecer a resposta.

...

Enquanto mira Afonso, de joelhos e curvado, preso por pesadas correntes e pela falta de luz e oxigénio, Joseph pensa na melhor forma de começar a tortura sem gastar muito do seu tempo, levando-o ao extremo em menos de nada.

Fisicamente incapaz de reagir, Afonso lida com a situação apenas com o pensamento. Tão frágil, tão mais morto que vivo, sobrevivendo no limiar que separa ambos os estados, o jovem ainda não deu pela presença do vampiro.

Passeando com elegância em torno da sua vítima, tentando fazer-se presenciar, o vampiro não consegue evitar uns risinhos contagiantes de satisfação, percebendo que os seus investimentos em pesquisas tornaram possível enfraquecer um ser tão desconhecido e tão mais imortal, como Afonso. – Para além disso, sabe que alguém o espera do lado de fora. – Joseph pensa então em abrir um pouco da janela que existe, mesmo atrás de Afonso, e que este desconhece desde que ali chegou. Uma pequena brecha e finos raios de sol penetram na pele do jovem.

Um calor reconfortante reflecte-se na pele que tem à vista, incentivando-o a tentar reviver. Aquela energia natural parece até reavivar-lhe as memórias, os pensamentos, a razão, as sensações...

Para Joseph ainda não é suficiente! Observa-o, analista, esperando uma reacção mais intensa. Generoso, e pretensioso também, o vampiro decide abrir mais uma pequena brecha, mas agora para deixar entrar o mínimo de oxigénio, o mínimo de natureza.

Esse pouco, para Afonso é bastante, é suficiente! Tornando a respirar mais livremente, o rapaz acaba por conseguir erguer-se, até ao ponto em que as correntes o puxam para baixo. Levanta então a cabeça e faz um esforço para abrir os olhos, na real esperança de que alguma coisa tenha mudado.

Passos tranquilos rondam à sua volta. O pai de Luna consegue sentir, finalmente, a presença de alguém a seu lado. Nada mudou! É o que entende quando vê Joseph, agachando-se mesmo à sua frente, com um olhar tão fatal que deixa qualquer alma revoltada por tanto encantamento e tanta maldade juntos.

- O quê que queres, agora? questiona Afonso, lento e com a voz rouca, empenhando-se em manter a cabeça erguido e em olhá-lo nos olhos.
- Nada! responde o vampiro rapidamente. Apenas ver-te sofrer! Apenas fazer-te entender que não mereces um pingo da felicidade que já tiveste!

Afonso coordena a sua respiração, cautelosamente, tentando conter em si toda a energia que consegue. O mistério e o ódio vindos de Joseph não ajudam em nada nessa intenção. O rapaz fica confuso.

É então que vê o vampiro esticar o braço para arrastar até si um baú de madeira. Afonso repara naquelas elegantes e grossas luvas pretas de cabedal que Joseph ostenta mas, seguindo o rasto dos seus dedos ao vê-lo abrir o baú, noticia ainda outra coisa. — Uma lua envolvendo um jaguar. Jaguar! O símbolo do Jaguar!

Pode-se dizer que Afonso entra em pânico, enquanto tenta organizar a confusão de ideias e recordações que passam pela sua mente, a mente de alguém desnutrido. – Jaguar. Vampiros. Família. Paixão. Isabel. Luna.

Afastando esses pensamentos, Afonso volta a encarar Joseph.

- Se mereço ou não, não é da tua conta! - atira num contra-ataque nada planeado.

Joseph gosta do atrevimento. Até porque assim, poderá tornar-se ainda mais doloroso.

- Tu não sabes o que queres. Nunca soubeste, Alphonzo! começa Joseph, segurando num punhal de prata, de certo bem afiado, que retira do baú. Primeiro, querias fazer de tudo para acabar com a monstruosidade que era para ti ser vampiro! Com isso identifico-me! Aliás, como todos aqui! Tal como Mary Jane!
 - Ela gostava do que era, Jones... corrige Afonso.

- Ela acreditava que gostava! contrapõe o vampiro, observando com interesse o modelo do punhal. E quase te convenceu a acreditar igualmente... constata, recordando. Por isso... intervém, evitando a resposta de Afonso e retomando o assunto que lhe convém. ...prometi ajudar-te. Desse por onde desse, eu iria cumprir a promessa! garante, confiante. Mas quem aqui não cumpriu alguma coisa foste tu, Alphonzo! Apaixonaste-te pela bela Mary, e entretanto tudo farias por ela, até suportar a dura imortalidade! recorda, quase tão naturalmente obrigando Afonso a recordar também. Depois ela morreu!
 - Tu mataste-a! lembra o jovem, preso a tal memória.
- É a minha função! Tecnicamente ela era vampira, e eu nasci para matar vampiros... contesta, levantando-se num sobressalto e soltando uma gargalhada. Prosseguindo! insiste, voltando a rodear Afonso com o seu passear tranquilo. Depois disso, voltaste a querer tudo menos o vampirismo e, de seguida, ... pausa, recordando e fazendo entender que sabe alguns pormenores da vida do rapaz. Ah! Já sei! A jovem Beatriz apareceu! E novamente, voltaste a ter controlo sobre a tua condição de sanguessuga...

Os passos tranquilos de Joseph, a sua elegância obscura, fazem Afonso sentir repugnância.

- Não podes falar muito... comenta, ainda com a voz rouca e quase sem forças. O oxigénio que respira e os raios de Sol que o aquecem, não chegam para tudo. Mas apenas tinha de o lembrar de que, ao contrário de si, ainda é vampiro.
- E é aí que está a ferida maior! É neste momento, que eu te odeio ainda mais, Alphonzo! anuncia o vampiro, agachando-se novamente à sua frente, encostando-lhe o punhal e deslizando-o sobre a face. Tu tiveste tudo ao teu dispor! recorda, provocador, tentando ferilo com o punhal. Destruíste-me vários planos, não sabes o que queres e, ainda assim, consegues tudo o que eu nunca tive! Tiveste uma família, amigos incondicionais, apaixonastete, foste pai, lutaste, venceste... Eu odeio-te! enumera, lançando a ultima palavra num grito.

Afonso gostaria de ter energia suficiente para conseguir pôr em prática o seu dom. Mas não tem. Joseph sabe o que faz. Afonso não faz ideia do que ele quer fazer e essa sensação não lhe agrada.

- Não, Jones! Tu invejas-me! – diz, e é a única coisa que consegue pronunciar no momento, perante aquele olhar ardente.

Uma vontade imensa de fraquejar invade-o, quando recorda tudo o que já viveu de bom e se depara agora com o ódio invencível daquele homem por si.

PARTE 2

Por sua vez, vendo resultados bem claros do sofrimento que causa, Joseph não faz questão de parar.

- Não, Alphonzo! Eu odeio-te! reforça o vampiro. Odeio-te por já não seres vampiro, enquanto eu sou. Odeio-te por seres amado. Odeio-te por amares tão cegamente. Odeio-te ainda mais por desafiares tudo, até a lei do fatal destino! expõe, confiante do que sente e do que quer fazer sentir. Como é que te sentes em relação a isso?
- Fico bem... murmura Afonso, rouco e segurando as possíveis lágrimas que possam vir a revelar-se.

Um raro momento de tensão e silêncio instala-se entre ambos.

Joseph afasta o punhal que encostou e deslizou, até agora, nas faces pálidas de um Afonso fragilizado, pensando no quão prazer vai ter no que fará já de seguida.

- Ficas bem... retorque, lançando seguidamente uma gargalhada. O destino quis que te tornasses vampiro e, não só te apaixonas por uma humana, como várias vezes aconteceu por herdeiras ao legado da Luz Eterna... recorda, continuado a rir, sem nunca dirigir o olhar a Afonso, enquanto remexe no baú que, em tempos, roubou a Isabel. Pior! Enganas o destino e, finalmente, já não és vampiro! E à custa de quem? À custa da filha do maior e mais admirável caçador de vampiros! conclui, estimando cada preciosidade de prata que lhe passa pelas mãos, enquanto remexe no baú.
- Onde é que queres chegar com isto? persiste o jovem Afonso, resistindo ao tormento daquela situação, preso ali.

Joseph simplesmente o ignora com toda a sua malvada vontade de continuar o seu discurso. Olhando feroz e cheio de ódio e perseverança Afonso, o vampiro continua.

- Tu não fazes ideia do quão grandiosa seria a Isabel se não tivesses cruzado com ela, pois não? – questiona, sorrindo maliciosamente e avançando sem deixar espaço para resposta. – Não fazes ideia do quão ela seria feliz junto do seu grandioso pai, vingando a morte da mãe... Não tens noção do poder que ela teria nas mãos e do quão temida ela seria pelos vampiros, pois não?

Dando por si a deixar-se levar pela conversa, Afonso baixa o olhar e a cabeça pensando nas possibilidades.

...

Questiona-se sobre como consegue. Inquieta-se por ultimamente parecer tão paciente e cauteloso perante tantas situações ridículas, injustas e desnecessariamente praticadas. Entre tanta questão, Henrique apenas sabe que, de alguma forma louvável, sabe o que quer e o que fazer. Neste momento, resta-lhe esperar.

Entretanto, o ardor que sentia na palma da mão, derivado da queimadura que sofreu ao tentar abrir a porta, amenizou-se. Recusando-se a desistir, especialmente depois de escutar o avanço que a conversa levava do outro lado, Henrique sentou-se, persistente, nos degraus da escada mesmo em frente à porta, cruzando os braços em cima dos joelhos e já certo de alguma coisa...

Alphonzo está ali. Alphonzo é sem sombra de dúvidas o Afonso que conhece.

. . .

Insistente na conversa que deve ter com a filha, Isabel não parou enquanto não a encontrou. Finalmente, parece ter percebido quais os lugares onde procurar primeiro por Luna já que, quando esta desaparece, é geralmente encontrada nos pontos mais altos dos lugares que conhece.

Todos os sentimentos de mãe que fervilham em si levam Isabel a subir ao telhado do "Rouge Hotel", aproximando-se da sua menina. Contudo, Luna não parece estar a viver o momento certo para partilhar com a mãe.

- Sai daqui, mãe! – pede a ruiva, sem ainda ter olhado para Isabel, estimando-se a si própria para não ter que lidar com dois acontecimentos em simultâneo.

- Eu só quero falar contigo, querida. – adianta, ousando sentar-se ao lado da sua filha. – Por favor!

- Agora não! – insiste a jovem, de olhar fixo no horizonte como se realmente estivesse a observar nada, evitando cruzar os seus pensamentos com os da mãe e demonstrar-lhe o sofrimento que sente em duplicado.

Luna consegue alcançar a possibilidade de sentir o mesmo que os pais sentem, seja a que distancia for, já que a ligação entre ambos é demasiado forte. No momento, cada pensamento de dúvida e desespero do pai, atravessa-lhe a alma, e cada palavra proferida por aquele britânico impiedoso lhe consome os ouvidos como se, cada qual, fosse proferida para ela mesma. Até mesmo o horror que Afonso sente ao ser invadido pelo olhar odioso de Joseph, é notado por Luna.

Pior que tudo! A jovem consegue de tal forma sentir o que o pai sente, que por momentos é como se ela própria estivesse naquele lugar, presa entre a vida e a morte, sem qualquer saída, questionando a vida, o destino e a possibilidade de tudo o que acontecer com Afonso e Isabel, nunca ter acontecido.

O coração de Isabel é demasiado sensível a tudo isso. Quanto mais perto da filha está, mais certezas tem de que esta não está bem, de que está a sofrer. A sua perspicácia, por outro lado, leva-a ao exacto motivo desse mal-estar.

- O que se passa? Tu não...

Isabel não chega a terminar a frase, precisamente porque Luna cai em lágrimas ao seu colo, soluçando em sofrimento enquanto tapa o rosto com as mãos, encolhendo-se junto da mãe.

- Eu fico bem, mãe... - esclarece a rapariga. - O pai é que está a sofrer.

Desarmada, Isabel nada mais consegue fazer senão amparar a filha sem a questionar mais no momento, chegando a chorar com ela.

. . .

Esperando por notícias de Pedro e sem ideia de onde poderá estar o Mais Antigo, Beatriz dispôs-se imediatamente a tomar conta das partidas e chegadas ao hotel enquanto Francisca está

ocupada. No entanto, Vasco insistiu em ser ele mesmo a fazer tal trabalho, dando tempo à exlíder para procurar mais informação sobre esse tal Joseph Morgan e sobre os desaparecidos.

No entanto, um constrangedor silêncio instala-se na recepção, enquanto Vasco trabalha ao balcão (parecendo inseguro e impaciente sobre alguma coisa) e Beatriz investiga ao computador, sentada num dos sofás mesmo ali (notando com perspicácia toda aquela inquietação no vampiro).

- Tens alguma coisa para me dizer, Vasco? incentiva Beatriz, certa em demonstrar a sua sensibilidade e astúcia.
 - Como é que sabes que...? começa por questionar o vampiro, interrompido de imediato.
- Sei por diversos outros motivos e porque é óbvio! garante, fechando o portátil à sua frente, oferecendo ao vampiro a sua atenção, por instantes.
- Eu... inicia Vasco, saindo detrás do balcão, pensativo. Eu estive a pensar e, como já estou há tanto tempo aqui em Sintra e gosto, achei que... continua, pensando na melhor forma de utilizar as palavras.
 - Achaste que...?
- Sabes? Eu já tenho longos séculos de vida, sou experiente, aprendi a suportar um lugar durante mais tempo do que algumas vez esperava e estou a gostar da ideia de assentar e construir alguma coisa...
- Estás a enrolar a conversa... avisa Beatriz, já curiosa pela revelação que aí vem, lembrando-se de nunca ter imaginado a hipótese de algum dia ver Vasco assim tão inseguro à sua frente. Ironias do destino.
- Está bem! confirma, chegando a sorrir levemente. Eu quero candidatar-me a líder! revela, finalmente.

Por sua vez, depois de o ouvir, Beatriz não consegue soltar um sorrisinho leve de surpresa, enquanto se encosta no sofá, pensando na ideia e no quão impossível de concretizar já achou. – Em tempos, não imaginou Vasco noutra posição senão a viajar, conquistador e livre, ignorando-a para sempre (algo que já não a incomodaria faz tempo!). Agora, Vasco está ali, por Francisca,

calmo e respeitador, dando-lhe entretanto uma novidade como quem espera a sua opinião ou aprovação, nervoso. – Como as coisas mudam!

...

E com tudo o que lhe passa pela ideia, Afonso só pensa na hipótese de Joseph ter razão sobre a vida de Isabel, sobre o destino e sobre tudo o que, provavelmente, não devia ter acontecido.

O vampiro está implacável, numa postura discursiva perversamente altiva e poderosa, como se a razão de todas as coisas estivesse realmente do seu lado. Torna-se tão convincente na forma como diz as palavras e como reage, que é óbvio estar perto de chegar mesmo a convencer Afonso sobre tudo o que diz.

- Aquela rapariga estava destinada a fazer algo grandioso, memorável, Alphonzo! – continua Joseph, parecendo indiferente ao desconforto de Afonso. – E tu tiraste-lhe tudo isso! – acusa, erguendo-se à sua frente, passeando calmo e pensativo à sua volta, indo fechar a pequena brecha que fornecia algum ar puro à sua vitima. – Porquê? Porquê, Alphonzo? Porquê que lhe tiraste a felicidade de viver o "regresso" do pai? Porquê que lhe roubaste a possibilidade de ser a primeira mulher "Jaguar" e de exterminar monstros? – suspira, fechando então a janela, proibindo o contacto entre os raios de sol e a pele do rapaz. – Garanto-te que ela teria sido muito feliz, muito poderosa e hábil, em vez de ser a fraca que acabou com o legado centenário e único da família "Jaguar"… – comenta, atravessando-se à sua frente, fechando o baú e deixando-o ali, para que Afonso suporte a realidade que tal objecto carrega, levando consigo apenas um punhal que admirou notavelmente.

Afonso respira a última e mais custosa lufada de oxigénio na sala, despedindo-se tardiamente dos raios de Sol que lhe davam algum miserável conforto.

- Adeus, Alphonzo! – despede-se o vampiro enquanto abre a porta. – *I will be back soon...* – avisa, saindo.

. . .

Agora a conversa é outra.

Deixando Afonso novamente e consideravelmente pior do que estava, Joseph atravessa a porta tão elegante e altivo que demonstra certeza em encontrar alguém já à sua espera no exterior.

Mal sente o movimento da porta a abrir, Henrique dá um salto, levantando-se num ápice para encarar Joseph assim que este lhe dirigir o olhar.

Joseph fecha a porta atrás de si, segurando visivelmente o punhal de "Jaguar" que pretende guardar, fitando imediatamente o vampiro que o espera, ansioso e sedento, de olhos vermelhos brilhantes cravados em si e uma rebeldia imensa neles transparecida.

EPISÓDIO 42 – Eu sei quem tu és!

Uma atitude segura e serena deixa claro que Joseph não está nada surpreendido nem, e muito menos, atrapalhado com a aparição de Henrique.

Este outro limita-se a corresponder ao sorriso que, entretanto, Joseph decidiu lançar-lhe, juntamente com um olhar perverso de tanta malícia.

Observam-se um ao outro num silêncio incómodo por breves instantes.

O vampiro inglês acredita estar no caminho certo para conseguir o que pretende, confiante da sua estratégia, e que tal irá comprovar-se em breve. Rebelde e não menos astuto que ele, Henrique percebe imediatamente que, haja o que houver, continuará a ser o melhor na arte da provocação e quebra de regras.

- Precisas de alguma coisa? – antecipa-se Joseph, calmo, reparando de imediato na que imadura que Henrique tem na palma da mão.

Henrique, percebendo que o rival acabou de olhar para a marca do escaldão que apanhou, esconde instintivamente as mãos atrás das costas, reparando agora, ele mesmo, nas luvas pesadas e pretas que o outro ostenta. E é mantendo o seu olhar ardente que o jovem vampiro acaba desviando a sua atenção para punhal que Joseph traz e para o símbolo nele gravado, por instantes.

Pensando por momentos na possibilidade comentar sobre o deslize de Henrique, avisando-o de que exibirá mais uma cicatriz, ainda que mínima, Joseph acaba por desistir ao vê-lo vidrado no punhal de "Jaguar".

- A magnificent killer, wasn't he? – questiona, acentuando a sua pronuncia enquanto exibe o objecto mesmo em frente aqueles olhos vermelhos de fúria que o afectam.

Olhando-o nos olhos, tão profundamente que acaba atordoado por tanta dor e maldade neles naturalmente expressa, Henrique vê ainda uma enorme sede de confronto.

Confronto esse que Joseph acabará por não ter o prazer de vivenciar. Não para já.

- Nem por isso! – contraria Henrique, por gosto e verdade, recordando o dia em que viu Beatriz rasgar o pescoço do último "Jaguar".

- *Please*... - diz Joseph numa gargalhada. – Ele era o homem mais poderoso que alguma vez existiu! O único humano que realmente tinha o admirável estatuto de ser temido por vampiros! – salienta, expressando-se tão crédulo nas suas palavras. – Não o admiras nem um bocadinho? Vais dizer que nunca tal te passou pela cabeça? Admirá-lo? – questiona vorazmente, enquanto se aproxima e direcciona a arma que possui em mãos, ao vampiro que enfrenta.

Ignorando o punhal que lhe é direccionado, Henrique confirma a sua total não-adoração a "Jaguar", num encolher de ombros e desdém imenso.

- Não acredito! – suspira Joseph, insistente. – Como, se te está no sangue? Tu nasceste para o admirar! – prossegue, girando em torno de Henrique, obrigando-o a voltar-se de costas para a porta que o aproxima de Alphonzo. – Tal como o "Jaguar", nasceste para livrar este planeta de monstros! Só que, antes e ao contrário de, estarias habilitado a tirar algum proveito científico disso... Como é óbvio!

- Quando dizes "monstros", incluis-te a ti? – interroga o rebelde, voltando-se para Joseph e dirigindo-lhe alguma ironia expressa num sorriso e olhar provocadores e sarcasmo na voz. - Tem graça! – comenta, gargalhando como antes Joseph fez. – É que, por acaso, penso todos os dias numa forma de livrar este planeta de ti!

. . .

Julgando ter feito uma grande revelação e julgando até não vir a ser aceite a sua decisão, Vasco espera com ânsia uma reposta por parte de Beatriz, que se mantém em silêncio, incrédula, notavelmente perdida entre palavras que poderia pronunciar, olhando distraidamente e novamente para o ecrã do computador.

- Então? Não dizes nada? questiona Vasco, impaciente e nervoso com o silêncio de Beatriz.
- O quê que queres eu diga? responde imediatamente a vampira, ainda surpreendida e sem possibilidade de o esconder.
 - Sei lá! Uma opinião?! sugere Vasco, quase implorando por isso.
- Não vejo motivo para dar alguma opinião. admite Beatriz. Eu já não sou líder e o lugar está livre. lembra-lhe. Se queres ocupar o cargo, simplesmente faz por isso! Mostra que és honesto, que podem confiar em ti, que vais estar presente nas melhores e piores situações, que colocarás a segurança e a paz de todos em primeiro lugar... enumera a vampira, certa do que diz e recordando cada momento em que fez tudo isso e acabou por se esquecer de si própria. Apenas... isso!

O vampiro consente, sem motivos para discordar de algo tão acertado. Simultaneamente, recorda o quão a vida é irónica, pois nunca pensou em vir a mostrar-se assim tão inseguro e vulnerável. Não, no mínimo, em frente a Beatriz, por quem sempre estimou um certo ódio e, talvez, desrespeito.

- Garante-me que não fazes porcaria, convence-me disso, e terás o meu apoio! conclui Beatriz, na realidade sem muita disposição para continuar com a conversa, especialmente pela mensagem que acaba de ler no seu e-mail.
- Novidades? intervém Vasco, iniciando a mudança de assunto e notando uma expressão diferente no rosto da jovem, uma postura mais aliviada e até ansiosa.
 - Não e sim.

O vampiro fica indeciso, pensando na rara possibilidade de existiram duas respostas totalmente diferentes para uma única pergunta. Talvez aquela pergunta tenha sido demasiado aberta a diferentes respostas.

- Quero dizer:... - continua Beatriz, no intuito de esclarecer o que disse. - Não. Não há novidades sobre o Henrique e o Afonso, nem sobre quem os levou e porquê. E Sim porque recebi vários e-mails que acabam de confirmar que não estou sozinha nesta procura e que, em breve, teremos visitas!

- Como assim?

- Alguns amigos mais próximos dos cinco vampiros que desapareceram antes do Henrique e do Afonso, vêm para cá! Alegadamente, têm suspeitas bastante fortes de que os desaparecidos estarão algures em Portugal...

No instante em que Beatriz termina a novidade, Vânia entra e ouve. A sua expressão de entusiasmo é inabalável. Consigo, vem Mais Antigo, que acabava de a elogiar sobre o quão bem ela se tem aguentado mesmo longe do criador. Contudo, toda aquela ânsia e alegria que sente ao ouvir as palavras de Beatriz, não escondem que ainda é uma vampira bastante jovem e ligada a quem lhe deu a vida.

- A sério? Que bom! Finalmente, noticias boas! festeja Vânia, empolgada e com um sorriso que lhe ilumina o rosto. Quando é que chegam? questiona, impaciente.
- Dentro de alguns dias, Vânia. responde, conseguindo sorrir quase tão abertamente como a rapariga. Vasco! chama, lembrando a conversa que ainda agora teve e aproveitando a presença do Mais Antigo. Porque não falas com o Mais Antigo, sobre...

Novamente, uma pontada de nervosismo assoma-se em Vasco. Sensação que começa a ser bastante dubitável, dada a quantidade de vezes que a sentiu em menos de uma hora. Acaba por ceder à sugestão, pedindo permissão ao vampiro mais velho para uma conversa, no exterior do hotel.

Mais Antigo aceita, com curiosidade.

As duas vampiras ficam sozinhas.

- O Pedro, já recuperou? pergunta Vânia.
- Sim! confirma, algo feliz. Mas como não quis interromper o momento cria-criador entre ele e a Francisca, ainda não fui até lá.

Mais uma boa noticia que deixa Vânia bastante bem-disposta. Não querendo, tal como Beatriz, interferir para já no assunto, senta-se junto dela e implora-lhe para que lhe conte tudo sobre os vampiros que vêm brevemente para Sintra.

• • •

Cauteloso nas palavras e atitudes, Joseph é capaz de esconder com destreza a dúvida que o consome por instantes. O vampiro divide-se entre gostar daquela atitude provocadora e energética de Henrique, ou sentir-se ofendido. Por isso, ignora o rumo da conversa e prossegue conforme lhe convém.

- Por isso... - continua Henrique, mais ciente do que se passa na cabeça do rival, do que se pensa. - Afasta isso de mim! A Sério! - pede, referindo-se ao punhal. - Sabes lá o que eu posso fazer com uma coisas dessas na mão e contigo à minha frente! - avisa. - Até porque me está no sangue... - relembra com ironia.

Joseph lança-lhe um intencional último sorriso sobre a conversa, acabando por guardar para si o majestoso punhal, afastando-o do olhar feroz e desejoso de Henrique. O sorriso era último, mas o diálogo ainda não terminou.

- Eu conheço-te melhor do que tu próprio imaginas! Observei cada momento que me foi possível observar da tua infância! Admirei a capacidade que o teu pai tinha para te treinar enquanto a tua mãe não estava por perto, mal sabendo que ela sabia mas sobre a Luz Eterna do que era suposto... comenta, pausado por instantes como se recordasse alguma coisa, retomando depois. E o teu entusiasmo! evidencia. Tu era uma criança, não percebias que o teu pai te treinava, pensavas que era apenas o jeito dele para se relacionar contigo... pausa novamente, certificando-se de que é ouvido. Mais tarde ele deixou de te treinar directamente, ficou difícil gerir tudo... suspira, acenando afirmativamente como se confirmasse a sua conclusão. Sim! Está-te no sangue! Eu sei que está! Eu sei quem tu és!
 - Tu não sabes nada sobre mim... resmunga Henrique, num murmúrio.
 - Vamos embora! Joseph tenta que a conversa fique por ali.

Vendo-o voltar-lhe costas para regressar à mansão, Henrique apressa-se a intervir, impedindoo, sentindo que estará a desistir de Afonso caso siga Joseph e vá embora.

- Nem penses! contraria.
- Desculpa?! contesta o vampiro, elegante num movimento que lhe permite voltar a encarar Henrique, demonstrando alguma da surpresa que na realidade não sente.
- Não vou sair daqui sem ver o meu irmão! impõe-se, confiante nas palavras e no modo como as pronuncia, quase como se quisesse fazer-se ouvir para lá da porta que o separa de Afonso.
 - Irmão?! Tu não tens irmãos, rapaz! ressente o inglês na sua perfeita razão.
- Tenho sim! Chama-se Alphonzo Stuart! comunica, bastante sério. E quero vê-lo, agora!
 exige, mostrando ao rival, caso este ainda não tenha reparado, que sabe onde está Afonso.

Reaproximando-se de Henrique, Joseph intenta impor-lhe a sua altivez, olhando-o com ameaça enquanto se certifica discretamente de que ainda tem o punhal no bolso das calças, como se tal fosse demolir a atitude do rapaz.

- Os problemas do *Alphonzo* comigo, não têm nada a ver contigo! garante, suave no tom com que se pronuncia, como se tal se tratasse apenas de um genuíno conselho amigável. Fica descansado, aquele ali não morre, está visto... comenta então, querendo aliviar a tensão que se gera em Henrique mas, simultaneamente, manifestando-se com desilusão.
- O quê que ele te fez?! questiona o vampiro, certo de que Afonso é inocente seja lá porque for que está ali. Ou devo perguntar: O quê que tu lhe fizeste?

Nem um pouco interessado no avanço daquela conversação, o inglês evoca exageradamente e novamente o seu sotaque, fazendo-se presenciar, enquanto desvia aquele rebelde e persistente vampiro do tema e do momento.

- *Listen!* – atira, austero. – Ouve bem, rapaz! – repete, mais calmo. - Tu não és ninguém para questionar as minhas pequenas e justas vinganças pessoais. Percebes-te? Mete-te na tua vida e garanto-te que ali o... - pausa, levantando as mãos e fazendo um gesto imitador de "aspas" com os dedos. – ... teu "irmão" – sorri levemente. – sofre menos!

- Estás a ameaçar-me, portanto... - Henrique lança uma gargalhada. - Ouve bem! Tu não és ninguém para acreditar que vou ficar quieto depois de uma ameaça. Percebes-te? - imita, num perfeito e único gesto de provocação.

Com um sorriso matreiro cravado no rosto, Henrique rodeia o vampiro, acabando por ceder ao anterior convite para sair dali. - Não! Não está a desistir de Afonso! Está apenas a deixar Joseph fora de si. - Mais tarde voltará ali. Preferentemente sozinho.

...

Embora mais calma, Luna permanece com a cabeça no colo da mãe, sentindo-se em paz e protegida. A dor não passou totalmente, mas aliviou. – Afonso está novamente no limiar do tudo ou nada, quase inconsciente mas nunca em suficiente sofrimento para que tudo desapareça. Isso é frustrante. Mas é melhor do que ser confrontado sobre de tudo. - Luna sente isso. É uma sensação má, mas mais suportável.

Mantendo o silêncio, segurando lágrima atrás de lágrima apenas para tentar ser a pessoa mais forte e indestrutível do mundo à frente da filha, Isabel limita-se a acariciar-lhe os cabelos, com carinho, permitindo que isso seja tudo no momento.

- Desculpa, mãe... - murmura Luna, parecendo cansada.

Erguendo-se do colo, a rapariga olha a mãe, nos olhos, repetindo as desculpas na sua sinceridade imensa.

- Porquê? pergunta Isabel, igualmente calma.
- Porque fiz exactamente o contrário do que me pediste! suspira. E por achar que fiz bem!
- E porquê que o fizeste? persiste Isabel, tentando soar compreensiva.

Mas essa questão pode levá-las a um tema bem mais delicado e Luna não se sente à vontade para isso. - Para admitir que não está bem. Que se sente como se fosse explodir a qualquer momento.

Em movimentos rápidos, a jovem ruiva levanta-se e afasta-se da mãe, saltando ágil e forte do telhado para o jardim do hotel.

Isabel segue a filha, igualmente veloz.

- Luna, fala comigo! pede Isabel, conseguindo agarrar a filha antes que esta vá embora dali.
- Fala comigo, filha! insiste. Eu aceito que não queiras ficar fora disto, aceito que precises
 de ajudar, que estejas a sofrer... Eu sei disso tudo, mas há algo mais! O que se passa?

Bruscamente, Luna liberta o seu braço que é agarrado pela mão firme da mãe. Fora de si, Luna admite-se.

- Não sei! Não sei o que se passa comigo! Não sei o que sou! - grita, num desespero que a deixa quase em lágrimas. - Sinto-me cheia de poder, esgotada psicologicamente, farta, louca, fora de controlo...

Uma ventania suspeita, nada habitual em dias de Verão, faz-se sentir.

- Tem calma... pede, reaproximando-se da filha.
- Quem é que eu sou, mãe? Ou o quê?

Entretanto, já terminada e bem sucedida conversa entre ambos, Mais Antigo e Vasco, ali, no jardim, acabam por assistir à cena entre Isabel e Luna.

Mais Antigo já suspeitava, mas tinha dúvidas. Agora, tudo lhe parece claro e convém intervir antes que, novamente, a desgraça aconteça e mais um milagre de desfaça. Na verdade, percebe agora, nunca esteve tão próximo ou tão interessado em perceber se realmente Luna era o que lhe pareceu ser quando a viu pela primeira vez.

Ainda que não esteja plenamente certo do que vê e do que acredita, não há nada a perder! Especialmente num momento em que uma jovem bela e poderosa está a perder o controlo de si apenas porque não tem ideia do que é, e porque veio ao mundo.

Com mais de dez mil anos, este vampiro já viu tudo...

- Eu sei quem tu és! – afirma, confiante, erguendo-se do banco de jardim que partilha com Vasco para se aproximar de Luna.

EPISÓDIO 43 – Ajudar!

Não mais calma, Luna não deixa de ficar petrificada perante a intervenção do vampiro, enquanto pensa no que acabou de ouvir.

- Desculpe?!
- Acalma-te e vem comigo! pede o vampiro. Dir-te-ei tudo o que sei! esclarece, confiando na sua quase certeza.

Ainda que totalmente apanhada de surpresa, ansiosa e cercada de dúvidas existenciais, Luna não hesita em seguir Mais Antigo assim que o vê virar-lhe costas e caminhar em direcção à Serra.

Isabel, curiosa e angustiada com a situação, achando-se no direito de também perceber o que se passa, prepara-se para os seguir. Sem sequer desviar o olhar do seu caminho, Mais Antigo sente a aproximação da jovem e, numa voz que soa autoritária, pede-lhe que fique e que confie.

Vasco acaba por intervir a favor de Mais Antigo, agarrando rapidamente o braço de Isabel, certo de que ela não iria ceder ao pedido.

- Solta-me! Exige Isabel, quase ignorando que a preocupação louca que pela filha, a induz a usar demasiada força para se libertar, magoando inacreditavelmente o vampiro.
- Deixa-os ir sozinhos! grita para Isabel, quando esta se prepara para retomar caminho atrás dos dois. Pensas que o Mais Antigo não sabe o que faz? Quem sabe se não é ele o único que pode ajudar a miúda! com isto, vê Isabel parar. É óbvio que se passa alguma coisa com ela, já todos percebemos isso... continua, captando a atenção dela. Talvez ele saiba algo mais sobre ela! Ele já viveu tanto, já viu tanta coisa...
- Se é assim, porque não interveio antes? questiona Isabel, duvidando da própria esperança que deposita nas possibilidades de alguém poder salvar a sua filha do descontrolo.
- Porque só agora achou ser o momento certo! propõe Vasco como hipótese. Anda lá!
 Confia nos mais velhos! diz, incentivando-a a voltar para trás, tentando um tom de brincadeira.

A jovem repensa, voltando a fitar o caminho que viu a filha seguir atrás do vampiro mais antigo de sempre. Acaba por aceitar que toda a sua angústia, preocupação e necessidade de proteger a sua menina poderão provavelmente interferir, da pior forma, na tentativa de ajuda de Mais Antigo.

...

O rapaz voltou à vida, está mais forte que nunca e continua faminto. Pedro ingeriu apenas um pacote de sangue verdadeiro, trazido do Banco de Sangue por um infiltrado humano e mantido no armazém da cripta para urgências ou casos de transformação, como é o seu. Entretanto, ainda não parou de pedir mais e mais de sangue sintético que, mesmo falso e nada saboroso, pode pelo menos saciar-lhe a sede.

- Uma coisa não mudou... constata Francisca, observando-o com tamanha felicidade por vêlo cheio de vida e energia. Continuas o mesmo esfomeado de sempre, meu querido! termina, num sorriso.
- Desculpa... sincero. Devo estar a acabar com o *stock* do hotel! conclui com um sorriso divertido.
 - Importa é que fiques bem!

Uma pausa é dada à conversa enquanto Pedro termina a última bebida. Deveria estar totalmente feliz por ter sobrevivido e por finalmente voltar a ser vampiro, como planeou, no entanto, o rapaz apercebe-se de uma inquietude interior inexplicável que o leva a olhar para a porta de minuto a minuto.

Francisca também reparou nisso e, melhor do que ele mesmo, conhece o motivo de tanta ânsia.

- Ela está bem, já te disse! diz-lhe, depois de mais uma vez o ver lançar um olhar ao exterior da sala. A Alice! esclarece, quando o rapaz lhe lança um olhar de inquisição.
- Como é que tu sabes que eu... começa, preparando-se para questionar a perspicácia da vampira.

- Para além de vampira, sou mulher! clarifica ela, com um sorriso no rosto. Eu vou procurá-la, não saias daqui! avisa, levantando-se do sofá.
 - Não é preciso! mente inconscientemente o rapaz.
- É sim! Eu não quero aqui um recém-transformado perdido de preocupação! provoca Francisca, saindo num instante para procurar a jovem causadora de tanto distúrbio.

Ansioso, e já pensando no que poderá vir a dizer à rapariga, como se isso tivesse muito para ser pensado, Pedro abre mais uma garrafa da sua *bebida*, vendo a criadora desaparecer da sala.

...

Em si, um misto de fúria e orgulho, mas essencialmente dúvida, consome-lhe a alma, que para ele se traduz por *paciência*. Henrique faz o possível, afasta-se de Joseph, daquele olhar provocador e daquela sua postura excêntrica, evitando cometer o que tanto o seu instinto feroz deseja.

Eis que Jasmine é a primeira pessoa que encontra no interior da mansão. Pareceu-lhe até que a vampira já estava à sua espera.

- Está tudo bem?! questiona ela, esperando-o no corredor da entrada traseira e seguindo-o quando este passa por si sem parar.
 - Não! acaba Henrique por responder, sem moderar os passos.

A vampira nem se dá conta de tamanha atenção e cuidado que ele leva, ao verificar a cada passada se há algum espaço livre de gente e onde possa estar sozinho. Por isso mesmo, Henrique apressa-se a subir a escada para o primeiro andar da casa, na esperança de o encontrar menos "cheio". Jasmine ignora tanta pressa e desejo de solidão, acompanhando-o escada acima, paciente, deixando de lado também a possibilidade de ele não estar a ouvir cada questão que lhe lança, enquanto o segue.

- Podes parar e ouvir-me? exige ela.
- O que foi?! pragueja o rapaz, parando já no topo da escadaria em direcção ao longo corredor do primeiro andar da mansão, voltando-se para a vampira, impaciente.

- Eu vi que seguiste o Joseph e suponho que tenhas alguma coisa para partilhar sobre o que quer que tenha acontecido.
- O meu "irmão" está aqui! revela, atirando-se novamente para o corredor, procurando por algum lugar calmo e seguro.
 - Tens a certeza? questiona Jasmine, seguindo-o novamente.
 - Absoluta!
 - O quê que procuras? insiste a rapariga, farta de o perseguir sem saber para quê.
- Aquele tipo... o vampiro pára novamente, tentando lembrar-se do nome de uma pessoa que ainda lhe é indiferente, deixando claro que afinal tanta correria tem propósito. O André!
 - Para quê?

Henrique não responde.

Por acaso ou circunstância, André aparece do outro lado do corredor, saindo de um dos imenso quartos do casarão. Vários segundos se dão enquanto os três se fitam mutuamente.

Sem tempo a perder, e vendo naquele ser medroso e discreto uma forte opção de ajuda, Henrique alcança-o num ápice e arrasta-o violentamente para o mesmo quarto de onde o viu sair. Jasmine acompanha-os com agilidade e cautela, fechando a porta atrás de si.

- O quê que vocês querem? interroga André num grito de susto, tentando desastrosamente livrar-se da mão que lhe agarra o pescoço.
- Só quero que proves que estás mesmo do nosso lado! esclarece Henrique, soltando-o seguidamente.
- Como assim? Não vos chega verem que não me sinto bem entre eles? São assassinos! São loucos criados por um louco! Eles querem o pior! desabafa o homem em pânico, naturalmente menos forte que ambos.

Os dois vampiros entreolham-se num súbito e simultâneo pensamento de culpa, ou no mínimo de pena. Aquele jovem vampiro parece realmente inofensivo e desajeitado. Contudo, tem algo de especial e que ambos já admiram: sabe o que quer!

- O quê que lhe vais pedir mesmo? - Jasmine lança a questão a Henrique, também ela curiosa.

Num revirar de olhos rebelde, o vampiro prossegue.

- O meu "irmão" também está aqui. Ele está preso na cave, ouvi aquele monstro britânico torturá-lo e preciso, preciso mesmo de arranjar uma forma de entrar lá e ajudá-lo!
 - O Alphonzo de que todos aqui falam, é teu irmão? intervém André.
- Isso é uma longa história que ainda não te interessa! impõe-se o vampiro, rebelde e superior. Só precisas de saber que ele não é como nós e que, seja qual for o motivo do Joseph, o Afonso não merece estar ali!

Um breve silêncio sucede-se. André parece ponderar sobre os prós e contras de arriscar ajudar. Jasmine e Henrique incentivam-no com o simples silêncio de quem não lança pressão e simplesmente espera presenciar algum bom senso.

- Tudo bem, eu arranjo uma forma de entrar lá! – acaba André por ceder. – Eu sei de umas coisas... - começa, mas acaba por se interromper. – Mas também preciso de uma prova da vossa confiança! – exige, intercedendo por si próprio e revelando uma estranha figura insegura mas cheia de razão.

...

A caminhada já vai longa e Mais Antigo prova que realmente só pode ter todo o tempo do mundo, pois evita ser rápido a chegar ao destino. Para além de longo, o passeio é também repleto de um silêncio inquietante na perspectiva de Luna.

Impaciente, a bela ruiva pára finalmente e exige um esclarecimento rápido.

- É mesmo para chegar a algum lado?

- Para jovem poderosa e imortal, esse teu sentido de pressa poderia ser mais brando... - comenta o vampiro, parando para a encarar com um sorriso. – Estamos quase! Só quero levar-te ao ponto mais alto da serra!

Ignorando a critica do vampiro, e aproveitando-se da descoberta, Luna desaparece da sua frente, a uma velocidade tão forte quanto o seu poder exige. Mais Antigo, sorrindo, acaba por fazer o mesmo, sabendo onde encontre-la.

- Pronto! Chegámos! – felicita ela com ironia, assim que coloca os pés no cume da mais bela e mística serra, sentindo o calor do sol na sua pele clara. – E agora? O quê que eu sou? – apressase a perguntar.

Mais Antigo, chega junto dela, acabando por não conseguir disfarçar o incómodo que o Sol lhe traz, ainda que possa suportar.

- És especial, sem dúvida! Tal como todos os teus antecessores... começa, soltando mistério em cada palavra, não escondendo que a certeza ainda não é total. Apesar de seres muito diferente de todos eles!
 - Não sou a única?
- Não, porque tens os teus pais! corrige. Mas sim, vocês são os únicos! acaba por esclarecer.

Por breves instantes, Luna deixa que tanta ansiedade desapareça, recebendo em si alguma dúvida sobre querer mesmo ouvir o que Mais Antigo possa ter para lhe dizer.

O vampiro percebe isso. Ainda assim, prossegue.

- Ao longo dos milénios presenciei muita coisa. garante, com um sorriso orgulhoso. Algumas histórias ficam no esquecimento, mas o nascimento de um novo ser, tão fantástico, poderoso e, na sua essência, puro, não é uma delas! suspira, em recordação. E a extinção desses mesmos, tantas vezes quantas vieram ao mundo, também não se esquece, por dor e injustiça.
 - Extinção? o poder e horror da palavra capta novamente a curiosidade de Luna.

- Não sou de acreditar em profecias, nem em superstições ou lá o que for, mas a verdade é que nada é impossível e, depois de tudo o que vivi e presenciei, posso garantir que, com certeza, se tu fores mesmo o retorno desses seres tão magníficos, não és um monstro! sorri, reconfortando-a. E farei o possível para te ajudar e garantir que os humanos não voltarão a destruir o equilíbrio do planeta!
- Os humanos? Foram humanos que mataram os meus supostos antepassados? questiona a rapariga, ainda suspeitando sobre a possibilidade de estar a ter uma conversa séria, ainda que todo o seu ser não seja algo normal, dito sério. Como é que isso é possível?
- Se continuares a acumular tanto poder dentro de ti, perdes o controlo e o teu corpo acaba por reagir! revela, preparando-se para a explicação. Apesar de tudo, estás presente aqui, em carne e osso, como um outro qualquer ser, sentes, sofres e fraquejas... E os humanos sempre se aproveitaram dos pontos fracos do inimigo!

Um quanto pânico acaba por atingir o coração da jovem. Por mais que seja o esforço, a sua expressão acaba por traduzir isso mesmo.

- Que tipo de ser é que sou, afinal? – questiona, tentando acabar com o mistério.

EPISÓDIO 44 - Autoconfiança e Amor.

Mais Antigo leva o seu tempo a responder, como se procurasse a definição mais correcta para aquilo que achar ser Luna. Esta, já sem pressa e até com algum receio, evita insistir por uma reposta rápida.

- Depende... começa o vampiro, ainda procurando algures n sua memória as palavras certas.
- Os humanos definiram-vos de várias formas, dependendo da situação, do contexto em que viviam.
 explica.
 Nós, vampiros, também tivemos várias definições ao longo dos milénios.
 Mas "Vampiro" foi o nome que ficou...
 esclarece, com um sorriso, ocupando o tempo antes de responder concretamente.
 - Sim, estou a perceber... intervém Luna numa voz sumida.

O vampiro faz novamente uma longa pausa. Notando na rapariga um cada vez maior pouco interesse em realmente saber o que é, acaba por terminar, apressando-se depois a esclarecer que alguém como ela não nasceu para causar mal.

- Ao primeiro chamaram-no de Mago. Ele era o único e, simultaneamente, temido por uns e venerado por outros. Algo aconteceu um dia e, a partir daí, começou a envelhecer, até que morreu...

Luna permanece quieta, olhando em volta, para tudo menos para Mais Antigo, pensando no que ouve e imaginando até as situações de uma forma tão real como se alguma vez as tivesse vivido.

- Passaram-se milénios e nunca mais ouvi falar de um ser tão genuíno. Sempre houve gente a fazer-se passar por Bruxo, Adivinho, até por Vampiro... Mas a mentira é perceptível. sabendo que a jovem o ouve, o vampiro continua sem receios, esperando qualquer reacção por parte dela.
 Só durante a Idade Média é que renasceu alguém assim. Na altura já tinha perdido a curiosidade em conhecer a história daquele Mago... Até que me cruzei com uma linda jovem...
 Mais Antigo esboça um sorriso terno, recordando-a. Ela era realmente especial e eu fiz tudo
- para a ajudar, para a manter viva!
 - Mas não conseguiu... adivinha a ruiva.
 - Não. responde o vampiro, notavelmente triste com a recordação.
 - Como é que a chamavam? questiona Luna.
- De Santa. responde imediatamente Mais Antigo, conseguindo uma troca de olhares com Luna. Ela era bonita, bondosa, generosa, tinha um poder único, ajudava imensas pessoas... Naquela época acreditava-se em tudo, especialmente numa altura em que a morte estava sempre por perto! Pensavam que ela era Santa. Uma Deusa. Confiavam-lhe tudo e atribuíam-lhe mérito por tudo de bom que acontecia. conta, olhando as árvores à sua volta como se cada uma delas trouxesse uma imagem bela do passado.
 - Porquê que ela morreu? Luna prefere saber também dos pormenores, já que está ali.
- O corpo começou a rejeitar tanto poder, ela começou a fazer mais mal que bem, deixaram de a amar, enlouqueceu... enumera, evitando terminar.

- Então é isso que está a acontecer comigo... Estou a perder o controlo! conclui Luna, notoriamente receosa, temendo-se.
- Podes controlar isso! Eu sei que podes! garante o vampiro um gesto confiante, sem necessitar de lhe dirigir o olhar.

- Como?

O vampiro sorri e acompanha Luna quando a vê sentar-se no chão.

- Depois disso... ele continua a historia, a partir do ponto em que parou. Descobri algumas coisas bastante relevantes sobre vocês e só desejei poder estar presente se o fenómeno acontecesse novamente. E aconteceu! sorri, com entusiasmo e mantendo a curiosidade da rapariga viva. Durante a Inquisição.
- Deixe-me adivinhar! pede Luna, ilusoriamente empolgada, como quem prevê o óbvio. Nessa altura, eram chamados de Bruxos e foram executados em plena praça pública!
- Sim. confirma, sem admiração. A maior parte dos que morreram eram inocentes. esclarece. Aqueles que eram realmente como tu, morreram precisamente por serem poucos e por não se protegerem. explica com algum desprezo e muita desilusão. Conseguiram multiplicar-se mas não aceitavam a igualdade. Queria todos ter o poder máximo e dominar tudo, especialmente os humanos.

Luna mantêm-se em silêncio, esperando que o desenrolar da história a leve ao ponto em que encontra a solução para não destruir tudo e todos à sua volta.

- Depois vieste tu!
- Porquê que eu sou assim? O quê que me distingue dos outros? questiona, evitando o fim da conversa.
- Não sei exactamente. Sei que os seres sobrenaturais conseguem utilizar várias partes do cérebro que o ser humano não consegue. No entanto, como naturalmente derivamos de humanos, as super capacidades que se reflectem por um lado, enfraquecem-nos por outro, tornando-nos sensíveis à prata, por exemplo. explica, colocando a hipótese de semelhança

entre Luna e vampiros. – Mas ainda não sei se és um ser sobrenatural, ou se simplesmente estás muito mais viva que todos! – garante, com uma expressão carregada de tensão por não poder esclarecê-la tanto quanto queria.

A rapariga pensa sobre os factos, durante uma pausa intensa em que percebe não ter a solução exacta para o seu problema. Suspira.

- Nós já nos conhecíamos, porque não falou comigo antes? pergunta com indignação.
- Tu és bastante diferente de todos os outros que conheci.
- Diferente em que sentido?
- Tens tanto de poderosa como de discreta e, ao contrário dos outros, não te aceitas como és! revela o vampiro, com sinceridade.
 - Acha que posso controlar-me? prossegue Luna, exigente.
 - Sim.
 - Como?
- Com autoconfiança e muito amor. termina Mais Antigo, com um sorriso sincero e misterioso, levantando-se e estendendo a mão para que Luna se erga também. Agora vamos! Esta é a parte em que precisas da tua mãe! avisa.
 - Trouxe-me aqui só para conversar? incrédula, a rapariga não resistiu a perguntar.
- Só quis chegar o mais longe possível para ter a certeza que não éramos interrompidos. esclarece.

...

O vampiro renascido já espera à algum tempo, devorando o nada que resta das garrafas de *bebida* que tem à sua frente. Sente-se um idiota capaz de enlouquecer só por achar que a rapariga que quer ver no momento não aparecerá. Sente-se ridículo quando percebe que a sua

situação depende do aparecimento de uma rapariga que mal conhece e que está por ali contra a vontade de muitos.

Uma aproximação lenta fá-lo olhar para a entrada da sala. Pedro vê Alice chegar sem Francisca e interroga-se sobre isso, especialmente quando ouve cada pormenor do batimento cardíaco da humana.

Engole em seco. Esforça-se por não estragar tudo.

- A Francisca disse-me que perguntaste por mim... inicia a jovem enquanto entra, pondo termo ao silêncio de timidez
 - É verdade. confirma Pedro. Queria ver-te. Saber como estavas. admite, nervoso.
- Para quê? a jovem sabe o risco que corre ao aproximar-se tanto de um vampiro recémcriado, mas não parece preocupar-se. – Devias era afastar-te de mim, antes que te mates! – comenta, numa ironia cheia de sinceridade.
- Neste momento, corres mais riscos que eu... lembra o rapaz, num murmúrio suave que denuncia a dificuldade que tem em controlar-se, enquanto a rapariga se aproxima mais e mais.

Alice pára finalmente. Em pé, os dois estão a uma distância bastante próxima, separados apenas pela insegurança que se impõe entre ambos.

- Foste o primeiro a livrar-me da morte, não acredito que me vás atacar! admite a humana, cheia de convicção e incapaz de esconder a atracção que já sentia e que se acentua ao mirá-lo enquanto vampiro. Eu achava que eras humano e pensei que te estavas literalmente a suicidar quanto te atiraste para aquele bando de... Alice não termina, sorrindo com espanto ao recordar o momento. Eras o quê, afinal? Um mutante?
 - Mais ou menos... responde Pedro, com um sorriso que deixa dúvidas no ar.
- Porquê que me defendeste? a necessidade de compreender a atitude daquele rapaz é mais forte do que pensava e Alice não a evita.
 - Todos merecem uma defesa! garante o rapaz, desviando-a do verdadeiro motivo.

- Queres ser advogado, é? questiona ela, quebrando o gelo.
- Não. Mas garanto-te que morreria para defender alguém! Basta gostar dessa pessoa! garante Pedro, acabando por afastar-se mais um pouco da jovem, num gesto que não demonstra autoconfiança, mas algum amor pela vida dela... e por ela.

Alice não consegue responder imediatamente e nem consegue entender como cabe tanta genuinidade numa pessoa só.

. . .

Ainda fechados com o vampiro num dos quartos da mansão, Henrique e Jasmine trocam sorrisos quase de vitória ao perceber que André realmente os ajudará.

- Tudo bem! Dou-te as provas de confiança que quiseres! concorda Henrique, impaciente com a situação e desejoso para colocar algum plano em marcha.
- É, mas antes... começa Jasmine, olhando Henrique como quem procura algum tipo de permissão para se aproveitar também da presença de André ali. Com o acenar apressado do rapaz, ela prossegue. – Vamos conhecer-nos melhor! – propõe, aproximando-se provocadora e sinistra do vampiro medroso que encostaram no grande sofá do quarto, junto à parede que se opõe à porta.

André engole em seco, temendo a situação. Henrique lança um leve sorriso de divertimento, cruzando os braços à espera do que ai vem.

- Há quanto tempo estás por aqui? começa a vampira por questionar.
- Há um ano. responde André. Vivi dois anos com o meu criador... esclarece, quando Jasmine lhe lança uma expressão de quem exige mais pormenores.
- Como é que te tornas-te vampiro? continua a vampira, sentando-se ao lado de André, apoiando os braços nas pernas para pousar o rosto nas mãos, demonstrando todo o interesse sobre o assunto. O inofensivo vampiro afasta-se minimamente, o quanto pode.

Henrique ri em silêncio.

- Eu era só uma cientista de laboratório na Luz Eterna, não tinha treino, mas ainda assim levavam-me para o terreno. Fui atacado pelos dissidentes e... julgaram-me morto... - explica, nervoso, juntando pormenores suficientes para despachar a conversa.

- Tens alguma ideia sobre o que possamos estar aqui a fazer? – intervém Henrique. – O quê que o Joseph quer de nós? – insiste, ignorando a pressão que exerce sobre o vampiro.

Jasmine enquanto para, mais uma vez, confirmar que estão realmente a ter uma conversa privada, enaltecendo discretamente o poder dos seus sentidos, acaba por perceber que Victorious e Brian estão do outro lado da porta. Ouvindo a simulação de uma conversa entre os dois, a vampira entende imediatamente que eles se aperceberam do que se passa, parando por ali para proteger o secretismo da situação.

- Ouvi umas conversas... – comenta André num murmúrio fraco, mas audível.

Aproximando-se num ápice, Henrique enfrenta-o num movimento brusco e empolgado. Rebelde, ambicionando respostas sobre o ridículo que é estar ali, o vampiro amedronta-o com o olhar e sufoca-o com uma clara exigência inadiável.

- Fala!

. . .

Passos calmos e precisos aproximam-se. Uma figura jovial e elegante enfrenta a fachada do "Rouge Hotel", feliz com a sensação de familiaridade que o local provoca.

Nunca pensou sentir tanta falta de um lugar, nem de fazer tanto para regressar. Mas, como sempre conclui, não é o lugar que é especial, são as pessoas que o tornam especial.

Confiante e guiado por um amor inesquecível, aproxima-se com um sorriso extremo e, de alguma forma boa, perigoso. Voltou para ficar, aconteça o que acontecer. Voltou, por ela.

EPISÓDIO 45 – Controla-te!

Voltou por ela. E é fixando o olhar na fachada do hotel, que ele recorda aquele ser belo, perfeito, como nunca algum dia conhecerá outro. Sabendo bem disso, fez tudo pela mudança, por estar à altura, ser digno do seu amor e nada o fará arrepender-se disso.

• • •

Uma necessidade de se sentir descontraída invadiu-lhe a alma. Luna sente-se melhor, não preparada, mas melhor. Agora quer simplesmente ser rápida, precisa de alguém com quem partilhar a sua história, precisa de apoio, e esse apoio está na mãe. Precisa de partilhar com ela, essencialmente, o que não quis com Mais Antigo no momento em que conversavam. Precisa de sentir protecção.

Por exigência da bela ruiva, Mais Antigo consentiu em serem rápidos no regresso, correndo competitivamente como sugeriu ela, talvez forçando uma brincadeira. Mais Antigo não se importa.

. . .

Parou por instantes, reunindo a coragem para enfrentar surpresa e desagrado sobre o seu regresso. Mantém-se ali quando a sua audição agora sobrenatural denuncia a aproximação feroz de alguém. Olha para o seu lado direito, fitando um atalho entre a floresta imensa que rodeia por ali o edifício. Duas figuras param mesmo à sua frente.

Os três confrontam-se num silêncio inevitável. E se num momento pareciam naturalmente três pessoas, no outro a situação permite que um deles pareça invisível e que a troca de olhares tenha apenas espaço para duas pessoas.

As folhas das árvores começam a agitar-se freneticamente, como se um vendaval se manifestasse em pleno Verão.

De alguma forma, Mais Antigo percebe que aquele rapaz, acabado de chegar, está a provocar uma autêntica confusão de emoções fortes em Luna.

- Controla-te! – pede, num murmúrio dirigido apenas para a rapariga. – Pensa no momento mais feliz da tua vida, nas pessoas da tua vida... Mantém-te calma...

Resulta razoavelmente. A Natureza deixa de se manifestar por Luna. No entanto, esta mantém-se petrificada como o seu coração fosse assomado por uma felicidade imensa, confundida com o ódio da saudade.

Isabel sai à rua. Atenta o tempo todo, pressentiu a aproximação da filha. Demasiado ansiosa pelo seu regresso, à primeira vista só tem olhos para ela, aproximando-se para a abraçar. Depois, sentindo que não será correspondida, repara nele.

- Oh, não... - manifesta, não por desagrado, apenas por achar ser o pior momento para que ele regresse. - David.

Luna permanece quieta, em silêncio, numa confusão de pensamentos. David só tem olhos para ela, qualquer outra coisa é irrelevante ali.

. . .

O vampiro tem medo de dizer o que sabe, pela probabilidade de ser só um rumor, ou pelo perigo que corre em ser enganado.

- O que eles querem de nós não importa! arrisca, André a refutar. O que importa é o que nós queremos e eu quero sair daqui! reforça, convicto, quase convencendo Henrique.
- E pensas que eu quero o quê? questiona Henrique, com violência. Pensas que eu quero ficar aqui e esquecer toda uma vida que deixei para trás sem razão? Pensas? insiste, fora de si pela urgência de saber o que se passa.
- Henrique, ele não tem culpa! intervém, Jasmine, chamando o vampiro à razão. Ele passou pelo mesmo que nós, de certeza! a vampira consegue captar a atenção dele, fazendo-o afastar-se de André.
- Ele é um novato que veio directamente para aqui depois de uns anos com o criador! Nem teve tempo de refazer a vida... o entusiasmo e a urgência do vampiro são tão evidentes, que não há como medir as palavras.

André sente um imenso vazio enquanto ouve aquele rebelde e feroz vampiro falar de si sem saber nada, mesmo nada a seu respeito.

- É por isso que quero sair daqui! – interrompe, com tristeza nos olhos. – Porque quero a oportunidade de refazer a minha vida, de ser feliz, quero ser eu mesmo a decidir o que viver, o que fazer... - desabafa, encarando então Henrique. - Não quero viver sob as regras ninguém! Passei a minha vida inteira de humano a fazê-lo... Só estudei ciência e entrei na Luz Eterna porque era o que o meu pai e o meu avô queriam! Era o sonho deles, não o meu! – continua, aproveitando o silêncio que gerado à sua volta. – Arrependo-me de não ter sido uma criança rebelde, de nunca ter renunciado ao que sempre esperavam de mim, por ter torturado inocentes, que apesar de vampiros eu sabia que o eram, inocentes...

O silêncio devastador que se impôs mantém-se por mais uns instantes, enquanto o pensamento dos três é invadido por todo o tipo de recordações e ambições.

- Desculpa... começa, Jasmine. Tu tens razão e... a intenção dele não era fazer-te sentir mal! garante, achando-se no dever de falar por Henrique, já que este parece não querer fazêlo. Todos nós queremos sair daqui! assegura com sinceridade e bondade no olhar, depois, num sorriso trocista, continua a falar de Henrique. Ele é um orgulhoso! Gosta de ser quem é! E... Deixou para trás pessoas importantes e assuntos por resolver!
- Podes parar de falar como se eu não estivesse aqui? exige Henrique, sem vontade para brincadeiras, reaproximando-se dos dois. É verdade! Tens razão e eu peço desculpa, André...
 consente. Mas eu ainda quero que fales! Já! exige, olhando-o nos olhos.
 - Eu não posso garantir que é a verdade...
 - É o que tu ouviste, certo? Então pode ser verdade... Jasmine incentiva-o.
 - Por favor, fala! Será uma enorme ajuda! Fala! insiste Henrique, incansável.

O vampiro, nervoso, pensa bem no que está prestes a fazer e, de repente, recorda que o seu maior arrependimento é não ter sido rebelde, nunca ter arriscado.

- Vá lá, diz qualquer coisa! ouve-se o murmúrio do outro lado da porta. Rápido! persiste
 Brian, lembrando-os indirectamente de que não estão sozinhos naquele casarão.
- Ouvi o Joseph comentar com a Martha, sobre tornar-nos autênticos caçadores, mais avançados que a Luz Eterna, mais fortes que qualquer "Jaguar" e totalmente invencíveis por conhecermos tão bem o inimigo, já que somos como ele.

- Oh pah... – protesta Victorius, também do outro lado da porta, prevendo a ideia geral do que acabou de ouvir.

Henrique e Jasmine entreolham-se com incredulidade, duvidando do que ouviram e entenderam. É absurdo.

- Ele é louco... - murmura Jasmine, surpreendida e algo assustada, procurando na expressão de Henrique, algo que a faça acreditar que ouviu mal, que percebeu mal.

- Pois é! – confirma André.

A dúvida e o pasmo consomem-lhe a rebeldia que o movia. Henrique não quer crer. É impossível. Ninguém é assim tão louco. Alguém?

- Vampiros a caçar vampiros... - calcula, estupefacto, trocando com Jasmine o mesmo olhar que procura pela margem de dúvida.

André nada diz contra, confirmando assim, num silêncio devastador, o que ouviu ser dito pela boca do próprio Jospeh, ainda há uns dias...

Inesperadamente, Henrique começa a sorrir. Esse sorriso dá espaço a uma gargalhada que deixa os companheiros confusos.

- O que foi? pergunta Jasmine, não querendo deixar contagiar-se por temer a loucura.
- Acreditas que já experimentei? revela, ainda a rir, enquanto recorda os dias em que tentou infiltrar-se na Luz Eterna, aproveitando-se de Hélio.

. . .

- Filha! Luna! Olha para mim! Reage!

Isabel tem dito as mesmas palavras há minutos, num único pedido, agitando Luna,

- Quem é o rapaz? – questiona Mais Antigo num sussurro e cheio de curiosidade.

Isabel demora a responder, não desistindo da filha, querendo que ela reage e pare de se parecer com uma estátua de mármore. Nem chega a responder.

- David!

Luna antecede-se e reage finalmente.

Um calafrio percorre o corpo de David, transmitindo-lhe uma sensação de paz imensa, e também aquela sensação inexplicável de felicidade quando se mata a saudade.

- Nunca te vou perdoar por teres ido embora e nunca teres dado notícias! – garante Luna, numa voz dura e um olhar intenso que entristeçam o rapaz num ápice.

EPISÓDIO 46 – Saudades Tuas!

Ela está mesmo ali, à sua frente, tão bela e simples como sempre, mas David não consegue deixar de pensar no forte desânimo das palavras que acabou de ouvir, mesmo vindas da voz mais doce do mundo.

- Desculpa, eu não...

O rapaz preparava-se para dar a justificação mais aceitável possível, num tentativa de evitar que o reencontro começasse mal. Sem que tenha oportunidade para terminar, Luna aproxima-se, atirando-lhe o abraço mais forte e sincero que ele alguma vez receberá.

- Tive saudades tuas! pronuncia Luna, apenas para que ele ouça.
- Também tive saudades tuas! garante David, inabalavelmente sincero, correspondendo tão fortemente ao abraço da jovem.

O abraço que recebe do rapaz é tão firme, tão mais que o normal para um humano, que Luna acaba por se surpreender. Afasta-se repentinamente, olha-o nos olhos, repara no brilho demasiadamente sobre-humano, e só agora dá atenção ao quão ele está diferente.

- Tu és... - começa e não termina, fitando-o com surpresa e atenção, afastando-se graciosamente.

- Sim! Sou um vampiro, agora... - confirma o rapaz, num sorriso curvado, meio tímido, sem saber o que esperar da reacção dela sobre o assunto.

Mais Antigo e Isabel assistem e permaneciam afastados até agora.

- O quê que aconteceu? – questiona Isabel, curiosa mas também algo protectora em relação a Luna, colocando-se imediatamente ao seu lado.

Claramente que David não se sente à vontade com a questão. Algo atrapalhado, sem nunca querer fazer má figura, tenta desviar, ou simplesmente adiar a conversa, com a maior das sinceridades.

- Deixemos as perguntas para depois... sugere, o mais educado possível, olhando Isabel com respeito. Preciso de me instalar! justifica, apontando para as malas que carregava, antes de Luna o abraçar.
- Sê bem-vindo! intervém Mais Antigo, simpático e adivinhando o pouco à-vontade do rapaz.

. . .

- Ouve lá, mas que piada é que isto tem? – resmunga Jasmine.

O vampiro continua a rir da situação, se conseguir explicar qual o motivo de tanta piada. Jasmine não está a querer suportar isso! Parece-lhe disparatado que alguém tenha vontade de rir num momento daqueles.

- No passado, tentei infiltrar-me na Luz Eterna, aceitando o convite de um miúdo para ser caçador de vampiros!
- E conseguiste infiltrar-te? questiona André, surpreendido com a quantidade de perigo que veio a correr a vida inteira sem se aperceber.
- Não! esclarece, já novamente desanimado. Mas tem bastante piada pensar no quanto esta profissão me persegue... comenta, irónico.

Nisto, Victorious dá duas pancadinhas na porta, afastando-se seguidamente.

No quarto, os três vampiros sentem que também Brian se afasta, acompanhando Victorious numa conversa qualquer que inventaram no momento, e percebem a mensagem: Alguém se aproxima! De repente, começam a ouvir outras vozes, calmas, cause inaudíveis, e passos que denunciam alguns vampiros subindo a longa escadaria.

- Sai daqui! – ordena Henrique para André, pouco autoritário, mas urgente.

O vampiro percebe a ideia e concorda em sair imediatamente, sozinho e levantando menos suspeita possível.

Ao sair, fechando a porta atrás de si, depara-se com Brian e Victorious à sua direita, ao fundo do corredor, numa conversa inventada pouco importante, ignorando a sua passagem com um sincero desinteresse. Quando lhes vira costas, André avista Martha e Pilar, lá ao fundo, no topo da escada, dirigindo-se até ele. Por mais que tivesse pensado na possibilidade de vir a encarar quem para ali vinha, e mesmo sabendo que não devia levantar suspeitas sobre o que fosse, o vampiro não consegue evitar uma expressão de terror, como a de uma criança que acaba de fazer asneira.

- Também tivemos saudades tuas, André... - comenta Pilar com ironia e desprezo, enquanto se dirige directamente a André.

Numa situação normal, quase qualquer homem ficaria encantado por ter duas belas e perigosas vampiras aproximando-se tão elegantes e fatais, como se realmente houvesse ali saudade. Mas André não é qualquer homem e obviamente que não há ali qualquer sentimento, quanto mais saudade.

- O quê que querem? pergunta, evitando gaguejar ao ritmo do nervosismo.
- Ora essa! Não queremos nada! garante Martha, mais violenta e sincera que Pilar. É só que... Ficaste tão assustado quando nos viste... comenta, deixando-o sem oportunidade possível para se defender.
- Somos assim tão assustadoras? intervém Pilar, num sorriso trocista dirigido a André, mas que troca com a amiga.

- Ou será que fizeste alguma asneira, desta vez? – continua Martha, cruel, incapaz de ignorar os dois novatos da casa ao fundo do corredor.

O vampiro engole em seco, sentindo todos os olhares presentes postos em si. Atrás de si, ao fundo, sente que Victorious e Brian o observam discretamente e impacientes, como se adivinhassem que vai deitar tudo a perder. À sua frente, Martha e Pilar confrontam-no com posturas confiantes, diálogos arriscados e olhares aterradores.

André pensa nas hipóteses que tem. São claramente quase nenhumas... No entanto, e recordando que em toda a sua vida conheceu uma humana capaz de ser bem mais perigosa e prudente que estas duas vampiras, pelo simples facto de ter caçado dezenas de seres como elas, o vampiro percebe que pode muito bem deixar cair a máscara de cobardolas e lutar por si mesmo. Respira fundo, ocupando o tempo de silêncio enquanto acaba por corresponder às duas com uma imitação da mesma postura provocadora, e convence-se finalmente a si mesmo de que não fez nada de mal quando falou com Henrique e Jasmine... Antes pelo contrário.

- Não! Não fiz asneira nenhuma! garante, com uma confiança rara de se ver em si. Tenho motivos para isso? contrapõe com outra questão, deixando-as quase sem margem para duvidar.
- E espero que nunca venhas a ter... Martha lança a ameaça, na forma mais conturbada de indirecta.

De facto, o vampiro surpreende-se consigo mesmo. Uma enorme alegria consome-lhe a alma, quando elas o deixam para trás. André nunca tinha sentido tanta confiança e coragem em si para enfrentar os outros. Sente-se quase rebelde. Ignorando-as, segue o seu caminho corredor fora, descendo as escadas anormalmente descontraído.

Vendo-o sumir-se na imensidão daquela casa, os dois vampiros ao fundo do corredor, sentindo-se a escolta dos dois que ainda não saíram do quarto, aproveitam o momento para provocar as vampirinhas irresistíveis que se aproximam, apressadas para aprontar alguma.

- Muito ocupadas? – inicia Brian, encurtando a distância perante ambas, provocador.

. . .

Atentos, talvez algo ansiosos, Jasmine e Henrique não se atrevem a falar sobre nada, o que quer que seja, naquele instante. Do outro lado da porta, estão talvez as duas mulheres mais próximas a Joseph, e por isso nem se atrevem a sair dali, sabendo que vão dar de caras com ambas.

Trocam olhares inexplicavelmente preocupados. Não conversam sobre nada. Apenas, e em simultâneo, talvez sem o saberem, esperam o mesmo: que nenhuma das duas perceba que estão num quarto que não é o de nenhum dos dois.

. . .

- O quê que tens a ver com isso? responde Pilar imediatamente, sem descurar da pressa em seguir com a sua vida.
- Calma... pede o vampiro, com sorriso um sorriso brilhante, enquanto Victorious se junta a ele. Só adorei o facto de nunca sentirem pressa quando apanham oportunidade para intimidar os mais novos!
- E vocês são quem? Os protectores do novato? ataca Martha. Com licença, temos mais que fazer... avisa, achando terminar por ali e surpreendendo-se quando Victorious se atravessa à sua frente, encostando-se à porta do seu lado direito, impedindo que ambas entrem.
 - O quê que vocês querem? questiona Pilar, num suspiro impaciente.
 - Faço minha a tua questão! diz Brian, incansavelmente provocador.
 - Espera para ver! responde a vampira imediatamente.

Achando Brian demasiado próximo, a bela afasta-o da sua frente, graciosamente bruta. Martha faz o mesmo em relação a Victorious afastando-o do seu caminho com igual violência.

. . .

Quase na certeza de que ambas as vampira estão finalmente de saída, esperando que tanto Brian e Victorious se certifiquem totalmente disso, Jasmine dá-se ao luxo de suspirar de alívio, enquanto Henrique faz o mesmo, acompanhando com uma meia volta vitoriosa, mas fatal...

Nenhum dos dois tinha estado naquele quarto antes, portanto é normal que não reconheçam ali pormenores insignificantes. Mas é na insignificância que o Diabo parece estar. E aquele pormenor parece nem nunca ter feito parte da decoração.

O vampiro arrasta com um dos seus pés um fio de carregador de telemóvel, que rodava em torno de uma mesa frágil posta ao lado do sofá mais próximo. Mesa essa onde, ironicamente, pousava o telemóvel que acabou de cair no chão, e no qual nenhum deles ainda tinha reparado.

Henrique arqueja num murmúrio.

. . .

Mais uma vez, Pilar e Martha esquecem os afazeres que têm e toda a pressa em concretizá-los.

- O que foi isto? – resmunga Martha, dirigindo o olhar à porta do quarto de onde julga ter caído alguma coisa.

Os dois vampiros ainda tentam ter oportunidade para lançar uma desculpa simples e credível. Antes que um dos dois abra a boca para falar, já Pilar se adiantou.

...

- Vais ficar muito tempo? questiona a bela Luna, assim que David termina de preencher a ficha do hotel, depois de cumprimentar Francisca que o recebeu com um abraço reconfortante.
 - O tempo que for preciso! responde o jovem David com um sorriso.
- E serás sempre bem-vindo! garante Francisca, saindo de trás do balcão da recepção, preparando-se para agarrar numa das malas do rapaz. Vem comigo! Vou mostrar-te o teu quarto!
 - Obrigado! agradece o rapaz, lançando um último olhar para Luna. Até já! diz-lhe.

Vendo-o ir com Francisca, Luna sente-se tão feliz como se o regresso dele não passasse de um sonho que julgava nunca ir a ter.

Isabel aproveita o momento para a questionar sobre o que realmente quer saber, preocupada demais para a deixar continuar a viver o sonho do regresso daquele rapaz de quem, por sinal, Afonso nunca gostou. – "Afonso... Tenho tantas saudades tuas!" - Não! Agora não é momento para saudade! Depois!

- Agora, posso saber como correu a conversa com o Mais Antigo? – interroga, indo sentar-se num dos sofás ao canto da recepção, convidando a filha para fazer o mesmo.

- Claro, mãe! - confirma a bela, que entretanto parece consideravelmente calma.

EPISÓDIO 47 - Fora do Normal

Um silêncio inesperado interrompe o largo sorriso de Luna. Por instantes, a bela ruiva não sabe qual a melhor forma de se explicar à mãe, nem se há melhor forma!

- Então... Estou à espera, querida... - relembra Isabel, impaciente de tão curiosa, insistindo para que a filha se sente no sofá ao seu lado.

Luna assim faz. Em passos calmos que acompanham o seu pensamento, acaba por se sentar ao lado de Isabel.

- Eu sou muito fora do normal, mãe... É isso que se passa! – acaba por dizer, forçando um sorriso sincero enquanto olha a mãe nos olhos.

Isabel sorri, tentando tranquilizá-la.

- É isso que te faz especial, sabias?

Desta vez, Luna consegue realmente sorrir com toda a vontade sobre o assunto.

...

Num instinto rápido e talvez sem sentido, prevendo a entrada de Pilar e sabendo apenas que o seu dever agora é desviar as atenções sobre o que realmente estavam os dois ali a fazer (Isto é, a arrancar a possível verdade que André sabia!), Jasmine agarra no braço de Henrique, ignorando que este ainda resmunga pelo telemóvel que caiu, puxa-o para si e beija-o.

Pilar abre a porta e entra nesse momento, preparando-se para questionar a presença suspeita dos dois ali, torturando-os com alguma qualquer ameaça que lhe venha à cabeça. Martha segue-a, entrando também. No momento em que os vêm, juntos e supostamente inocentes, não deixam a desconfiança de lado, mas percebem no instante que não têm como acusá-los do que quer que seja.

Brian apressou-se também atrás delas, já pronto para defender com alguma mentira a inocência da presença de Jasmine e Henrique ali, sozinhos... Mas qual inocência.

Pois. É mesmo pela falta de inocência naquela cena repleta de desespero por manter a descrição sobre o golpe que têm vindo a preparar contra TOD, que Victorious é atingido por mais uma das suas inúmeras desilusões na vida.

Entretanto, já Jasmine e Henrique se separaram, como qualquer casal normal faria se alguém interrompesse a sua privacidade. A separação não foi suspeita aos olhos dos que assistem. No entanto, entre ambos, ficou bem claro que se separaram principalmente por incentivo de Henrique, por ter sido apanhado de surpresa de uma das formas que menos gosta.

- Ok... É melhor sairmos daqui! – sugere Brian, descontraído e dando o exemplo. – Sinceramente, não sei porque desconfiam tanto! – comenta, numa alusão simples a Pilar e Martha.

Ignorando a insinuação, as vampiras saem imediatamente, faltando apenas um pedido de desculpas que, por orgulho, não foi pronunciado.

Victorious sai também, visivelmente cabisbaixo, o que de alguma forma faz Jasmine sentir-se culpada, mesmo que não veja motivo para isso.

- Endoideceste? questiona Henrique assim que tem oportunidade, mais violento com ela do que seria esperado.
 - Desculpa...
 - Não devias ter feito isto!

- Qual é o problema? Pelo menos não ando a tropeçar nas coisas! E consegui desviar a atenção daquelas duas!
- Parabéns! responde, sarcástico. Podes ter resolvido o problema, mas não me obrigues a aceitar o que fizeste!
- Não me interessa se aceitas ou não! Eu só quero sair daqui! arqueja Jasmine, levantando a voz como nunca ainda tinha feito ali.
- Desculpa, só não gosto que resolvam problemas com impulsos destes... Muito menos quando inclui apanhar-me desprevenido!
 - Tu és um bocadinho fora do normal, sabias?
 - O quê?
- Dizes coisas completamente diferentes das que pensas, desculpas-te com coisas que não são o que realmente sentes... Eu compreendo que não tenhas gostado da minha atitude agora, mas também não é como se te estivesse a pedir em casamento! Não tenciono que esqueças aquela a quem o teu olhar brilha de cada vez que pensas ou falas nela...

Jasmine sai, deixando-o sozinho e pensativo. Tão cheia de razão e tão despeitada por sentir que desvalorizaram a sua atitude, que embora não a melhor, foi instintiva e resolveu o momento, a vampira afasta-se rapidamente.

Henrique fica a pensar naquelas palavras, na situação, nos problemas, no que sente, no que faz ali, em André, em Joseph, em Afonso, Sintra, a família... Beatriz.

- Acho que ainda não conheceste alguém realmente fora do normal... - comenta para si mesmo, ainda que se dirija a Jasmine, que já saiu, enquanto recorda a filha de Afonso.

O vampiro sai também daquele quarto que desconhecia, e agora apenas pretende ter um plano em marcha brevemente, sabendo realmente porquê e para que está ali. Só assim, poderá voltar.

. . .

Entretanto, Beatriz seguiu apressadamente até ao Bloody Mary, onde supostamente haveria um conflito entre dois vampiros a resolver e, claro, esquecem-se que ela já não é a líder. Ironicamente, a vampiro respondeu ao pedido.

O caso não era grave e, no fim de contas, ainda se divertiu em segredo com a estupidez da situação.

Aproveitando o momento a sós, dirigiu-se para a cripta, onde sabia que ficaria sozinha e poderia tratar de assuntos mais urgentes, a seu ver.

- Quando chega, então? – questiona, depois de marcar o número que tinha apontado num papel de rascunho, falando com um dos vampiros que diz ser amigo de uma jovem desaparecida, tal como Henrique. – Depois de amanhã? – confirma, depois de ouvir a resposta. - Óptimo! – garante, ansiosa por mais ajuda e por alguém que a entenda. – Já descobriu mais alguma coisa sobre o tal Joseph Morgan? – pergunta, com curiosidade. – Pois, também sei disso... Só pode ser uma pessoa fora do normal! Já sei!

Depois de desligar a chamada, suspira com algum alívio. Não é que se sinta totalmente aliviada, pois é óbvio que a simples chegada de alguém na mesma situação não vai facilitar as coisas, mas algo em si lhe garante que um pouco de esperança é a cura para quase todos os problemas. É isso! O seu alívio confundiu-se com esperança! A esperança que tanto precisa de ter...

. . .

- Oh meu Deus...

Depois de um longo silêncio, enquanto ouvia a história da própria filha, um silêncio perturbado e nervoso, esta é a primeira reacção de Isabel.

- Queres dizer que... Não és a única? Ouve mais como tu? Morreram todos? Isabel lança as questões como se evitasse as respostas, está mais apreensiva que nunca.
 - Sim...
 - Tens noção do que isso significa?

EPISÓDIO 48 – Sentimentos

Num impulso nervoso e inesperado, Isabel levanta-se de forma rápida e violenta, totalmente fora de si, num desespero que já adivinhava.

- Tu tens noção do que tudo isso significa para mim? – repete com fúria, reforçando o que sente através das palavras.

Luna já previa uma reacção assim, desesperada e sem esperança, triste. Ela própria ainda está nervosa com todas as probabilidades que Mais Antigo lhe revelou, e nem consegue explicar a sua aparente calma.

- Eu sei que é complicado... Mas...
- Mas? Mas? Mas o quê, filha?
- Eu sei que consigo! O Mais Antigo disse que eu era diferente de todos os outros e prometeu ajudar-me! Eu consigo! a jovem pronuncia-se confiante, ainda que esteja ainda a tentar convencer-se a sim mesma.

Isabel, em pé, andando freneticamente de um lado para o outro, pára finalmente à frente da filha.

- Ah pois vais! – confirma, numa necessidade severa. – Vais conseguir! Vamos conseguir! Até porque eu não vou aguentar se alguma coisa te acontecer, percebes? – questiona, num olhar triste que ameaça ser inundado por lágrimas. – Não vou aguentar....

Também Luna se levanta agora num impulso, abraçando a mãe tão fortemente que a deixa bastante mais calma e consolada.

- Eu não vou a lado nenhum, mãe! Prometo! – assegura, num tom de voz angelical. – Vai ficar tudo bem! – insiste, tentando parar os soluços da mãe que ameaçam lágrimas infindáveis. – O pai vai voltar e eu vou estar sempre aqui, convosco!

No consolo da voz e do abraço da sua menina que Isabel deixa-se acalmar, ainda que não haja espaço para calma, pensando em tudo o que já viveu e o que estará ainda para viver. De uma

coisa tem a certeza! Aquela pessoa que a acarinha no momento, que a acalma e lhe enche o coração e a alma, a sua menina, aquela sua metade em junção com a do amor da sua vida, não pode nunca faltar. E é neste ciclo de pensamento, que a jovem recorda Afonso com todo o amor e saudade, e com toda a sua interminável vontade de o trazer de volta para si. Apenas ele a acompanhará em qualquer momento da sua vida. Apenas ele. Apenas o seu companheiro de luta.

. . .

Martha já não suporta o silêncio sinistro de Pilar. Depois de apanharam aqueles dois novatos num flagrante pouco romântico, ainda que numa situação supostamente menos preocupante do que julgavam, foi depressa que esqueceram o sucedido constrangedor e seguiram com as suas tarefas.

Mas há ali algo entre as duas que provoca um silêncio suspeito. Martha, no fundo, agradece o silêncio, presumindo alguma provocação nas palavras ainda não proferidas da amiga. No entanto, como amigas de anos que são, tendo já partilhado inúmeros momentos, surge uma falta natural de paciência em relação ao silêncio.

- Queres dizer alguma coisa? questiona Martha, impaciente.
- Quem? Eu? Pilar faz-se desentendida, esboçando um sorriso pouco inocente.
- Vês aqui mais alguém? retribui.

A vampira percebe que tem a oportunidade clara para despejar na amiga todo o seu desejo em abrir-lhe os olhos e fazê-la entender que se meterá num encrenca amorosa e perigosa em relação ao prisioneiro de Joseph.

- Tens andado meia estranha, sabes? afirma questionando, convicta e provocadora.
- Como assim estranha? Martha teme o tema de conversa. Não ando estranha, coisa nenhuma! É impressão tua! contradiz.

Esta fica claramente nervosa, enquanto prepara mais da bebida especial que Joseph convenceu e exige que todos bebam – uma bebida que modera a regeneração e recuperação dos vampiros, possibilitando a existência de cicatrizes em caso de feridas, o que os aproximará aparentemente

à fragilidade humana; A outra, sempre repleta de vontade para armar confusões, sejam de que ordem for, prepara-se para continuar, esboçando um sorriso trocista e uma confiança que denuncia verdade e razão.

- Vá lá! Só estamos aqui nós! incentiva. Admite lá que sentes alguma coisa pelo rapaz...
- Quem? Eu? Pelo *Alphonzo*? questiona, soltando uma gargalhada forçada. Não sinto nada por ele, nem vou sentir! Ele não passa de um coitadinho que se meteu com a pessoa errada há anos atrás e está a pagar por isso! afirma, quase convincente.
 - Acreditas mesmo nisso? provoca Pilar, suscitando duvida.
 - Acredito, sim! Não vou nunca atrever-me a desiludir o Joseph dessa forma!
- Mas que o rapaz é lindo e amoroso, isso é... sugere, novamente incitando algum nervosismo em Martha que, impaciente e obviamente afectada, ainda que não o admita, entorna um dos frascos de bebida que preparava naquele laboratório o quarto em que entraram é, na realidade, um que esconde um laboratório que poucos ali conhecem para além de Joseph.
- Cala-te! Cala-te, por amor de Deus! resmunga Martha, provocando mais um sorriso trocista na provocadora Pilar.

. . .

O jovem Pedro não quis perder tempo. Depois de conseguir finalmente conversar com Alice, ainda que não tenha sido uma conversa muito produtiva em relação a tudo o que há para esclarecer entre ambos, o novo vampiro pediu a Francisca que o ajudasse na readaptação à sua condição.

No pátio exterior do hotel, Francisca sugeriu que começassem por treinar os movimentos do rapaz, para que ele se reabituasse ao facto de ser mais forte e rápido. Mas ao contrário do que se esperava, o rapaz não se está a sair muito bem...

 - Pára! Pára! - pede Francisca, agitada de tanta preocupação pelo pouco esforço do rapaz. - Tu não te estás a esforçar, Pedro! O quê que se passa?

O rapaz baixa o olhar, consentindo.

- Desculpa! Estou desconcentrado! – admite, algo envergonhado.

A vampira, perspicaz, depressa compreende o que se passa e desvenda o segredo da desconcentração.

- Está a pensar nela!

- Em quem? – questiona naturalmente, ignorando o óbvio.

Francisca lança-lhe um olhar incrédulo e inquisidor. O rapaz entende que deve admitir.

- Sim. A Alice não me sai da cabeça. – admite, novamente baixando o olhar por se sentir envergonhado. – Não sei porquê...

Francisca sorri.

- Estás apaixonado, meu querido! É por isso! – avisa, feliz e algo preocupada por ele, afinal, será que a história se repete...

- Não! – contradiz, erguendo o olhar, suspirando e arranjando a coragem e confiança que sempre achou que um homem devia ter. – Estou lixado, é o que é! – corrige, lançando um sorriso meio tímido mas cheio de graça.

Francisca não deixa de concordar enquanto lança uma gargalhada leve. Pedro ataca-a com moderação, sugerindo que recomecem o treino.

• • •

Finalmente livrou-se da companhia demasiado transparente de sinceridade da amiga. No entanto, Martha vê-se novamente em frente àquela porta pesada de metal banhado a prata. Do outro lado, sabe o que vai encontrar. Encontrará um jovem lindo, maravilhoso, cheio de amor para dar, uma vida pela frente e uma família pela qual não desiste... Tudo o que sempre sonhou num homem para si. No fundo, tem inveja da rapariga que ele escolheu, mas não o confessará a ninguém.

Encarregue por Joseph para tomar conta do prisioneiro, mantendo-o vivo o suficiente para continuar a sofrer, e morto que chegue para não pensar sequer em tentar usar os seus possíveis dons, Martha abre a porta e entra lentamente, algo nervoso, vá se lá saber porquê.

- Tu, outra vês? sussurra Afonso, bastante fraco, mas mostrando-se ainda consciente para perceber quantas vezes tem visita e que tipo de visita é.
- Pela forma como falas, deves preferir que vá embora sem te dar o que precisas... comenta Martha, sendo mais dura do que, no fundo, precisa e quer ser, enquanto se vira para a saída.
 - Não vás! pede ele, num esforço enorme para levantar a voz e erguer o olhar para Martha.

A vampira encara-o e, mesmo que sempre tenha tentado evitar, inevitavelmente é afectada pelo olhar azul magnífico de Afonso, que entretanto por estar ali perdeu parte do brilho, e mesmo assim é adorável.

- O que eu preciso é de sair daqui! – confessa, sincero e necessitado. – Podes dar-me isso? – questiona, causando uma provocação de sentimentos em Martha que nem o próprio imagina.

EPISÓDIO 49 - Acaba com ele, antes que ele acabe contigo!

Momentaneamente incapaz de dar uma resposta àquele jovem sob tortura permanente, Martha, sentindo-se ridícula, evita olhar-lhe nos olhos enquanto respira fundo e pensa cautelosamente no seu próximo gesto.

- Isso é algo que não me compete a mim dar-te. – afirma, numa voz baixa mas séria. - Tudo depende do Joseph e eu pretendo respeitá-lo até ao meu último suspiro! – garante, reerguendo-se no orgulho, ainda sem olhar para Afonso.

Um silêncio breve sobrepõe-se à tensão do momento. Já não tão fraco como aparenta, Afonso analisa-a atentamente, buscando-lhe feridas do passado e presente na expressão.

 Mesmo que te falte algo mais? – questiona Afonso, num suspiro forçado. - Vais segui-lo até ao fim, mesmo que isso implique uma vida condicionada por ele, pobre de espírito, sem amor, sem liberdade... Martha vira-lhe as costas, incrédula, evitando ser atingida tão profundamente por tais palavras.

- Chega! – resmunga, num tom firme sem paciência. – Até breve! – deseja a vampira, pensando no quão breve será afinal esse «até breve», saindo porta fora.

Sem se pronunciar nem por mais um gesto, a vampira sai notoriamente perturbada com a conversa, ainda que tente não se mostrar sequer nervosa.

Mesmo ainda fraco, e melhor a esconder verdades do que aquela vampira, Afonso não cabe em si de orgulhoso, o quanto pode, por ver que conseguiu mexer de alguma forma com a paciência dela, tanto que a fez esquecer-se de recompor algumas coisas que descompôs quando entrou ali.

A pequena brecha que costumam abrir atrás de si, naquela sala, quando decidem "visitá-lo", deixando o mínimo de luz solar e ar puro entrar, foi deixada aberta. Não é muito, mas com a devida paciência, Afonso conseguirá alguma pouco energia para se manter mais forte do que tem estado. Enquanto vive e não vive naquele pesadelo bem real, o melhor mesmo é não desistir e arranjar com que se entreter, para lá de apenas pensar na família que deixou para trás. Assim, Afonso começou cogitar uma forma de comunicar com a filha, Luna, e tentar sair dali e garantir o fim de mais um problema.

...

Depois de Martha sair para cumprir o seu dever de manter o prisioneiro de Joseph não tão morto e nem tão vivo – como o próprio sente -, Pilar ficou sozinha naquela sala escondida, terminando a sua tarefa de distribuir o elixir criado por Joseph pelas embalagens de sangue sintético, que serão distribuídas por todos.

Mais tarde ou mais cedo, Pilar lá acabou por ceder o lugar a Joseph, que chegou ali, muito calmo e misterioso, dispensando-a da tarefa ao justificar-se que gostava de ficar por ali sozinho, talvez criando algo novo.

Sem sequer o querer questionar, ainda que o ache realmente demasiado sereno, no sentido de feliz e em paz com tudo, a vampira deixa-o.

Vendo-se sozinho, Joseph entretém-se a verificar o que ela fazia, aumentando depois todas as doses com um outro elixir que tinha escondido numa gaveta fechada à chave. Até que começa a sorrir sozinho, um sorriso leve e cheio de sinceridade para consigo mesmo, como se realmente tudo corresse e estivesse para correr conforme planeado.

Resta dar a conhecer os seus planos.

. . .

Mãe e filha mantêm-se num abraço aconchegante quando se apercebem da chegada atribulada de alguém conhecido que, pela jeito, poderá trazer ainda mais más noticias.

- Mãe?! - chama Isabel, ainda com soluços breves que denunciam o seu momento de lágrimas.

Graça aparece nesse momento. Quando vê a filha novamente naquele estado de desespero profundo de medo, abraça-a imediatamente e reconforta-a com o seu carinho único de mãe.

- Oh querida, ainda não descobriram mais nada...?
- Pouca coisa! confirma Isabel. E tu? Tens novidades?
- Infelizmente...

Adivinhando o que aí vem, Luna acha por bem sair, deixando-as conversar sozinhas sobre os mais problemas familiares que parecem avizinhar-se.

- Eu preciso de... suspira Luna. Volto já, fiquem à vontade. termina, saindo.
- Não te afastes! pede Isabel, relembro que quer a filha por perto.

Isabel dá então total disponibilidade à sua mãe para falar sobre o que a trouxe ali tão urgentemente, fazendo uma entrada apressada.

- São os teus tios... - começa Graça. - Desde que saíram da prisão têm batido tudo à tua procura, querem um ajuste de contas, acham que és uma ingrata... Sei lá, que mais!

- E então? – insiste Isabel, prevendo que terá de resolver mais um problema.

- Eles descobriram a tua casa e, não sei como, também sabem que estás aqui! - conclui. - Eu

tentei afastá-los, querida, mas... É difícil quando não se quer por tudo o resto em causa... -

comenta, referindo-se ao facto de ser vampira, não estando morta como eles pensam. - Enfim!

Dei-lhes pistas falsas, pedi a alguns amigos que se metessem no caminho deles... Mas eles

conseguiram chegar até ti! Parece que têm um escudo anti-sobrenatural.

- Mas não têm contra mim! – avisa, numa voz altiva que faz desaparecer os indícios que ainda

à pouco tinha de qualquer tristeza. - Conheces os planos deles, mãe?

Graça confirma, num acenar.

- Então conta-me tudo! – pede Isabel. - Vou antecipar-me! – garante, com sede de descarregar

a sua raiva em alguém.

No fundo, Graça teme por isso: por ver a filha libertar toda a sua raiva de saudade na própria

família. Mas afinal! Uma família como aqueles dois tios que raptaram, tentaram matar e roubar

a própria sobrinha... Qual o problema? Talvez ainda se junte à confusão, quando o circo pegar

fogo.

. . .

Numa correria desenfreada e aparentemente sem motivo, Martha parece fugir. Foge a Afonso.

Foge à verdade. A própria sabe disso, mas prefere ignorar. Ignora, pois se questionar a realidade

arrisca-se a enfrentar mudanças incontroláveis para as quais não sabe se está preparada. Assim,

mais vale manter tudo como sempre esteve, acreditar no que sempre acreditou.

- Ainda bem que te encontro!

Martha regressa ao quarto que esconde a pequena sala-laboratório, aproximando-se de Joseph,

completamente perturbada, sem sequer ter abatido à porta, enfrentando o olhar desaprovador do

vampiro, por isso.

- O que se passa? – questiona o vampiro, quase sem interesse. – Qual é o problema? – insiste,

depois de olhar para ela e notá-la fora de si.

- Acho que o *Alphonzo* está a precisar de ti! afirma, enquanto pega numa bebida que ingere imediatamente, como se isso a ajudasse a controlar os nervos.
- Mas o quê que aconteceu? Porquê que estás assim? insiste o vampiro, agora realmente interessado. Foi o *Alphonzo*? Desculpa, mas é praticamente impossível...

Joseph preparava-se para subestimar o seu prisioneiro, mas é interrompido por Martha.

- Acontece que ele é mais forte e inteligente do que pensas! Ele tem algo mais a que se agarrar! – garante, levantando a voz num chamamento de atenção para o poder da esperança e do amor que Afonso ainda sente.
 - Estás a insinuar o quê? propõe Joseph, começando a sentir-se despeitado.
- Se o trouxeste para aqui para o torturar, então fá-lo com eficácia! atira o conselho, num impulso inconsequente que a própria passa a temer. Ele é esperto, sabe usar as palavras, sabe poupar-se para atacar no momento certo... explica, como se estupidamente Joseph nunca tivesse tido conhecimento de tudo isso. Acaba com ele, antes que ele vire todos contra ti e acabe contigo!

O vampiro, verdadeiramente apanhado de surpresa por aquela Martha descontroladamente sentimental, engole em seco, alimentando ainda mais o ódio, por depressa entender que *Alphonzo* tem cogitado algo contra si, mesmo no silêncio e na pior fraqueza.

Ela tem razão. Estão perante um ser que não conhecem totalmente. Não conhecem o seu poder e mantêm-no preso. Preso a si mesmo, preso a sofrer com memórias que, mesmo causando sofrimento, são a causa da sobrevivência. Há que avivar esse sofrimento e acabar com o poder...

- Acredita! Ele tem todos os argumentos para te derrubar! – insiste Martha, agora numa voz sumida. – E tu não podes continuar a ignorar isso! Tu ainda não és o todo-poderoso aqui! Ainda não nos convenceste a todos! – relembra, forçando-o a recordar que ainda tem o novato do André e seis novos vampiros para converter aos seus ideais.

De alguma forma preocupante, Joseph percebe que aquela mulher está perturbada, e que isso foi causado por *Alphonzo*. Não faz ideia de como ele conseguiu. Talvez não tenha feito nada de especial, simplesmente tocado num assunto mais delicado para ela, sem querer. Mas isso não

descura a hipótese de *Alphonzo* ter um plano. E tendo um plano, significa que ainda há esperança!

Esperança, é algo que não pode ter. Nunca mais!

EPISÓDIO 50 – Let's have some Fun!

Incapaz de se segurar ali, Joseph realmente não pode deixar de concordar com Martha, ainda que a atitude descontrolada da vampira seja demasiado suspeita num sentido incompreensível, para já.

- Não sei porque tanto o temes, e também não quero nem saber porque tanta razão lhe dás! – avisa, encarando-a intensamente perspicaz. – Mas tens razão! – admite, olhando para a saída dali. - Tenho andado a evitá-lo... Quero que ele viva um pouco na solidão... - comenta, sentindo a força da palavra "solidão" cair aos seus ombros. – Chegou a hora de lhe mostrar a verdade! – conclui, forçando um sorriso maléfico e voltando a encarar Martha, numa autêntica provocação de charme britânico. – *Let's have some fun!*

• • •

- Olhem só quem ele é!

Henrique, ainda algo transtornado, seguia ilusoriamente livre para o exterior do casarão, na procura de alguma paz e poucas intrigas. O "ataque" de Jasmine não foi nem vai ser razão para preocupações ou dúvidas – talvez apenas algum constrangimento entre ambos –, o que realmente cria desassossego é a revelação de André e a questão que não lhe sai da cabeça: "Que faço eu aqui?" – ponderando em simultâneo na possibilidade de que fugir não seja nem tão difícil, nem tão perigoso...

Mas uma voz feminina, mesmo atrás de si, parou-o ao fundo da longa escadaria que os leva directamente para o *hall* de entrada.

Pilar não podia desperdiçar a oportunidade. Já observou demasiado a postura de Henrique, para perceber facilmente que ele se esforça mortalmente para ser discreto e manter à distância qualquer impulso de rebeldia. E esse sacrifício de autocontrolo só a leva a confirmar o que tanto esperava de alguém como ele, que acabou de chegar contra vontade... Evidentemente, não vai

acatar quaisquer que sejam as ideias de Joseph! Obviamente, há um plano! – E claro! Há muito que Pilar esperava por uma ocasião assim!

- O quebra corações cá do sítio... conclui a vampira, num comentário de provocação e malícia.
- Precisas de alguma coisa,... replica Henrique, fechando os punhos como se isso assegurasse a sua calma e encarando-a seguidamente. ... Pilar?
- Não estou assim tão carente... esclarece ela rapidamente, num sorrisinho sarcástico que apenas Henrique saberá retribuir tão bem, e ela sabe disso.
- E o que te leva a pensar que satisfaço mulheres como tu? o vampiro age tal e qual como ela esperava, com provocação e o mesmo sorrisinho sarcástico de sempre.

Estes dois são demasiado parecidos!

- Sai do meu caminho! - exige ele, depois de lhe virar costas para sair.

Mas Pilar atravessa-se à sua frente, à velocidade da luz.

- Está bem! – concorda. – Mas primeiro vais ouvir-me! – avisa, autoritária. – Acho que vais querer ouvir-me... - corrige, com mistério.

Na opinião de Henrique, aquela vampira nunca seria totalmente uma ameaça, não enquanto fosse tão parecida com ele mesmo. Mas isso! Essa semelhança entre ambos, até agora desconhecidos... Talvez deva preocupar-se!

- Fala!

Num breve instante, Pilar certifica-se de que ninguém ouve. Mas há demasiada gente concentrada num salão ali perto, portanto... Agarra-o pelo abraço e arrasta-o para o relvado, no exterior, parando apenas debaixo da sombra que já se forma nas traseiras da casa, anunciando a noite...

Pela segunda vez no mesmo dia, Henrique sente-se estranhamente assediado... Claramente, aí está uma excelente oportunidade para lançar comentários maliciosos.

- E dizes tu que não estás carente...
- Não me provoques! retorque ela, tentando ignorar esse rumo da conversa, que ela iniciou.

Sim. Demasiado parecidos!

Simplesmente esperando para ouvir algo relevante que justifique a perda de tempo, Henrique nada diz, até porque nada tem a dizer.

 É simples! – começa Pilar por garantir, cruzando os braços. – Já deves ter percebido que sou demasiado... Como tu!

O rapaz franze o sobrolho, surpreendido – e algo assustado – com o óbvio.

- Portanto, como deves imaginar, tal como tu, não vim para aqui de boa vontade e nem quero ficar aqui para sempre! explica, ignorando a incredulidade expressa no rosto do rapaz à sua frente. Tenho planos contra o líder desta porcaria toda, só não posso colocá-los em prática sozinha! esclarece, rápida de objectiva.
- Só podes estar a brincar comigo... murmura o vampiro, denunciando naturais dúvidas e total impaciência. Tenho mais que fazer, com licença! informa, preparando-se para sair dali e deixá-la sozinha com a sua tentativa fracassada de o fazer de parvo.
- Eu posso ajudar-vos a sair daqui! persiste Pilar, teimosa, agarrando-o bruscamente pelo braço para assegurar a oportunidade, insinuando que precisa de ajuda mas também dará a sua.

Uma gargalhada bem sonora, sem qualquer preocupação com a discrição que tem defendido, é lançada por Henrique.

- Eu não sou estúpido! Pareço estúpido? resmunga. Há quanto tempo estás aqui, afinal? Se quisesses sair, já tinhas saído!
- Não é assim tão simples! lembra Pilar, demasiado séria para estar realmente a gozar com ele.
 - Não acredito em ti! interrompe ele imediatamente, numa voz repleta de razão.

- Vais mesmo desperdiçar esta oportunidade? Eu sei muito sobre o Joseph...
- E eu já sei o suficiente! replica. Admite! Esta conversa não passa de mais um plano dele!
 insiste, confiante de que Joseph é esperto demais para não atarefar alguém a intrometer-se entre os *rebeldes* e evitar fugas.

Pela última vez, Henrique atreve-se a deixar a conversa por ali, deixando a jovem vampira sozinha.

Desta vez, Pilar nada consegue fazer contra. Henrique tem razões para duvidar. Mas também ela tem razões para estar ali há tanto tempo, há décadas, aproximando-se de Joseph, ganhando a sua confiança naturalmente, sendo quem é e lançando ameaças ao próprio sem problemas, se necessário e, principalmente, ansiando pelo momento certo... Que nunca chegou. - *Até agora!* – Uma desilusão intensa expressa-se através de um olhar negro e mortal na bela vampira. Desilusão que Henrique já não testemunha.

. . .

Aquela fenda da janela que Martha deixou aberta, ao sair, foi sem dúvida uma luz de esperança ao fundo de um túnel sem fim. No entanto, tem-se revelou-se insuficiente. Afonso não está melhor. Não como esperava. O seu corpo fraco e expectativas debilitadas são tudo o que tem. - Por agora. É o que espera!

Felizmente, não precisou do seu dom – controlar e influenciar os sentimentos e sensações das pessoas – para causar algum desânimo naquela vampira. Foi demasiado simples deixá-la fora de si. Bastou aproximá-la da verdadeira razão de tudo, mas como ali não têm razões para nada...

A sua ainda fraca audição, porém, continua apurada o bastante para detectar a aproximação de passos pesados e apressados, perfeitamente sincronizados. A porta abre com violência e uma figura demasiado elegante para parecer bruta marca presença com malícia.

Alguma repulsa toma conta dos órgãos vitais de Afonso, que ergue o rosto, encarando Joseph com intencional determinação. Para si mesmo, chegou a pensar na possibilidade absurda de *aquele vampiro* ter-se esquecido dele... Pois. Absurdo!

- Heard that you missed me! – comenta o vampiro, numa pronúncia perfeita, voz marcante e postura autoritária e única.

- Duvido que alguém sinta a tua falta! - atira Afonso, com a maior arrogância que consegue

reunir na expressão e na voz, rouca.

Exibindo umas belas luvas pretas de cabedal, o vampiro ostenta também o punhal que há uns dias roubou do antigo baú de "Jaguar", que ainda permanece ao lado de Afonso e, ao contrário do que Joseph pretendia, fez o rapaz habituar-se à ideia de que aquele baú é realmente de Isabel

e que isso não tem que o incomodar - contrariamente, fê-lo sentir-se mais próximo dela...

Joseph fecha a porta atrás de si, aproximando-se de Alphonzo vagarosamente, sem qualquer

urgência. Antes, uma paciência malévola, um desejo de vingança que não precisa de

justificações... Assim, tão simplesmente ignorou a resposta que recebeu.

- But do you know what you really should miss? Should live with? - continua ele, algo

vaidoso, como sempre acreditando-se irresistível, intocável e superior quando fala no seu inglês

perfeito.

O vampiro passeia provocativamente em torno de Afonso, sem dar importância à janelinha

aberta...

- Your memories, Alphonzo!

Brutal e impiedoso, Joseph agarra a nuca de Afonso pelos cabelos, puxando-o para trás,

forçando-o a inclinar-se para evitar dor. Mas as correntes que o prendem pelos braços não

deixam liberdade para movimentos.

Quase simultaneamente, Afonso sente algo frio e metalizado deslizar sobre o seu pescoço,

ferindo-o ligeiramente, o suficiente para garantir que qualquer ser, mais ou menos digno, mais

ou menos poderoso, tem as suas inevitáveis fraquezas. Um fio leve de sangue desliza lentamente

pela clavícula do rapaz.

Mais depressa do que esperava, do que desejava, as memórias invadem-no.

A primeira?

Mary Jane.

Continua...

Brevemente...

Assim que terminada a temporada, os restantes episódios serão reunidos também em PDF.



Até lá...

Deixas-te morder?!